

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**IMAGENS DA AMÉRICA LATINA NA REVISTA THE
NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE (1895-1914)**

Rafael Baitz

**Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação do Departamento
de História da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de
Doutor em História.**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lígia Coelho Prado

São Paulo

2004

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Lígia Coelho Prado, pela orientação dedicada, pelas inúmeras e pacientes correções, pelo estímulo, pela generosidade e pelo carinho.

Aos professores do Departamento de História e Geografia da Universidade de São Paulo, especialmente Antonio Carlos Robert Moraes, Elias Thomé Saliba e Mary Anne Junqueira.

Aos colegas e amigos que direta ou indiretamente me ajudaram e apoiaram no longo percurso.

Ao irmão de fé e de sangue, Ricardo Baitz, pelos múltiplos auxílios técnicos e proveitosos diálogos.

À Ana Paula Pacheco, pelo carinho e inestimável ajuda diuturna, sem a qual não seria possível.

À CAPES, pelo subsídio material.

Para Lucas e Giulia

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a análise das reportagens fotográficas da revista The National Geographic Magazine sobre os países latino-americanos, entre 1895 e 1914. A partir da fotografia de imprensa, buscou-se compreender como foram criadas ou remodeladas imagens sobre o espaço geográfico-cultural América Latina. Além disso, a pesquisa procurou compreender, no imaginário difundido pela revista - que também dialoga com outras tradições da fotografia e pintura - o uso político dessas imagens.

ABSTRACT

The objective of this report is the study and analysis of the photographic articles of The National Geographic magazine on Latin American Countries from 1895 to 1914. From the press photograph, we tried to understand how geographic and cultural images of Latin America were created or even remodeled. Besides it, this research tries to make comprehensive the political use of such images which also keeps a dialog with other photographic and painting traditions.

PALAVRAS-CHAVE/KEY WORDS

Imaginário, fotografia, América Latina, século XIX

SUMÁRIO

1- Introdução.....	05
2- A geografia da National Geographic.....	24
3- Os Estados Unidos, A Grande Nação.....	57
4- A América Latina da The National Geographic.....	111
5- O Imperialismo “Altruísta”	155
6- Conclusão.....	195
7- Bibliografia e Fontes.....	204

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é investigar a construção das imagens sobre América Latina pelas fotorreportagens da revista *The National Geographic Magazine*, entre 1895 e 1914.

Tal proposta surgiu ao final da pesquisa de mestrado. Naquela oportunidade, o objeto do estudo eram as imagens da América Latina construídas pelas reportagens apresentadas nas revistas semanais de maior circulação no Brasil, *Manchete* e *O Cruzeiro*, entre 1954 a 1964. O interesse em pesquisar a fotografia de imprensa havia nascido da observação de que, em nosso século, os meios de comunicação de massa, principalmente aqueles que veiculam fotografias, gozam de grande credibilidade junto ao público e são um importante instrumento de informação e de formação de opiniões.

Os resultados daquele trabalho, apresentado e defendido no Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com o título: *Um Continente em Foco (a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras 1954-1964)*,¹ conduziram a algumas conclusões sobre a importância da fotografia de imprensa como documento para construção do imaginário social sobre a América Latina. Analisando o acervo de imagens sobre o Brasil e os demais países latino-americanos daquela época, ficou claro, de um lado, um nítido contraste entre o Brasil do progresso contínuo, da democracia, da harmonia social e da ordem institucional e, de outro lado, a América Latina, apresentada como um lugar social e politicamente caótico, espaço do atraso e da ausência de perspectivas com relação ao futuro.

¹ A dissertação foi recentemente publicada pela editora Humanitas da FFLCH/USP, na série Teses, com o mesmo título.

Uma das hipóteses levantadas era a de que tais imagens negativas sobre o sub-continente não haviam sido “criadas” naquele período. Sua elaboração deveria ser anterior e, provavelmente, tratava-se de uma reapropriação desse imaginário e de tradução para um novo contexto histórico.

Na verdade, as representações da América Latina como local inóspito pode ser percebida já nos primeiros tempos de contato do europeu com o Novo Mundo. Desde o início, o ato de conhecer o continente foi, como se sabe, um longo processo de apropriação cultural². Durante todos esses séculos, o debate de idéias acerca do Novo Mundo, intenso e ininterrupto³, foi ilustrado por uma infinidade de imagens de relevância indiscutível para a construção de determinada impressão sobre a América. Elas compunham pontos-de-vistas específicos em textos que discorriam sobre a natureza, seus habitantes, os potenciais naturais etc. Entretanto, ao contrário dos textos escritos, que já foram bastante analisados e serviram de sólido material para a compreensão da elaboração do imaginário sobre o Novo Mundo, as imagens – apesar dos avanços nos últimos anos – ainda permanecem em segundo plano, um apêndice, em que pese sua inegável contribuição para esse processo de construção de imaginários sociais.

Assim, interessado em tal campo de estudos, este trabalho tem como tema de pesquisa as origens desse imaginário sobre a América Latina dentro da imprensa que tinha nas fotografias seu principal atrativo.

A importância das imagens no processo de conhecimento ocidental tomou um grande impulso a partir da invenção e utilização da fotografia em larga escala na imprensa do final do século XIX. A passagem do século XIX para o século XX se apresentou como um momento particularmente importante na construção da imagem da América Latina, especialmente pelas profundas mudanças sociais, econômicas e políticas pela quais

² Neste sentido ver a terceira parte do livro de O’GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo, Unesp, 1992.

³ Ver GERBI, Antonello. *O Novo Mundo (História de uma polêmica 1750 – 1900)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

passava a reorganização mundial, com repercussões no próprio processo de construção do saber.

É no século XIX que os países latino-americanos emancipam-se politicamente das metrópoles européias e passam a existir como novas peças “autônomas” do tabuleiro internacional. No final daquele século verifica-se o início de um processo de mudança de eixo de influência política desses países recém-emersos dos conflitos internos pós-independência. As grandes potências européias tinham pretensões expansionistas e cobiçavam ingressar nas economias das ex-colônias ibéricas. França, Alemanha e, principalmente, Inglaterra, fizeram-se presentes na vida política e econômica das jovens repúblicas latinas da América. Da mesma forma, o pujante Estados Unidos tomou para si um projeto de monitoramento dos países abaixo do rio Bravo, com o argumento de auxiliá-los nos primeiros passos da democracia republicana. Sob o slogan: “América para os americanos”, a chamada política do “big stick” ambicionava ampliar a presença yanque na política e na economia de seus vizinhos, cujos mercados produtores de matéria-prima se apresentavam estratégicos para o famélico capitalismo industrial daquele país do hemisfério norte.

O recorte temporal escolhido é, portanto, o período que se estende entre os anos de 1895 e 1914. A chamada *Belle Époque* se destacou na história ocidental como um momento de efervescência econômica, política e cultural, com conseqüências claras para o futuro. Nesse momento, o capitalismo industrial atingiu seu clímax. A revolução tecnológica se fazia presente e interferia, direta e intensamente, alterando de maneira vertiginosa o cotidiano social de uma parte da sociedade, imprimindo mudanças tanto de ordem material (um novo universo de bens e objetos para consumo), quanto no comportamento e valores. Outra face desse mesmo processo econômico levou as grandes potências industriais européias a disputarem a periferia do globo, seja através da tradicional conquista militar, como foi a chamada partilha da África, seja mediante a utilização de seu poderio econômico, como foi o caso da América Latina e de

parte dos países orientais, dando início a uma nova fase da história ocidental, intitulada por Hobsbawm, de Era dos Impérios⁴. No contexto regional da América Latina, a última década do século XIX e a primeira do século XX mostraram-se decisivas na configuração nacional desses países; basta lembrar que no referido período acontece a guerra hispano-americana, a separação do Panamá da Colômbia (que resultou na criação do canal ligando os dois oceanos) e a Revolução Mexicana.

Igualmente importante foi o florescimento do nacionalismo, que requisitava um arsenal de adereços e emblemas que pudessem dar consistência a uma identidade nacional. Em tal processo de afirmação da identidade nacional, cruzaram-se as percepções externas sobre o continente com as produções internas.

Além disso, o final do século XIX também é marcado pela consolidação do discurso científico. O pensamento científico, após tórrida disputa com o clero, ascende, de maneira inexorável, ocupando as principais correntes que discutiam o “verdadeiro saber”. Ao contrário de épocas pretéritas, a afirmação de determinada idéia, princípio ou constatação dependia necessariamente da chancela da cientificidade. A simples afirmação, respaldada apenas em citações bíblicas, desacompanhada de prova empírica, não mais recebia plena legitimidade no processo de conhecimento. “Mostrar”, “demonstrar” e “apresentar” (evidências lógicas e constatáveis empiricamente) eram os verbos que conjugavam o conhecimento. É também na última década do século que revistas, entre elas a fonte de nossa pesquisa, começaram a ser editadas em maior quantidade, ou mudaram substancialmente seu perfil editorial.

Com tais questões em mente, apresentou-se como ponto de partida a revista norte-americana: *The National Geographic Magazine*. Precursora das reportagens geográficas auto-classificadas como científicas, este periódico serviu de modelo editorial para suas futuras congêneres. A revista

⁴ HOBBSAWM, Erich. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª Edição, 1989.

trazia fotos que ilustravam reportagens sobre todo o planeta, mapeando, para seus leitores, uma imagem conceitual de povos que, pretensamente, estavam sendo “conhecidos/descobertos”.

E o suporte da fotografia foi o maior trunfo da revista para a informação. Aceita como séria e verdadeira, a fotografia sempre gozou de grande credibilidade junto ao público. A razão de tal credibilidade reside na crença de que da fotografia é um registro isento da participação humana, e traz uma apresentação imparcial e implacável do real.

Ainda que tal percepção seja assumida pelo leitor – induzida certamente pelos próprios meios de comunicação –, é preciso observar que a foto é, antes de mais nada, um suporte para veicular uma informação, com características próprias que desvinculam a imagem transportada da pretensa naturalidade. A leitura da foto pelo olho humano pressupõe convenções obrigatórias: abolição da terceira dimensão, que transforma o espaço real percebido pela objetiva em espaço virtual da fotografia; limitação do mesmo espaço pela própria dimensão da objetiva; eliminação do efeito de movimento – porém sugerido na fotografia e aceito pelo olhar do receptor; alteração das cores (sobretudo nas fotos em preto e branco) ou possibilidade de intervenção nestas; alteração de escala, que por sua vez aumenta ou diminui a percepção da granulidade, bem como eliminação de outros estímulos sensoriais – diferenças que a afastam, fisicamente, do objeto representado.⁵

Se os atributos físicos do suporte fotografia e as convenções a que submete o olho humano já desautorizam seu entendimento como transmissor exato do real reportado, ao se verificar o processo de elaboração da fotografia, da escolha do fotógrafo ao produto final publicado na revista, tal distanciamento se torna enorme. A começar pelo campo visual da lente do fotógrafo, que, ao escolher o espaço do recorte fotografado, determinará, previamente, o que irá e o que não irá compor a cena. Além disso, o ângulo

⁵ Sobre as características físicas da foto ver DUBOIS, Philippe. *O Ato fotográfico e Outros ensaios*. Campinas, Papirus, 1994, e AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas, Papirus, 1995.

escolhido (de cima para baixo, de lado, com determinada distância da câmara fotográfica etc) fornecerá apenas uma possibilidade de ver o objeto, dentre tantas outras possíveis. Ainda, as duas variáveis anteriores se multiplicam quando se leva em consideração o fator tempo/movimento – também escolhido pelo fotógrafo –, pois interferirá de maneira definitiva no produto final, na medida em que redefine a abordagem do objeto alvo.

Além disso, como se trata de um conjunto de imagens preordenadas, a editoração é de cabal importância. Dentre os elementos que interferem no resultado final da mensagem fotográfica está a escolha da “melhor” foto que irá ilustrar a matéria. Indispensável se levar em conta as razões culturais, políticas, comerciais e tantas outras, que envolvem, consciente ou inconscientemente, a escolha, pela editoria da revista, de uma foto em face de outra. Por fim, o tamanho da foto, sua alocação espacial nas páginas, bem como sua relação com as demais imagens da mesma reportagem e desta com a seqüência e lógica das demais reportagens e artigos que formam o conjunto do exemplar, são também outros fatores que definem a própria informação transmitida. Assim, muito menos do que a pretensa “realidade objetiva” do que é fotografado, a fotografia contém a própria realidade sócio-cultural do fotógrafo, pois revela suas escolhas e posicionamentos políticos/culturais/ideológicos, com lembra Kossoy:

“A eleição de um aspecto determinado - isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético -, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal.”⁶

⁶ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*, São Paulo, Ática, 1989, p.27.

Portanto, a fotografia está muito longe de ter a imparcialidade a ela atribuída, e sua pretensa naturalidade está associada ao “aprender” a ver. Em outras palavras, a fotografia é “natural” e “verídica” apenas para um determinado regime visual, já moldado para receber a mensagem fotográfica. Nesse sentido é indispensável entender em que condições a fotografia ingressou e se legitimou como portadora da verdade que representa para a cultura ocidental, em especial para a sociedade do final do século XIX.

No final do século XVIII, assiste-se no Ocidente aos primeiros sinais da revolução industrial, que, ao longo de todo o século XIX, representará a vitória das forças burguesas dentro de uma economia capitalista. Em termos ideológicos e culturais é necessário reconhecer também novos parâmetros e perspectivas produzidos pelo novo quadro, cujas origens estavam colocadas na filosofia racionalista de Descartes, nas teorias econômicas liberais e na constituição de um pensamento iluminista.

A instituição da nova ordem social implicou profunda mudança dos padrões epistemológicos. No século XIX, há um deslocamento dos debates puramente teóricos ou metafísicos para a experimentação. Uma das principais correntes filosóficas da época, o positivismo, nada mais era que a discussão metodológica dos procedimentos para a experimentação científica⁷. Se a filosofia academicista perdeu espaço no universo do saber, outros ramos do conhecimento, passíveis de aplicação prática e com repercussão para uso na produção industrial, tomaram grande avanço. Física, química e matemática foram impulsionadas com a fisiologia, bioquímica, química orgânica, bacteriologia e engenharia. Mesmo no campo das chamadas ciências humanas, privilegiava-se o saber trazido da experimentação e observação do comportamento. A demonstração do experimento era entendida como a certeza, através do resultado prático, do

avanço do conhecimento humano, o que aumentava ainda mais a confiança no progresso tecnológico que o Ocidente estava trilhando.

A comprovação dos experimentos se calcava cada vez mais na sintomatologia dos fenômenos e, no mundo da tecnologia industrial que despontava, traduziu-se na produção de equipamentos que favoreciam a observação. Entre os anos 1870 e 1920, têm-se a invenção do raio X, do microscópio, da luneta, do binóculo, da lupa portátil, do periscópio, ou mesmo da iluminação elétrica e seus derivados que facilitaram ou ampliaram o sentido da experiência da visão.

Na lista acima deve ser incluída a câmara fotográfica. Oriunda de experimentações da década de 1820⁸, a máquina fotográfica e seu produto tomaram impulso na metade daquele século. Portáteis e mais ágeis que o daguerreótipo, as máquinas fotográficas alcançavam rapidamente popularidade nos campos científico e social. Nos manuais de ciência, especialmente no campo da biologia, botânica e geologia, passou a ser obrigatória a ilustração por fotos.

Entre as ciências recentes e de maior projeção, estavam a antropologia e suas variantes práticas. A antropologia criminal talvez seja o melhor exemplo da contribuição da fotografia para o desenvolvimento das ciências humanas.

Centrada na observação de fenômenos sociais, esse ramo do saber se propunha a identificar as características humanas que permitissem conceituar, *a priori*, o agente criminoso através de peculiaridades físicas. Associada com a antropometria, a fotografia tornou-se aliada indispensável da polícia para a identificação de homicidas, bigamos, homossexuais, revolucionários, prostitutas e outros delinquentes⁹.

⁷ Ver HOBBSAWM, Erich. *A Era do Capital*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3^a Edição, 1982, p.350.

⁸ Cf. MORMORIO, Diego. *Storia della fotografia*. Roma, Newton, 1996, p.19.

⁹ Neste sentido ver o uso policial da foto em CORBIN Alain, "Bastidores". In PERROT, Michele (org.). *História da Vida Privada* (vol. 4). São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p.430.

O método aplicado era, a partir da coleta de um grande número de indivíduos da mesma classe de transgressores, abstrair elementos comuns e constantes encontráveis nesta classe ou categoria que permitisse identificar, preventivamente, se determinado indivíduo era ou não criminoso e a qual grupo pertencia¹⁰.

Mas a prova fotográfica não servia apenas para se alcançar a identificação individual, era usada também com êxito na demonstração da cena do crime, dando os contornos concretos, para o Júri, da atrocidade criminosa. Mesmo não podendo reconstituir com exatidão o momento de execução do ato, a foto permitia ao menos demonstrar, por indícios, a violência do delito, os procedimentos empregados e outros detalhes que revelassem, por exemplo, o requinte de crueldade – o local do acontecimento ou onde foi colocado o cadáver, os instrumentos utilizados, sangue, estado do corpo da vítima etc.

Uma das razões do documento fotográfico ser aceito como prova estava associada ao seu grande uso privado desde o final da primeira metade do século. No decorrer do século XIX, o retrato em miniatura pintado – um privilégio da aristocracia durante o antigo regime - foi cedendo espaço para a fotografia, cuja portabilidade e baixo custo foi fundamental para sua popularização. A própria imagem, reproduzida com exatidão em papel, atendia a uma demanda de afirmar a individualidade, graças à evolução da técnica.¹¹

Na verdade, a sociedade ocidental do final do século XIX já havia sido educada para receber um determinado tipo de imagem, moldada em períodos anteriores. Até o século XVIII, a arte oficial era domínio e patrimônio da Igreja e da nobreza, em especial no que diz respeito às regras de produção e estrutura intrínseca, temática e iconográfica. A produção da

¹⁰ Houve grande difusão desta técnica. Talvez seu maior expoente tenha sido o italiano Cesare Lombroso.

¹¹ Em 1841 a fotografia (ainda chamada de daguerreótipo) precisava da pose do retratado durante um quarto de hora para produzir a imagem final. Em 1854 este tempo cai para poucos minutos. O baixo custo e o forte senso de individualidade fez crescer de maneira vertiginosa o mercado de retrato fotográfico. Nesse sentido, ver CORBIN, *Op. cit.*, p. 425.

imagem daquele período é profundamente marcada pela discussão conceitual. No correr do século XIX, vê-se uma mudança sensível não só na eleição de novos temas engajados na educação de novas gerações (República, Democracia, Irmandade, Patriotismo, Solidariedade), mas também na valorização da forma para a produção de imagens “realistas”. O romantismo, por sua vez, trouxe uma abordagem imaginativa e subjetiva, com telas carregadas de emoção e caráter visionário e onírico; e, quanto à escolha dos temas, os artistas do movimento romântico mostraram grande afinidade com a natureza, especialmente em seu aspecto selvagem e misterioso, e com assuntos exóticos, melancólicos ou melodramáticos.¹²

Se o neoclassicismo e o romantismo do século XIX estabeleceram novos temas e abordagens para o artista, o espaço social das obras de arte mudou de *status* neste novo contexto. A partir das revoluções burguesas tem-se a constituição e abertura de museus para a frequência do público, um fato de grande relevância, na medida em que a pintura saiu dos salões dos palácios imperiais e passou a integrar um logradouro público, fazendo parte não só do patrimônio artístico da sociedade culta à qual pertencia (o museu), mas, principalmente, começando a integrar o acervo imagético de uma parcela social até então excluída de seu acesso. A produção romântica e neoclássica, aliada ao maior contato da obra de arte com o público, são elementos que contribuíram para a formação e o delineamento do gosto social. A imagem fotográfica nascia neste contexto: de um lado uma sociedade que elegia como valores a precisão racionalista, cujo símbolo exponencial era a própria máquina, e de outro, um período cujo gosto social ainda estava preso às imagens “realistas”.

Posta a questão nesses termos, é compreensível o sucesso da imagem fotográfica em vários ramos do cotidiano social (administrativo-policial, científico, didático e privado), pois, se de um lado respeitava um

¹² Neste sentido ver GOMBRICH, Ernest H. *História da Arte*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988, p. 325.

código de recepção da informação visual sedimentado socialmente (o realismo da semelhança vindo de um regime visual da pintura), por outro, legitimava-se por ser um equipamento moderno, fruto da nova mudança dos padrões culturais da época (a máquina). E o rápido desenvolvimento tecnológico da história da fotografia é significativo de seu sucesso como produto “aprovado” pelo mercado.

Nos anos 1890, o então revolucionário daguerreótipo, criado em 1839, era peça obsoleta, integrante da memória da produção da imagem fotográfica. A câmara fotográfica da última década do século XIX dispensava o tripé; a qualidade da imagem era incomparavelmente melhor do que aquelas colhidas a menos de cinco anos; a revelação podia ser feita até mesmo em um laboratório rudimentar (improvisado no interior de um vagão ou carroça coberta), em poucos minutos, e seu processo de reprodução em larga escala estava garantido tanto pela possibilidade de reproduzir em vários tipos de papel, como pelas máquinas de impressão velozes e a custo significativamente baixo¹³.

A agilidade do processo de fabricação da imagem uniu-se ao fenomenal sistema de transporte da época. Integrando países do continente e locais longínquos, as ferrovias, transatlânticos e, mais tarde, os automóveis movidos por motor a explosão, reduziram distâncias e encurtaram o tempo de viagem. Se o deslocamento físico contava-se em dias, a informação era mais rápida ainda. Com a invenção do telégrafo sem fio, as principais capitais européias estavam interligadas, podendo-se saber imediatamente, em Berlim, o que estava ocorrendo em Moscou; ou mesmo em Nova York era possível receber informações precisas sobre a capital francesa, com diferenças menores que uma hora¹⁴.

É nesse quadro que a imagem fotográfica entra na imprensa. A partir dos anos de 1890, a fotografia começou a fazer parte dos periódicos e

¹³ Nesse sentido ver DE PAZ, Alfredo. *L'occhio della modernità*. Bologna, Editrice, 1989, especialmente o primeiro capítulo.

¹⁴ HOBBSAWM, 1989, p. 30

sua aceitação foi imediata. Registrando acontecimentos ou meramente ilustrando a matéria, a foto atingiu rapidamente o centro das atenções nas publicações. No contexto, surgem as revistas científicas ou de divulgação, preocupadas em informar com agilidade e trazer ao conhecimento de seu público o universo de novidades que estava transformando o mundo ou o conhecimento de povos distantes, com a chancela da verdade científica/imparcial.

Feitas essas colocações, resta declarar as ferramentas teóricas e metodológicas adotadas no trabalho.

O documento fotográfico, por pertencer a um sistema específico de linguagem (linguagem visual) exige abordagem específica para sua análise. Daí a necessidade de compreensão da natureza desta linguagem, o que contém de geral e o que dela é particular.

Apesar da polêmica sobre a potencialidade ou não de a fotografia expressar o real, diversas formulações e interpretações baseiam-se na semelhança desta com a coisa que representa. Tal qualidade (a semelhança) coloca a fotografia na categoria dos signos, mais exatamente, ela é um signo do analógico (índice).¹⁵ O signo, por sua vez, pode construir um ato de comunicação quando é utilizado com essa finalidade, precisando apenas que pertença a um sistema compartilhado entre o emissor e receptor do signo (código).

O signo, assim, mantém uma relação triangular solidária entre o emissor, receptor e o objeto. Esta triangulação também representa bem a dinâmica de qualquer signo como processo semiótico, cuja significação depende do contexto de seu aparecimento, assim como da expectativa de seu receptor.¹⁶

Esta observação leva a constatar que, para o bom funcionamento da triangulação, o signo deve ser de domínio (conhecimento prévio) do receptor. Quanto maior seu controle, mais eficaz será o sucesso da mensagem pretendida. Neste sentido, a imagem fotográfica torna-se

¹⁵ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, Papirus, 1996.

privilegiada, pois é identificada como legítima representante do objeto figurado em seu interior. Se a foto representa um objeto é porque não é a própria coisa: sua função é, portanto, evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo da semelhança.

Como dito, a imagem fotográfica, desde seu nascimento, trouxe a polêmica sobre seu vínculo com a realidade que representa, existindo uma confusão, ainda hoje freqüente, entre percepção e interpretação. De fato, reconhecer este ou aquele motivo não significa que se esteja compreendendo a mensagem – muitas vezes com forte orientação ideológica – subjacente àquela informação. Por outro lado, o próprio reconhecimento do motivo exige um aprendizado. Nas mensagens visuais realistas a confusão é freqüentemente ainda maior.

Uma compreensão mais plena do sentido da mensagem fotográfica passa necessariamente pelo desvendamento dos valores sociais do campo discursivo no qual a fotografia ou o corpo fotográfico estiver inserido.

Este comprometimento da mensagem fotográfica com o meio social para a qual se destina é mais evidente quando se coloca em questão o estudo de um acervo fotográfico previamente projetado e processado com uma finalidade específica: alcançar um público leitor com pretensão de fornecer-lhe informações “verídicas” e ampliar seu arcabouço cultural e de conhecimento geral. Evidentemente, esta percepção ocorre no momento que se entende a foto não como um produto físico/químico/mecânico, ou pelo menos não somente nestes termos, mas sim como produto humano e historicamente datado, o que torna obrigatório recorrer ao universo das ciências humanas e seus procedimentos de interpretação.

Sob este prisma, a sistemática para interpretação da imagem oferecida por Panofsky parece ser extremamente útil. O autor estabelece um método de interpretação da imagem cindido em dois momentos distintos – porém interligados –, que intitulou de “interpretação iconográfica e

¹⁶ Idem, p. 33.

iconológica". Segundo o autor, a interpretação iconográfica preocupa-se com a compreensão exaustiva dos elementos formais, icônicos e informativos da imagem e, a interpretação iconológica refere-se a uma interpretação dos elementos sociais (imaginários, conceitos, alegorias etc) da mensagem, o que exige a compreensão do amplo contexto histórico da produção desta mensagem.

Assim, para a interpretação do documento fotográfico, é necessário um levantamento exaustivo, num primeiro momento, dos componentes estéticos do objeto analisado (cor, textura, ângulo escolhido, disposição da imagem na paginação da revista, relação desta com as demais fotos, etc), passando-se, em seguida, pela análise de todos os elementos que motivaram a mensagem, e aqui pode-se inserir o próprio imaginário que compõe a mensagem (tema, conceitos, idéias, alegorias etc). Essa interpretação requer necessariamente o cruzamento com outras fontes, com o objetivo de fugir do excesso de subjetivismo.¹⁷

Neste segundo momento valorizam-se os aspectos de ordem social na sua produção e apropriação pelo público, entendendo a obra (no caso, a revista estudada) ao mesmo tempo como um produto do meio a que pertence (como produção cultural que é) e como elemento ativo e articulado para recriar ou retroalimentar o arsenal simbólico da sociedade (papel excepcional a que sempre se prestou a fotografia).

Nesse sentido, o trabalho de Pierre Francastel traz contribuições fundamentais para o entendimento do fenômeno visual e sua relação com a sociedade na qual foi produzida.

Em seu livro *Imagem, Visão e Imaginação*, Francastel procura construir uma metodologia de abordagem do fenômeno visual. Para o autor, a obra visual não é uma fonte de informação complementar nem apenas um duplo da realidade, ela compõe o pensamento plástico ou estético do homem

¹⁷ PANOFKY, Erwin . *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1991, p. 62.

em determinado momento histórico¹⁸. Assim como se pode identificar coerência discursiva no pensamento matemático ou político, também é possível identificar tal coerência (regras próprias de seu discurso) no pensamento visual de determinada época. Por sua vez, a percepção desse pensamento plástico é fundamental para o conhecimento do passado, pois encontra-se – ao mesmo tempo que preserva sua autonomia – integrado ao contexto de outras manifestações culturais que compõem a realidade do momento estudado, podendo tanto explicar tal contexto, quanto por ele ser explicado. No mesmo sentido são as observações de Ulpiano Bezerra de Menzes, para quem as fontes visuais integram as manifestações culturais de determinada sociedade em determinada época, mas devem ser articuladas com o cruzamento de outras manifestações culturais e formas de expressão dessa mesma sociedade, na medida que se interpenetram, formando um todo inseparável.¹⁹

Outro aspecto importante quanto à interpretação da imagem é sua relação com o texto escrito. Texto e foto apresentam abordagens próprias de análise, se compreendidas separadamente. Entretanto, a oposição imagem/texto é falsa, uma vez que a linguagem escrita não apenas participa da construção da mensagem visual, como a complementa em uma circularidade ao mesmo tempo reflexiva e criadora.

Apesar de pertencerem a sistemas de comunicação distintos e autônomos, foto e texto escrito se interpenetram, completando, conduzindo e, por que não dizer, “corrigindo” (evidentemente de maneira ideológica) a informação desejada pelo emissor.

¹⁸ FRANCASTEL, Pierre. *Imagem, Visão e Imaginação*. Lisboa, Edição 70 e Matins Fontes, 1983.

¹⁹ Cf. MENESES, Ulpiano T. Bezerra, “Fontes Visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/ Humanitas, vol. 23, nº 45, 2003, pp. 11-37.

Esta relação de complementaridade se torna importante em virtude da própria natureza ambígua da mensagem fotográfica (em especial aquela veiculada pela imprensa).²⁰

A subjetividade do receptor da imagem se explica na medida em que a leitura permanece grandemente tributada ao acervo cultural de quem a vê²¹. Daí a necessidade de analisar o texto escrito, já que o emissor (no caso a revista), empreende uma tentativa de conduzir a interpretação da imagem por parte do receptor. Nesse sentido, o título, o sub-título, a manchete, os dizeres no rodapé da foto e o próprio texto da reportagem/artigo, são de importância capital na estratégia de composição da mensagem. O texto que acompanha a imagem, na maioria das vezes, segundo Barthes: "só faz amplificar um conjunto de conotações já incluídas na fotografia, mas às vezes também o texto produz (inventa) um significado inteiramente novo e que é de algum modo projetado retroativamente na imagem, ao ponto de aí parecer denotado"²². Os próprios exemplos apresentados nas reportagens analisadas nos próximos capítulos são sinalizadores dessa forma de combinação entre imagem e texto.

Esta relação de complementaridade, no entanto, pode servir para um grande leque de interferências do texto na imagem fotográfica, alterando o conteúdo da mensagem. Este, portanto, não está no aparente da

²⁰ "Na estratégia global do testemunho jornalístico, a imagem fotográfica tem um papel simultaneamente subordinado e crucial. Subordinado porque o discurso pode dispensar a imagem, o que acontece em muitos casos. Crucial porque, onde utiliza, a imagem aumenta consideravelmente a força persuasiva da mensagem, isso graças, ao mesmo tempo, a sua presença icônica e ao equívoco referente ao estatuto de sua função indicial. (...) A estratégia do testemunho fotográfico gera, com frequência, um impasse nessa função crucial do conhecimento lateral e alimenta-se da ilusão de que é a imagem que dita a mensagem jornalística, quando na realidade é esta que faz a imagem falar". SHAEFFER, Jean-Marie. *A imagem precária*. Campinas, Papirus, 1996, pp. 127 e 131.

²¹ "Vimos que, no nível do emissor, a imagem, longe de nos dar uma visão unívoca do que seria a realidade, pode, no entanto, propor múltiplas dimensões dessa realidade, eventualmente contraditórias, em função da subjetividade do fotógrafo, do contexto, de condicionamentos sociais ou técnicos etc. Mas, do lado do receptor, por que não seria a mesma coisa que estaria acontecendo? O receptor, ele também, tem sua própria subjetividade, sua história pessoal e sua grade de leitura; ele percebe a imagem num ambiente e num contexto suscetíveis de colorir sua percepção. DARBON, Sebastien, "O Etnólogo e suas imagens". In SAMAIN, Etienne (org.), *O fotográfico*. São Paulo, CNPq, 1998, pp.106-107.

²² BARTHES, Roland. *A Mensagem Fotográfica*. São Paulo, Paz e Terra, 1969, p.311.

foto – sua superfície visível –, mas sim em todo o complexo arcabouço cultural do(s) produtores e receptores da imagem, em outras palavras, no imaginário social.

O conceito de imaginário é fundamental para o presente trabalho como ferramenta metodológica na medida em que fornece instrumental para se pensar o processo de gestação de idéias e seu papel na formulação de ações e práticas. Acompanhando as reflexões sobre o conceito de imaginário social de Bronislaw Baczko, que o concebe como um conjunto simbólico amplo e norteador da leitura do mundo de determinada sociedade, é através do imaginário social que se constroem modelos e modos de interpretação que conduzem o agir social, compondo, ao final, uma “ordem”, legitimando o poder²³. Ao contrário de categorias e conceitos mais rígidos, o que estimula nessa concepção é exatamente a rejeição do imaginário social como sinônimo de falso ou irreal, na medida em que o próprio “real” nada mais é que parte integrante deste imaginário. Por detrás deste pressuposto repousa a noção de que as imagens produzidas por determinada sociedade partem da experiência comum dessa mesma sociedade, formando uma unidade indissociável. Se de um lado as imagens através das quais uma sociedade se representa são geradas pelo processo histórico que lhe deu nascimento, por outro lado é assentada nessas mesmas imagens que ela buscará equacionar seus conflitos, nortear suas escolhas, fundar sua identidade e, acima de tudo, conferir legitimidade aos seus mecanismos de dominação e controle social. Para Castoriadis, o imaginário não é imagem especular, não é “imagem de”, mas é criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, somente a partir da qual é possível falar-se de algo, isto é, aquilo que se denomina realidade ou racionalidade são seus produtos²⁴. O que Castoriadis e Baczko rejeitam é a idéia de que o

²³ BACZKO, Bronislaw. “Imaginário Social”. In *Enciclopédia Einaudi* (vol. 5). Lisboa, Imprensa Nacional, pp. 296-332.

²⁴ CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

imaginário resume-se a uma distorção ou deformação do real. Ambos entendem que as formas de representação são parte constitutiva desse mesmo real e, portanto, inseparáveis dele, desempenhando, inclusive, um papel ativo. O real "puro", por assim dizer, despido das imagens e símbolos pelo quais os agentes sociais o percebem e representam, não existe. Em toda sociedade humana, nada pode ser concebido fora de um sistema simbólico que confere sentido a todas as coisas e, por conseguinte, as ações humanas passam, necessariamente, por uma "leitura" do mundo e por uma elaboração mental da ação, envolvendo, ambas, a utilização e manipulação de imagens, símbolos, idéias e representações que são, justamente, o tecido do imaginário. O imaginário não é revestimento, nem ornamento do real, é inerente a ele.

Baczko estabelece relações entre imaginário social e representações. O imaginário tem o poder de mobilizar esperanças, paixões e ódios de grupos sociais que constróem representações dos "inimigos" e dos "aliados", muitas vezes, apoiando-se em estereótipos.²⁵ Os imaginários sociais podem se transformar em idéias-força, mas, para isso, é necessário que sejam capazes de se tornar aglutinadores do pensamento coletivo de determinada sociedade. Constituem referências que designam as identidades (nacionais, étnicas e sociais, por exemplo), elaborando uma construção de representações dos papéis, que se opera mediante um processo de "conservar e modelar as recordações passadas, assim como projetar até o futuro seus temores e esperanças".²⁶

Tendo em vista tais questões, este trabalho se constituiu e organizou-se basicamente em quatro capítulos:

O primeiro capítulo, com o título: *A Geografia da The National Geographic Magazine*, trata da história da revista, sua projeção na sociedade norte-americana, bem como o conceito de geografia no século

²⁵ BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales – memorias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1991, p. 11-53.

²⁶ Idem, p. 28.

XIX, e a relação desse ramo do saber com a questão da identidade nacional.

O segundo capítulo, *A Grande América*, tem como objeto as reportagens da revista sobre os Estados Unidos. Aqui serão analisadas as imagens construídas sobre o país.

O terceiro capítulo, *A América Latina da The National Geographic Magazine*, trata das imagens que a revista elaborou sobre os latino-americanos para os leitores da revista.

O quarto e último capítulo, *O Altruísmo Norte-americano*, tem como objeto as reportagens sobre as intervenções norte-americanas na América Central e Caribe, procurando refletir sobre o modo como as imagens pré-estabelecidas de Estados Unidos e América Latina foram usadas com a finalidade política de legitimar o expansionismo norte-americano.

Capítulo I

A Geografia da National Geographic

A revista *The National Geographic Magazine*²⁷ foi lançada em novembro de 1888 pela *National Geographic Society*, exatamente dez meses após a fundação da própria Associação. O nascimento da revista está intimamente relacionado com a própria instituição que a concebeu. Assim, para melhor compreensão do periódico, se faz necessário a caracterização, ainda que rapidamente, da Sociedade.

A *National Geographic Society* era uma entidade privada, sem fins lucrativos, com sede em Washington (Estados Unidos), fundada por homens "cultos", sendo a maioria ocupantes de cargos públicos ou com notória influência em assuntos do Estado. Os primeiros membros da Associação, em um total de duzentos, eram engenheiros de repartições públicas, deputados, senadores, embaixadores, assessores das mais variadas esferas de governo, militares tanto do exército como da marinha, altos funcionários de museus ou arquivos públicos, e, também, de ricos comerciantes, industriais ou profissionais liberais²⁸.

A criação da entidade teve como propósito a pesquisa e divulgação da geografia para o público norte-americano, considerado, por seus fundadores, uma lacuna institucional naquele país. Isto porque, apesar de consistir em um campo do conhecimento em "alta" na Europa, nos Estados Unidos, quando a *National Geographic Society* foi idealizada, não existiam geógrafos profissionais. O primeiro grupo de especialistas em

²⁷ Será usado, no decorrer do texto, para designar a *The National Geographic Magazine* parte de seu nome: *National*, ou simplesmente "a revista". Da mesma forma, a associação *National Geographic Society* será designada por *Society*, Sociedade, Entidade ou, ainda, Associação. Para evitar confusões, portanto, quando for usada a expressão *National*, esta estará se referindo apenas a revista.

geografia, com graduação acadêmica, se formou apenas em 1903²⁹, portanto, quinze anos depois da fundação da *Society*. Por tal razão, os membros da Associação eram, sobretudo, pessoas interessadas nesse campo do conhecimento, que estava, como será descrito com mais pormenores adiante, em pleno estado de ebulição³⁰ e considerado imprescindível para a nação. Assim, a *Society*, mesmo sendo juridicamente privada, tinha um caráter público claro. O próprio nome "*National*" era muito mais uma referência de sua conformação pública, pró oficial, do que eventual limitação regional do espaço geográfico de suas pesquisas.

E foi com o discurso de espírito público de divulgação da geografia que a entidade lançou a revista *The National Geographic Magazine*. A finalidade da Sociedade e da própria revista foram declaradas no primeiro número do periódico:

"The national geographic society has been organized to increase and diffuse geographic knowledge and the publication of a magazine has been determined upon as one means of accomplishing these proposes

"It will contain memoirs, essays, notes, correspondence, reviews, etc relation to geographic matters. As it is not intended to be simply the organ of the Society, its pages will be open to all person interested in geography, in the hope that it may become a channel of intercommunication, stimulate geographic investigation and prove an acceptable medium for the publications of results.

The magazine is to be edited by the Society. At present it will be issued at regular interval, but as the sources of information are increased the number will appear periodically.

The National Capital seems to be the natural and appropriate place for association of this character, and the aim of the

²⁹ LUTZ e COLLINS, *Op. cit.*, p.20.

³⁰ Segundo LUTZ, "Its seemed likely that in America the more technical geographical research might be divided up among departamentos of geology, anthropology, economics, and engineering, while geographical societies would turn into ineffectual adventure clubs without substancial links to science. The formation of the *National Geographic Society* reflected the tension which were played out over some years in interactions between board members and editorial staff". *Op. cit.*, *loc. cit.*.

founders has been, therefore, to form a National rather than a local society.

As it is hoped to diffuse as well as to increase knowledge, due prominence will be given to the educational aspect of geographic matter and efforts will be made to stimulate an interest in original sources of information.

In addition to organizing, holding regular fortnightly meetings for presenting scientific and popular communications, and intering upon the publication of a magazine, considerable progress has been made in the preparation of a physical atlas of the United States"³¹.

A declaração do presidente de que a revista da Associação não era apenas um simples órgão de divulgação dos trabalhos dos pesquisadores da Society, mas sim um veículo de contato com a sociedade, especialmente com aqueles interessados em geografia, permaneceu durante muito tempo mais no plano do discurso. A maioria absoluta dos artigos ou reportagens publicadas na revista vinha de colaboradores associados ou de articulistas pertencentes ao círculo restrito dos sócios membros. Mesmo mais tarde – nos últimos anos do século XIX – , com a expansão da entidade e da revista, as reportagens e artigos permaneceram, na grande maioria, sendo da lavra dos sócios. Somente no início do século XX percebe-se o

³¹ "Announcement", nov. 1888, p.2. "A sociedade *National Geographic* foi organizada para aumentar e difundir conhecimento geográfico e a publicação da revista foi determinada com o fim de atingir esses propósitos. Ela conterá memórias, reportagens, notas, correspondências, revisões, etc., relacionada com assuntos geográficos. Como ela foi feita para não ser somente um órgão da Sociedade, suas páginas estarão abertas para qualquer pessoa interessada em geografia, na esperança de que ela possa se tornar um canal de intercomunicação, estímulo à investigação geográfica e que prove uma média aceitável para a publicação de resultados. A revista deve ser editada pela Sociedade. No momento, ela será editada em intervalos regulares, mas assim como as fontes de informação são maiores, o número aparecerá periodicamente. A Capital Nacional parece ser o lugar natural e apropriado para associação dessa característica, e o objetivo de seus fundadores tem sido, então, formar uma sociedade Nacional mais que uma local. Como é esperado difundir assim como aumentar o conhecimento, haverá um aumento no aspecto educacional do assunto geográfico e esforços serão feitos para estimular um interesse nas fontes originais de informação. Além de organizar, estabelecer reuniões regulares quinzenais para apresentação de comunicações científicas e populares, uma publicação inteira da revista num progresso considerável, foi feito na preparação do atlas físico dos Estados Unidos

surgimento de artigos especiais, assinados por convidados não associados (geralmente embaixadores de outros países ou autoridades norte-americanas). Porém, como a própria direção da revista deixou claro em várias notas, a seleção das matérias que seriam ou não publicadas sempre foi de exclusivo controle da direção editorial da *National Society Geographic*.

Assim, nos primeiros anos, a revista, na prática, era um boletim da *National Society*. Mas, no decorrer do período estudado, o periódico tornou-se maior que a própria entidade e um fenômeno no mercado editorial. O êxito alcançado pela revista, nos primeiros anos do século XIX, já a colocava como uma das principais publicações no concorrido mercado editorial norte-americano³². Um sucesso absoluto nos primórdios do século XX, que só fez aumentar nos anos seguintes.³³

A História da Revista

Nascida do desejo de divulgação dos trabalhos da Sociedade Geográfica, a *National* foi criada pela vontade do filantropo Gardiner G. Hubbard, um rico advogado da cidade de Washington e igualmente fundador da *National Geographic Society*. Como dito, a finalidade do magazine era a divulgação tanto de trabalhos geográficos desenvolvido pelos membros da sociedade, como pretendia alcançar o público de homens cultos interessados nos assuntos geográficos da época. O propósito comercial mais amplo não foi o móvel central dos idealizadores da publicação, no primeiro momento. Pelo contrário, como dito, a revista, quando do seu lançamento, visava ser um canal de troca de informações geográficas entre especialistas ou pessoas particularmente interessadas naquele tipo de conhecimento, um recorte bem preciso do público alvo. Tanto assim, que o apelo inicial da direção do periódico para que os leitores contribuíssem, encaminhando, para a redação, artigos, notas ou correspondência, repetiu-se durante anos. Mas

³² LUTZ e COLLINS, *Op cit.*, p. 04.

apesar dos pedidos, as matérias publicadas eram do próprio quadro institucional da Sociedade.

O período inicial da revista mostra uma trajetória inconstante e pouco atraente como produto comercial. Do seu surgimento até 1896, as edições tinham periodicidade irregular, sendo publicados no máximo cinco números por ano, em meses alternados, contínuos ou não. A inconstância na periodicidade da revista se explicava exatamente pela dependência da entrega de artigos dos associados, como esclareceu Hubbard: "*The magazine is to be edited by the Society. At present it will be issued at regular interval, but as the sources of information are increased the number will appear periodically*".

A numeração das páginas era sequenciada durante o ano, de modo que o novo número da revista parecia dar continuidade ao número anterior, compondo-se no final do ano um imenso volume. Tal fato dava um caráter de monumentalidade à publicação. A quantidade de páginas alternava, entre cinquenta e oitenta, a depender do número de artigos, que oscilavam entre dois e oito. Cada exemplar avulso era comercializado a 30 centavos de dólar, e, a partir de 1900, a revista passou a ser vendida também por assinatura, ao preço de U\$ 2,50 dólares anuais.

As capas das primeiras edições – feitas em brochura e cartolina dura - vinham em vermelho fosco, trazendo apenas os seguintes dizeres: *The National Geographic Magazine*, publicada pela *National Geographic Society*, Washington D.C (Ilustração 01). Ao centro, via-se a imagem de um *mapa mundi* dobrado.

Na contracapa havia o índice de matérias e das imagens, assim como a lista dos sócios/membros. Na página seguinte, encontrava-se o programa institucional da Sociedade e o endereço para contato, além do referido convite para que leitores/pesquisadores não associados encaminhassem seus artigos e reportagens. Nas últimas páginas havia uma ficha de inscrição para aqueles que desejassem se associar.

³³ Idem, p.37.

Vol. I.

No. 1.

THE
NATIONAL GEOGRAPHIC
MAGAZINE.



PUBLISHED BY THE
NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY

WASHINGTON, D. C.

Price 25 Cents

As primeiras edições traziam matérias fundamentalmente regionais, Estados Unidos e Canadá e outras poucas sobre países do Oriente (China, Índia e Egito). Os artigos de caráter analíticos e conceituais eram nitidamente em maior quantidade do que as reportagens de campo. As ilustrações não eram componentes freqüentes ou obrigatórios das reportagens. As imagens – sobretudo de mapas da região reportada - quando surgiram, eram desenhos ou reproduções pintadas, com função meramente ilustrativa da matéria, não sendo objeto de explicação pelo texto escrito.

Apesar de ser porta-voz da Sociedade, a revista tinha autonomia editorial, mas não financeira. Após oito anos de constantes subsídios, que mostraram sua inviabilidade comercial, a direção da Entidade cogitou do encerramento da publicação. O auge da crise foi 1895, ano em que editou apenas dois exemplares, em abril e outubro. No mês de abril a revista foi vendida muito acima do preço normal (por 50 centavos) e no mês do outubro foi vendida pela metade do preço, por 25 centavos - cinco centavos a menos do que o primeiro número, veiculado sete anos antes. Estes dois números continham menos páginas que o normal e o material restringia-se a artigos sobre regiões de Estados do país sede.

O encerramento definitivo das atividades não aconteceu graças ao novo presidente da Sociedade, empossado no cargo dois anos antes, Alexander Graham Bell. O novo presidente, inventor do telefone e próspero empresário de seu invento, era genro do fundador da Sociedade, e foi conduzido ao cargo a pedido do próprio sogro, que via em sua figura uma pessoa dinâmica e criativa, capaz de alavancar tanto a Associação como a revista.

Ao assumir o cargo de editor chefe da *National*, Bell trouxe consigo um notável redator da cidade, Gilbert Hovey Grosvenor, e lhe incumbiu de redirecionar a publicação, transformando-a em um produto melhor aceito pelo mercado. O projeto sugerido pelo novo redator passava, no entanto, por uma reformulação da revista de tal ordem que implicaria em

mudar seu propósito inicial. A idéia central era trazer para as páginas reportagens mais curiosas e menos impregnadas de pesados conceitos puramente científicos³⁴. Sem perder o compromisso com a pesquisa e a seriedade na informação, a revista, segundo Grosvenor, deveria ser mais leve, mais informativa, mais curiosa e menos sisuda. O objetivo era alcançar um público maior, exatamente uma classe média urbana de profissionais liberais e homens de negócios, que estariam solícitos e abertos a receber informação séria porém mais leve, menos rebuscada. O *slogan* do novo conceito era: “*What they want to Know*”.

O novo projeto editorial causou inicialmente polêmica no seio da Sociedade, exatamente pelo risco de perder a qualidade inicial e adensamento da discussão em nome da difusão. Os resistentes, no entanto, foram voz vencida e o novo projeto da revista veio ao mercado em janeiro de 1896. Como descreve Lutz:

“As a result of Grosvenor’s innovations, the Geographic style became more similar to that of other popular monthlies, marked by ‘a realism full of pep and information’, and a mode of direct address to the reader that was ‘colloquial, forceful, direct, and seemingly personal’³⁵”

As mudanças a partir daquele ano foram de tal ordem que implicaram, inclusive, a alteração gráfica completa do periódico, da capa às páginas internas. A capa deixou o vermelho fosco e tomou cores mais leves, cor creme, escrito em vermelho o nome da publicação, tendo ao fundo o desenho de um enorme mapa *mundi* (Ilustração 02). As edições tornam-se regulares, sendo publicadas mensalmente. Internamente também houve

³⁴ SCHULTEN, Susan. *The Geographical Imagination in America, 1888-1950*. Chicago, The University of Chicago Press, 2002, p.48.

³⁵ LUTZ, *Op cit.*, p. 22. “Como resultado das inovações de Grosvenor, o estilo Geográfico se tornou mais similar comparado com outras publicações mensais populares, marcadas por ‘um realismo cheio de energia e informação’, e uma forma de endereçar diretamente ao leitor que era ‘coloquial, forte, direta e aparentemente pessoal’”.

The National Geographic Magazine

AN ILLUSTRATED MONTHLY



Honorary Editor: JOHN HYDE

Honorary Associate Editors

A. W. GREELY W. J. McGEE ELIZA RUHAMAH SCIDMORE

CONTENTS

	PAGE
INTRODUCTORY THE EDITOR	1
RUSSIA IN EUROPE HON. GARDINER G. HUBBARD	3
THE ARCTIC CRUISE OF THE U. S. REVENUE CUTTER "BEAR"	
With illustrations by DR. SHELDON JACKSON	27
THE SCOPE AND VALUE OF ARCTIC EXPLORATION	
GEN. A. W. GREELY	32
GEOGRAPHIC LITERATURE	40
PROCEEDINGS OF THE NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY	46
NORTH AMERICAN NOTES	49

WASHINGTON

PUBLISHED BY THE NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY

AGENTS IN THE UNITED STATES AND CANADA

The American News Company, 25 and 27 Columbus Street, New York

LONDON: E. Mackenzie & Co., 11, Old Bailey, E. C.

Printed by the American News Company

Price 25 Cents

mudanças significativas. Os mapas passaram a ser coloridos e os gráficos tornaram-se mais esquemáticos e de melhor compreensão para um público leigo. Também aumentou a quantidade de reportagens/artigos, reduzindo o número total de páginas de cada matéria. Os títulos, mais atraentes, passaram a ser entrecortando-os por sub-títulos, tornando o texto menos cansativo. O preço se estabilizou em 25 centavos de dólares, permanecendo assim até 1903. Os textos, de fato, tornaram-se mais didáticos e com abordagens mais “digestivas” para um público leigo. A revista continuou sendo paginada anualmente, contendo nos números de dezembro um índice das matérias publicadas naquele ano. Mas a maior mudança editorial foi a inserção da fotografia. Até janeiro de 1896, a revista não utilizava o recurso fotográfico. A partir dessa data não só o uso se tornou freqüente, como a fotografia foi alçada à principal atração da revista. Tanto assim que na própria capa do periódico vinha a informação de se tratar de uma revista mensal e ilustrada. As reportagens com fotos foram tomando rapidamente cada vez mais espaço, chegando a ser a marca das reportagens do periódico, ainda nos últimos anos do século XIX. A partir de 1899, uma reportagem padrão de quinze páginas da revista carregava, em média, uma dúzia de fotografias – a maioria cobrindo páginas inteiras - sobre o tema. Segundo números da própria revista, em 1912, a *National* publicou nada menos do que 1.452 fotos em suas páginas. O discurso da direção do magazine sobre a fotografia era claro. A entrada da fotografia em grande escala estava em sintonia com a pretensa imparcialidade científica das matérias e um maior profissionalismo alcançado pelo periódico. O propósito da foto na revista era mais do que mera ilustração, era trazer informação mais precisa ao público leitor, como declarou O. P. Austin, secretário da Entidade, na edição de fevereiro de 1913:

“Each number of the magazine will contain splendid articles by eminent authorities, and an average of from 125 to 150 of the marvelous illustrations which have given the magazine its unique reputation for interest and instruction.

The magazine has been purchasing material in almost every part of the world and has today one of the most valuable collections of photographs in the United States".³⁶

Mas a finalidade científica do documento fotográfico não impedia seu tratamento estético mais aprimorado, que pode ser percebido desde a seleção das imagens até os detalhes de sua composição, como a utilização de papel especial para sua impressão. Como a foto era entendida como documento e arte, a própria revista encarregou-se, a partir de 1910, de vender, em encartes separados (e de alto padrão), álbuns fotográficos de imagens publicadas em suas páginas. Os dizeres da publicidade que vendia os álbuns são bem elucidativos:

"Geographic Art

These panoramas are published as supplements to the National Geographic Magazine, not merely because they are beautiful pictures but by reason of the fact that they are both educational and artistic. They were selected from hundreds of others to convey to the mind the most comprehensive conception of curious and characteristic corners of the earth – the great Sahara, the snow-capped Matterhorn, the Palms along the Nile, the wonders of the Canadian Rockies, and the Frozen Desert.

They are superbly produced on heavy art-mat board, in exactly the proper tones to bring out the real atmosphere and surroundings. These pictures can be obtained nowhere else, and will be forwarded unframed or framed, as desired.

Arrangements have been made to supply a limited number artistically framed, with specially selected moulding in perfect harmony with the subject. The best French glass is used and a high quality of work guaranteed."³⁷

³⁶ O. P. Austin, "Progress of the *National Geographic Society*", fevereiro/1913, pp. 251-256. Para evitar repetição excessiva nas notas, trechos da revista *The National Geographic Magazine* serão citados da seguinte forma: nome do articulista, título da reportagem, data e páginas. Nos casos de artigo não assinado, citar-se-ão apenas os demais dados. "Cada número da revista conterà artigos esplendidos de autoridades famosas e uma média de 125 a 150 das ilustrações maravilhosas que deram a revista sua reputação única por interesse e instrução. A revista comprou material em quase toda parte do mundo e tem hoje uma das coleções mais valiosas de fotografias nos Estados Unidos."

³⁷ Anúncio veiculado no número de março de 1911. "Artigo Geográfico. Esses panoramas são publicados como suplementos da *National Geographic Magazine* não meramente porque se trata de fotos lindas, mas pela razão do fato de que são tanto educacionais quanto artísticas. Eles foram escolhidos de centenas de outros para conduzir para a mente o

Outro fato indicador do potencial valor artístico da foto são as advertências que os editores colocavam no início de algumas reportagens quanto à utilização indevida de suas imagens:

"All these illustrations are copyrighted by the National Geographic Society, 1907, and their republication without permission is prohibited"³⁸

Tal advertência, a princípio, poderia constar para qualquer imagem da revista ou mesmo texto escrito, mas foi reservada para aquelas fotografias consideradas mais belas, verdadeiras obras de arte.

De fato, o valor estético da foto não era casual ou retórico. As fotografias publicadas pela revista, entre 1896 e 1914, estavam orientadas por uma concepção muito influente na época, "*pictorialismo fotográfico*", que entendia ser fotografia uma variante da pintura, uma verdadeira herdeira desse meio de expressão³⁹. Segundo essa orientação, os fotógrafos da deveriam manter nas imagens fotográficas os mesmos padrões e cânones da pintura, principalmente o enquadramento, o tratamento estético e mesmo os temas já consagrados por aquela arte. Assim, prevalece nas fotografias da *National* personagens posando, de corpo inteiro ou somente o busto – na melhor tradição renascentista – ou mesmo cenas de natureza morta, com

conceito mais compreensivo das curiosidades de cada canto da terra – o grande Saara, o Matterhorn coberto de neve, o Palms ao longo do Nilo, as maravilhas dos Rockies Canadenses, o Deserto Congelado. Eles foram maravilhosamente produzidos da melhor maneira, nas cores exatas para trazer a atmosfera real e seus arredores. Essas fotos não podem ser obtidas em nenhum outro lugar e serão encaminhadas com ou sem moldura, conforme desejado. Ajustes foram feitos para fornecer um número limitado emoldurados de forma artística com modelagem especialmente selecionada em perfeita harmonia com o assunto. O melhor vidro francês é usado e uma alta qualidade de trabalho é garantida".

³⁸ Texto epigrafe da reportagem "Women and Children of the East", abril/1907, pp. 248-271. "A Sociedade National Geographic tem direitos autorais de todas essas ilustrações, 1907, e sua publicação sem permissão é proibida."

³⁹ Sobre o pictorialismo fotográfico na imprensa, ver COSTA, Heloíse. "Pictorialismo e imprensa: o caso da revista O CRUZEIRO (1928-1932)". In FABRIS, Annateresa (org). *Fotografia. Usos e Funções no século XIX*. São Paulo, Edusp, 1991, p. 261.

seus objetos imóveis⁴⁰. O diferencial da revista foi a montagem editorial, explorando ao máximo os recursos da foto para contar uma história, narrando o desenvolvimento de uma ação, como por exemplo, o processo de construção de uma ponte ou canal.

O sucesso da nova editoração foi de tal ordem que desde o primeiro número da nova série a revista não deixou de ser publicada em um único mês⁴¹. A tiragem também aumentou significativamente, um crescimento que se fazia sentir ano após ano. Se em 1895 discutiu-se o encerramento da revista, na década de 1910, a situação era oposta. A revista tornou-se a principal fonte de recursos da sociedade – que contava também com outros subprodutos, como os já mencionados encartes separados de fotografias ou mapas –, cujo êxito comercial fez não só baixarem significativamente as mensalidades dos associados, como também aumentou o número de sócios e possibilitou o financiamento de uma série de pesquisas e viagens de seus reporteres/exploradores. O reconhecimento do papel da revista para a Sociedade foi explicitado pela direção na edição de fevereiro de 1913:

"Progress of the national geographic society
The reports for the Year 1912 of the Director and Editor, the Secretary, and the Treasurer
Report of the director and editor
"The results of the year 1912 were most gratifying in all departments of the Society's work. In the variety and extent of researches and explorations by the Society: in the number of new members added to the rolls; in the popularity, influence, and educative value of its magazine, and in the amount added to the investment found, the year 1912 surpassed all its predecessors."⁴²

⁴⁰ Sobre o pictorialismo fotográfico na revista *The National Geographic Magazine*, ver LUTZ e COLLINS, *Op. cit.*, p.28.

⁴¹ Este é um fato notável se for lembrado que, nos anos 1930, os Estados Unidos sofreram a maior recessão de sua história e a maioria das revistas fechou nessa época. Nesse sentido, ver MORIN, Edgar. *Cultura de Massa no Século XX. O Espírito do Tempo*. Rio de Janeiro, Forense, 1969.

⁴² Cf. "Progress of the *National Geographic Society*", fev/1913, p.253." "Progresso da *National Geographic Society*. Os relatórios do ano 1912 do Diretor e Editor, o Secretário e Tesoureiro. Relatório do diretor e editor. Os resultados do ano de 1912 foram os mais

E os números da revista, em 1912, já eram grandiosos. Só naquele ano, somados todos os exemplares das doze edições, perfazia-se um total superior a um milhão e setecentas mil cópias:

“There were published by the Society during 1912 1,705,000 copies of the magazine, the average monthly edition for the year being 142.083 a gain of 48,666 per month. The average edition in 1911 was 93,417; in 1910, 68,833; in 1909, 52833; in 1908 41,000”⁴³.

Na verdade, a *National*, já em 1905, se tornara referência de publicação ilustrada entre os periódicos norte-americanos, e a fotografia era reconhecida pela direção da revista como seu principal trunfo na tarefa de prestar informação e conhecimento. A boa reportagem era aquela que trazia documentação fotográfica de qualidade, que dava credibilidade à informação, como revela o próprio artigo/prestação de conta acima citado:

“The publication by the Society of the results of Dr. Bingham’s expedition, which also made many other new discoveries, illustrated profusely by the remarkable array of photographs that he brought back, will bring much honor and credit to the Society for its share in the work”.⁴⁴

Como não poderia ser de outra forma, os investimentos nessa área foram constantes e ininterruptos. A *National* foi a primeira publicação a utilizar fotos coloridas no mercado norte-americano – quando esse recurso ainda estava em estágio embrionário de gestação e se desconfiava de seu

gratificantes em todos os departamentos de trabalho da Sociedade. Na variedade e extensão de pesquisas e explorações da Sociedade, no número de novos membros acrescentados aos grupos; na popularidade, influência, e valor educativo da revista, no valor acrescentado ao investimento, o ano 1912 ultrapassou todos os outros anteriores”.

⁴³ “Haviam 1,705,000 cópias da revista publicadas durante 1912, a média de edição mensal do ano foi de 142.083, com um ganho de 48.666 por mês. A média de edição em 1911 foi de 93,417; em 1910, 68,833; em 1909, 52833; em 1908, 41,000”.

⁴⁴ “A publicação pela Sociedade dos resultados da expedição do Dr. Bingham, que também fez outras novas descobertas, ilustraram abundantemente através de excelentes séries de fotografias que ele trouxe, trará muito mais honra e crédito à Sociedade por sua ajuda no trabalho”.

sucesso -, antecipando-se em quase dez anos do recurso tornar-se comum para outros periódicos. Também foi a primeira revista a valer-se de fotos noturnas, com *flash* embutido, um recurso que se divulgaria apenas quinze anos depois. A relação da revista com a fotografia se tomou de tal ordem íntima que seu principal anunciante era a Kodak, cuja primeira publicidade ocorreu em março de 1897. Desde então, a Kodak nunca mais deixou de oferecer seus produtos em um único número da revista até os dias de hoje. Outros fornecedores ofereciam um amplo leque de produtos e serviços diretamente relacionados com fotografias, e em vários anúncios, a chamada estava centrada na novidade dos produtos, o que revela, inclusive, a possibilidade do público consumidor da revista ser constituído tanto por pessoas interessadas em geografia como por pessoas menos preocupadas com o conteúdo da reportagem e mais na própria imagem fotográfica em si.

Mas se a fotografia mostrou ser o suporte ideal da revista para transmitir sua informação, falta compreender o objeto dessa informação e o porquê de seu interesse para o público norte-americano.

A GEOGRAFIA

A fundação da *Society*, assim como o lançamento da revista, foi um sintoma do ressurgimento do debate em torno da geografia ocorrido no final do século XIX⁴⁵. Um momento de “definição” do status científico desse ramo do conhecimento. A revigoração da Geografia naquele período estava

⁴⁵ Nesse sentido ver CAPEL, Horácio. “Institucionalización de la geografía y estrategias de la comunidad científica de los geógrafos”. In *Revista de la Universidad de Barcelona*, año I, número: 8, marzo de 1977.

diretamente associada com o novo quadro da política internacional, aceso pela disputa de territórios pelos países industrializados⁴⁶.

Os principais temas abordados no debate geográfico do período – e, portanto, da própria revista fonte do trabalho – eram: ocupação de territórios, distribuição das bacias hidrográficas, fluxo migratório, composição étnica da população e sua força de trabalho, desenvolvimento tecnológico, capacidade produtiva da indústria estratégia, reservas minerais, sistemas de defesa naturais à ataques estrangeiros, co-relações entre condições geográficas e históricas no desenvolvimento de regiões do país e etc.

Um segundo bloco de temas/reportagens presentes no periódico consistia na apresentação de povos e seus costumes – outro traço marcante de uma tradição do que se concebia por geografia. Nesse momento, a apresentação da matéria jornalística se assemelhava a relatos de viagens, muito ao gosto do século XIX.

Não raramente, o magazine incluía, na mesma reportagem, uma mistura dos dois enfoques. Em tais situações – muito comum quando o tema era os países latino-americanos – a revista, ao mesmo tempo que apresentava os “números” do país, descrevia o comportamento da sociedade local, através de narrativas de situações vividas pelo reporte/explorador. As histórias de viagens, no entanto, consistiam no aspecto mais atraente da reportagem, mas não seu cerne. O núcleo das matérias eram os dados objetivos sobre as riquezas do lugar reportado ou sua importância estratégia para fins comerciais ou militares, esses sim, eram considerados temas “nobres” do conhecimento geográfico e formavam o corte mais tradicional e sério desse saber, pois tratavam de temas de interesse direto do Estado. Assim, a Geografia da revista compunha ambas as tradições do que se entendia por aquele tipo de saber: assuntos de Estado e relatos de viagem, com forte preferência sobre o primeiro.

Como lembra Antonio Carlos Robert Moraes, as raízes mais remotas dos estudos geográficos encontram-se na consolidação dos Estados

⁴⁶ Idem.

nacionais do início da Era Moderna. As navegações e o contato com povos além mar fez acelerar tanto pesquisas em cartografia como aguçou a curiosidade sobre o comportamento de outras culturas, forçando reflexões sobre lugares até então desconhecidos. Entre o século XVI e XVII há um aumento significativo de informações de várias regiões do Globo até então desconhecidas para o Ocidente, e cujo surgimento mudou a própria concepção do Planeta. Nas palavras de Moraes:

“A consciência da magnitude real da superfície terrestre (em termos de sua forma, dimensão, subdivisão e limites) representava o patamar mínimo para o afloramento da reflexão sistematizada sobre esse espaço concreto. Tal apreensão mais elaborada sobre a Terra requeria conhecimento fatural considerável estabelecido e a possibilidade da aferição empírica de uma visão de conjunto do globo. A objetividade dessas condições começa a emergir com o início da expansão européia no quinhentismo. A descoberta e incorporação de novas terras, as primeira viagens de circunavegação e as expedições exploradoras vão propiciar o estabelecimento de uma representação realística do planeta já em meados do século XVII. (...) Até então, a possibilidade de consciência espacial do mundo limitava-se aos espaços restritos das sociedades que empreendiam tal reflexão; a Geografia dos gregos ou do árabes não poderia ir além do espaço de relações em que transitavam esses povos”⁴⁷

Apesar dos avanços, até o final do século XVIII, a Geografia ainda não gozava do *status* de ciência, nos padrões e termos modernos. O “salto” definitivo para se tornar “ciência” também coincidiu com os avanços do Estado burguês durante o século XIX. Como lembra Moraes, foi somente no início do século XIX que os pressupostos para sua sistematização estavam presentes:

⁴⁷ MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia. Pequena História Crítica*. São Paulo, Hucitec, 1982, p. 17

"O primeiro destes pressupostos dizia respeito ao conhecimento efetivo da extensão real do planeta. Isto é, era necessário que a Terra toda fosse conhecida para que fosse pensado de forma unitária o seu estudo. O conhecimento da dimensão e da forma real dos continentes era a base para a idéia de conjunto terrestre, concepção basilar para a reflexão geográfica(...). Este processo de formação de um espaço mundializado, pela primeira vez na História da humanidade, só está plenamente constituído em fins do século XIX."⁴⁸

Um segundo pressuposto foi a cumulação de informações desses espaços, para que fosse possível a comparação entre eles e daí extrair observações gerais:

"Outro pressuposto da sistematização da Geografia era a existência de um repositório de informações, sobre variados lugares da Terra. Isto é, que os dados referentes aos pontos mais diversificados da superfície já estivessem levantados (com uma margem de confiança razoável) e agrupados em alguns grandes arquivos. Tal condição incidia na formação de uma base empírica para comparação em Geografia."⁴⁹

Assim, as condições para a organização racional da geografia surgiram a partir do século XIX. Os contornos da Terra estavam mapeados, as técnicas de representação do Globo estavam desenvolvidas e "(...) principalmente, os temas geográficos estavam legitimados como questões relevantes, sobre as quais cabia dirigir indagações científicas."⁵⁰

Se de um lado estavam presentes os pressupostos e condições para a formação da ciência, de outro, as necessidades para seu desenvolvimento era um imperativo para as novas relações internacionais. A industrialização do sistema capitalista de produção no século XIX culminou na expansão territorial dos estados centrais para uma nova colonização do planeta em busca de mercados. Conseqüência e ao mesmo tempo

⁴⁸ Idem, pp. 34-35.

⁴⁹ Idem, p. 35

⁵⁰ Idem p.41

combustível para a indústria, o imperialismo se apresentava como um encaminhamento natural da política dos países centrais do capitalismo. Cumprindo a dupla função de servir-se dos recursos naturais e criar compulsoriamente mercados externos, os países periféricos do sistema estavam sendo anexados, diretamente pela invasão militar ou, indiretamente, pelo constrangimento econômico. O diferencial do novo processo imperialista estava exatamente na desproporção tecnológica/industrial entre dominante e dominado, dividindo o mundo, aos olhos do colonizador, claramente entre civilizações atrasadas e modernas⁵¹.

Portanto, o novo quadro mundial exigia o conhecimento dos espaços e seus habitantes para melhor estabelecer o domínio. Mais do que a simples catalogação das diferenças territoriais e suas articulações, era premente estabelecer conhecimento seguro que facilita-se o controle⁵². A concepção que talvez sintetize melhor a relação entre geografia e poder estava na capa de uma revista francesa, cogênera da *National*, que dizia: "*La Tierra pertenecerá a quien la conozca mejor*"⁵³.

O conhecer tinha uma entonação técnica/prática, bem ao gosto do positivismo da época. Não é por outro motivo que a geografia se definiu com ciência de síntese, agregando saberes técnicos sobre a natureza, tais como cartografia, geologia, climatologia, hidrologia e mineralogia. Todas, no entanto, dirigidas para as preocupações Estatais. À nova ciência geográfica foi incumbido um papel prático que se definiu mais pelas necessidades do Estado (Imperialista) e de suas estratégias, que definiu seu objeto, e menos

⁵¹ HOBBSBAWM, 1989, p.33.

⁵² Nas palavras de Yves Lacoste: "A geografia é, de início, um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares e são tais práticas que exigem o conjunto articulado de informações extremamente variadas, heteróclitas à primeira vista, das quais não se pode compreender a razão de ser e a importância, se não se enquadra no bem fundamentado das abordagens do Saber pelo Saber. São tais práticas estratégicas que fazem com que a geografia se torne necessária, ao Chefe Supremo, àqueles que são os donos dos aparelhos do Estado. Trata-se de fato de uma ciência? Pouco importa, em última análise: a questão não é essencial, desde que se tome consciência de que a articulação dos conhecimentos relativos ao espaço, que é a geografia, é um saber estratégico, um poder". LACOSTE, Yves. *A Geografia – Isso Serve, em Primeiro Lugar, para Fazer a Guerra*. Campinas, Papirus, 2002, p.23. 6ª edição.

⁵³ citado por CAPEL, op. Cit., p. 46.

por uma concepção teórica ou acadêmica. A própria percepção do conhecimento geográfico, tinha portanto, um aspecto de maior praticidade, forjado a partir das preocupações de estratégia estatais, como foi claramente exposta pelo general A W. Greely, na edição de janeiro de 1906 da revista:

"The growth, development, and ultimate limitation of nations are largely influenced if not entirely due to geographical environment. The location of great centers of agriculture and commerce, of special industries, mining and stockraising, is the outcome of careful explorations of the special economic resources on which their success depends".⁵⁴

Mais a diante, o articulista completa o raciocínio, explicitando, inclusive, a ordem de interesse do geógrafo:

"The work of geographical explorations has usually passed through three distinctive phases: First, commercial purposes; second, advancement of knowledge, third, scientific explorations."⁵⁵

As observações do general americano não eram declarações isoladas ou peculiares de um militar prático, mas parece ter sido regra do próprio discurso geográfico da época. Como relata Freeman, as sociedades geográficas europeias tinham o mesmo enfoque descrito acima:

"Las sociedades geográficas no sólo satisfacían una curiosidad natural sobre los aspectos más salvajes de la naturaleza y la sociedad, sino que también consideraban

⁵⁴ "O crescimento, desenvolvimento e restrição final das nações são amplamente influenciadas pelo ambiente geográfico, se não forem totalmente influenciadas. A localização dos grandes centros de agricultura e comércio, de indústrias especiais, e extração de minérios é um resultado das explorações cuidadosas das fontes especiais de economia das quais dependem seu sucesso."

⁵⁵ A W. Greely, "Geographical exploration: its moral and material results", janeiro/1906, p.2." O trabalho de explorações geográficas passou por três fases distintas: primeiro, propósitos comerciais; segundo, avanço do conhecimento; terceiro, explorações científicas."

astutamente las eventuales posibilidades de comercio y expansión colonial"⁵⁶.

E não é por outro motivo que os precursores da “nova geografia” foram homens de Estado: Alexandre Humboldt e Karl Ritter. Apesar de pesquisas distintas, com objetos diferentes e preocupações também desiguais, ambos intelectuais têm um significativo traço em comum. Tanto Humboldt como Ritter tiveram suas trajetórias profissionais dentro do Estado e as respectivas produções intelectuais também estavam voltadas a atendê-lo. Foram contemporâneos – apesar de gerações distintas – e trabalharam à serviço do mesmo governo: a Prússia.

As razões para o grande desenvolvimento da geografia na Prússia se explica pelo contexto que estava vivendo aquele país. O movimento de unificação dos estados alemães passava pelo conhecimento espacial e humano de regiões diferentes e culturas distintas, apesar da mesma matriz.

O primeiro deles, Humboldt, integrante da aristocracia prussiana, percorreu várias partes do mundo – principalmente as Américas - às custas da família imperial. O enorme material coletado pelo geógrafo durante os cinco anos que esteve em solo americano lhe permitiu, a partir dos dados empíricos, realizar um trabalho que foi muito além da classificação dos espaços, mas, principalmente, ensaiou uma metodologia para instituir as inter-relações entre os vários espaços do planeta e suas comunicabilidades, em outras palavras, a articulação do geral para o particular foi obra desse pensador. Humboldt é considerado o primeiro grande pensador da geografia física, e contribuiu de maneira decisiva para a reflexão em conjunto das várias atividades que compõe o trabalho do geógrafo: Mapeamento de rios, distâncias entre regiões, recursos naturais, sistemas de transportes, tipos de

⁵⁶ FREEMAN, T. W. *A Hundred Years of Geography*. London, Gerald Duckworth, 1961, p. 51.

culturas e formas de inter-relacionamento entre elas, fluxo de migrações e outros dados tabuláveis e quantificáveis.

Mas a participação do homem como ator das transformações espaciais foi tarefa de outro pensador prussiano, e igualmente considerado fundador da geografia: Karl Ritter. As formulações de Ritter são mais clara e com repercussões marcantes no desenvolvimento futuro da ciência. O geógrafo, também funcionário público (professor universitário e ministro da corte da corte prussiana), cuidou de dar sentido à relação raça e espaço geográfico. Para o pensador, os homens foram colocados nos espaços pelo Criador, com um propósito pré-estabelecido. O desenvolvimento moral e científico de um determinado povo é prova de que fez por merecer a benção divina. Segundo Ritter, a história de um povo se relaciona diretamente com as condições ambientais e o desenvolvimento atingido pela sociedade é mostra de sua capacidade de superação – via progresso – dos obstáculos:

“Chegará um tempo em que uns homens dotados de igual força abarcarão ao mesmo tempo, com uma visão de águia, tanto o mundo físico como o mundo moral. Da totalidade dos fatos da história do mundo, talvez possam descer do geral ao particular, com tanta segurança com a política se elevou do particular para ao desenvolvimento geral da espécie. Talvez com todos estes dados gerais possam perceber de antemão a marcha necessária do desenvolvimento de um povo no âmbito determinado do que lhe haviam eleito e indicar com antecipação o caminho que deve seguir para alcançar a felicidade que a eterna Providência reserva a cada povo fiel em sua missão”⁵⁷.

Mas o geógrafo de maior influência no final do século XIX foi o igualmente prussiano, Frederick Ratzel. Partindo de um determinado olhar da história recente e agregando conceitos do evolucionismo, Ratzel propõe explicações sobre a “influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade”. Obstruindo ou acelerando, o meio natural é um condicionante da evolução de um determinado povo. Segundo o autor, “(...) o território

⁵⁷ Ritter, *apud* MORAES, *Op. cit.*, p. 167.

representa as condições de trabalho e existência de uma sociedade. A perda de território seria a maior prova de decadência de uma sociedade".⁵⁸ O oposto seria o avanço de outra sociedade graças ao progresso por ela atingido. Tal formulação se constitui em justificativas da ocupação e dominação de territórios de uma determinada cultura em face de outra, concebendo tal movimento como um processo *natural* decorrente do choque entre uma cultura evoluída e outra primitiva. Esse movimento foi conceituado pelo autor como "espaço vital". Assim, quanto maior o progresso atingido pela sociedade, maior seria sua necessidade de ocupação territorial. Ratzel fez escola com inúmeros seguidores e está na raiz do sub-ramo da geografia: a geopolítica.

A importância das colocações de Ratzel – que expressavam os interesses expansionistas de seu país, um verdadeiro "manual de imperialismo", como classificou L. Febre – provocou debate em outro grande nome da geografia do final do século XIX, Paul Vidal de La Blache. O geógrafo francês faz a crítica ao pensador alemão no que se refere as suas explicações sobre o processo de colonização. Pregando uma objetividade maior no discurso científico e uma vinculação menor, ou menos explícita, da geografia com os interesses políticos imediato, La Blache rechaça a idéia de espaço vital e propõe outra forma de relacionamento entre os povos através de trocas culturais, um processo que se mostraria de maior interesse comum e enriquecimento mútuo entre as nações. Para La Blache, a geografia não deveria se prestar à instrumentalização de guerras de conquista de territórios, mas sim de processos de colonização, via civilização. A crítica proposta pelo geógrafo francês não deslocou o "viés" da geografia como ciência de estado. Pelo contrário, o contexto das formulações de Le Bache estava inserido na disputa territorial entre Alemanha e França no final do século XIX, quando o governo francês empreendia esforços para aplacar o desejo de conquista territorial germânica. A aparente desmilitarização e

⁵⁸ Ratzel, *apud* MORAES, p. 56.

assepsia do conhecimento geográfico era uma resposta a tais pretensões e, ao mesmo tempo, legitimava a colonização francesa.

“Ao definir o progresso como fruto de relações entre sociedades com gêneros de vida diferente, num processo enriquecedor, Vidal de La Bache abriu a possibilidade de falar da missão civilizadora do europeu na África. E, assim, legitimar a ação colonialista francesa. Dessa forma, uma legitimação indireta, onde o tema da expansão e do domínio territorial (assim como os demais assuntos diretamente políticos) não são sequer mencionados”⁵⁹

O pequeno resumo dos principais fundadores da geografia moderna deixa claro a vinculação da ciência com as preocupações de Estado. De maneira direta ou mesmo indireta, tais debates apareciam na revista. Mesmo a contribuição teórica dos geógrafos europeus eram explicitadas nos artigos conceituais da revista e, na verdade, estavam instruindo as chamadas matéria mais descritivas, de campo. Principalmente os alemães: Ritter e Ratzel, ao lado de seus seguidores, dão o tom dos artigos publicados pela revista. Em um deles, todo dedicado ao papel da contribuição do pensadores alemães para a Geografia, a revista, não poupou elogios, principalmente a Ratzel. No artigo “German Geographers and German Geography”, Ratzel é considerado o maior pensador da geografia de todos os tempos, aquele que deu fundamentos e base científica para a ciência.⁶⁰

Mesmo a mudança da linha editorial da revista em 1896 – com simplificações da linguagem e dos conceitos –, não alterou a face de oficialidade da revista, tampouco significou mudança de eixo teórico ou dos objetos centrais dos assuntos considerados “clássicos” da geografia.

Mas houve, porém, um resgate da velha tradição da geografia vinda dos relatos de viagens. Como a revista se tornou, a partir de 1896, antes de mais nada um produto comercial e mais popular, era preciso saber

⁵⁹ Idem, p.71.

qual tipo de demanda estava mais ao gosto do potencial público comprador – agora bem mais massificado do que antes. Os relatos curiosos de povos distantes, com hábitos e culturas diferentes era um excelente atrativo da revista. A curiosidade do conhecimento de outros povos se unia com a preocupação do auto-conhecimento, dos cidadãos nacionais, do próprio país. Indispensável lembrar o tamanho continental dos EUA e, portanto, o natural esforço de um discurso de integração nacional. Em outras palavras, o país norte-americano – assim como todos os países ocidentais – estava engajado na elaboração de um discurso que desse consistência à própria nação.

Geografia, Estado Nacional e Nacionalismo

Além das preocupações de administração, de expansão ou controle de um determinado território, a geografia, no final do século XIX, foi utilizada como elemento constitutivo do discurso da identidade nacional.

O sucesso da consolidação política do Estado Nacional está diretamente relacionado com a construção do discurso nacionalista. As revoluções burguesas da primeira metade do século XIX trouxeram, como questão premente, a elaboração do discurso nacionalista, cuja função era ao mesmo tempo substituir os elos sociais do antigo regime (sobretudo a Monarquia e a Igreja) e instituir uma legitimação das novas bases sociais, calcadas na particularidades das nações.

A montagem do discurso passou tanto pela eleição de emblemas e símbolos nacionais como pela “educação” e “introjeção”, na sociedade, desses símbolos. Porém, mais importante que a elaboração de símbolos formais da nação (bandeiras e hinos), o discurso nacionalista preocupou-se com a articulação de um sem número de imagens que representassem as particularidades de determinado país. O trabalho

⁶⁰ Martha Krug Genthe, “German Geographers and German Geography”, setembro/1901,

desenvolvido pelos intelectuais engajados na construção da nação se deu pela seleção de características que fornecessem as peculiaridades “de seu povo”.

A compreensão do discurso da Nação passa pela conceitualização do problema sobre o que é uma nação. Conforme define Benedict Anderson “nação é uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana.”⁶¹

O fato de ser imaginada traz consigo uma peculiaridade e uma das faces mais importantes do discurso. Por envolver um processo de construção/invenção, há fortes elementos de arbitrariedade, implícitos em todo processo de escolha. A eleição dos traços/componentes em comum daquele determinado grupo – língua, raça, religião, cultura, história, temperamento, etc – não se sustentam diante de uma investigação ou comprovação mais rígida ou contundente. Um dos procedimentos mais comuns na identificação do Nacional é a eleição de alguns traços aparentemente pertencentes a todos os integrantes da comunidade. Nenhum nacional conhece seu semelhante, embora mentalmente esteja presente a existência deles em perfeita comunhão de propósitos e características em comum que os fazem pertencer a um determinado grupo específico⁶². Se essa tarefa é difícil em uma sociedade menor e mais homogênea, que dirá de sociedades mais complexas e cada vez mais plural, como eram os casos dos países americanos (latino-americanos e mesmo dos Estados Unidos, que receberam forte correntes migratórias a partir da segunda metade do século XIX). Aqui a arbitrariedade se torna mais saliente, pois a construção de elementos comuns que serão generalizados partem da pré escolha de um grupo (classe ou segmento) dentro da própria sociedade, que transfere suas qualidades ou características como pertencentes a todo grupo (nação). Trata-se de um processo ao mesmo tempo arbitrário e inconsistente, na medida que o protótipo nacional não é comum a todos.

pp.324/337.

⁶¹ ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo, Atica, s/d, p.14

⁶² Idem, *Op. cit.*, pp. 14-15.

A necessidade de limitação do grupo é outra característica fundamental para legitimar sua identidade e independência diante dos grupos estranhos ou melhor, estrangeiros. Por razões óbvias, as características eleitas para um determinado povo não devem, preferencialmente, integrar os perfis de outros povos ou nações, sob pena de se perder o elemento identificador. O que é “comum” a vários povos não serve como diferenciador, não devendo ser utilizado como característica nacional ou, se for importante na arquitetura do discurso, deve ser “suprimido” dos povos estrangeiros. Daí o aspecto “criado” ou “inventado” da nação. Nas palavras de Gellner: “o nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele *inventa* nações onde elas não existem”.⁶³

A percepção de criado ou inventado não deve se traduzir como algo mentiroso ou falso, como se ao desvendar a possível farsa submergeria uma “verdade”. O processo de criação do nacional se traduz mais na formulação discurso que agrega e legitima um determinado povo em uma base territorial.

A elaboração do discurso passa necessariamente por um processo de eleição de determinados pontos ditos característico daquela sociedade que permita sua auto-identificação e diferenciação com os demais povos (daí sua limitação). Faz parte desse processo, ao descrever o que é nacional, identificar também o que não pertence àquela sociedade ou nação. Em outras palavras, ao se dizer o que se é, se diz também o que não se é. Para solidificar o conceito do nacional, era preciso polarizar as diferenças e fixá-las. Um dos produtos finais desse procedimento é a criação de estereótipos, assentado em um imaginário comum.

E a revista estava em sintonia com esse processo. Exemplo típico desse procedimento foi uma série instituída pela revista mostrando “os quatro cantos do mundo”. O mote da série era trazer, em termos comparativos, como eram as mulheres e crianças asiáticas, a forma de fazer pão entre os países ocidentais, de se transportar em várias regiões do

⁶³ GELLNER, Ernest. *Nações e Nacionalismo*. Lisboa, Gradiva, 1993, pp. 19-22.

planeta, ou como as pessoas se vestiam em diversos países. O curioso inventário das diferenças se justificava, por si só, como conhecimento útil, é o que diz a reportagem, publicada em abril de 1907, sobre mulheres e crianças orientais:

“A knowledge of the people of other lands is a essential to the success of a nation nowadays as the understanding of human nature is essential to the success of na individual. It is believed that this series have much educative value and are worthy of considerable study”⁶⁴

Evidentemente, na forma de apresentar as diferenças, estava implícito, ou, muitas vezes, explícito, um juízo de valor que hierarquiza as sociedades apresentadas. Em uma dessas reportagens, publicada no número de novembro de 1907, com o título “Queer Methods of Travel in Curious Corners of The World” sobre os meios de transporte utilizados pelo mundo a fora, o texto faz o seguinte comentário:

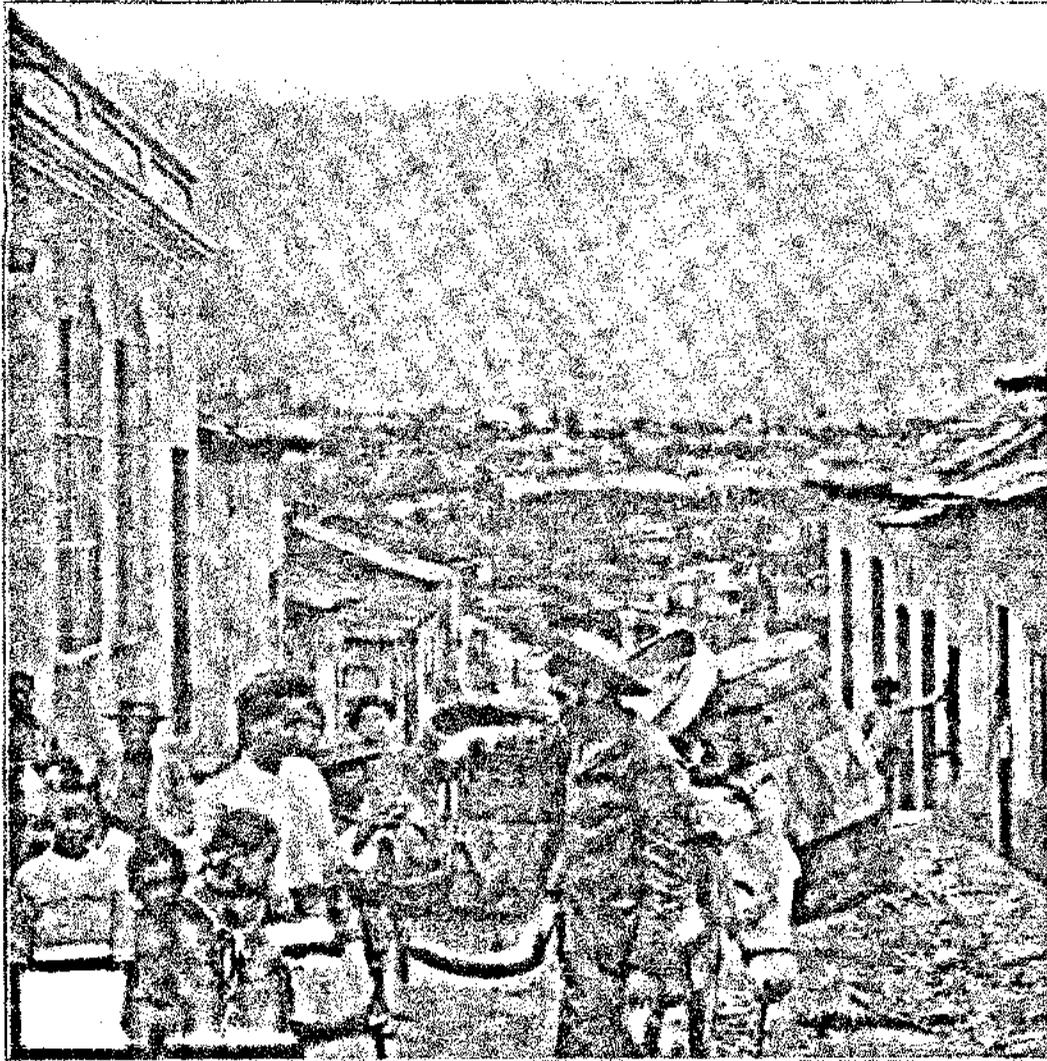
“To the man or woman who has been accustomed to travel by the comfortable methods of our own country a marked contrast is found in the burro of Mexico, the llama of South America, the sledges of Madeira, the saddle on of Central Africa, the camel of the desert, the donkey of North Africa and Arabia, and the “dandy” of India, the yak of Tibet, the trotting of Ceylon, the elephant of Siam, the carabao of the Philippines, the wheelbarrow and sedan chair of China, the pack bull and patanquin of Korea, and the jinrichsha and kago of Japan. From the moment the traveler leaves the temperate zone countries of the occident and plunge int the tropics of the orient he finds as a poor subsitute for that noble animal, the horse, the donkey, the llama, the camel, the elephant, the carabao, and finally, man in those densely populated sections

⁶⁴ “Women and children of the East”, abril/1907, pp 248/271.” Conhecimento de pessoas de outras terras é tão essencial para o sucesso de uma nação nos dias de hoje como o entendimento da natureza humana é essencial para o sucesso de um indivíduo. Acredita-se que essa série tem muito valor educativo e é de valor considerável estudá-la.”

where labor is cheap and land cannot be spared to support animals for transportation."⁶⁵

As vinte e sete páginas da reportagem trazem duas dúzias de imagens de "nativos" com roupas típicas de cada região andando no lombo das referidas bestas, ou em veículos tracionados por elas. Não só a composição da roupa e do animal típico da região estão caracterizados, mas todo campo visual é um verdadeiro cenário para o leitor da foto. Na imagem que representa a Índia, além do turbante e da bata que veste o personagem, o fundo da cena são castelos da região. Na representação do árabe, montado no camelo, a paisagem é um deserto. Para caracterizar a América Latina, a primeira foto da reportagem, mostra a imagem de uma rua de terra, repleta de crianças maltrapilhas acompanhadas por um casal de mestiços que se encontra do lado esquerdo do personagem principal da tema reportado, o burro (foto 01). A legenda diz somente "*The Burro or Donkey of Spanish America*". A falta de melhor identificação da imagem – qual cidade ou mesmo país daquela foto – é revelador do processo de homogeneização, pelo discurso da revista, da existência de uma América Latina sem diferenças significativas entre os países que compõem o bloco. Além disso, o fato de legendar apenas o burro parece significativo da desqualificação do povo. Há na imagem onze pessoas, o animal, pelo espaço ocupado na foto, não passa de um detalhe visual, porém foi eleito como o tema principal pela legenda.

⁶⁵ "Queer Methods of Travel in Curious Corners of The World", novembro/1907, pp. 688." "Para o homem ou mulher que está acostumado a viajar de maneiras confortáveis de sua própria cultura, um contraste marcado é achado no burrico do México, na lhama da América do Sul, nos trenós da Madeira, nas selas da África Central, no camelo do deserto, no burro da África do Norte e Arábia, no carro de boi e no 'dandy' da Índia, no boi tibetano, no boi trotante de Ceilão, no elefante da Tailândia, no búfalo das Filipinas, na carretilha e cadeiras da China, no Palaquin da Korea, e no jinrichsha e kago do Japão. Desde quando o viajante deixa países da zona temperada do ocidente e mergulha nos trópicos do oriente, ele encontra como substituto para aquele nobre animal o cavalo, o burro, a lhama, o camelo, o elefante, o boi, o búfalo e finalmente, o homem naquelas seções densamente populosas onde o trabalho e a terra não podem ser distribuídas para suportar animais para transporte."



The "Burro" or Donkey of Spanish America

have 1 horse for every 362 persons; in South America, 1 for every 7; in Mexico, 1 for every 12; in Japan, 1 for every 33; in Turkey, 1 for every 40; in the Philippines, 1 for every 50; in Africa, approximately 1 for every 150; in India and Southern China, 1 for every 200.

The comparative absence of the horse in the tropics is due chiefly to climatic conditions, and in the orient to the fact that the density of population prohibits the utilization of land for the production of his food. In his place we have, there-

fore, scattered through the tropical and oriental countries of the world, approximately 3 million camels, 10 million donkeys, and 20 million buffaloes or caribos, and everywhere that horses are not available, the patient, slow-moving ox.

The llama will carry from 50 to 200 pounds; a man, from 75 to 150 pounds; the donkey, 100 to 200 pounds; an ox, 150 to 250 pounds; a horse, from 200 to 250 pounds; the camel, from 350 to 500 pounds; the elephant, from 1,500 to 2,500 pounds.

Com imagens mais contundentes quanto à superioridade americana, na reportagem publicada em março de 1908, com o título "*Bread Making in Many Lands*", a revista mostra que em alguns lugares ainda se faz o pão amassando a farinha na pedra – como é o caso em El Salvador (**foto 02**) – , em outros, pendurando a massa em varetas e árvores para secar ao ar livre – como é o caso de São Vicente, no Caribe (**foto 03**) - ou mesmo em calçadas de vias públicas, como é o caso da tortilha mexicana (**foto 04**). O processo americano de fabricação do pão é industrial/moderno, e mesmo científico, feito não à mão, mas por máquinas esterilizadas e eficientes, com direito a uma imagem semelhante a um laboratório, referência clara à ciência (**foto 05 e 06**). A observação de que tais processos são tradicionais e integram a cultura de cada povo está mais associada com a comprovação geral de atraso desses países - em oposição direta à modernidade norte-americana – e menos com a mera curiosidade antropológica de diferenças culturais.

Nesse sentido, a geografia prestou grandes serviços. Como lembra Capel, foi exatamente no momento de expansão territorial das nações européias que a geografia se tornou obrigatória como grade curricular em todas as instâncias da formação escolar. A função do ensino da geografia estava envolta do discurso nacionalista. Conhecer a pátria, defender a nação, saber o porquê das diferenças entre os povos e, sobretudo, munir-se de argumentos contra os opositores do nacionalismo, como por exemplo, a sociologia de cunho marxista, que prega o internacionalismo dos povos. Um discurso articulado nesse sentido foi proferido pelo professor Dubois, pronunciado na aula inaugural do curso de geografia colonial na universidade francesa da Sorbone, em 1893:

"Sin duda la geografia molesta a su propaganda, porque la quimera de la supresión de las fronteras y de las patrias choca precisamente con la realidad de las causas concretas que mantienen a los grupos de hombres separados. Porque en realidad la geografia tiene la mala, aunque yo preferiría decir la buena, fortuna de

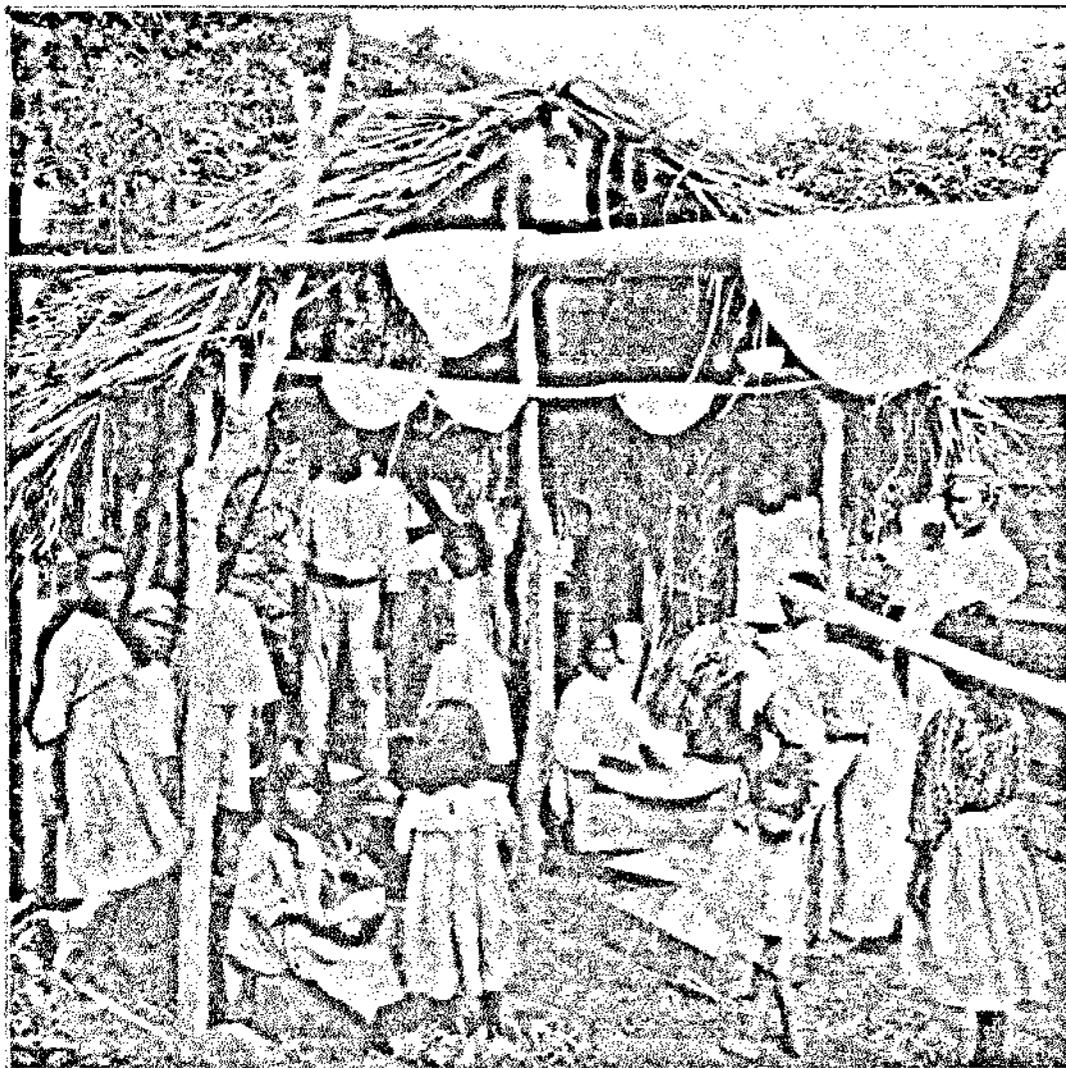


MAKING TORTILLAS, SALVADOR, CENTRAL AMERICA

Tortillas are prepared from Indian corn, which is first parboiled to make it clean and soft. The meal is then crushed into a paste with a stone rolling pin on a small stone table, as in this picture, after which it is baked on a plate of iron or earthenware, but not enough to brown the tortilla, which is served hot. Copyrighted by the Keystone View Co.

MAKING BREAD

165



MAKING CASSAVA BREAD, BAYLY S. COAST, WEST INDIES

Cassava is a native plant of tropical America, but has been extensively introduced into Africa and other tropical countries. It grows in bush form, usually six or eight feet high and its roots, which grow in clusters, vary in size from a few inches to three feet long, and sometimes weigh as much as twenty five pounds. Cassava roots form the principal food of the common people in tropical America. It is generally handled commercially in the form of meal, somewhat resembling potato, but is quite into thin, round cakes by the natives, known as cassava bread. The meal is exported from some parts of the West Indies to Europe, where it is used in manufacture as a starch, and is also formed into tapioca. The series of illustrations of making bread, pages 164-179, are from photographs by the Kersting-Yong Co., and are copyrighted by them.

SELLING TORTILLAS, MEXICO

167



TORTILLA MARKET, GUADALUPE, MEXICO

One of the strange customs noticed by Americans in Mexico is that the natives are almost constantly eating from morning until night. Whenever a train stops there are men, women, and children selling boiled eggs, fried chicken, and many dishes distinctly Mexican, all generally seasoned with Chile and other acid spices, native cakes (tortillas), perhaps prepared and cooked at the train table, are also to be had, and there, too, may always be found the woman with her bottle of pulque. At the market a large portion of the purchases are for immediate consumption, hence, as shown in this view, women are always present with a handful of dough and portable charcoal stoves, supplying hot tamales and tortillas. This view shows the tortilla-makers as they appear on Sundays and feast days in front of the Cathedral Guadalupe. Copyrighted by the Keystone View Co.



FROM THE ALASKA BAKERY, WASHINGTON, D. C.

THE LABORATORY OF AN AMERICAN BAKERY, WHERE ALL THE INGREDIENTS ARE CAREFULLY TESTED.

MARKING THE ALASKAN BOUNDARY

UNUSUAL difficulties are being met and overcome in marking the Alaskan boundary as determined by the Boundary Tribunal at London in 1903. The shortness of the season in which the work can be done, the absence of all trails, the necessity of climbing almost inaccessible peaks, and the severe cold practically all the time have made the surveying of the boundary a very hard problem. The work is, however, being pushed vigorously by both the United States and Canadian governments.

The illustrations on pages 180-181 will give the reader an excellent idea of the region in which the work is being done. These illustrations are from photographs by Messrs Radcliffe Hordern and E. B. Martin, of the Alaskan Boundary Survey, and have been sent to this Magazine through the courtesy of Hon. O. H. Tamm, Alaskan Boundary Commissioner for the United States.

Kate's Needle, whose peculiar profile is shown on page 180, is about 10,000 feet high, and is the highest mountain in southeastern Alaska outside of the Saint Elias and Mount Fairweather ranges. It is one of the boundary mountains selected by the Tribunal of London. Whichever of the pinnacles projecting above its summit ridge is chosen as the exact turning point in the boundary will be a grander and more enduring monument than any which can be built by human agency. The reader will note the remarkable profile of a female face with a striking head-dress.

The mountain is the source of great glaciers lying on its slopes, and from one of these in a most inaccessible region this photograph was taken by Mr Radcliffe Hordern, of the Alaskan Boundary Survey. The mountain is 8 miles west of the Stikine River and about 34 miles from Point Roberts at the mouth of the river.

The views on pages 181-182 were all taken by Mr Martin in the vicinity of Glacier Bay, Alaska.

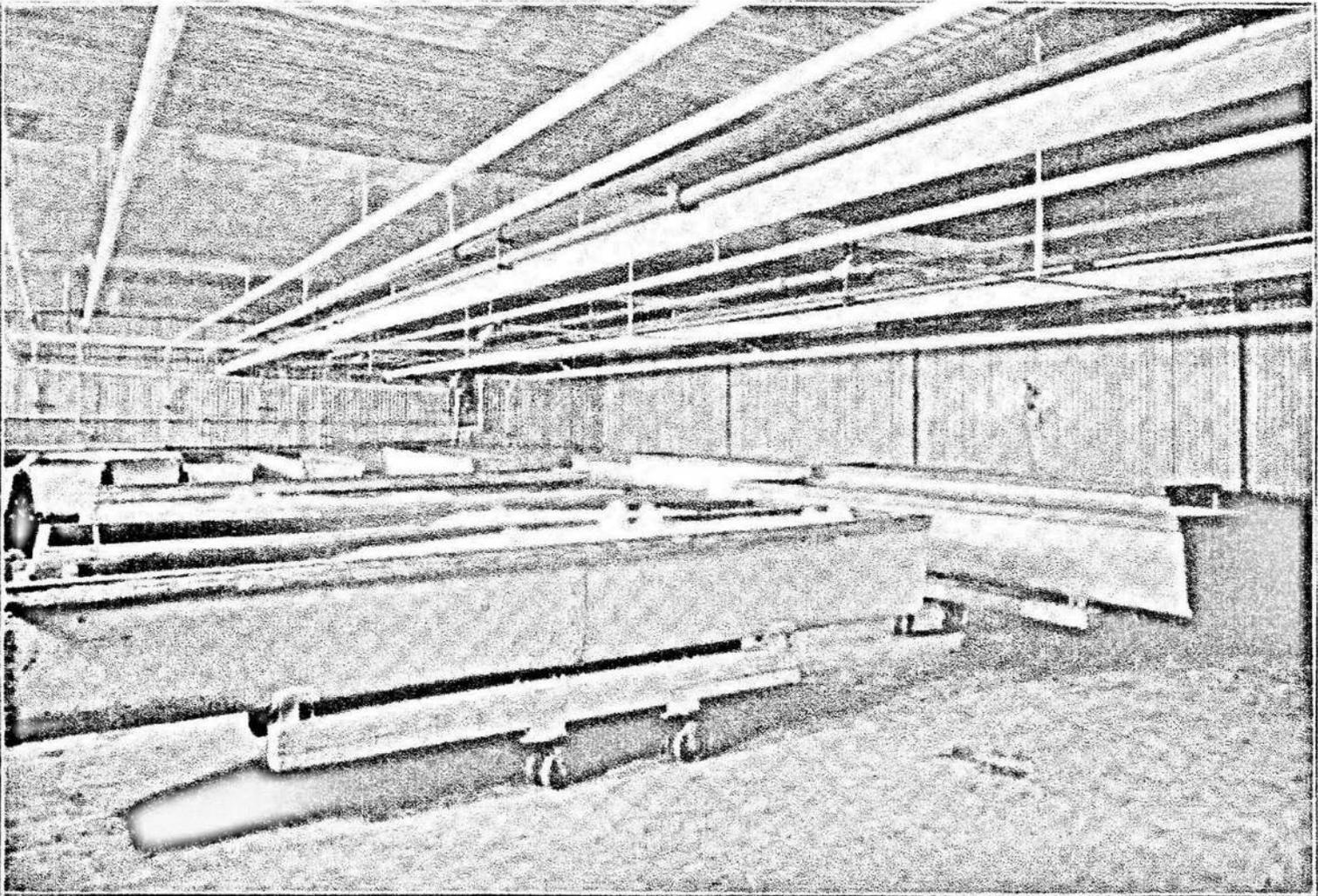


Photo. by Clara B. J., Washington, D. C.

THE DOUGH ROOM OF AN AMERICAN BAKERY WHERE THE FERMENTATION OF THE DOUGH IS ACCOMPLISHED

obstaculizar el camino de esos enemigos declarados o disimulados de la idea de la patria. Ellos han jurado demostrar que una cierta sociología podría sustituir completamente el papel de la geografía, porque necesitan, para sus combinaciones que no tienen nada que ver con la ciencia, un hombre abstracto, siempre el mismo, sustraído a toda acción de las influencias complejas de la naturaleza. y me agrada oír, de la boca de hombres a los que no se reprocha ordinariamente por sus excesos de ortodoxia religiosa o moral, que la geografía es acusada de no ser más que una escuela de materialismo y de fatalismo"⁶⁶

Com o mesma preocupação, a *National Geographic* veio a público defender a importância da geografia para a formação do cidadão e denunciar a falta de cuidado por parte do governo dos Estados Unidos em implementar uma política mais séria nesse ensino. O artigo publicado em fevereiro de 1902, com dez páginas - um dos raros que atacava diretamente o governo federal - descreve os benefícios do ensino da geografia para formar cidadão, e, ao mesmo tempo, se indignava com o "amadorismo" como era ensinada a disciplina no país, geralmente entregue a professores sem qualquer habilitação no assunto:

"Geography has na important position as a fundamental branch of instruction in the schools. The length of time devoted in it would lead us to expect from it highly important result in mental discipline. (...) The teacher in the grades has as her primary work instruction in reading, writing, arithmetic, and geography. A training that will adapt a person thoroughly for the task of teaching the first three may fall far short of fitting her for a geography teacher; for to teach geography well requires knowledge, not necessarily profound, but nevertheless fairly thorough, upon a large range of topics. One must know enough physics to grasp the meaning of climatic differences, enough history to appreciate the influence of history upon political geography, etc".⁶⁷

⁶⁶ Discurso de Dubois, 1893, citado por CAPEL, *Op. cit.*, p. 129.

⁶⁷ "The Teaching of Geography", fevereiro/1902, pp. 55-64. ""(...) Geografia tem uma posição importante como um braço fundamental de instrução nas escolas. A quantidade de tempo devotado a ela nos levaria a esperar resultados altamente importantes na disciplina mental.

Esse saber, que deveria se passar já nos primeiros anos escolares, se dava através da demonstração concreta de exemplos, fatos, situações. Um dos procedimentos da geografia foi a catalogação do que era específico de cada região, de cada país, de cada povo. O inventário das diferenças foi o sólido arcabouço para se fazer a “demonstração” da peculiaridade da região e, portanto, da própria nação. Mostrar povos distantes ressaltando as diferenças (explorando o exótico), era exatamente o que se entendia, em uma tradição mais antiga, como conhecimento geográfico. A recente cientificidade da Geografia, a partir de ciências aplicadas, não extinguiu a antiga sedução pela curiosidade, que permaneceram ou voltaram revigoradas, reforçando imaginários já constituídos.

As matérias referidas neste capítulo servem como uma demonstração, em concreto, de “idéias forças” com as quais a revista parece trabalhar. São materializações de conceitos, que por meio de reiterados exemplos, reforçam uma imagem também conceitual, um imaginário sobre o tema reportado. Mas a repercussão de tais imagens só pode ser entendidas a partir da verificação do contexto da sociedade na qual está o leitor da revista.

O Público Leitor da Revista.

(...).O professor tem como seu primeiro trabalho nos primeiros anos, instruir em leitura, escrita, aritmética e geografia. Uma preparação que adaptará uma pessoa profundamente para a tarefa de ensinar perderá as três primeiras características se for para levá-la a ser uma professora de geografia, pois teria que ter também conhecimento, não necessariamente profundo, mas completo, de uma grande variedade de tópicos. Você precisa saber o suficiente de geologia para entender geografia natural; o suficiente de física para captar o significado das diferenças climáticas, o bastante de história para apreciar a influência da história na política geográfica, etc.”

Como foi dito anteriormente, é possível deduzir, durante a história da *National Geographic*, uma mudança de público leitor. Nos primeiros anos da revista, pelo discurso e linguagem empregados, pela ausência de ilustrações atraentes e mesmo pelo tipo de publicidade encontrada – máquinas de datilografar, instrumentos de precisão, e coletâneas ou livros científicos -, o público alvo, e muito provavelmente o leitor de fato do boletim, eram realmente pessoas mais qualificadas tecnicamente, com maior afinidade em relação aos assuntos veiculados pela revista, provavelmente profissionais de engenharia, geologia, hidrologia, ou afins.

Mas se a alteração editorial da revista em 1896 correspondeu a uma mudança intelectual média do público leitor, o mesmo não deve ter ocorrido quanto ao estrato social ou poder aquisitivo do comprador. Primeiro porque não houve mudança de preço da revista. O valor permaneceu idêntico durante muitos anos após a “revolução” editorial. Segundo porque, mesmo havendo uma simplificação da linguagem, esta não deixou de se valer de conceitos técnicos e mesmo de sofisticação científica, exigindo do público um preparo intelectual mais elaborado. Além disso, há outros elementos mais diretos, como o material publicitário, presente nas páginas a partir do século XX, que, com bastante constância, oferecia bens e serviços típicos de grupos sociais mais bem aquinhoados, como por exemplo viagens/cruzeiros, máquinas de escrever, máquinas fotográficas, pianos, automóveis, charutos, produtos de higiene pessoal, telefones e tanto outros. A própria revista, quando se dirige ao público leitor, se refere a homens e mulheres “educados”⁶⁸.

Assim, pode-se concluir que o leitor da revista constituía-se basicamente de uma classe média que estava se formando: advogados, engenheiros, médicos, estudantes, comerciantes, políticos e uma infinidade de outros profissionais urbanos – entre eles os próprios jornalistas de outros meios de comunicação. Esse público eram exatamente os formadores de

⁶⁸ O termo é repetido a cada vez que a revista se dirige ao leitor.

opinião, receptores e, principalmente, multiplicadores de informação e conceitos para um público mais amplo, ou mesmo agentes/atores diretos em decisões sociais.

Indispensável dizer que a referida classe média, leitora do periódico, nasceu da necessidade de se operar a nova economia industrial, responsável pela criação/invenção de inúmeros novos produtos para o consumo, e principal elemento fomentador do espantoso crescimento populacional das cidades, responsável direta dos grandes centros urbanos. Por sua própria natureza, a nova economia requiritava um sem número de novas profissões com qualificações técnicas até então inexistentes. Profissões essas que, por seu turno, exigiam maior tempo de ensino em bancos escolares. Compreensível, portanto, o comprometimento - ideológico e mesmo afetivo – desse grupo com o contexto do novo processo produtivo, alçado como um valor em si e inquestionável, verdadeiro critério discriminador e balizador na qualificação da sociedade analisada.

O cidadão ou cidadãs “educados” para os quais a revista escrevia, estavam direta ou indiretamente envolvidos nesse novo arranjo da economia internacional, e, portanto, tinham interesse direto nos assuntos cobertos pelo periódico. As guerras internacionais no período, o tráfego comercial internacional entre os países, a anexação de territórios na África ou Oceania, os novos avanços tecnológicos e mesmo informações sobre os povos que estavam envolvidos nos referidos conflitos eram assunto do dia a dia, sendo objeto de debates em salões de festas ou reuniões privadas e atingia a todos de maneira direta ou indireta, exigindo um mínimo de conhecimento dos lugares aos quais a grande imprensa fazia menção e que a revista detalhava. Saber geografia era indispensável para se compreender o novo mundo do final do século, é o que dizia um artigo da revista em fevereiro de 1905:

“It has been often remarked how much the various wars of the past ten years have educated the people in geography. Southeastern Europe, South Africa, the

West Indies, the China coast, Japan, Korea, and a Siberia have in their turn been "discovered" by millions of peoples who had previously entertained very hazy notion as to their existence on the face of the earth. Yet, rather singularly, there are more complaints today concerning the ignorance of geography among all classes, high and low, than ever before."⁶⁹

Informações geográficas, portanto, tinham um interesse premente para as pessoas "educadas" e a revista se propunha a informá-las. A maneira como utilizou os recursos fotográficos, articulados com os demais elementos editoriais, para descrever o próprio país e os países da América Latina, será o assunto dos próximos capítulos.

⁶⁹ "Geography and Culture", fevereiro/1905, p.70. "Tem sido sempre lembrado como as várias guerras dos 10 anos passados educaram as pessoas em geografia. O sudeste da Europa, África do Sul, as Índias Ocidentais, a costa da China, Coréia e a Sibéria foram descobertas por milhões de pessoas que foram previamente entretidas com noções muito confusas com sua experiência na face da terra. Ainda, de forma singular, há mais reclamações hoje com relação a ignorância à geografia entre as classes, alta e baixa, que antes."

Os Estados Unidos: A Grande Nação

Quando a *The National Geographic Magazine* começou a circular, os Estados Unidos estavam passando por grandes transformações econômicas e sociais. Os anos de 1890 são identificados pela historiografia norte-americana como o início da "Era Progressista", que se estendeu até a década de 1920⁷⁰. A marca do período foi o espetacular desenvolvimento econômico do país, colocando-o definitivamente em posição de destaque no quadro dos países industrializados. A vitória dos Estados do norte na guerra de Secessão, vinte e cinco anos antes, acelerou o processo de industrialização que tomou força na última década do século XIX. Foi nos anos noventa daquele século que o país completou uma unificação interna, multiplicando sua malha ferroviária, ampliando e estendendo leitos navegáveis de rios e implantando um monumental sistema de comunicações para a integração de todo o país.

Entre 1895 e 1914 o governo norte-americano investiu milhões de dólares na construção de estradas de ferro, usinas elétricas, portos, túneis, barragens, sistemas de irrigação para a agricultura, pavimentação de estradas e ruas urbanas, construção de dutos e tubulações para cabos de transmissão de telégrafos, postes para implementação da instalação de rede elétrica e cabos de telefone. A política de realização de obras públicas atendia à exigência do novo modelo industrial, constituído, cada vez mais, por grandes empresas. Os novos gigantes da economia industrial concentravam dinheiro e poder, que combinados com o avanço tecnológico da época, promoviam uma produção ao mesmo tempo diversificada e em escala até então nunca imaginada. O poder político mais do que nunca estava a serviço desses grandes conglomerados e praticamente se fundira

⁷⁰ Nesse sentido, ver LINK, Arthur. *História Moderna dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1965, e LEUCHTENBURG, William (org.). *O Século Inacabado. A América desde 1900*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1973.

em uma plutocracia empenhada em um mesmo objetivo: aliciar insumos para alavancar o desenvolvimento industrial do país. O modelo de desenvolvimento estava calcado na produção em grande escala para o consumo em massa de um diversificado número de produtos criados ou inventados como necessários para a vida civilizada, o que exigia maior volume de mão-de-obra, atraindo correntes migratórias de praticamente toda parte do mundo.

A revista estava em perfeita sintonia com os novos ares de modernidade da economia do país. Um bom exemplo foi um artigo publicado em abril de 1907, da lavra de um funcionário do Estado Norte-americano, discorrendo sobre os milhões de dólares que o governo de seu país iria investir naquele ano em obras de irrigação. Os três primeiros parágrafos do texto de 27 páginas são representativos do olhar da revista sobre os Estados Unidos:

"(Millions for moisture
An account of the work of the U. S. Reclamation Service

"We are living in an age of big things. It is a creative epoch. Our perspective has broadened to such an extent that it is no longer confined by geographical lines. It embraces the whole world, the undiscovered Poles not excepted. It is the day of the engineer, and in no previous period of our history has he occupied so prominent a place in national affairs as he does today. The National Treasury and the surplus of huge corporations are at his command. Unafraid, he is proceeding to cut a great gash across a continent, through which the shipping of the world may pass. Eighty millions have been appropriated this year to deepen out waterway to relieve congested traffic conditions. He has tunneled the streets of our great cities for many miles to furnish readier transportation. Thousands of miles of steel are being laid to connect new regions with the nation's markets. We are today launched upon a policy of internal expansion which many have declared to be the most paternal ever attempted. Our government is actually loaning money to its citizens and making homes for them, and is loaning it as a father to a son - on long time, without interest.

Our June 17, 1902, Congress enacted a law known as the National Reclamation Act, Briefly, this act provided that the money received from the sales of public lands in fourteen arid states and two territories should be used as a reclamation fund for the construction of the works necessary to irrigate arid lands in those states and territories. By wise provisions in the law this fund was made revolving. As soon as any work is completed the owners of land benefited must begin to return the cost thereof, payments being made in ten annual installments without interest. The money so returned can be used over and over again in the construction of other works. To eliminate speculation and to put a stop to the greedy acquisition of large areas, it was further provided that no man could own more than 160 acres under any of these works, and such owner must actually reside upon and cultivate his land.

"The policy of national irrigation is broadly paternal, yet it is so thoroughly common sense and business like that the wonder is it was not adopted long ago. With the examples of other nations in similar works constantly before us for years, it is well nigh inexplicable that our nation, the most progressive in the world, should have been so tardy in initiating the work upon which it finally engaged less than five years ago."⁷¹

⁷¹ C. J. Blanchard, "Millions for moisture", abril/1907, pp. 217-243." "Milhões para irrigação Uma Conta de Trabalho do Serviço de Reivindicação dos EUA. Estamos vivendo uma geração de grandes coisas. É uma época criativa. Nossa perspectiva tem se ampliado a uma extensão tal que já não mais a podemos deixá-la fixada a linhas geográficas. Ela abraça o mundo todo, os Pólos desconhecidos não são exceção. É o dia do engenheiro e em nenhum outro momento de nossa história ele ocupou um lugar tão preeminente nos casos nacionais como hoje. O Tesouro Nacional e o excedente das grandes corporações estão ao seu comando. Sem temor, ele está procedendo para fazer um grande corte através de um continente, pelo qual a marinha mercante poderá passar. Oitenta milhões foram apropriados esse ano para aprofundar nossos canais para ajudar/aliviar as condições de tráfego congestionadas. Ele construiu túneis nas ruas das grandes cidades de muitas milhas para fornecer transportação rápida. Milhares de milhas de aço estão sendo posicionadas para conectar novas regiões com os mercados das nações. Estamos hoje lançados sobre uma política de expansão interna que muitos declararam ser a tentativa mais paternal que já se viu. Nosso governo está atualmente emprestando dinheiro para esses cidadãos e fazendo casas para eles, e fazendo isso como um pai faz para o filho – a longo prazo, sem juros. Em 17 de junho de 1902, o Congresso promulgou uma lei conhecida como Ato Nacional de Reclamação; resumidamente, essa lei dizia que dinheiro recebido das vendas de terras públicas em 14 áridos estados e dois territórios deveriam ser usadas como um fundo de reclamação para construção de trabalhos necessários para irrigar terras áridas em tais estados e territórios. Por sábia provisão da lei, esse fundo se tornou rotativo. Assim que o trabalho era feito, os proprietários das terras beneficiadas devem receber de volta o custo disto, pagamentos sendo feitos em 10 parcelas anuais sem juros. O dinheiro então devolvido pode ser usado novamente na construção de outros trabalhos. Para eliminar especulação e colocar um fim na aquisição insaciável de grandes terras, era também estabelecido que nenhum homem poderia ter mais que 160 acres sob qualquer um desses trabalhos, e tais proprietários devem residir e cultivar essa terra.

A "Era das Grandes Coisas" a que se referia o articulista foi o período das grandes obras de engenharia, das grandes máquinas, da grande produção, da imigração em massa, do transporte e comunicação mais rápidos, do consumo privado mais fácil (em quantidade, variedade e com preços melhores); em suma, foi o momento da afluência econômica que o país vivia. Mas foi também um período de grandes crises sociais, da revolta dos pequenos fazendeiros, da miséria urbana, do ódio racial, do alcoolismo epidêmico, da prostituição e do abalo das instituições política do país.

Colado ao avanço econômico estava um vigoroso nacionalismo, e com ele, a retomada, consolidação ou reformulação de mitos e idéias sobre o próprio país. A *National* se insere nesse contexto, e como agente do processo, fez um recorte bem preciso desse período e forneceu uma versão sobre ele, transposta em reportagens acompanhada de farto material fotográfico. Durante o período que compreende a pesquisa, os Estados Unidos estiveram presentes em todos os números da revista, o que representa um universo superior a duzentos artigos e/ou reportagens. Os temas eram bem variados: sistemas de transporte, recursos naturais ou minerais de determinada região, desenvolvimento econômico de determinado setor, belas regiões do país, produtividade agrícola, migrações e tantos outros; mantendo, no entanto, um coerente discurso e enfoque positivo dos feitos e resultados obtidos pelo desenvolvimento econômico, ou, simplesmente, enaltecendo as belezas naturais do país.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que as reportagens sobre os Estados Unidos estavam divididas em dois grandes blocos. Um primeiro grupo, certamente em escala menor, tinha como objeto a beleza natural do

A política de irrigação nacional é altamente paternal, e ainda de tanto bom senso e eficiente que o impressionante é que foi adotada há muito tempo. Com exemplos de outras nações com trabalhos similares constantemente antes de nós por anos, é quase inexplicável que nossa nação, a de maior progresso no mundo, teria um trabalho tão tardio de início de trabalho sob o qual foi finalmente engajada há menos de 5 anos atrás."

país. Neste, a reportagem ressalta a imponência do meio natural do país e convida seus leitores a conhecê-lo, repleto de belas montanhas, animais selvagens ou florestas majestosas.

O segundo bloco, constituído por reportagens sobre a transformação do território nacional, descreve o meio natural como uma grande reserva com destinação econômica. Antes de serem belas, intocadas ou mesmo sagradas, as florestas, montanhas, lagos, rios e planícies eram bens na expressão jurídica do termo: representavam riquezas para serem exploradas. Na ordem do discurso, o espaço é primeiramente apresentado pela revista de maneira quantitativa, extensão do território, volume de matérias-primas existentes, métodos de extração e transporte, tudo traduzido em números e gráficos estatísticos. Em seguida, o texto apresenta a importância estratégica da região e de sua reserva, justificando a pertinência do tema da reportagem/artigo. Por último, a revista mostra as transformações operadas pela ação direta do homem, o domínio do espaço e, em linguagem econômica, sua realização financeira. É nessa ordem que será feita a apresentação do capítulo.

A Grande Natureza

Mesmo nas raras reportagens em que há um tratamento menos instrumental/econômico para a natureza, permanece, no discurso, a idéia de utilidade, seja para um despretenso turismo ou mesmo para um passeio educativo. Exemplo desta perspectiva foi a matéria com o título "The Magic Mountain", publicada no número de julho de 1908. O artigo, assinado por J. N. Patterson, descreve a beleza natural do Monte Wilson, próximo a Los Angeles (Califórnia). Segundo o autor, a variedade de

espécies que o lugar contém concorre com as múltiplas vistas oferecidas pela montanha. Com uma altitude de seis mil pés, o Monte Wilson é um observatório natural para cientistas ou mesmo viajantes que certamente irão se vislumbrar com o lugar:

“Towering at an altitude of 6,000 feet above Pasadena, Los Angeles, and the many towns and verdant ranches of the San Gabriel Valley, this remarkable mountain has gained distinction in the world of science as the destined home of the largest lens in existence. But it has other claims which need no astronomical art to reveal, and which, while enchanting the eyes of the world-traveled tourist, are of greatest value to the vast area of homes whose scintillating fairyland of lights this sentinel of the Sierra Madre nightly overlooks.”⁷²

As dez fotos que acompanham a reportagem dão conta dos superlativos utilizados no texto. Oito imagens foram colhidas de cima do acidente geográfico. Nas três imagens que inauguram a série, vê-se o cume da montanha envolto por nuvens. No primeiro plano da terceira foto (**foto 07**), o leitor pode ver duas saliências pontiagudas, em preto, na vertical, localizadas nas duas extremidades do enquadramento da imagem, que contrastam com uma imensa mancha branca ondulada na horizontal que cobre mais de dois terços da imagem. A parte superior da foto, que ocupa aproximadamente um terço do espaço visível, é um horizonte limpo e aberto. A legenda da foto é curta, porém direta: “*Sea of fog: from Mount Wilson*”. Isolada e sem legenda, a foto poderia trazer uma relativa dificuldade para o leitor. Pela distância que foi colhida, os detalhes dos objetos fotografados foram preteridos. Mesmo o ângulo escolhido – foto de

⁷²J. N. Patterson, “The Magic Mountain”, julho/1908, pp. 457-468. “Elevando-se a uma altitude de 6,000 pés acima de Pasadena, Los Angeles, e as muitas cidades e ranchos verdes do Vale de São Gabriel, a extraordinária montanha ganhou distinção no mundo da ciência como um lar destinado das maiores lentes da existência. Mas há outras reclamações que não precisam de arte astronômica para revelar e que, enquanto encantam o olho do turista do mundo, são de grande valor para a área vasta de casas cuja cintilante terra das fadas de luz desse sentinela da Serra Madre passa a noite cuidando.”



SEA OF FOG: FROM MOUNT WILSON

nuvens de cima para baixo – é relativamente inusual. Mas esse não foi o efeito da foto para o leitor. Pelo contrário. Do conjunto de imagens da reportagem essa talvez seja a de maior impacto e a que melhor transmitiu a sensação de altitude descrita no texto, o que revela a extrema habilidade editorial. A disposição das imagens foi decisiva na estratégia da informação planejada pela revista. A foto em questão é a terceira da série. Nas duas anteriores, os detalhes foram melhor explorados e a quantidade de elementos que constituem o campo visual permite uma leitura mais fácil do tema. Especialmente a segunda foto da seqüência (**foto 08**), o receptor percebe tratar-se de uma montanha, coberta por vegetação variada e rapidamente identificável, além das formas (montanhas e nuvens) serem bem mais precisas. O tema, “altura da montanha”, já estava posto para o leitor nas duas fotos anteriores, provando a veracidade do texto da reportagem. A disposição da seqüência das imagens funcionou como um crescente, como se o leitor subisse a montanha, do ponto menos baixo para o mais alto. O final da “subida” foi a terceira foto, quando o leitor chega ao ponto extremo do *Mount Wilson* e percebe que está no céu, por sobre as nuvem. A legenda, como dito, cumpre satisfatoriamente seu papel, pois sem ser excessivamente didática e redundante, completa a informação para o leitor menos atento, dizendo que a imensa mancha branca que ele está vendo é um mar de nuvens.

Um ano antes, em junho de 1907, a revista havia publicado outra reportagem sobre as montanhas norte-americanas. Com o título “*Bighorn Moutains*”, um artigo de N. H. Darton, fala sobre uma parte das montanhas localizadas no estado de Montana, meio oeste americano. Dizendo serem mais altas que os Alpes suíços, esse cannon oferece não apenas vistas de rara beleza, mas preciosos minerais para a indústria. Assim como a reportagem anterior, esta contém duas páginas de texto e oito fotografias. Como na reportagem de julho de 1908, o conjunto de imagens revela a imensidão do espaço geográfico. A primeira foto é a única que não trata de montanha, apresenta uma enorme planície que se perde

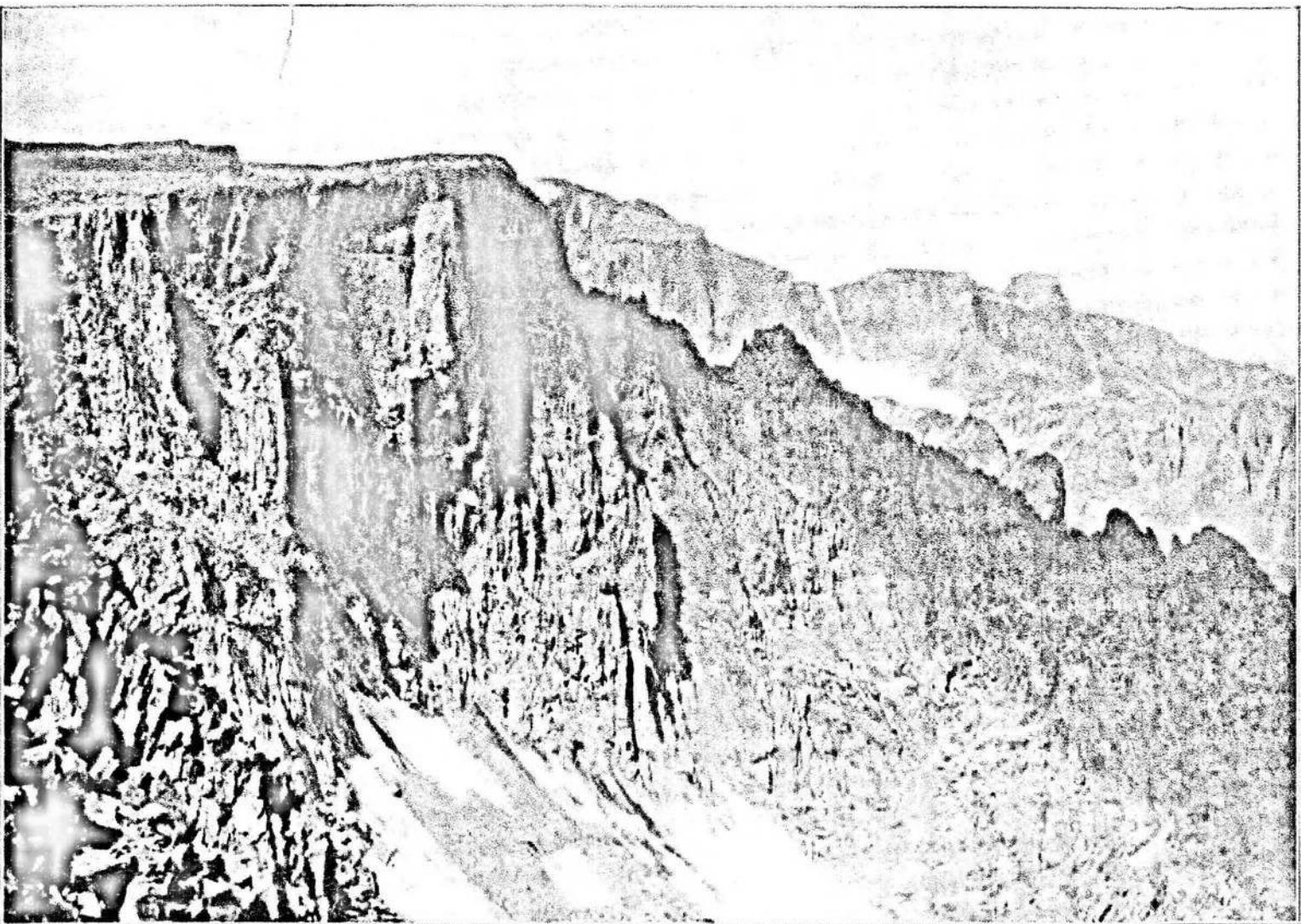


SEA OF FOG FROM MOUNT WILSON, LOOKING TOWARD SAN ANTONIO OR "OLD BALDY"

no horizonte às vistas do observador. As demais fotos intercalam, como tema central, vales e cordilheiras. A paisagem é de extrema aridez. Todas as montanhas apresentadas estão descobertas de qualquer vegetação, sinalizando um clima de calor intenso, desértico. O ângulo escolhido para as primeiras cinco fotos que tratam de montanhas e vales foi de baixo para cima, portanto, em processo diverso daquele anteriormente visto; o que não impediu de transmitir a sensação de espaço amplo. A escolha do momento do dia também foi indispensável para obter o efeito desejado. As fotos foram colhidas em dia ensolarado, não há a presença de qualquer nuvem, o que limpa a cena e proporciona maior nitidez das formas do objeto central. A proporção do volume do objeto também foi habilmente explorada no corpo das fotografias. Na **foto 09**, aproximadamente três quartos da imagem é ocupado pela montanha, enquanto o quarto remanescente fica para o céu aberto. Outro recurso utilizado para fazer referência ao tamanho do acidente geográfico é a oferta que a **foto 10** dá ao observador. Ao incluir uma figura humana a cavalo na cena, permite a comparação de proporções entre eles.

Mas a idéia de grandeza não se restringe ao tema Montanha, Vale ou Planície. Mesmo quando o objeto possibilita, em tese, outras formas de abordagem, permanece, no procedimento de apresentação da revista, o enfoque da natureza de grandes proporções. Ao descrever os animais norte-americanos, a revista privilegia os de grande porte, e o tratamento visual dedicado à fotografia amplia a sensação do tamanho da espécie. Foi o procedimento adotado pela revista ao fotografar um urso nativo (**foto 11**). O animal, que ocupa praticamente dois terços da foto, foi focado de baixo para cima, com grande aproximação da lente. O segundo plano foi cortado pelo ângulo escolhido, o que impossibilita comparativos de escala, permanecendo apenas o volume da imagem tema do primeiro plano. Em outra reportagem, para ilustrar as grandezas da Califórnia, a revista publicou, com o sugestivo título "Big Thing of West"⁷³, a imagem de

⁷³ Charles Frederick Holdes, "Big Thing of West", julho/1903, pp.279-282.

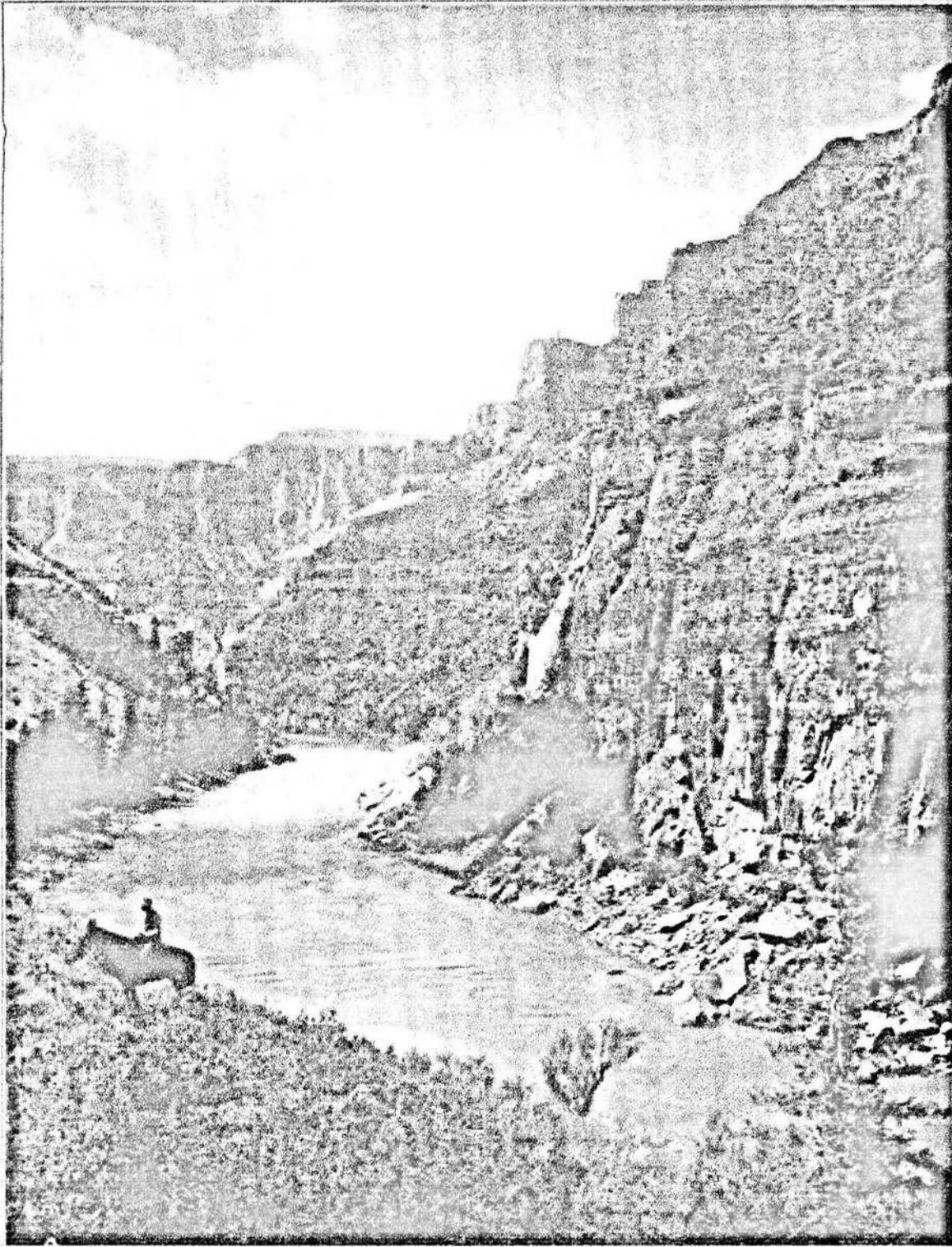


Cloud Peak, the Culmination of Bighorn Mountains.

The peak lies slightly to the left of the center in the distance; shows deep cirques cut in the old rounded surface. The rock is granitic with vertical cleavage.

BIGHORN MOUNTAINS

363



Canyon of Bighorn River at the North End of the Bighorn Mountains in Montana
Walls of Carboniferous limestone about 1,000 feet high



Photo by Hester

A PARK BEAR "SEAL-BIT" GRIZZLY, YELLOWSTONE NATIONAL PARK

uma abóbora gigante, aberta na parte superior, de onde sai o busto de uma criança (**foto 12**), e um pé de tomate duas vezes maior do que um adulto (**foto 13**).

Não só imensos, mas em grande quantidade, os animais norte-americanos eram exibidos em rebanhos, trazendo a idéia de fartura e fecundidade do país (**foto 14**)⁷⁴.

Verificado o acervo documental, pode-se afirmar, em linhas gerais, que a maneira como a revista aborda, em suas imagens, a natureza norte-americana parece ser bem particular e específica, não utilizando o mesmo processo com o mesmo tema sobre outro país. Essa dicotomia de abordagens pode ser constatada na reportagem publicada em agosto de 1905, com o título "Forestry abroad and at Home"⁷⁵. O tema do artigo é sobre a importância da preservação de parte da vegetação nativa das florestas. Segundo o artigo, o cuidado é típico de todo país "civilizado", e os Estados Unidos, apesar de tarde, também passaram a se preocupar nos "últimos tempos". O autor, Sr. Pinchot, faz um balanço da ação norte-americana, que consegue combinar progresso com preservação da natureza. O texto se desenvolve em termos comparativos com outras nações, e traz imagens de florestas de cada país citado.

A primeira imagem apresentada é de uma floresta na Bavária (Alemanha) (**foto 15**). A foto divide a página com o texto, e está emoldurada no formato três por quatro, um tamanho bem reduzido para os padrões da revista quando se dedica a descrever o mundo natural norte-americano. A foto foi colhida na horizontal em frente a uma fileira de árvores, tendo apenas o primeiro plano, o que retira do observador a possibilidade de imaginar a profundidade, e portanto, a dimensão da floresta fotografada. Apesar de, aparentemente, tratar-se de árvores altas – sensação fornecida pela extensão dos finos troncos na vertical que ocupam a maior parte do campo visual - , não há marcação alguma na imagem que

⁷⁴ Foto da mesma reportagem acima "Big Thing of West"

⁷⁵ Gifford Pinchot, "Forestry abroad and at Home", agosto/1905, pp. 375-388.



COURTESY OF THE SCIENTIFIC AMERICAN SUPPLEMENT

A Colossal Californian Pumpkin

that a similar fish is caught in the Gulf of California weighing two hundred pounds. In the Italian quarter of this city will be seen the octopus, or devil-fish, hung up for sale, a terrible array of arms or tentacles; not the little creature a foot or two across common in the East, but a veritable monster with a radial spread of perhaps twelve or fourteen feet. Along the upper coast these animals have been found with a radial spread of twenty-five feet—well named the spider of the sea. Along the coast will be seen a bass which often tips the scales at five hundred pounds, and at Monterey has been taken a mackerel weighing nine hundred pounds—suggestive that even fishes grow large in

western waters. In Alaskan waters is found a monster clam, the "geoduck," one of which would afford a meal for several persons, not so large however as the great tridacna and its species, which weighs, with its two valves, five hundred pounds, the animal alone weighing thirty. This shell, though common in California, is from the equatorial regions of the Pacific, where, buried in the soft rock, its vice-like jaws partly open, it is a menace to the natives who wade along the reefs searching for shells.

In southern California the vegetation is often remarkable for its size. At Santa Barbara is a grapevine which covers several hundred square feet, the vine itself resembling a tree, said to be the largest vine in the world, though this is open to doubt, for some of the old vines of Spain are of enormous size. Whether it is due to the newness of the soil and the fact that it is not yet exhausted by successive farming is not known, but nearly

everything here grows very large and rapidly. The tree known as the Australian black wattle will attain a height of fifty or more feet in five years, palms the same height in less than twenty years, and eucalyptus one hundred feet in less time; so that it is a common saying in southern California that barren ground can be taken and made to look like a place fifty years old in five years. The extraordinary growth of flowering plants and shrubs in southern California is noticed. The eastern heliotrope grows in the form of a vine reaching twenty feet upward, covering the fronts of houses, in some way resisting the frost if at all protected by overhanging roof. In the city of



Courtesy of the Scientific American Supplement

A Giant Californian Potato Vine

Pasadena many remarkable examples of large growth are seen, one being a potato, which was trained to grow upon a trellis and assumed the form of a lusty vine over twelve feet high, producing an extraordinary number of potatoes.

Some of the photographs of fields of

pumpkins taken in the fall in Southern California might well be considered open to suspicion, so enormous are the productions. One pumpkin exhibited by James F. Stewart & Co. in Los Angeles was so huge that a calf was held in the interior while a photog-



COURTESY OF THE UNIVERSITY OF

Cattle being fattened for export

permita ao observador dimensionar seu real tamanho, como por exemplo um objeto conhecido ou elemento humano. O mesmo pode se ver na foto (foto 16) sobre uma floresta da Índia. Também colhida no ângulo frontal e extremamente próximo do objeto. Em ambos os casos há uma completa falta de perspectiva quanto à extensão da floresta. Na foto, a proximidade da lente fez perder-se inclusive a possibilidade de se avaliar o tamanho da própria árvore, centro da imagem. Em situação bem diferente está a produção da foto seguinte (foto 17). O objeto tema do primeiro plano da imagem também é uma árvore. Seu impressionante tamanho é imediatamente identificado pelo contraste do lenhador posto ao seu lado. A figura humana (um homem adulto) encontra-se suspenso por uma escada improvisada, fixada no tronco, provavelmente procurando um local mais fácil para fazer o corte. O tamanho da espécie pode ser visto pelo contraste entre as duas figuras (homem e árvore). A base do tronco é três vezes a medida do personagem. Apesar de ter as mesmas dimensões das imagens anteriores, essa é a única que oferece um segundo plano, possibilitando a percepção de profundidade e estimulando a imaginação do observador quanto à extensão da floresta. A foto em questão é da floresta norte-americana na costa do Pacífico.

Com o mesmo tema, florestas norte-americanas, outro artigo publicado em junho de 1912, com o título "Our National Park"⁷⁶, convida o norte-americano a ter contato com a vida natural selvagem. Segundo o periódico, sem perder em conforto ou segurança, os parques nacionais norte-americanos apresentam fenômenos de inigualável beleza. A matéria teve como mote a comemoração dos quarenta anos da inauguração do parque Yellowstone. Idealizado em 1832, este parque tornou-se realidade apenas décadas depois (1872)⁷⁷. As razões para sua fundação revelam um dos pontos-chave da construção da idéia de nacional nos EUA.

Ao contrário de projetos já existentes na Europa de parques ajardinados, Yellowstone e os demais parques americanos têm concepções

⁷⁶ L. F. Schmeckebier, "Our National Park", junho/1912, pp. 531-579.



FROM GILBERT FINCHER: FORESTRY

An Exceedingly Productive Spruce Forest in Bavaria

in British India they have met and answered many questions which still confront the American forester, and in a little more than thirty years have created a forest service of great merit and high achievement. The United States has scarcely yet begun.

THE FOREST IN EARLY TIMES

In very early times the forest was preserved for the game it contained. Forestry then meant the art of hunting, and had very little to do with the care of trees. Even the word *forest*, which really comes from the Latin *foris*, meaning out of doors, was thought in England to be derived from the fact that it was a place given up to wild animals

for rest. But gradually the forest came to be considered more than the game, and the serious study of forestry began.

MODERN FORESTRY

Forestry as a science is of comparatively recent origin, although a work in which all the European trees are described was one of the earliest printed books. Until the end of the eighteenth century forestry was discussed chiefly by men who were either scholars or practical woodsmen, but who were not both. Then appeared Hartig and Cotta, two men who united these points of view, and their writings are at the base of the whole modern growth of the subject. Both were German. Each cov-



From Gilford Pinchey, *Forester*

A Mixed Forest in Need of an Improvement Cutting

The cracked old chestnut in particular should be removed.

service now has nearly 300 superior officers and over 10,000 rangers and forest guards. It has charge of about 200,000 square miles of forest, and produces a net revenue, after all expenses have been paid, of about \$3,000,000 a year. In addition, the forests furnish to peasant holders of forest rights products whose

value is estimated to be considerably greater than the whole cost of the forest service. About 50,000 square miles are effectively protected against fire, at an average yearly cost of less than half a cent per acre. These admirable results are especially interesting because India is like the United States in the great

e motivações diferentes. Em vez de apresentar jardins (a natureza domesticada), é a natureza em seu estado selvagem que motiva sua existência.⁷⁸

Os idealizadores do referido Parque na década de 1830 tinham em mente guardar como santuário os símbolos nacionais norte-americanos, com preocupação institucional clara⁷⁹. Tal grupo sofreu cerrada resistência de opositores, que entendiam ser desnecessário estabelecer reservas naturais intocadas quando a marcha histórica acenava para um progresso cujo movimento era o domínio predatório do meio natural.

Quatro décadas depois, as circunstâncias para estabelecer a reserva foram mais favoráveis. O contexto material que viabilizou a realização do parque foi a existência de grande quantidade de terras dispensáveis para uma utilização econômica imediata, fruto das novas técnicas de exploração mecânica da terra.

Mas as razões para a implementação do Parque não foram apenas a existência de recursos materiais. Sua realização representava um anseio nacional difuso na sociedade, cuja compreensão passa necessariamente pela observação do papel que o meio natural exerceu na elaboração do discurso sobre o nacional nos Estados Unidos. Essa questão é de fundamental importância para se compreender leitura que o norte-americano faz de si mesmo e de seu papel enquanto nação.

⁷⁷ O parque de Yellowstone foi inaugurado em 1º de março de 1872.

⁷⁸ Como lembra OLIVEIRA, Lucia Lippi: "Antes da invenção americana dos parques nacionais, a palavra parque era sinônimo de jardim e envolvia a idéia de controle, de domínio, de domesticação da natureza para o usufruto do homem. Essa idéia se apresenta sob a forma de pastoral e se opõe ao espaço natural selvagem, que amedronta o homem "civilizado". *Americanos. Representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. São Paulo, Humanitas, p. 118.

⁷⁹ Sobre a instituição de Parques Nacionais nos EUA, ver DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo, Hucitec, 1998. O autor informa que a concepção da preservação de um espaço selvagem não nasceu propriamente nos Estados Unidos. Tal idéia já existia na Inglaterra no século XVIII. Nesse sentido, ver o primeiro capítulo do texto citado.



From Gifford Pinchot, *Forecasts*

Wasteful Lumbering on the Pacific Slope

Note the height of the stump

from the Rocky Mountain forest by the interior deserts, the Pacific Coast forest covers the flanks of the Sierras, the Cascades, and the coast ranges. Its largest trees are the giant sequoia and the great coast redwood, and its most important timber is the fir.

The forests of the Philippine Islands cover an area of more than 40,000,000 acres. Their timbers, almost wholly different from those of the United States, are exceedingly valuable, both as cabinet woods and as construction timber. An efficient forest service was organ-

Imaginário Norte-Americano e o Espaço Geográfico

As reportagens sobre a grandiosidade do país, especialmente seu tamanho e riquezas naturais, estavam em sintonia com as primeiras formulações sobre nacional norte-americano do começo do século XIX. O eixo desse discurso centrava-se na idéia de que o país era uma terra abençoada, e nela foi colocado, pelo Criador, um homem também especial, um povo eleito. Esse “homem escolhido” por Deus poderia, ou melhor dizendo, deveria, fazer sua própria história, começando do zero - sem qualquer amarra com o passado europeu - e tendo como cenário um território igualmente majestoso e imenso. Esse homem especial é um incansável trabalhador, determinado em seus propósitos, corajoso e inventivo. Nas palavras da historiadora Mary Anne Junqueira:

“Acreditava-se que surgia nos Estados Unidos um novo homem, um tipo de características notáveis, um ser único que, a partir da Independência, havia não só rompido com a Inglaterra, mas com o passado. Elaborou-se uma versão de que o norte-americano era um ser humano completamente diferente do europeu, pois havia realizado não só a separação política da Inglaterra, mas uma ruptura com a História. Completamente desvinculado do passado, era tido como o Adão norte-americano; “emancipado da História”, era inocente e espontâneo, sem pecados ou culpas. Assim, estabelecia-se uma relação entre o “homem norte-americano” e o primeiro homem do universo religioso cristão. Era o Adão - mas este antes da queda - que vivia num paraíso extraordinário, tendo as pradarias e grandes planícies como possibilidade de povoamento. Agente de um começo absoluto, tudo podia tentar. O Adão americano, tido como dotado de energia excepcional, cabia uma tarefa espetacular: construir o mundo a partir do zero. Esse homem, movido pelas melhores intenções, teria o

imenso território como um laboratório para a construção de um mundo sem igual.”⁸⁰

O território norte-americano era, portanto, uma terra prometida, reservada a esses homens predestinados. Não é por outro motivo que a historiografia que se debruça sobre a construção da identidade nacional daquele país salienta o quanto a dimensão territorial foi utilizada na afirmação da excepcionalidade da nação. Nas palavras de Hofstadter:

“O tempo é a dimensão da História, mas a dimensão básica da imaginação norte-americana é o espaço. Os norte-americanos tratam de compensar o sentido de tempo de que careciam, por meio de um sentido amplo de espaço. Seu pensamento não remonta a uma antigüidade que não conhecem, se dirige para fora, a um *teatro geográfico* de ação mais amplo, não ao teatro do passado e sim do futuro.”⁸¹

A eleição do espaço como um dos elementos basilares da identidade norte-americana se tornou mais saliente no período logo após o processo de Independência, quando o momento exigia a criação de um discurso de distanciamento entre a jovem nação e a antiga metrópole e a formulação de elementos das particularidades da identidade nacional.

A falta de um passado cultural longo - argumento mais apropriado às nações européias para afirmar sua identidade - associado ao discurso do novo, bem articulado pelo processo revolucionário, forjou uma interpretação da história do país que se inaugurava com a chegada em solo americano dos peregrinos, que trouxeram, mais do que tudo, o firme propósito de romper com todo o passado europeu e inaugurar uma nova história em novas terras.

⁸⁰ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos. A Consolidação da Nação*. São Paulo, Contexto, 2001, p 50.

Segundo essa interpretação oficial, desde a chegada dos primeiros imigrantes, a história norte-americana foi um ato de vontade do novo homem, de se estabelecer em um meio hostil e controlá-lo graças à sua perseverança e inteligência. A vitória final do homem é o sinal mais evidente de sua grandiosidade. Os pioneiros, fundadores da nação, encontraram todo tipo de adversidade ao chegar ao novo mundo. Esses homens se defrontaram com as severas condições climáticas e com os incansáveis ataques de índios. Venceram os desafios iniciais e estabeleceram as treze colônias. Tempos depois iniciaram o avanço para o Oeste, combatendo tribos indígenas ferozes e se fixando em regiões áridas. Passo seguinte foi a anexação de territórios controlados por nações estrangeiras (México), e mais uma vez a vitória final sorriu para esse povo predestinado⁸².

Essa "organização" cadenciada dos fatos históricos da nação, e, principalmente, a conclusão dela tirada, serviu de subsídio para uma das mais importantes formulações sobre o caráter nacional e sua missão (divina). Ainda na primeira metade do século XIX foi cunhada uma concepção nacionalista que não só legitimava a expansão territorial como lhe impunha ares de verdadeira obrigação a ser cumprida, era o chamado "Destino Manifesto". Segundo o próprio responsável pela expressão, John L. O'Sullivan (fundador e editor do jornal *The United States Magazine and Democratic Review*): "Cumprir nosso Destino Manifesto é expandir o continente como quer a Providência para o livre desenvolvimento e para que nos multipliquemos aos milhões".⁸³

Mas o paraíso terrestre encontrado na América não era propriamente um local aprazível e entregue como presente ao norte-

⁸¹ HOSFTADER, Richard. *Los Historiadores Progresistas. Turner, Beard, Parrington*. Buenos Aires, Paidós, 1968, p.20.

⁸² Para uma crítica dessa concepção oficial da história norte-americana, ver tanto os textos citados da historiadora Mary Anne Junqueira quanto KARNAL, Leandro. *Estados Unidos. A Formação da Nação*. São Paulo, Contexto, 2001.

⁸³ *Apud* JUNQUEIRA, Op. cit., 2001, p.51.

americano. Pelo contrário, o novo território era um espaço hostil, desafiador, que o colocava em constante provação.

Esse meio hostil foi intitulado de *wilderness*. Como explica, mais uma vez, Junqueira, a palavra *wilderness* está nas origens da língua anglo-saxã, veio de *wild eor*, que significa besta selvagem:

“Na sua forma mais antiga, no entanto, *wilderness* estava relacionado às florestas, aos lugares habitados por bestas selvagens ou homens selvagens: *wildeman*. Ao mesmo tempo, significava que o homem era tomado de estranhamento, sentindo-se desorientado nessas florestas. Assim, a palavra *wilderness* apareceu primeiro ligada à floresta primitiva, relacionada aos perigos e temores ligados à sobrevivência humana.

“*Wilderness* é também uma palavra bíblica e foi bastante utilizada desde a primeira tradução do antigo livro hebreu para o inglês. Foi muito usada para designar os lugares áridos, com ausência de água. Para demonstrar a sua caridade, Deus colocava água no *wilderness*.”⁸⁴

Apesar da expressão ter alcançado outros significados a partir de seu uso constante (o *wilderness*, por povoar o imaginário nacional americano, agregou-se de maneira difusa ao discurso nacional, sendo usado como referência em várias áreas, da política à literatura), *wilderness* se associa imediatamente ao espaço geográfico desafiador, desorientador, perturbador. A referência de origem religiosa, de fundamental importância para o sentido da expressão, sempre esteve presente quando a associação do *wilderness* se referia ao povo e à nação americana.

Como não poderia deixar de ser, a primeira escola de pintores norte-americanos se encarregou de traduzir visualmente, ainda na primeira metade do século XIX, a idéia de *wilderness*. Intitulada de escola do Rio Hudson, uma geração de artistas nativos ou radicados na América do Norte elegeu como tema central de seus quadros a natureza do país

(especialmente a região que deu nome ao grupo, que se localiza ao Nordeste dos Estados Unidos) e a relação desta com o homem.

Pintores como Cole, Bierstadt, Durand e Bingham, transpuseram para a tela o universo simbólico do discurso sobre o Wilderness⁸⁵. Aqui comporta o registro da particularidade da leitura feita pelo movimento artístico. Como dito, o wilderness é expressão com vários sentidos, reportando geralmente a um lugar amedrotador, indomável. A natureza pintada pela Escola mantém os traços do desafiador, do incontrolável, porém é esteticamente bela. Os cânones da representação mostram a filiação do movimento com o Romantismo, cuja sensibilidade se voltava para o resgate da natureza como valor positivo. Os quadros dos representantes dessa escola retrataram uma América mágica, exuberante e arrebatadora. Enorme em suas dimensões, o meio selvagem norte-americano, ao mesmo tempo que acenava para dimensão da grandiosidade do país, colocava o homem em posição desafiadora, como se pode ver nas ilustrações (ilustrações: 03,04,05)⁸⁶.

A primeira ilustração mostra um Vale. O tema eleito no quadro traz ao fundo, com tintas escuras, um céu carregado, anunciando a proximidade da tempestade, um fenômeno da natureza ao mesmo tempo temida e admirada por sua força. A posição das árvores ao centro marcam, pelo contraste, o tamanho das montanhas ao redor, cujo cume, obscurecido pelo céu carregado pelas nuvens sugere a conexão entre o terreno e o celeste. Por entre as montanhas, no segundo plano, ao fundo, a negritude retira do observador qualquer possibilidade de visualização, deixando apenas a sensação de mistério e desconhecido. Em oposição, o primeiro plano, no campo superior, pode-se perceber uma brecha entre as nuvens, por onde passam raios solares que iluminam a parte frontal da montanha

⁸⁴ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*, Bragança Paulista, Edusf, 2000, p.60.

⁸⁵ Nesse sentido, ver COPPLESTONE, Trewin. *The Hudson River School*. New York, Gramercy Book, 1999.

⁸⁶ Idem quanto às ilustrações.



Ilustração 03



Ilustração 04



presente à direita do observador. O jogo de trevas e luzes se desenvolve em um cenário majestoso.

A segunda ilustração, também de Cole, é bem mais direta na associação do divino com a natureza. O fundo azul do céu põe às claras o esplendor da natureza. No ponto mais alto da montanha, vê-se a presença de uma enorme figura humana, um homem barbado, deitado na perpendicular da encosta, vestido apenas com uma sunga. É ninguém menos que Prometeu, conforme anuncia o título do quadro.⁸⁷

Mas a presença de "mortais" é mais recorrente. A terceira ilustração da série, com o título "América Selvagem", a presença humana, no primeiro plano da tela, olhando para montanha, dá sinais mais evidentes de reverência do norte-americano à sua natureza, bem como demonstra, pelo contraste entre as proporções, a grandiosidade do meio natural selvagem e o homem que com ela interage. Ao lado da minúscula figura humana pode se ver uma cruz, uma referência clara do compromisso ideológico daquele homem na ocupação do espaço. O mesmo tema é repetido na segunda ilustração, de Church. A imagem mostra uma minúscula cruz cravada em pequeno descampado no primeiro plano da tela. Na parte superior da tela as montanhas cobertas de vegetação preenchem todo o horizonte, tendo um cannon, ao fundo, repleto de neve, uma síntese das variações climática do país.

Mas não apenas montanhas estavam no repertório temático dos integrantes da escola, vales e florestas foram freqüentemente pintados pelos artistas. Entre as árvores, a que mais instigava o imaginário americano, tanto pelo tamanho quanto pela idade, era a sequóia. O tamanho e a idade da espécie eram motivos de orgulho do nacional, que rapidamente se tornou em um de seus símbolos:

⁸⁷ "Prometheus", pintado em 1847. Um personagem da mitologia grega que foi muito utilizada no século XIX para representar o progresso econômico e científico que estava ocorrendo nos países ocidentais.

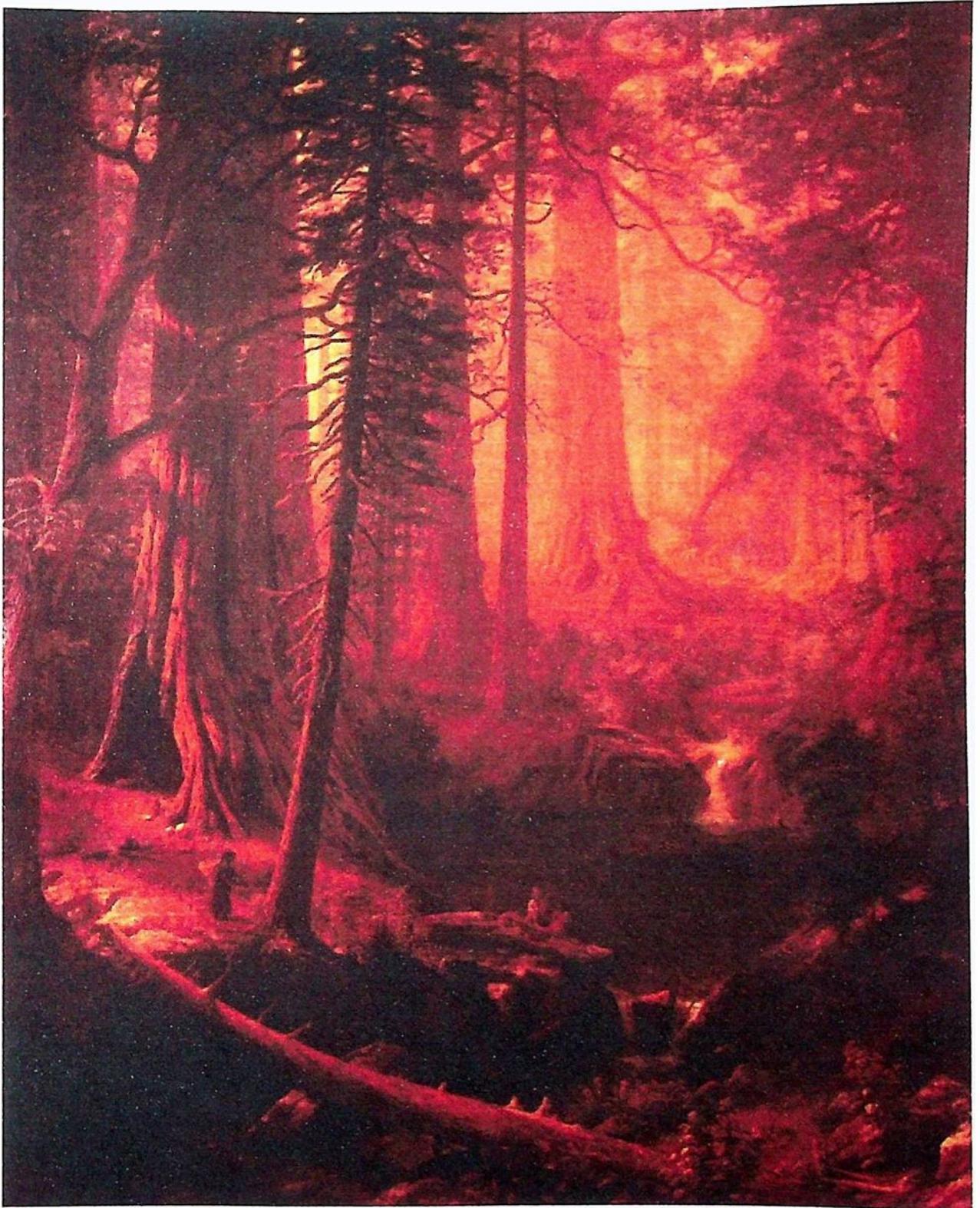
“O tamanho fenomenal das sequóias proclama um destino manifesto, plantado primordialmente; algo que apequenava a história convencional européia e até mesmo clássica. Seus primeiros observadores pensavam (mais uma vez erroneamente, pois o menos imponente *Pinus aristata*, pinheiro das Sierras, ainda não fora datado) que elas eram as criaturas vivas mais antigas do planeta. (...)”⁸⁸

Tais particularidades dessa espécie unicamente encontrada em solo americano – principalmente seu tamanho avantajado e longevidade - foram entendidas como sinais da especial atenção do Criador à Terra Prometida e ao novo Povo Eleito:

“ Foi a aura de santidade heróica, a impressão de que o bosque da Grandes Árvores constituía uma espécie de monumento vivo da América, um panteão botânico (...). As sequóias pareciam justificar a intuição nacional de que a grandiosidade falava à alma. E, precisamente porque não foram construídas pela mão do homem, as colunas vermelhas desse sublime templo americano pareciam ter sido assentadas ali pela Providência e ali cresceram, tornando-se cada vez mais admiráveis, até que o novo Povo Eleito de Deus as descobriu no coração do Oeste Prometido.”⁸⁹

Mesmo devendo sua reputação como pintor paisagista aos panoramas das Montanhas Rochosas, Bierstadt pintou em 1876 a espécie californiana (ilustração 06). Um problema técnico para a representação da árvore era exatamente seu tamanho. Como o próprio pintor declarou a um amigo: *“O tamanho maravilhoso [árvore] não cabe em molduras douradas. Pinte uma grande árvore, e ela se parecerá com um espécime comum num caixão apertado.”* A solução dada para realizar satisfatoriamente sua tela foi a inclusão de minúsculas figuras humanas (três índios), ao pé da árvore. Uma índia está mais próxima, ao lado de uma fenda, inúmera vezes maior que ela. Os outros personagens, provavelmente pai e filho, um pouco mais

⁸⁸ SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 195.



à distancia, selam a impressão do tamanho do tema central da tela através da escala comparativa entre eles. O efeito foi proposital, como declara o próprio autor: *"Para certificar-se disso, coloque uma figura viva diante do toco e estabeleça a comparação; mas, a não ser que você use uma tela do tamanho das de Haydon, provavelmente sua imagem se assemelhará a um homúnculo diante de uma árvore média e um homem grande diante da Sequoia gigante."*⁸⁹ O procedimento não era propriamente novo, o expediente já havia sido usado, especificamente no caso da representação da sequóia, em xilogravuras, litogravuras e em chapas estereográficas (ilustrações 07 e 08)⁹¹.

O sucesso dessas pinturas foi praticamente imediato – e perdurou até o final do século XIX - junto ao público. Expostos em museus, prédios público e galerias, muitos quadros foram pintados por encomenda para ricos burgueses novaiorquinos e outros receberam grande valorização no mercado de arte.

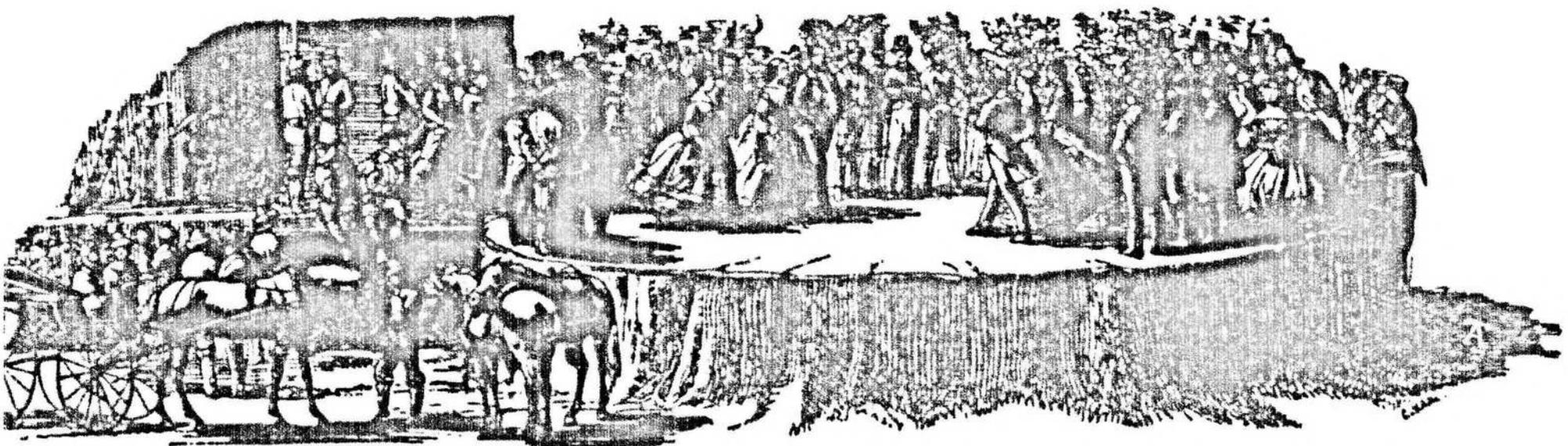
Como lembra Maria Lígia Coelho Prado, os integrantes do grupo estudaram em Roma ou Dusseldorf, absorveram padrões técnicos e gostos europeus. Além disso mantinham estúdios em Nova York, na rua 10, no já então sofisticado bairro de Manhattan, portanto, em local bem distante do tema retratado. Esse distanciamento aparentemente contraditório entre a produção artística e o tema eleito reforça ainda mais o resultado final das pinturas como produto comprometido com o imaginário.

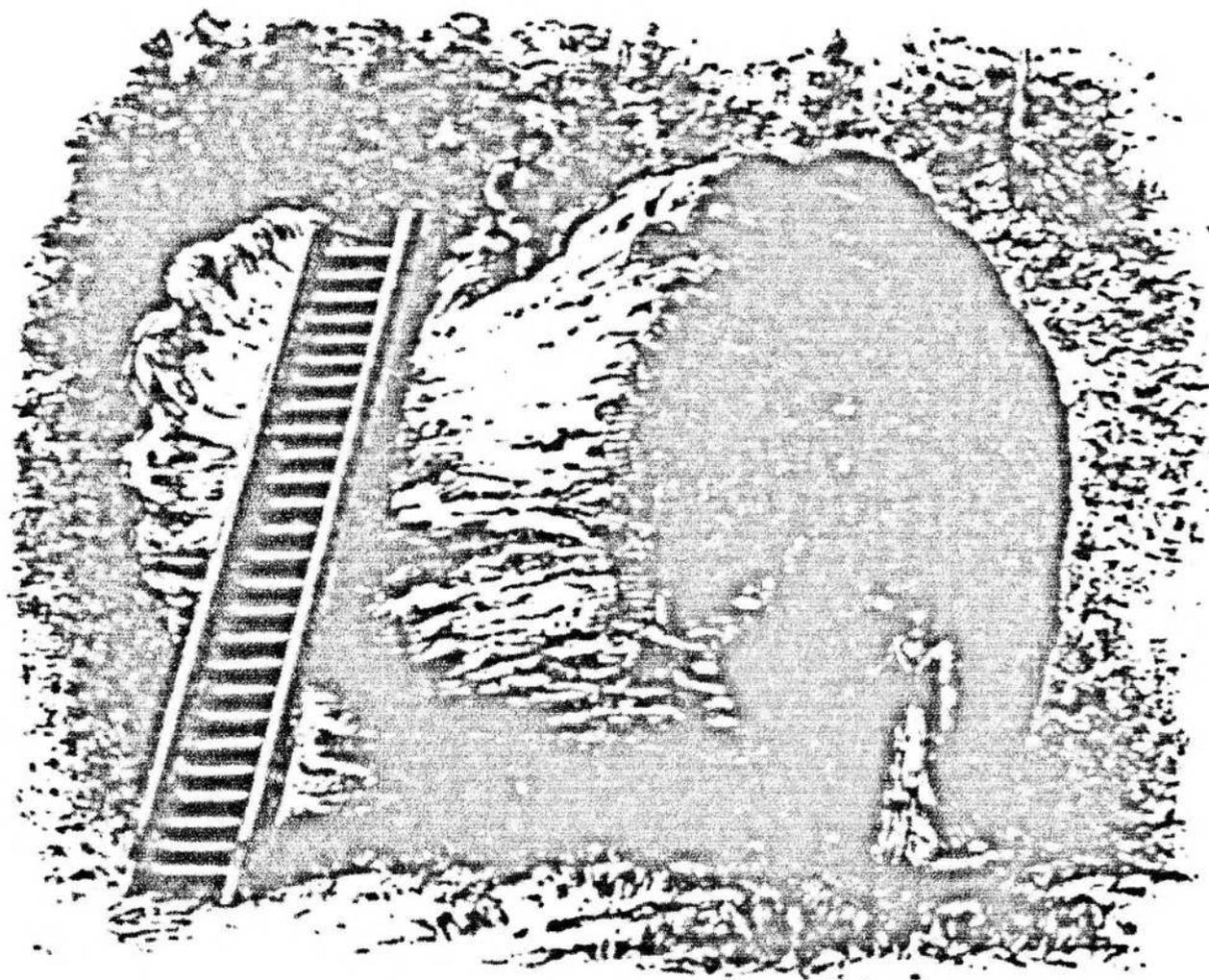
"As paisagens na pintura dessa escola tinham algumas características peculiares. Os homens possuíam uma pequena dimensão diante da natureza não-domesticada. As paisagens eram grandiosas, inatingíveis, intocadas, cheias de mistérios, de grande beleza e originalidade. A natureza apresentava-se como refúgio, tanto espiritual como físico. A análise dessas pinturas mostra que contribuíram para a elaboração de imagens constitutivas de uma identidade nacional, era uma arte nacionalista

⁸⁹ Idem, p. 199.

⁹⁰ Idem, p.201.

⁹¹ As reproduções são de autores anônimos e foram retiradas de SCHAMA, *Op. Cit.*





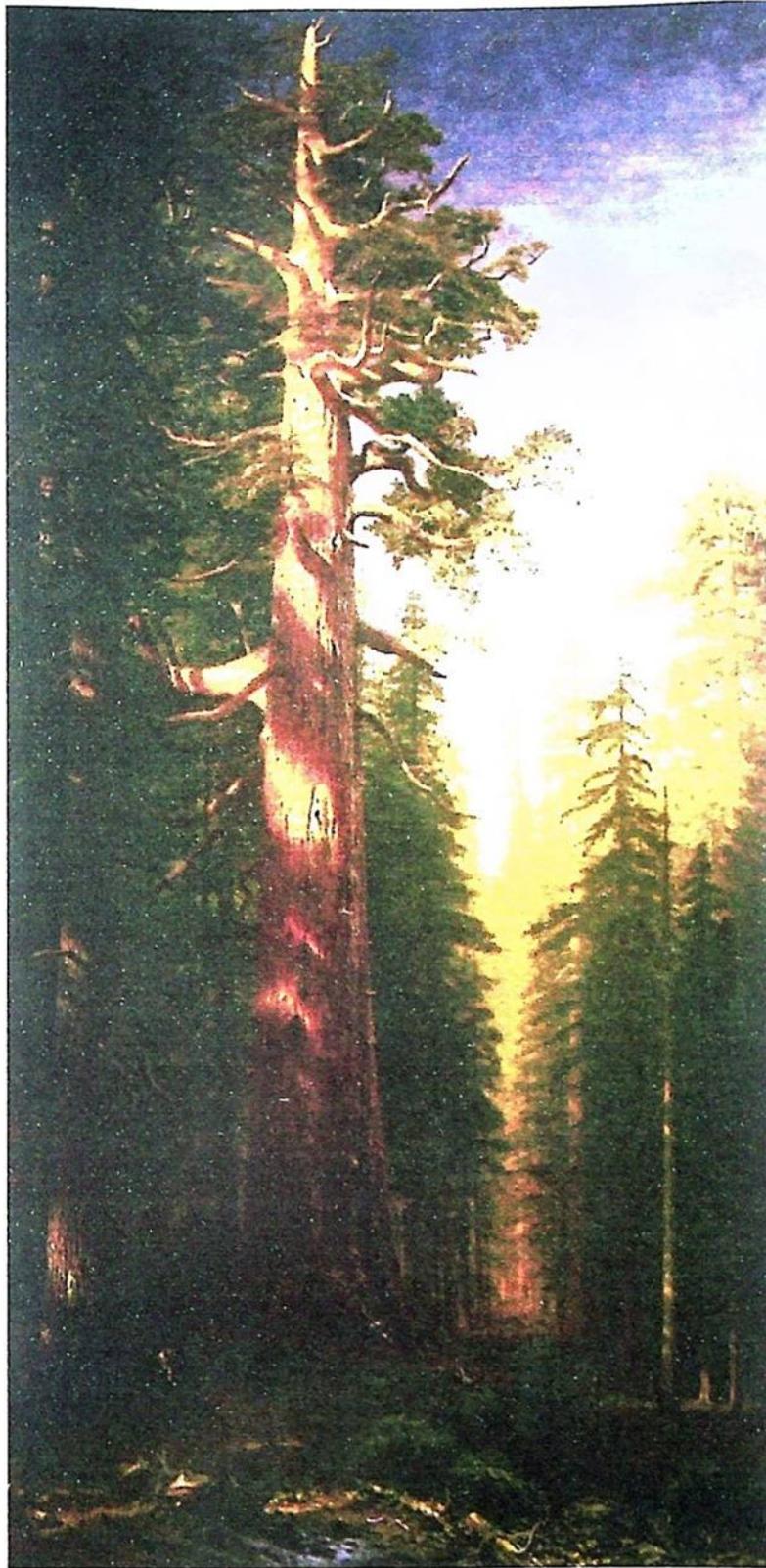
que pretendia afirmar que a natureza atingira sua forma mais pura e elevada nos Estados Unidos.⁹²

A contribuição de que fala a autora parece ter sido extremamente consistente, quando comparados o acervo imagético produzido pelos pintores e a futura produção de imagens sobre o país.

Mesmo se tratando de suportes distintos, pode-se ver, com relativa clareza, a proximidade entre as pinturas da Hudson River School e as fotografias da *National Geographic*. A comparação entre os acervos parece inevitável, não só quanto ao repertório temático, mas também quanto ao tratamento e aos recursos técnicos utilizados. Nesse sentido, é impressionante a semelhança entre a pintura de uma sequóia de Bierstadt, *As Grandes Arvores (Mariposa Grove)*, de 1876 (**ilustração 09**) e a foto publicada pela *National* em 1905 (**foto 18**) sobre o parque nacional de Yosemite Valley . Ou ainda, a pintura de uma cachoeira de Yellowstone do mesmo autor (**ilustração 10**) e a fotografia de H.C Beat, publicada em 1906 (**foto 19**). Os exemplos poderiam se desdobrar para várias outras pinturas do movimento e fotos da *National*. Em praticamente todas as imagens da revista pode-se perceber a escolha do ângulo privilegiando a entonação que melhor proporcione uma impressão de amplitude do espaço, seja utilizando ângulos aéreos, visões panorâmicas ou, ainda, o uso de recursos como a existência de figuras humanas para estabelecer a escala da grandiosidade (**fotos 20 e 21**).

A repetição dessas abordagens se assemelha a um clichê ou esquema pré estabelecido, como uma fórmula ou receita. Mais importante do que uma eventual originalidade ou do conceito de "verdade" científica, as fotografias sobre o referido tema estão mais comprometidas com uma tradição de representação do *wilderness*. A força de conceitos preestabelecidos como principal ferramenta para representação foi bem

⁹² PRADO, Maria Lígia. *América Latina no Século XIX. Tramas, telas e textos*. São Paulo, Edusp, 1999, p. 191.



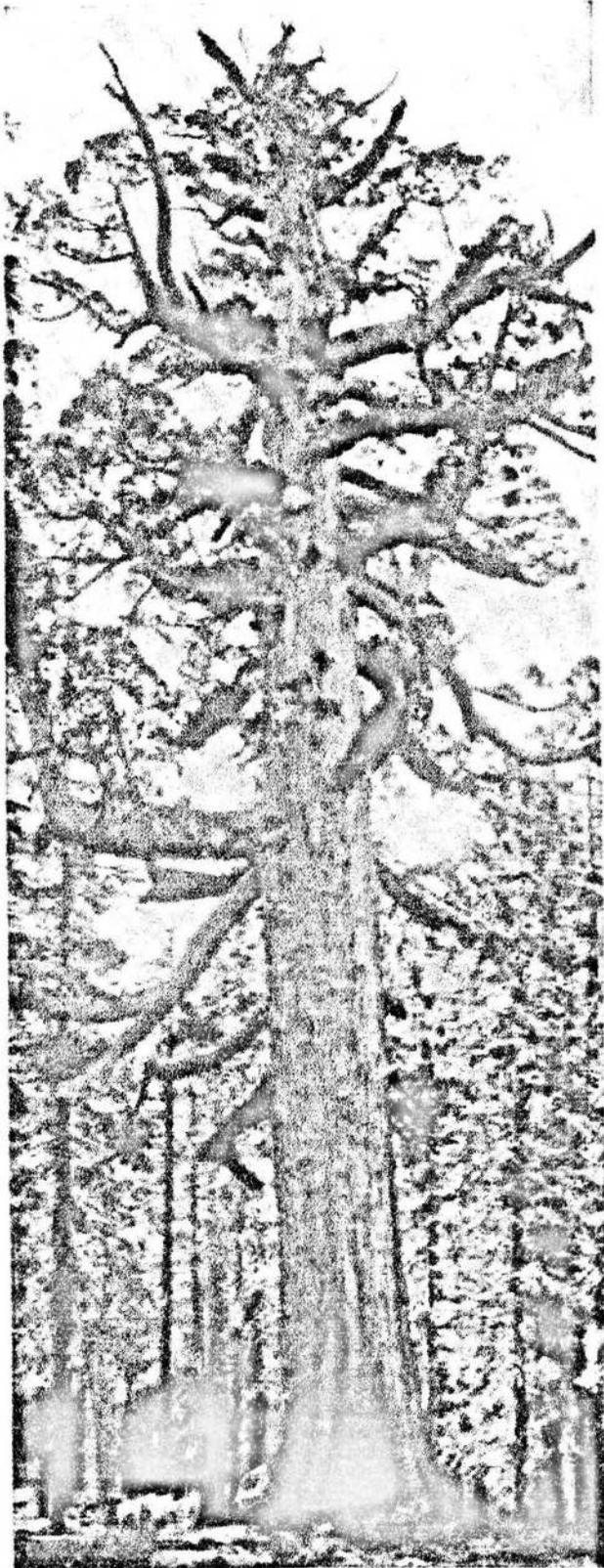


Photo by J. T. Downer.
 GRIZZLY CLANT MARIPOSA, BY THE FERRY,
 YOSEMITE NATIONAL PARK.
 Note the billboard and team of horses.

use and recreation. By the act of October 3, 1890, the portion of Yosemite Park outside of the Yosemite Valley and the Mariposa big-tree grove was set apart as a public reservation, the boundaries being changed by the act of February 7, 1905. The Legislature of California, by the act approved March 3, 1905, received the Yosemite Valley and the Mariposa big-tree grove to the United States, and the joint resolution of Congress approved June 11, 1906, accepted the recession and fixed the boundaries of the park as they are at present, giving it an area of 710,622 acres.

The Yosemite Valley, which is the most frequently visited place, is about seven miles long and three-fourths of a mile wide. In the center of this valley is a level, parklike meadow, through which runs Merced River, while on either side the mountains rise steep and precipitous to a height of 4,000 feet above the floor of the valley.

Numerous streams drop from the edge of the cliff to the valley below. The first of these as the tourist enters the valley is the Bridal Veil Falls. A stream fully 30 feet wide falls first a distance of 800 feet, then rushes over a sloping pile of debris, and then drops perpendicularly 300 feet more. From the points from which it is generally viewed it seems to make but one plunge, and the general effect is that of a fall 900 feet high.

The great waterfall in this park, however, is the Yosemite Falls. This is a stream 35 feet wide, and in the spring and early summer, when the snow is melting upon the high Sierra, its roar can be heard all over the valley and the shock of the descent rattles the windows a mile away. This fall is succeeded by all critics to be one of the most wonderful and beautiful cascades in the world. Its first fall is 1,430 feet sheer drop; then comes a series of cascades, partly





Photograph by Bob

YOSEMITE FALLS, IN THE YOSEMITE VALLEY, YOSEMITE NATIONAL PARK

This is a stream 35 feet wide, and in the spring and early summer, when the snow is melted up in the high Sierra, its roar can be heard all over the valley and the chock of the distant ranges the windows a mile away. This falls is a good deal of water, but it is the most wonderful and beautiful cascade in the world. Its great fall is a 100-foot sheer drop, then it runs a water. A cascade, falls. Noisy in which the fall is 175 feet, and finally a small of the water. (From 1907)

hudden, in which the fall is 675 feet, and finally a vertical drop of 320 feet.

From the cliffs surrounding the valley the scene is one of remarkable inspiration and beauty. At the foot of the traveler lies the valley floor, the green trees and meadows and the winding river giving the effect of a rich velvet carpet, over which a line of silver has been drawn; here and there one gets glimpses of the foaming white waters, hurling themselves to the valley below; on both sides of the valley rise the great walls of rock, sculptured by the elements into various fantastic shapes and figures. Beyond the valley is a wonderful region of mountain and forest, accessible only by pack train.

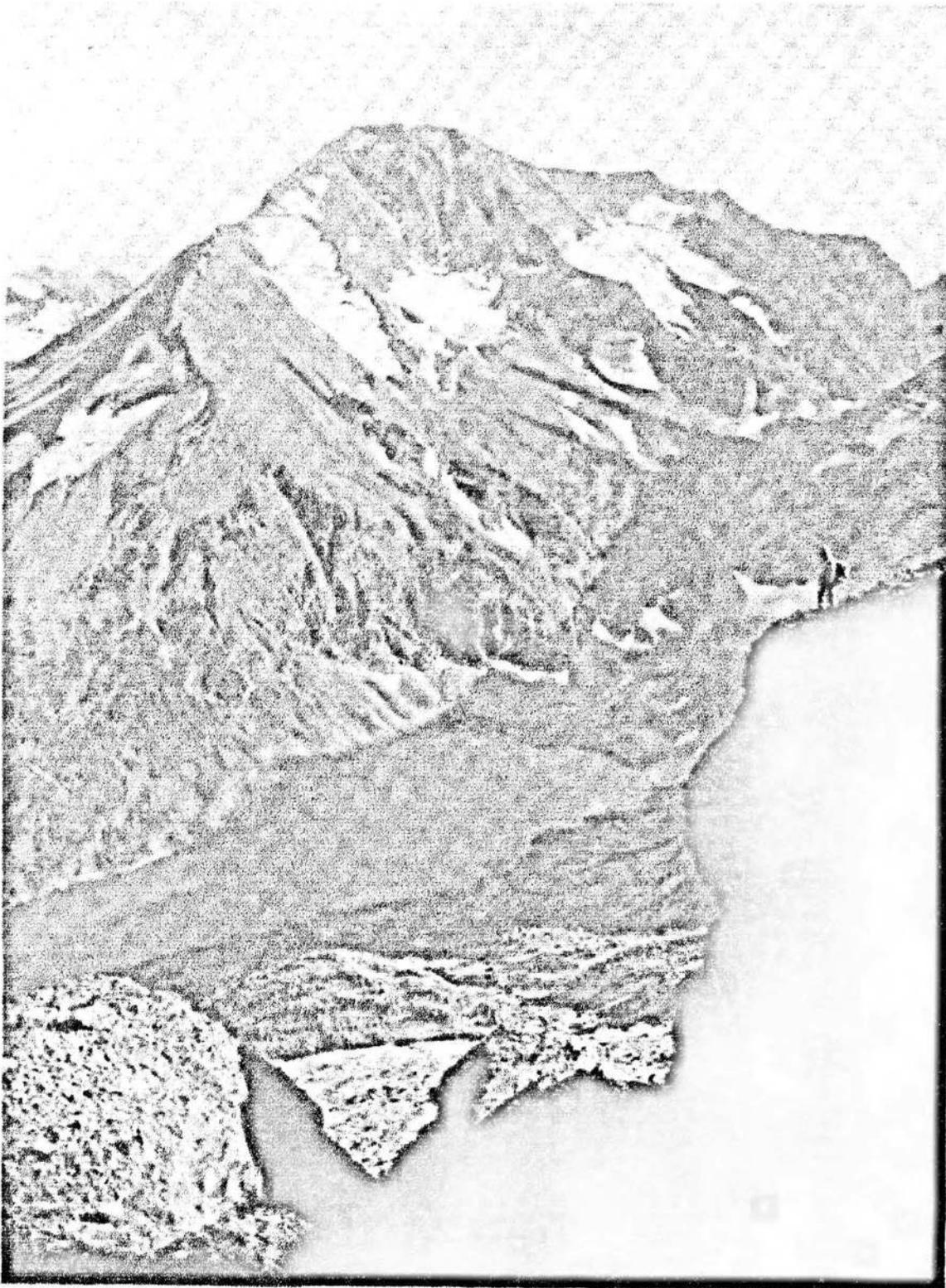
THE LARGEST TREES IN THE WORLD

The largest trees in the world are found in the Yosemite, the General Grant, and the Sequoia National parks. The Sequoia National Park, established by the act of September 25, 1890, is located in Tulare County and has an area of 161,597 acres. The General Grant Park, established by the act of October 1, 1883, is in Tulare and Fresno counties and has an area of 2,536 acres.

These trees grow to a height of over 300 feet and have a circumference of over 100 feet at the base, the bark sometimes exceeding 40 inches in thickness. The rings in their trunks show that many of them are over 3000 years old. For a hundred feet or more they are clear of branches, then great limbs the thickness of large trees extend



Illustration by T. H. Brown
 SEQUOIA TREE TRUNKS IN THE GROVE, YOSEMITE NATIONAL PARK



Copyright 1971 by Kiser Photo Co. for Great Northern Railway
SUNSHINE LAKE FROM JACKSON MOUNTAIN, GLACIER NATIONAL PARK

explorada por Gombrich, que afirma ser tal tradição muito mais importante que a observação a olho nu, pois a reprodução de uma imagem se relaciona mais com as regras internas (modelos) do que com a possível realidade que se vê. A repetição de modelos para representar determinado objeto foi intitulado pelo autor de *Schemata*, conceituada da seguinte forma:

“Ele (pintor) começa não com sua própria impressão visual, mas com a idéia, ou conceito, que tem (...). A informação visual individual, as características distintivas que mencionei, é acrescentada a posteriori, como se o artista preenchesse os espaços em branco de um formulário. E se, como acontece sempre nesses casos, não há espaço previsto para certo tipo de informações que consideramos essenciais, pior para as informações. A comparação, diga-se de passagem, entre os formulários administrativos e os estereótipos do artista não é de minha invenção. Na linguagem da Idade Média havia uma palavra só para ambos, um símile ou modelo, que tanto servia para os casos da lei como para os da arte pictórica.

“E assim como o advogado ou o estatístico poderiam alegar que nunca chegariam ao caso individual sem algum tipo de esquema como o que lhes forneciam seus formulários, com seus espaços por preencher, da mesma forma o artista podia sustentar que não faz sentido olhar para um motivo se não se aprendeu a classificá-lo e enquadrá-lo na rede de uma fórmula esquemática”⁹³.

A *Schemata*, de que fala o autor, entendida como permanência de modelos/convenções para representar determinado objeto, após consolidado/estabilizado, passa a se confundir com o próprio objeto. Representar determinado objeto é representá-lo daquela forma. Em outras palavras, na arte da pintura vale mais o modelo que se estabeleceu para representar o objeto do que o contato e observação desse mesmo objeto pelo pintor. A mesma convenção vale para o leitor da imagem, que também acomoda sua leitura a uma *schemata* de recepção.

Para a fotografia parece que o procedimento não é muito diferente. A perfeita transmissão da informação fotográfica depende da sintonia entre o meio emissor da mensagem e o receptor da mesma. A chave do sucesso da informação reside no compartilhamento do mesmo código.

O período estudado é um momento de transição do suporte pintura para fotografia como meio de informação. Na passagem entre ambos houve a permanência de tratamento de temas e seus clichés. Nesse sentido, as imagens fotográficas da *National* parecem se inserir na tradição de representação do *wilderness* vindo da pintura, reprimando, com pequenas alterações, um padrão consagrado de ver a natureza americana. As fotografias em questão cuidaram mais de fixar sua incursão em um imaginário já difundido e menos em explorar novos ângulos possíveis que a máquina fotográfica poderia proporcionar. Sobre o assunto é pertinente a observação de Alinovi: “Os fotógrafos não buscam, em suas expedições, lugares inéditos ou desconhecidos. Procuram, ao contrário, reconhecer os lugares existentes, como visões imaginárias, nas fantasias inconscientes das massas, criando arquétipos e estereótipos que confirmam uma visão já existente para gerações futuras”⁹⁴.

Além disso, a revista tinha clara preocupação da aceitação do público leitor, portanto, a editoria estava submetida a um imperativo comercial de aprovação pelo gosto do público a que se dirigia. E para a certeza da recepção de uma imagem, ou de um sistema de imagens, dependia-se de prévio conhecimento do observador.

Mas as formas e modelos utilizados pela revista para representar a natureza do país migrou para outros temas nacionais. Entre eles, um extremamente próximo ao *wilderness* e de igual importância no universo do imaginário norte-americano: a ideia de fronteira.

⁹³ GOMBRICH, E.H. *Arte e ilusão*. São Paulo, Martins Fontes, 1995, p.78.

⁹⁴ ALINOVI, Fernan. *La Fotografia. Illusione o Rivelazione?* Bologna, 1989. p.76.

A Fronteira

A força da idéia de espaço como um dos elementos constituintes do imaginário do nacional norte-americano se consolidou-se exatamente durante o período analisado. Na comemoração do quarto centenário da chegada de Colombo às Américas, realizada na cidade de Chicago em 1893, um historiador da Universidade de Wisconsin, Frederick Jackson Turner, apresentou um texto sobre o significado da fronteira na história norte-americana. Turner propôs um esquema geral de interpretação da história norte-americana a partir da compreensão do avanço de suas fronteiras. Segundo o historiador, a marcha do Leste civilizado para o Oeste selvagem foi o movimento que imprimiu definitivamente o caráter norte-americano, pois o colocou diante da Fronteira. Nas palavras do próprio autor:

“O desenvolvimento social norte-americano continuamente começa na fronteira. Esse perene renascimento, essa fluidez da vida norte-americana, essa expansão para o oeste com novas oportunidades, esse contínuo encontro com a simplicidade da sociedade primitiva fornecem as forças que dominam o caráter norte-americano.”⁹⁵

O momento do texto de Turner é extremamente significativo, pois, como constatou o próprio autor, em 1890, os Estados Unidos já haviam encerrado o processo de colonização interna, realizado a anexação de territórios estrangeiros através de guerras ou aquisição pacífica e, principalmente, concluída a sangrenta questão indígena, confinando em estratégicas reservas as tribos ainda resistentes. Para se ter idéia, durante

⁹⁵ citado por PRADO, op. Cit., 203.

o século XIX, os Estados Unidos multiplicaram onze vezes seu território original, saindo de 835.202 Km para 9.363.292 Km.⁹⁶

As colocações de Turner além de afinarem com o imaginário norte-americano, estavam em sintonia com proposições científicas da época. A expansão territorial como movimento natural dos povos considerados “civilizados” em detrimento de povos “bárbaros”, já havia sido proposta por Karl Ritter. De maneira muito semelhante às propostas de Turner, Ritter havia, na primeira metade do século XIX, dado não apenas um sistema e um método à geografia humana, mas também uma racionalidade e um sentido histórico na ocupação dos espaços pelos povos, bem como acenado para uma legitimação da expansão territorial, um processo que se mostrava inevitável, uma verdadeira marcha histórica imprescindível. Para o geógrafo prussiano, os povos de cada continente tinham um papel histórico a cumprir – já determinado pelo Criador. A Europa, obviamente, era a grande guia cultural da humanidade, porém, a América do Norte foi vista pelo autor como:

“(...)Esta situação poderá rapidamente evoluir, fazendo da América do Norte uma nova e jovem Europa; ela parece estar destinada a transplantar e fazer penetrar a civilização até os pontos setentrionais mais avançados da Terra.”⁹⁷

Mas Ritter não apenas fundamentava seu discurso em proposições teológicas, articulava suas colocações através de demonstração de fatos históricos, e o avanço tecnológico de determinado povo era o sinal empírico (e prova conclusiva) de superioridade, pois conseguira cumprir os desígnios divinos da evolução, desenvolvendo suas potencialidades.

As afinidades entre as proposições do autor prussiano e do historiador americano são claras. Assim com Ritter, Turner realiza uma condensação da fundação mitológica da história (norte-americana) em uma

⁹⁶ JUNQUEIRA. *Op.cit.*, 2001, p. 39.

⁹⁷ MORAES, *Op. cit.*, 2002, p.195.

explicação aparentemente racional, pois utiliza para a demonstração de seu discurso a comprovação por meio de fatos. Daí que o grande valor das conclusões de Turner não se encerra na interpretação dada ao processo que havia sido concluído. Como esclarece Lucia Lippi Oliveira: “Turner não se refere somente ao Oeste, mas sim a toda história americana”⁹⁸. Nesse sentido, a fronteira do Oeste americano deixou de ser um espaço geográfico e se tornou um processo constante e inacabado.

Assim, tanto a idéia de fronteira como de *wilderness* apesar de partirem de uma situação geográfica específica, deixaram de se referir meramente a um local previamente estabelecido e se tornaram, respectivamente, um processo em si de conquista e um substantivo-adjetivo, uma qualificação para um lugar desconhecido e hostil, desafiador para o conquistador/empreendedor.

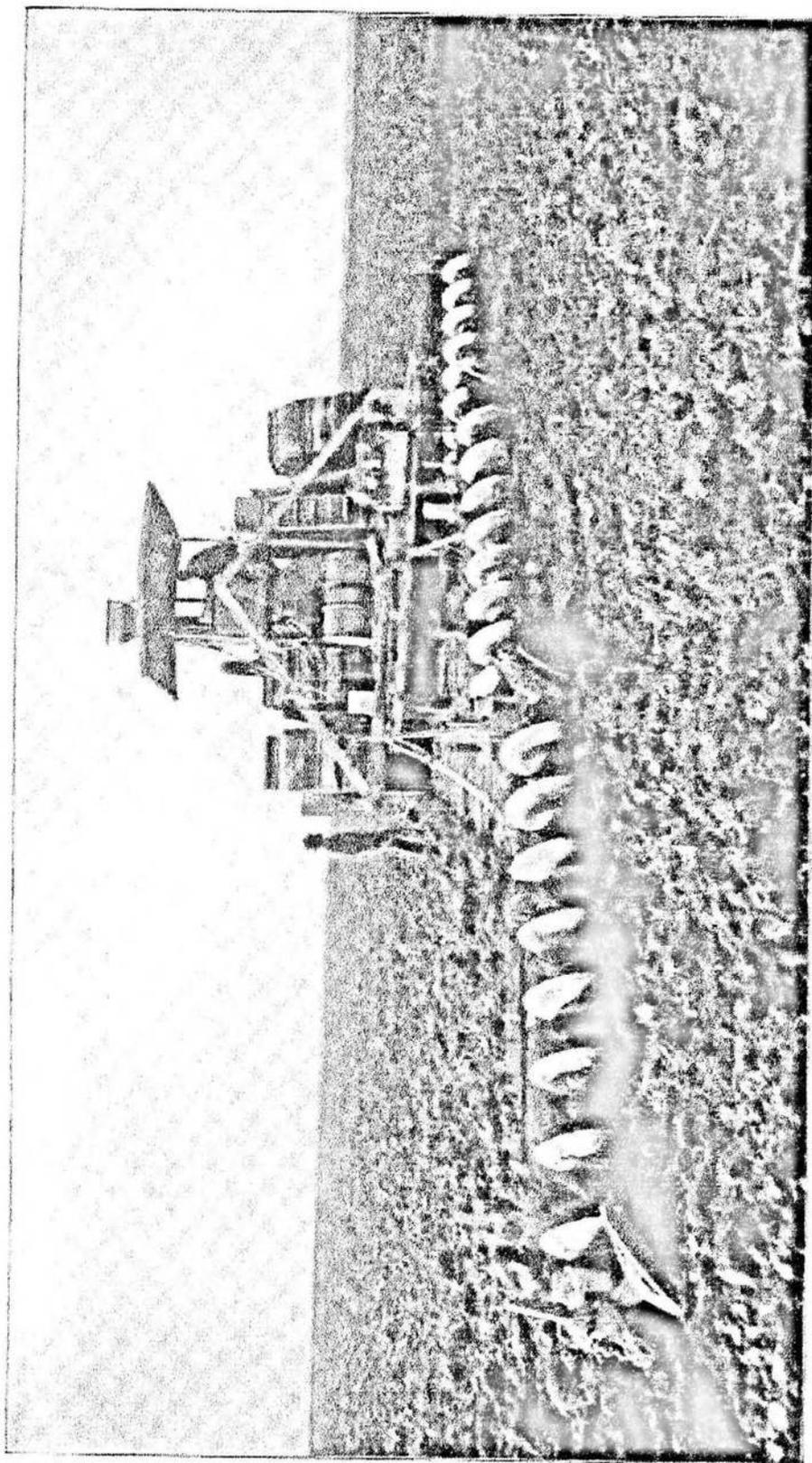
As conclusões de Turner, ao mesmo tempo que estabeleceram uma explicação e sentido teleológico para história americana, justificam e legitimam a persecução do mesmo processo para o futuro. A metáfora da fronteira tanto poderia se prestar a processos mais abstratos de conquista, como fronteiras agrícolas internas e avanços no processo produtivo da nova indústria, ou ainda à implementação e legitimação da conquista de territórios estrangeiros. A idéia de conquista de “fronteiras” ou superação de obstáculos como desafios inerentes ao caráter do povo americano balizou praticamente toda reportagem da *National* quando o tema eram os “avanços” do país sede da revista.

As Grandes Obras/ O Progresso

⁹⁸ LIPPI, *Op. cit.*, p.116.

Os grandes espaços norte-americanos representam ao mesmo tempo a grandiosidade do país e o tamanho do desafio colocado para seus habitantes. O controle dessa geografia é prova da capacidade laborativa do ianque que sabe explorá-la.

Em artigo publicado em julho de 1903, com o título: "*The United States; Its soils and Their Product*", por H. W. Wiley, Ph D., LL D, o autor, chefe do departamento de Agricultura do Estado, descreve as riquezas do solo. O artigo debruça-se sobre as origens geológicas do solo americano. Segundo o autor, graças à grande extensão de seu território, os Estados Unidos possuem uma imensa variedade de solos de combinações minerais diversas. Também em virtude da sua extensão, os climas vão do temperado ao sub-tropical. A combinação desses elementos proporciona um leque bem variado de possibilidades agrícolas e pastoris, podendo ser plantado em solo americano praticamente todo tipo de produto agrícola. O texto faz alusão apenas aos elementos físicos e não ao real aproveitamento do solo rico. A produção propriamente dita vêm das imagens que instruem a reportagem. As quatro primeira fotos, em um total de dez, são de máquinas agrícolas em pleno movimento. A primeira foto que abre a série (foto 22) é de um campo aberto, sem qualquer paisagem ao fundo. O centro da cena é ocupado por um trator de grande porte que arrasta um imenso arado que se encontra no primeiro plano da imagem. O arado, composto por mais de duas dezenas de lâminas de aço traspassa praticante toda a foto na perpendicular. Apenas duas figuras humanas são identificáveis. Uma conduzindo o trator e outra no chão, ao lado da máquina. A posição da segunda figura humana, ao lado do trator, permite verificar as proporções do equipamento. Em pé, o homem é menor que o aro da roda traseira do veículo. Entre a base da roda e o teto do trator a escala é de aproximadamente três vezes o tamanho da figura humana, o que dá a dimensão da grandiosidade do equipamento. O campo aberto, por sua vez, toma todo o pano de fundo da cena. Sem qualquer vegetação ou



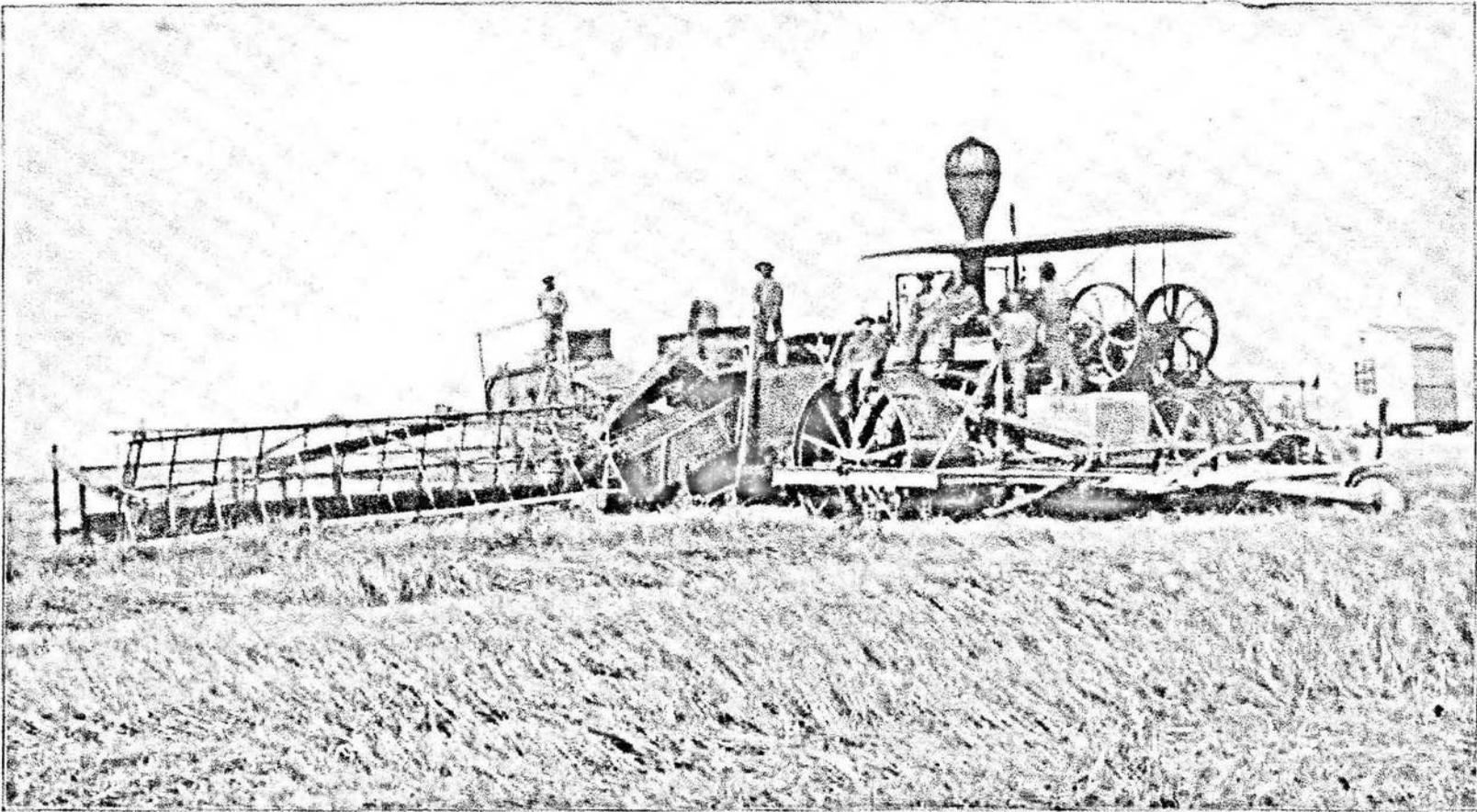
From *Edwin S. Holmes, U. S. Department of Agriculture*
A Steam Plow in the Great Valley of California

acidente geológico, a foto colhida conduz a visão para um imenso espaço aberto, uma área sem limites, que faz o olhar se perder no horizonte.

A segunda foto da série (**foto 23**) traz uma imagem bem mais impactante. Cobrindo todo campo visual da página, a imagem traz uma enorme máquina agrícola. Trata-se de uma ceifeira a vapor. Por sobre a máquina encontram-se sete homens distribuídos em sua extensão. As figuras humanas, apesar de comparecerem em grande número, ocupam uma parte pequena do enorme equipamento. A máquina, toda feita de ferro, é constituída por inúmeras rodas e esteiras coordenadas, por vários compartimentos/peças, o que aumenta ainda mais a impressão de complexidade do veículo. A legenda, para não se ter dúvida do que se está olhando, completa a impressão visual dizendo que o equipamento pode colher até 135 acres em um único dia e precisa de oito homens para ser operada: "The machine can harvest from 60 to 135 acres a day, and requires only eight men to operate it".

Mas a máquina não apenas colhe em um dia a safra de 135 acres, ela também ensaca imediatamente os grãos. Na foto seguinte (**foto 24**) a mesma máquina aparece em visão traseira. Novamente um grupo de trabalhadores postos na cena reforça o tamanho do equipamento. Dos sete homens presentes, seis estão no lado esquerdo da máquina. Como estão todos muito próximos, quase enfileirados e de frente para o leitor, é possível verificar novamente a extensão do equipamento. Todos juntos não chegam a tomar um terço do tamanho da ceifeira. No canto direito da imagem vê-se um compartimento de onde saem os grãos já ensacados. Um único equipamento faz diversas operações: colhe, limpa e ensaca as sementes. A legenda não deixa passar despercebido pelo leitor o produto já ensacado: "Showing the bags of harvested grain left behind as the machine advances."

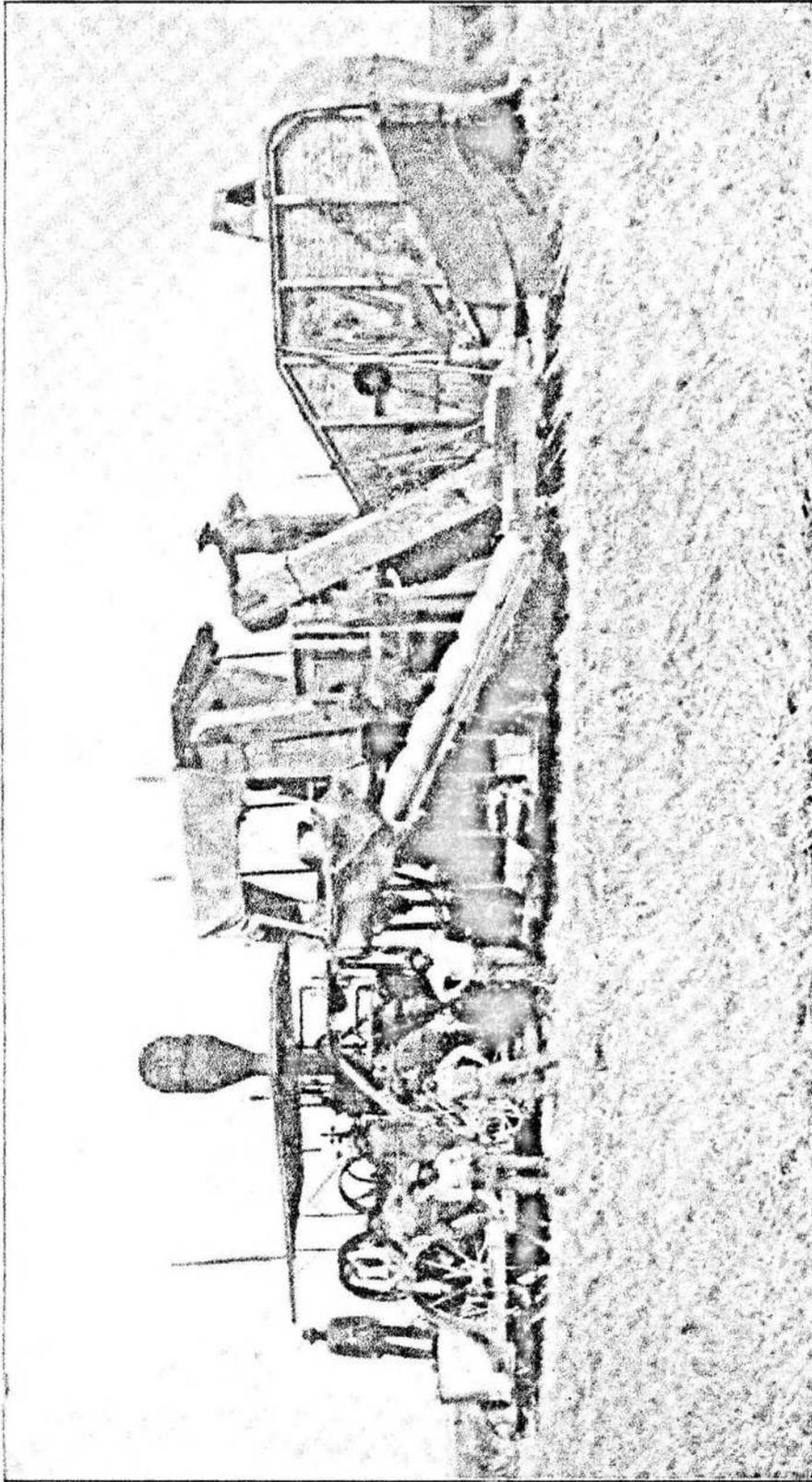
A imagem seguinte é uma impressionante muralha de sacos de grãos (**foto 25**). A foto colhida na transversal e de dentro das "paredes" de sacos transmite a dimensão e a afluência da produção agrícola norte-



From Edwin Holmes U. S. Department of Agriculture

Front View of a Steam Harvester-Thresher Used on the Pacific Coast

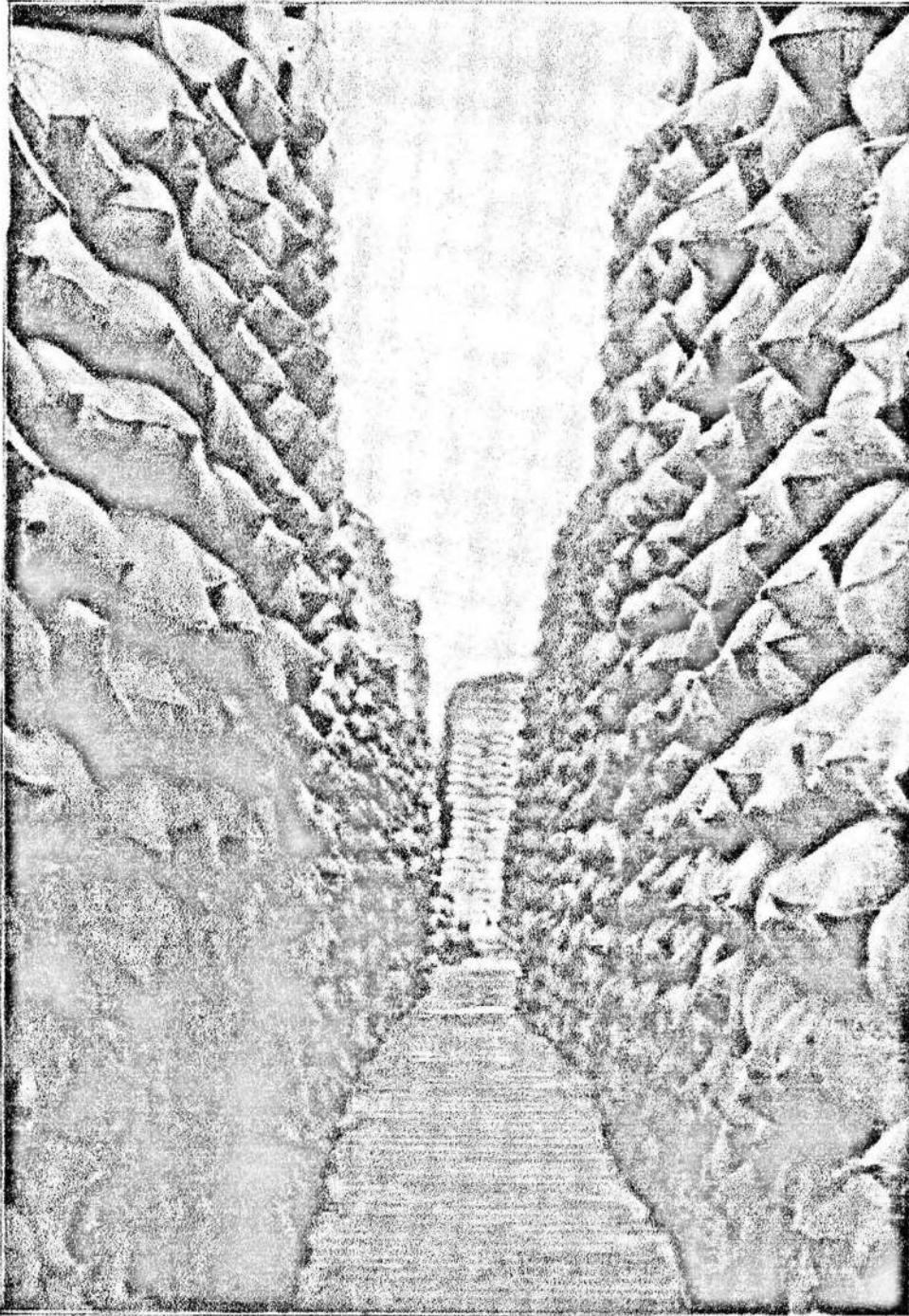
Ponderous machines like the one shown in this picture sweep through miles upon miles of ripened grain, cutting swaths from 16 to 22 feet in width, harvesting, clearing, thrashing, and leaving behind a long trail of sacked grain, ready to be hauled to the warehouse, railroad, or mill. The machine can harvest from 60 to 125 acres a day, and requires only eight men to operate it. It can be used successfully only on a grain perfectly dry, as well as thoroughly ripe.



U. S. DEPARTMENT OF AGRICULTURE

Rear View of Steam Harvester-Thresher

showing the logs of harvested grain left behind as the machine advances



From Edward S. Holmes, U. S. Department of Agriculture

Between the Walls of 100,000 Sacks of Wheat at Mission, Oregon

The warehouse is 58 feet wide and 370 feet long. There are 25,000 bushels of wheat in the sacks

americana. A legenda passa os números do que se vê : "Between the Walls of 100.000 sacks of Wheat at Mission, Oregon. The warehouse is 56 feet wide and 310 feet king. There are 250.000 bushels of wheat in the sacks".

Mesmo quando o solo não é tão generoso, a produtividade é alta graças ao talento da engenharia. Com o título "Winning the west (an account of the marvelous progress of our reclamation service in reclaiming the desert)"⁹⁹, publicada em fevereiro de 1906, a revista festeja mais do que a entrada do desenvolvimento tecnológico em solo americano, verifica extasiada o poder de transformação do solo árido pelo processo de irrigação. Apresentando números impressionantes sobre a construção de canais, diques, dutos, represas e túneis, o artigo mostra como o processo de irrigação redime, para a produção, grandes extensões territoriais literalmente perdidas no meio do deserto entre o Arizona, Kansas e Massachusetts. Os termos comparativos do artigo são o ponto alto do texto. Fazendo alusões a outras civilizações, o autor do artigo, C. J. Blanchard¹⁰⁰, um engenheiro do departamento de *Reclamation* do governo norte-americano, compara o processo em andamento com as realizações do antigo Egito. As obras implementadas pelo governo americano se colocam no mesmo patamar de magnitude da civilização dos faraós: "In these palaces and in many miles of canals we may almost read the story of another Egypt – a people toiling under the burning sun of the desert, wearily and painfully executing the commands of an American Pharaoh".

As fotos que acompanham a reportagem concretizam a dimensão faraônica descrita pelo texto. Apresentadas em uma suposta seqüência cronológica, a primeira foto apenas mostra o início da obra no meio do deserto, ainda com homens chegando ao local (Estado de Nevada) e identificando suas condições. Na foto seguinte (foto 26), tem-se a construção acabada. A ilustração é de um longo canal cortando uma montanha e, logo abaixo, um vale. A foto foi colhida na vertical, porém

⁹⁹ C. J. Blanchard, "Winning the west (an account of the marvelous progress of our reclamation service in reclaiming the desert)", fevereiro/1906. pp. 82-98.

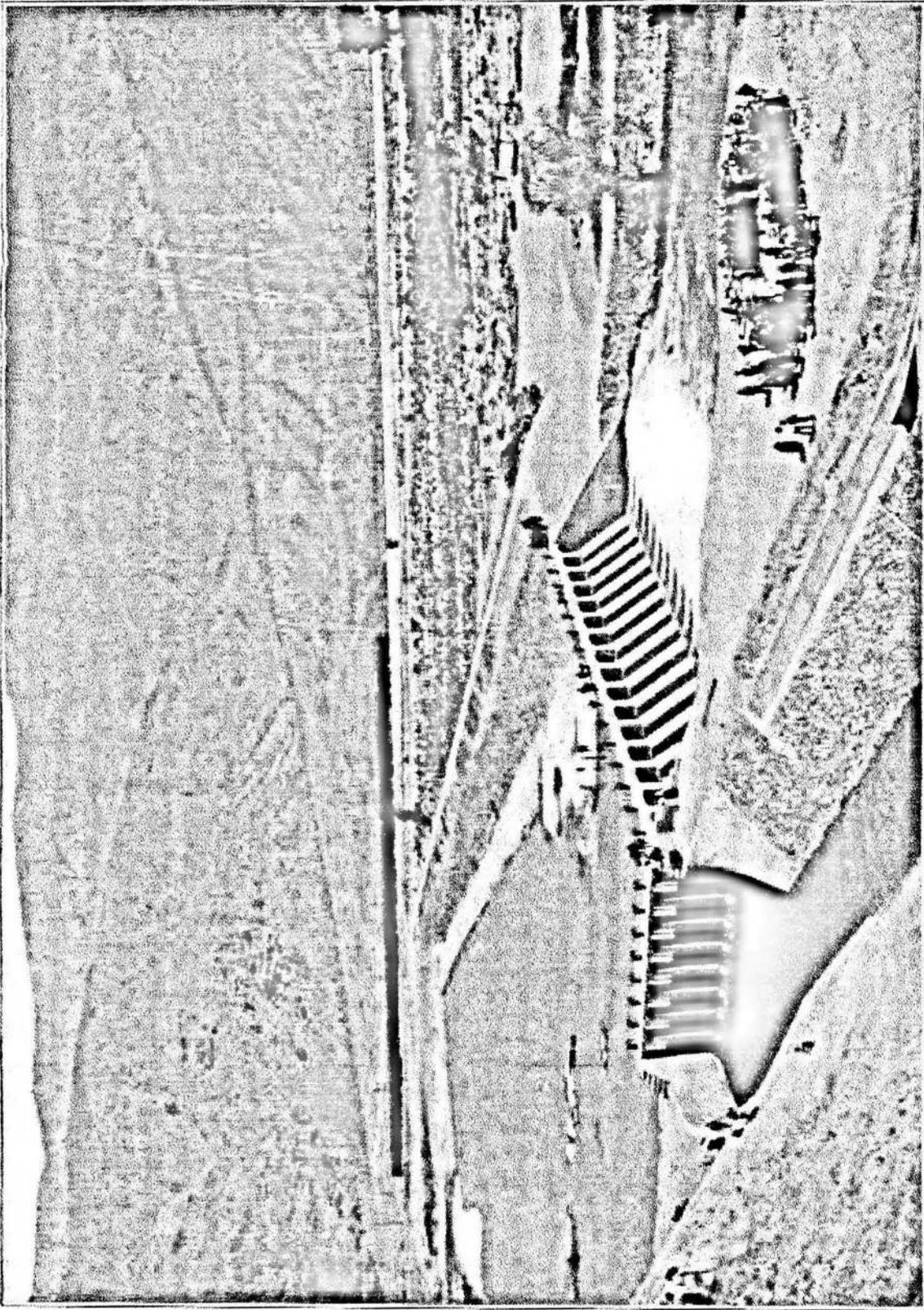
¹⁰⁰ O mesmo autor da reportagem "Millions of moisture", citada no início do presente capítulo.



View of the Craters of the Pinckney-Carsen Project, Nevada

como se trata de um declive, pode-se ver um grande campo de fuga no horizonte, um espaço enorme. O primeiro plano é do próprio canal. Trata-se de uma vala pavimentada com concreto que toma toda a extensão longitudinal da imagem, iniciando-se pelo ângulo da foto, no primeiro plano, e estendendo-se até onde a vista não alcança. Como a escolha do enquadramento da foto corta parte do canal, não é possível verificar o início do mesmo, nem seu fim, apenas seu percurso. No lado direito, no centro, é possível identificar a presença de um conjunto de vagões embaixo da colina. O comboio composto de cinco vagões está parado e sem a locomotiva, talvez uma indicação das razões da escolha da foto, exatamente pelo conhecimento prévio da certeza do fotógrafo de que iria conseguir recolher na cena o meio de transporte. Os dois elementos (o duto e o trem) são os únicos elementos que destoam da paisagem constituída apenas pelo solo árido, sem qualquer presença de vegetação. O contraste é marcante. São dois sinais claros do progresso humano inseridos no meio hostil. Vê-se nessa imagem apenas a transformação operada pelo homem, mas este não aparece.

Na foto seguinte (**foto 27**), tirada de cima para baixo, vê-se uma barragem no primeiro plano. O fundo da imagem é um canyon, cuja identificação só é possível graças ao canto superior esquerdo que deixa vaziar parte do céu. A represa está no primeiro plano, no canto esquerdo, e no centro, podem-se ver as comportas abertas, movimentando as turbinas. O funcionamento da represa está indicado pela mancha branca que sinaliza a espuma decorrente ao movimento típico desse equipamento. Tanto a barragem principal como a entrada lateral são perfeitamente identificáveis na foto. As colunas são feitas de cimento armado. Como a foto foi colhida em uma visão panorâmica, é possível identificar todo o imenso vale onde se encontra a barragem. No canto esquerdo, uma pequena multidão assiste ao movimento das turbinas, o que pode ser identificado pela legenda, que informa tratar-se da cena de inauguração da obra "*Opening one Branch of The Truekee-Carson System, June 17, 1905*". Fechando o primeiro ciclo de



Opening one Branch of the Trusker-Carson System, June 17, 1905

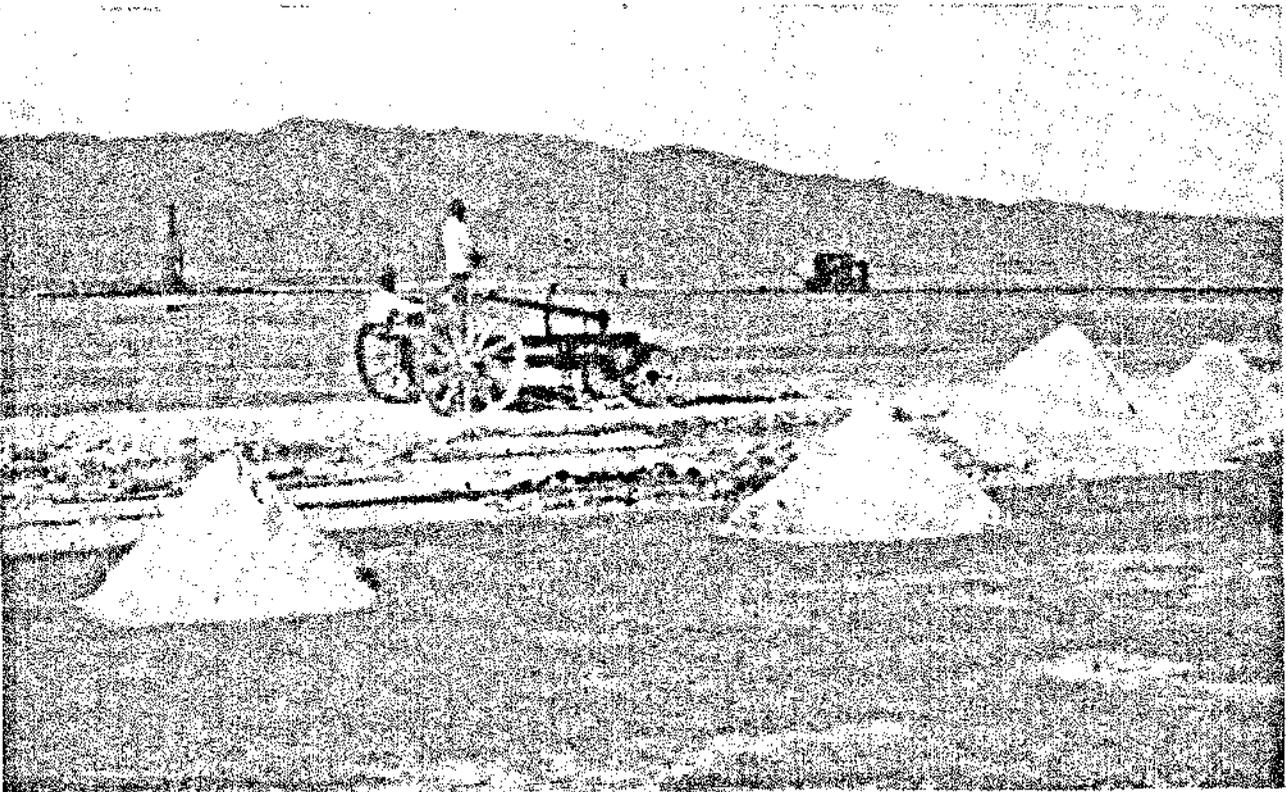
imagens, a foto da página 91 mostra em close uma imensa plantação. Segundo a informação da legenda trata-se de repolhos, no Arizona. A própria legenda cuida de informar que houve um crescimento na produção, são cinco colheitas por ano, graças ao sistema de irrigação: *Five crops are raised each year.*

Os superlativos extáticos para descrever os processos produtivos norte-americanos estão inclusive nas tradicionais atividade extrativas. Em reportagem sobre a produção de sal na Califórnia, a revista publicou matéria com o título “A Remark Salt Deposit”¹⁰¹. O artigo contém duas páginas: uma escrita e uma foto (foto 28). O texto descreve primeiro o cenário, montanhas de sal, depois explica como se obtém o produto; em um processo moderno, que envolve tratores, cabos de aço e recipientes preparados com reagentes químicos à base de soda cáustica, e, por último, lembra da importância do sal para uma infinidade de atividades industriais, que vão bem além da imaginação média do público. Uma única imagem da reportagem mostra um veículo com tração a motor, trafegando por entre pequenos montes de sal.

Outro registro claro do progresso norte-americano veio em reportagem publicada em julho de 1905, com o título: “Our Mines and Quartier”. A reportagem, de apenas uma única página, trouxe um impressionante número estatístico sobre o aumento da produção de minério do país: um bilhão de dólares em minérios foi extraído naquele ano. O argumento central do discurso consistia na rápida modernização dos processos produtivos com a entrada de equipamentos substituindo a força animal e humana no processo de extração.

“The remarkable progress made in recent years in transmission of power through the utilization of water-courses has enabled mining men to use electricity in very branch of their work. Electric motors are used for all kinds of work - drilling, coak cutting, hoisting, pumping, bentilating, etc. As a result a great many mining regions which formerly were too costly to perate

¹⁰¹ Charles F. Holder “A Remark Salt Deposit”, novembro/1901, p.391

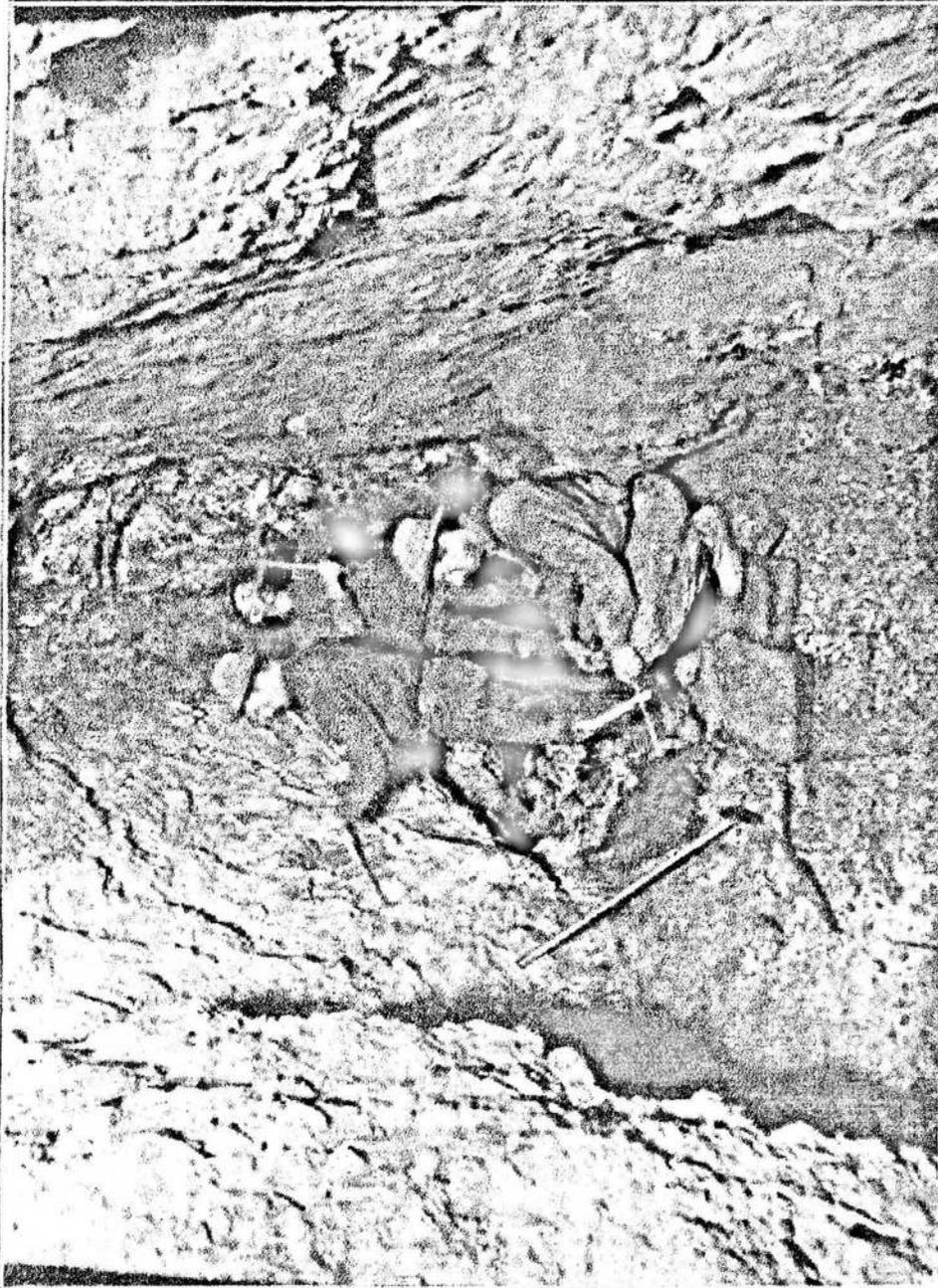


Plowing up the Salt in the Sea of Salton

from lack of fuel are now worked with much profit. The report also contains interesting chapters on copper, iron ore, gold and silver, petroleum, quartz, and every important mineral. It also discusses the resources of the different states."¹⁰²

A eloquência da mensagem aqui ficou totalmente por conta das imagens. A reportagem traz cinco fotos, cada qual cobrindo páginas inteiras, apresentando ao público leitor as máquinas responsáveis pela grandiosidade dos números. A seqüência de imagens mostra o processo produtivo e seu resultado final. Na primeira foto (**foto 29**), três homens estão trabalhando no fundo de uma mina. Todos uniformizados e equipados com instrumentos de metal estão abrindo brechas nas paredes da cavidade. A imagem seguinte apresenta um único mineiro, manuseando um aparelho pesado alojado sobre um suporte fixo que se estende de uma parede a outra do túnel (**foto 30**). Do equipamento – centro da foto – percebe-se a saída de um cabo condutor de energia. No primeiro plano, do lado esquerdo da imagem, encontra-se um carretel de fios elétricos. A legenda informa tratar-se de *as Electric Coal Cutter*. A terceira imagem é de uma pedreira praticamente exaurida (**foto 31**). Trata-se de uma enorme cratera, cujas paredes recortadas em formatos geométricos perfeitos indicam com clareza que foi totalmente explorada pelas máquinas de precisão empregadas. A figura fecha a seqüência das duas primeiras fotos, oferecendo ao leitor uma idéia completa do poderoso processo transformador das novas máquinas, que literalmente removeram uma montanha de pedras. A penúltima foto da reportagem (**foto 32**), o tema central é a própria máquina, protagonista da ação.

¹⁰² "Our Mines and Quartier", junho/1905, pp.343/349. "O progresso extraordinário feito nos anos recentes em transmissão de poder através da utilização de cursos de água capacitou mineiros a usar eletricidade em cada parte de seu trabalho. (...) Motores elétricos são usados para todos os tipos de trabalho – perfurações, extração de carvão, extração, bombas d'água e ventilação, etc. Como resultado, grandes regiões de mineração que foram muito caras para serem operadas devido à falta de combustível poderiam agora funcionar com muito lucro. O relatório também contém capítulos interessantes sobre cobre, minério de ferro, ouro e prata, petróleo, pedreiras e todos os minérios importantes. Também discute as fontes dos diferentes estados".



From Lewis & Clark's Journal, 1805-1806, at the
A Vein in a 1200-foot Level, Daly Judge Mine, Park City, Utah

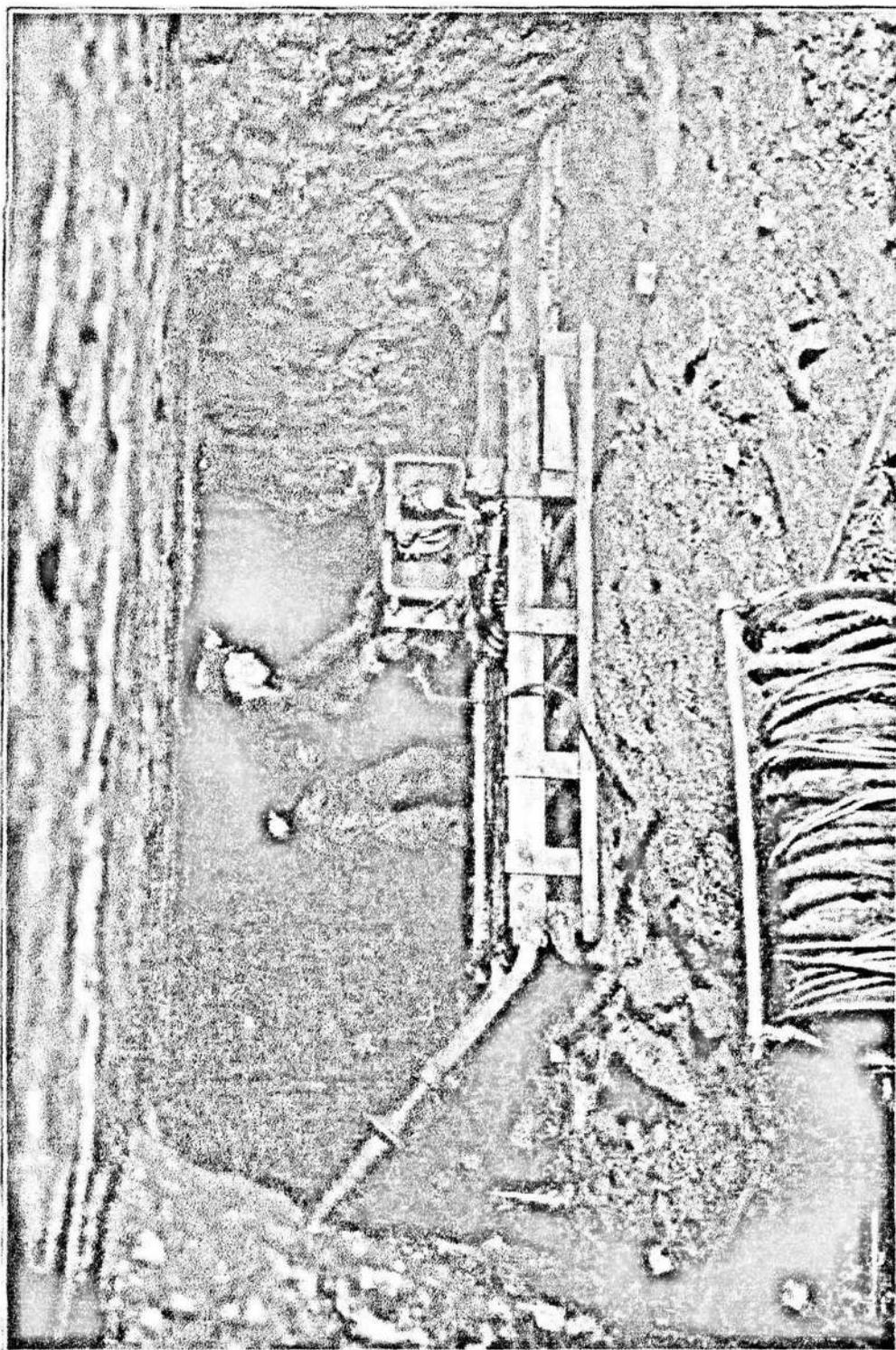


FIG. 1. Electric Coal Cutter in the Mine.

An Electric Coal Cutter



From top page 346, Merrill, Interior of the Quarry
View near Western End of Great Canyon Sandstone Quarry, Amherst, Ohio

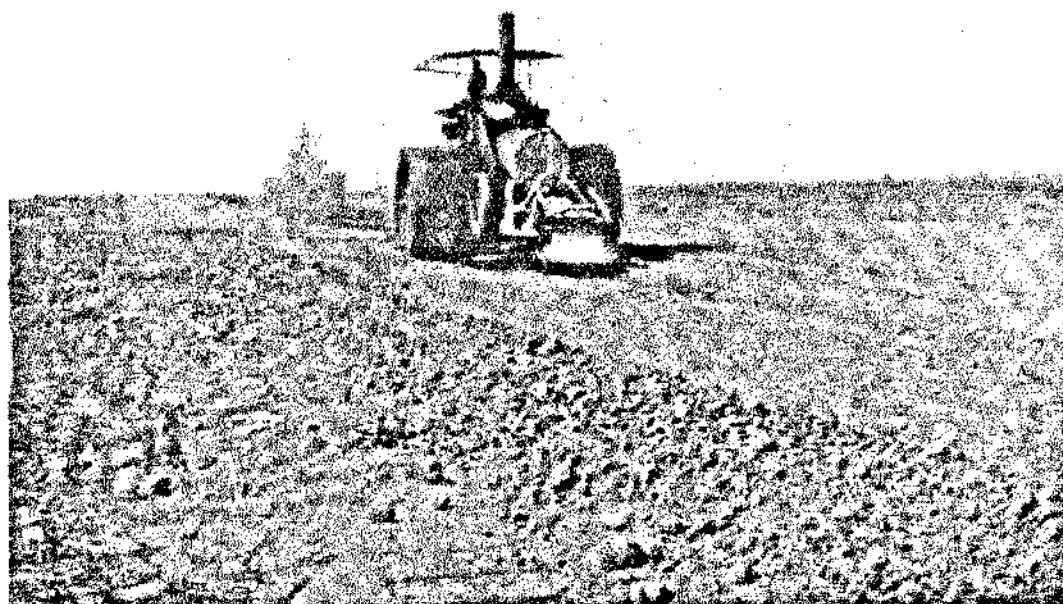


Fig. 32. A traditional method of irrigation in the delta of the Nile.

Também destacando o poder transformador das máquinas, a *National* publicou uma reportagem, *A Drowned Empire*¹⁰³, louvando a combinação perfeita entre a inteligência e criatividade da engenharia norte-americana e o uso de dragas, que, ao drenarem pântanos, abrindo estradas e pavimentando terrenos para passagem de condutores de água, ajudam o transporte e a irrigação, convertendo terras perdidas em verdadeiros oásis de produção. A reportagem, de dez laudas, contém nove fotos. A seqüência permite verificar o processo descrito pelo artigo. As três primeiras fotos são de pântanos selvagens e sem qualquer tratamento. A quarta foto, mostra um veículo pesado aplanando uma estrada (**foto 33**). O processo de transformação é facilmente identificado pela imagem. A foto foi colhida em um ângulo perpendicular do terreno, onde pode-se ver no primeiro plano inferior, um chão ainda áspero, com saliências, irregular e provavelmente pedregoso. Na linha superior da imagem, onde se encontra o veículo, o solo está aplainado, produto final do trabalho. Na seqüência, a revista mostra uma draga em operação (**foto 34**). O centro da imagem é ocupado pela parte final do equipamento, que, em operação, joga o lodo extraído do fundo do pântano. Toda a cena é ocupada pela máquina, um maciço bloco de aço em formato cilíndrico.

O país, nas imagens fornecidas pela revista, estava sendo rapidamente remodelado pelo ritmo frenético do trabalho organizado e eficiente. O cenário da transformação era composto por máquinas potentes, equipamentos sofisticados. Concreto armado, aço, ferro fundido, máquinas movidas por motores potentes, rodas calçadas por borracha, eletricidade, fios que conduziam energia e informação, esses eram os instrumentos que alavancavam o trabalho norte-americano. Um trabalho ao mesmo tempo disciplinado, moderno e racional. Macacão ou uniforme de brim, capacetes com ou sem lanternas, e luvas foram os elementos visíveis que sinalizavam disciplina, organização, racionalidade e modernidade do trabalho realizado por homens adultos (brancos) e especializados no traquejo desse

¹⁰³ Robert H. Chapman, "A Drowned Empire". março/1908, pp. 190/199.



ROAD-MAKING ACROSS NEWLY RECLAIMED TRACT OF SWAMP LAND IN SACRAMENTO VALLEY

State of Mississippi. It is probable that construction work in this area will be undertaken by the formation of a drainage district, the fund necessary for this purpose to be raised by assessment of the land improved.

INDIAN LAND PROJECT IN MINNESOTA

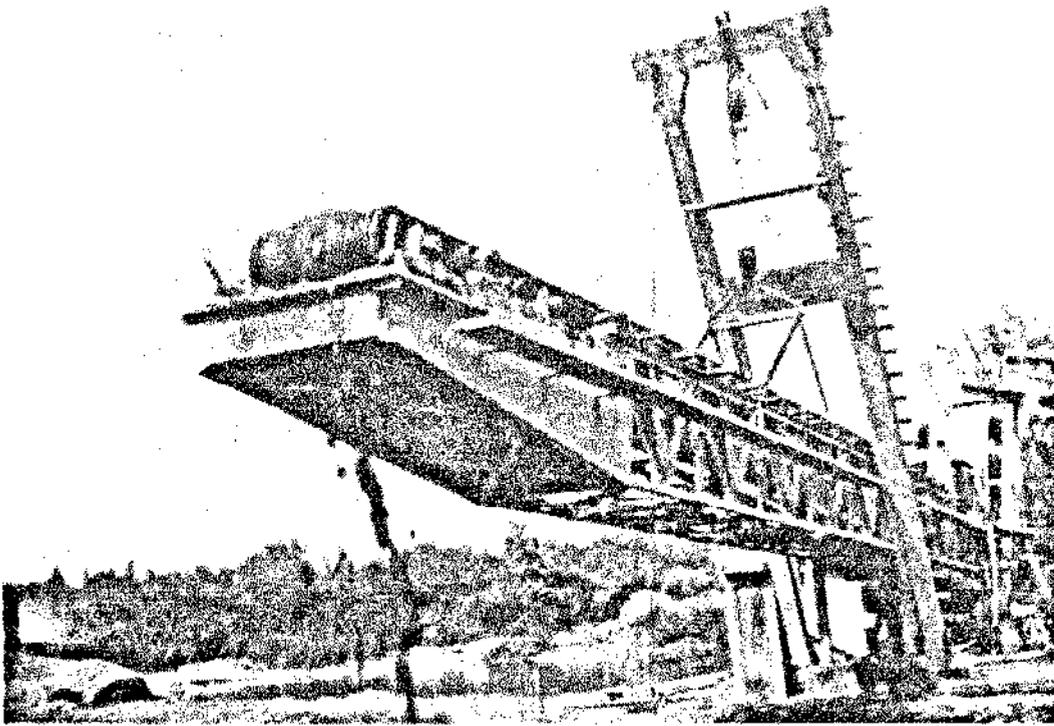
In northern Minnesota a very interesting problem is presented. Here the United States owns about 2,500,000 acres of land which the Chippewa Indians have ceded to the government, to be held in trust and disposed of for their own benefit. Without some improvement of the lands, however, there is little likelihood of the Indians realizing much of anything from them, since they constitute a vast swamp, with only here and there small patches of arable land. The settlers on these isolated tracts are as completely marooned during long periods as though located upon islets in the ocean.

So Congress has authorized the survey of these lands with a view to determining the feasibility of their reclamation by drainage, and the Geological Survey has completed the major portion of the work and has even drawn detailed plans for the reclamation, by draining, of one portion of the swamp, known as the Mud Lake district. An amendment to the Indian reappropriation bill has been proposed by Representative Stenretson of Minnesota allotting \$1,000,000 for the drainage of this district to be expended under the direction of the Secretary of the Interior.

Mr. Garfield also directs attention to the very considerable drainage work that is being done by the Reclamation Service in connection with its irrigation problems in the West. In one instance, in the Klamath, Oregon-California, project, some 50,000 acres of swamp land will be reclaimed by drainage, and under an extension of this great project there will be at

A DROWNED EMPIRE

195



TYPE OF CONVEYOR BRIDGE USED IN CHANNEL-DEPENDENCE

least an additional 100,000 acres drained. The Secretary points out with commendable pride that in the event that Congress should require additional surveys or drainage construction work performed, his department has already two fully equipped bureaus, the Geological Survey and the Reclamation Service, ready at any day to extend the drainage work that are in reality already doing, and at the same time he calls attention to the fact that, considered in its entirety, the drainage problem is not as simple a one as many suppose. It involves the handling of one of the most powerful forces with which man has to cope and is a matter of the broadest practical engineering.

The various phases of the problem may be classified as follows:

1. Farm drainage
2. Drainage and flood control
3. Drainage, flood control, and navigation
4. Tidal-land drainage

The first is the simplest form of the

problem—the draining of a farm or group of farms into the nearest natural run-off channel.

The second and third are closely related and more complex, especially in the determination of engineering measures whereby disastrous floods may be prevented and the water uniformly distributed over low-water seasons, so that navigable stages in the rivers may be maintained.

The fourth comprises such lands as may require protection from both streams and the sea.

The preliminary engineering requirements in every case are in no wise different from those governing the irrigation of arid lands, the construction of inland waterways, the prevention of floods, the conservation of water, or any other important water supply development. Such problems all involve engineering and physical factors the control of which may extend beyond the area immediately under consideration. There-

equipamentos. Mas o escoadouro da produção ia para outro local, para a cidade.

O Mundo Urbano : A CIVILIZAÇÃO.

Todo desenvolvimento industrial e tecnológico do modelo capitalista alcançado pelos Estados Unidos se traduzia, no olhar da revista, em maior conforto da vida urbana nas grandes cidades. Pavimentação de ruas, iluminação pública elétrica, sistemas de abastecimento elétrico em residências, encanamento de água tratada, fixação de postes de telefonia, todos esses benefícios da vida moderna eram temas mais do que constantes da *National* e tinham presença assegurada em todos os números da publicação, abordados – muitas vezes com tabelas e gráficos – como gloriosas conquistas da nação.

Em artigo publicado no número de outubro de 1897, com o título “Electric Street Railways”¹⁰⁴, a revista comemora o grande avanço no transporte urbano do país. Apresentando números espetaculares, o artigo fala da quantidade de trilhos instalados nas cidades americanas e do acentuado declínio da utilização de carroças puxadas por cavalos nos últimos onze anos, substituídos pela utilização da energia elétrica (1888-1897).

O mesmo tratamento aconteceu em reportagem publicada no número de dezembro de 1897, com o título “The Washington aqueduct and cabin john bridge”. No artigo, a revista informa o leitor sobre a construção do aqueduto na capital do país. Descrito como uma obra fundamental para

¹⁰⁴ “Electric Street Railways”, outubro/1897, p.284.

o saneamento e crescimento saudável da cidade, o aqueduto de Washington, segundo a revista, tinha capacidade de fornecer água superior em uma vez e meia que sua congênere de Londres, quatro vezes a de Paris, cinco vezes a de Philadelphia e uma vez e meia a de Roma. O artigo explica orgulhosamente os detalhes da construção, o material utilizado (aço e ferro fundido, cimento armado), e principalmente o trabalho abnegado e sofisticados dos engenheiros empenhados no projeto, que envolveu não só a instalação subterrânea de enormes tubos de conexões hidráulicas, como também a construção de pontes e reservatórios. O produto final foi uma obra de engenharia única no mundo, causando admiração e comentários na comunidade científica do exterior:

" This bridge is unique among the aqueduct bridge of the world, in that the two 48-inch maits, through which now flows about one-half of the water used by the city, themselves form the arched ribs which support the roadway overhead. The span of this brigdge is 200 feet and its rise 20 feet. At the time it was built it was the only one of its kind in the world, and it enjoys it is believed, this distinction at the present day. It was much commented upon by european engineer, and was illustrated in many of the foreign scientific and engineering journals of the time."¹⁰⁵

A capital do país de que trata o texto acima foi motivo de reportagem específica da revista, com o título, "*The Nation's Capital*", publicada em junho de 1913.¹⁰⁶ O artigo compara Washington com Paris, elencando qualidades da capital americana – principalmente serviços de

¹⁰⁵ D.D. Gaillard. "The Washington aqueduct and cabin john bridge", dezembro/1897, pp.338. "A ponte é única entre as pontes aquedutos do mundo, naqueles 2 maits de 48 inches, através da qual agora corre cerca de metade da água usada pela cidade, que foram arcos curvados que suportam a estrada acima. A amplitude da ponte é de 200 pés e ela tem 20 pés de altura. Quando foi construída, era a única desse tipo no mundo, e era acreditado que essa distinção continuaria até o dia presente. Era muito comentada pelos engenheiros europeus e era ilustrada em muitas revistas de ciência e jornais especializados em engenharia estrangeiros da época."

infra-estrutura - que não se via na capital francesa. As imagens que acompanham o artigo dão conta dos argumentos do texto. Alamedas arborizadas, ruas asfaltadas, trilhos de bondes fixados no leito carroçável, automóveis, fios de condução de energia elétrica e, principalmente, prédios públicos monumentais cercados por multidões (associação direta à democracia do país), formaram as imagens para representar a cidade americana. **(foto 35 e 36).**

Mas os avanços e comodidades da vida cotidiana trazidas pelos progressos estavam descritos não apenas em reportagens diretas sobre a vida urbana do país, mas também, e principalmente, nos anúncios publicitários que sugeriam claramente a vida material daquela sociedade.

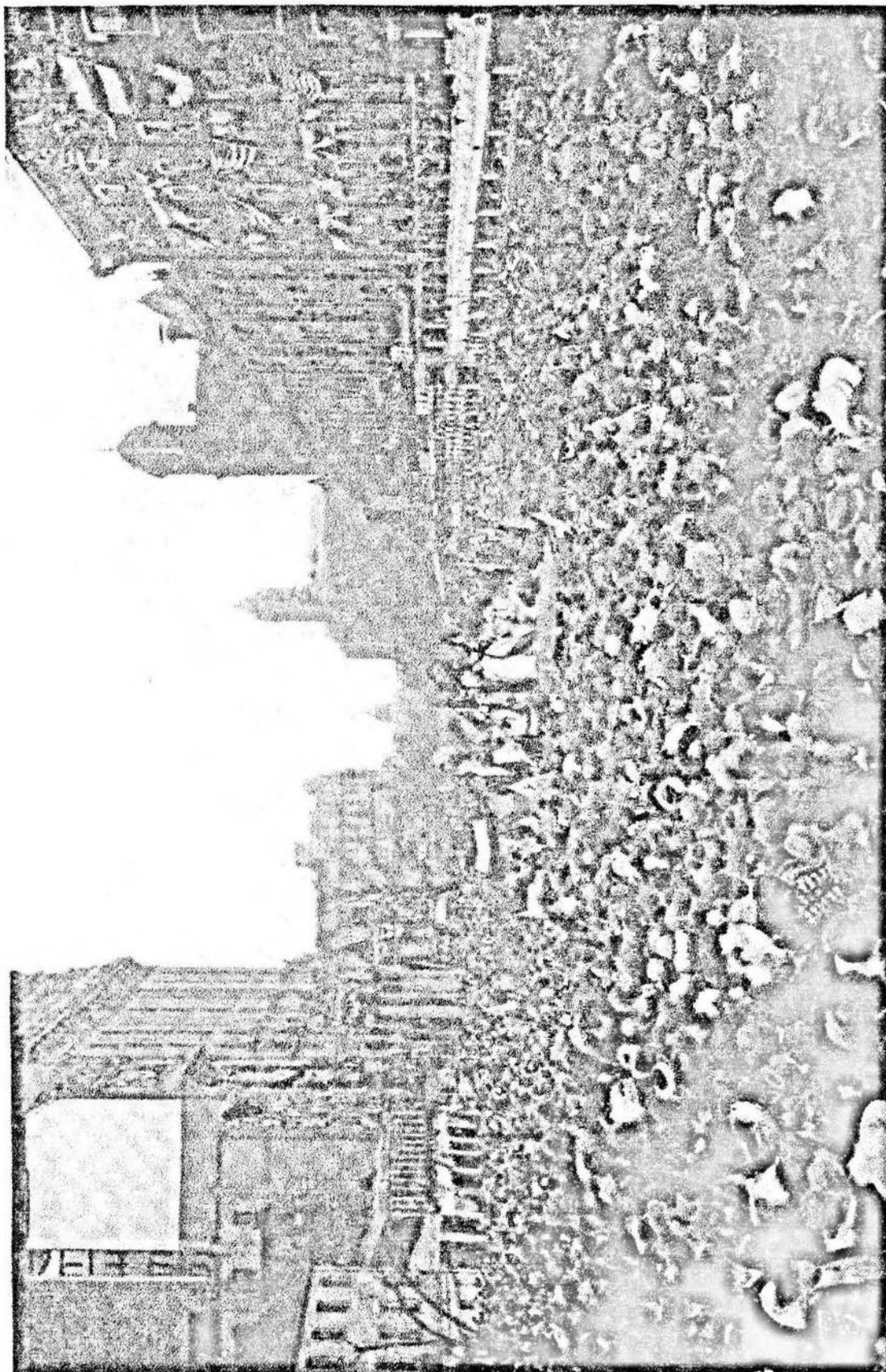
O Mundo Material Urbano/ A Publicidade:

A partir do século XX, os números da revista passaram a trazer uma enorme quantidade de publicidade. O material é revelador não só do estrato social dos leitores do periódico, mas também dá sinais claros, a partir da vida material, do estágio tecnológico da sociedade norte-americana. Esse "mundo" de objetos de consumo está acompanhado de um discurso específico sobre progresso e civilização, que identifica nas novidades técnicas e científicas uma prova conclusiva da superioridade cultural do país. Em outras palavras, esse material permite ao mesmo tempo perceber os valores existentes no norte-americano e identificar seu olhar sobre sua própria realidade e a dos demais povos em termos comparativos.

As publicidades vendiam de canetas tinteiras a automóveis. Mas, as peças publicitárias iam muito além da oferta do bem em si, estabeleciam antes de mais nada um modo de vida e deixavam claro a

¹⁰⁶ The Nation's Capital, James Bryce, junho/1913, pp 717/731.

1943



LOOKING DOWN PENNSYLVANIA AVENUE FROM THE TREASURY BUILDING, SHOWING THE CROWDS WATCHING THE SURFACE OF
 PARADE ON MARCH 3, 1943. THE CAPITOL MAY BE SEEN IN THE DISTANCE

7 39



EAST CAPITOL STREET, LOOKING WEST FROM NEAR FIFTH STREET
Note the dome of the Capitol looming up in the distance between the magnificent American elms

separação entre o moderno e o arcaico, dando a medida e importância aos valores sociais subjacentes no discurso das reportagens.

A campanha publicitária do telefone talvez tenha sido a que melhor transmitiu a ideia de progresso dos novos tempos. No decorrer da década de 1900, a empresa do diretor da Revista, *American Telephone & Telegraph CO*, oferecia aos leitores muito mais do que uma nova forma de comunicação, vendia o milagre do progresso. A primeira peça publicitária da campanha, com o título "*The Neighbor-Make*", veiculada a partir de 1906, trazia estampada, em página inteira, a imagem de uma ponte de concreto armado (**ilustração 11**). O texto fazia a comparação entre as pontes construídas pelos homens primitivos e aquela maravilha da moderna engenharia. Abaixo, realizava a aproximação de ideias, comparando as funções da moderna ponte com o telefone, ambos servindo para aproximar pessoas, pois assim como a ponte, o telefone as conectava.

Em linguagem menos sutil, a peça publicada a partir de agosto de 1912 era mais enfática quanto ao progresso que representava o telefone: um meio de comunicação civilizado. A imagem é de um índio em cima de um penhasco, ao lado de uma fogueira (**ilustração 12**). O texto faz comparação entre o telefone – método moderno do homem civilizado - e o sinal de fogo usado pelos índios:

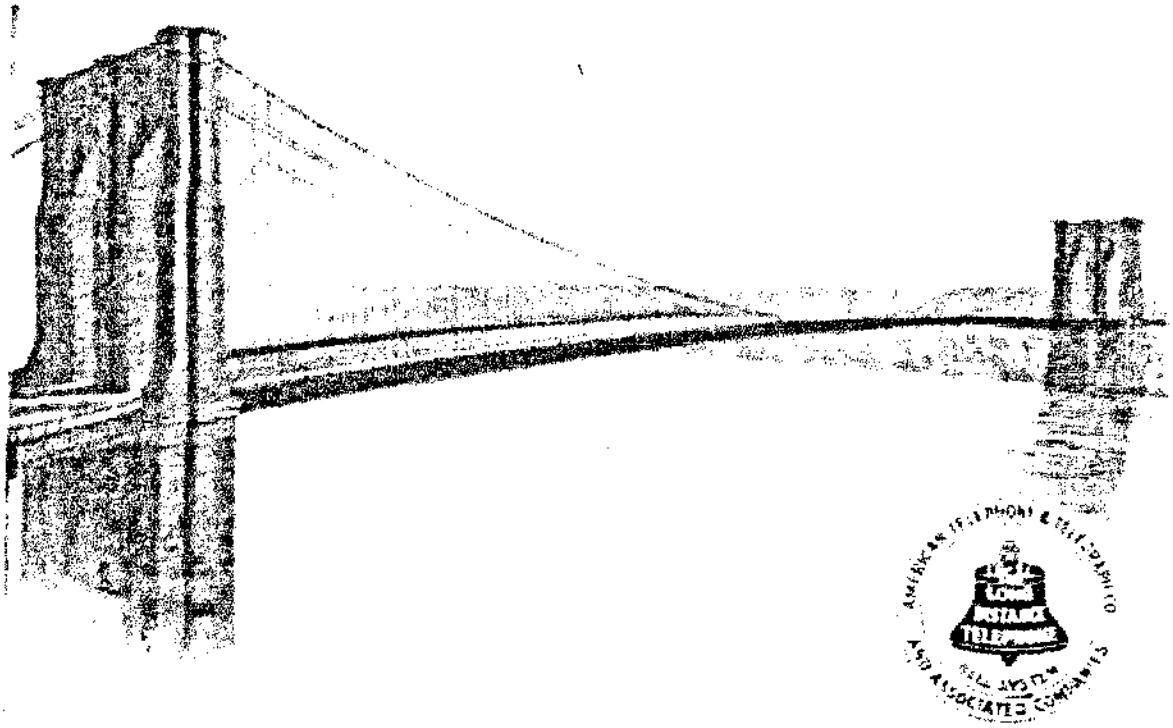
“ Civilization - from Signal Fire to Telephone

The telephone gives the widest range to personal communication. Civilization has been extended by means of communication.

The measure of the progress of mankind is the difference between the signal fire of the indian and the telephone service of today.

Each telephone user has a personal interest in the growth of the whole telephone system”.¹⁰⁷

¹⁰⁷ “O telefone dá a mais ampla variedade de comunicação pessoal. Civilização se estendeu através da comunicação. A medida do progresso da espécie humana é a diferença entre o sinal do fogo que o índio usava e o serviço de telefone de hoje. Cada usuário tem um interesse pessoal no crescimento do sistema completo de telefonia.”



The Neighbor-Maker

SAVAGES built rude bridges so that they might communicate with their neighbors. These have been replaced by triumphs of modern engineering.

Primitive methods of transmitting speech have been succeeded by Bell telephone service, which enables twenty-five million people to bridge the distances that separate them, and speak to each

other as readily as if they stood face to face.

Such a service, efficiently meeting the demands of a busy nation, is only possible with expert operation, proper maintenance of equipment, and centralized management.

The Bell System provides constantly, day and night, millions of bridges to carry the communications of this country.

**AMERICAN TELEPHONE AND TELEGRAPH COMPANY
AND ASSOCIATED COMPANIES**

One Policy

One System

Universal Service

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated.



Civilization—from Signal Fire to Telephone

THE telephone gives the widest range to personal communication. Civilization has been extended by means of communication.

The measure of the progress of mankind is the difference between the signal fire of the Indian and the telephone service of to-day.

Each telephone user has a personal interest in the growth of the whole telephone system.

He is directly benefited by every extension of his own possibilities. He is indirectly benefited by the extension of the same possibilities to others, just as he is benefited by the extension of the use of his own language.

Any increase in the number of telephones increases the usefulness of each telephone connected with this system.

The Bell System is designed to provide Universal service.

**AMERICAN TELEPHONE AND TELEGRAPH COMPANY
AND ASSOCIATED COMPANIES**

One Policy

One System

Universal Service

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated

Em outras peças o telefone é enaltecido como a realização de um sonho da humanidade (ilustração 13). Contando a história do deus *Thor*, da mitologia escandinava, a publicidade compara a invenção do telefone com algo inimaginável pelo homem. Na história mitológica, o pensamento do deus foi mais rápido que os pés de seu adversário na transmissão da informação. A peça conclui dizendo que aquilo que era um mito tornou-se uma realidade do dia a dia com o uso do telefone, que literalmente faz o pensamento voar:

"But the flight of thought is no longer a magic power of mythical beings, for the Bell Telephone has made it a common daily experience. Over the telephone, the spoken thought is transmitted instantly, directly where we send it, outdistancing every other means for the carrying of messages. In the Bell System, the telephone lines reach throughout the country, and the thoughts of the people are carried with lightning speed in all directions, one mile, a hundred, or two thousand mile away."¹⁰⁸

Da mitologia à realidade, o telefone era uma mágica do progresso que, segundo a publicidade, estava ao alcance de todos. Essa é a tônica de outra propaganda da empresa do senhor Bell (ilustração 14):

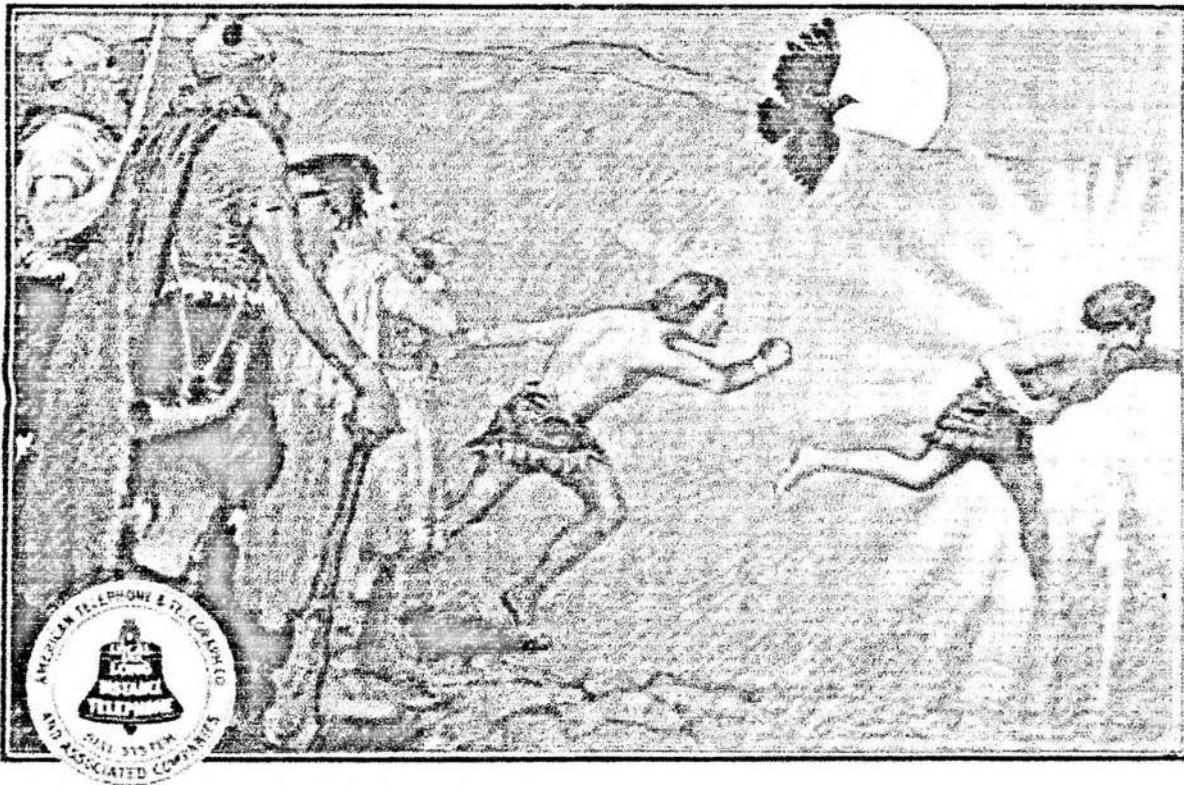
"The Royal messenger of ancient times has given way to the democratic telephone of to-day. Cities, one hundred or even two thousand miles apart, are connected in a few seconds, so that message and answer follow one another as if two persons were talking in the same room.

"This instantaneous telephone service not only meets the needs of the State in great emergencies, but it meets the daily needs of millions of the plain people. There can be no quicker service

¹⁰⁸ "Mas a luta do pensamento não é mais um poder mágico dos seres místicos, pois o telefone de Bell fez disso uma experiência diária.

Pelo telefone, o pensamento falado é transmitido instantaneamente, diretamente onde você o enviar, deixando para trás todos os outros meios de entrega de mensagem.

No sistema de Bell, as linhas telefônicas alcançam todo o país e os pensamentos das pessoas são transmitidos a velocidade da luz em todas as direções, uma milha, cem ou duas mil milhas além."



The Magic Flight of Thought

AGES ago, Thor, the champion of the Scandinavian gods, invaded Jotunheim, the land of the giants, and was challenged to feats of skill by Loki, the king.

Thor matched Thialfi, the swiftest of mortals, against Hugi in a footrace. Thrice they swept over the course, but each time Thialfi was hopelessly defeated by Loki's runner.

Loki confessed to Thor afterward that he had deceived the god by enchantments, saying, "Hugi was my thought, and what speed can ever equal his?"

But the flight of thought is no longer a magic power of mythical beings, for

the Bell Telephone has made it a common daily experience.

Over the telephone, the spoken thought is transmitted instantly, directly where we send it, outdistancing every other means for the carrying of messages.

In the Bell System, the telephone lines reach throughout the country, and the thoughts of the people are carried with lightning speed in all directions, one mile, a hundred, or two thousand miles away.

And because the Bell System so adequately serves the practical needs of the people, the magic of thought's swift flight occurs 25,000,000 times every twenty-four hours.

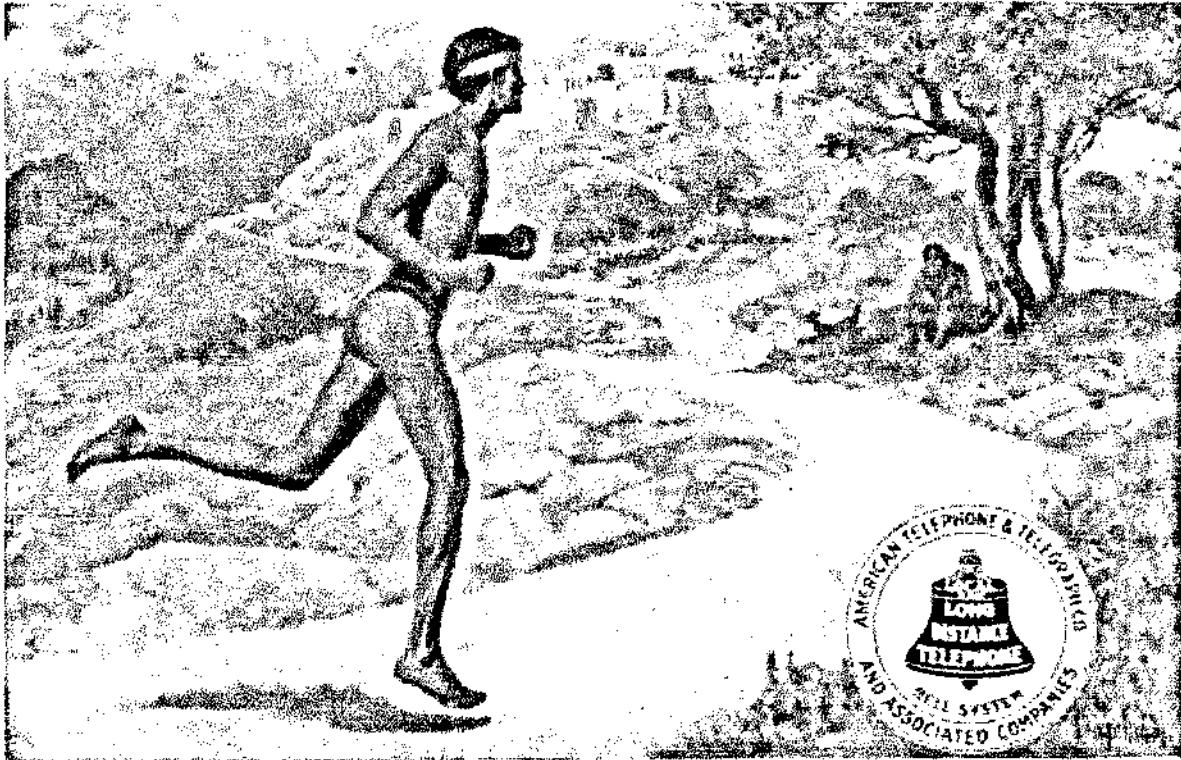
**AMERICAN TELEPHONE AND TELEGRAPH COMPANY
AND ASSOCIATED COMPANIES**

One Policy

One System

Universal Service

"Mention the Geographic—It identifies you."



Message Bearers Ancient and Modern

Pheidippides, the most noted runner of ancient Greece, made a record and an everlasting reputation by speeding 140 miles from Athens to Sparta in less than two days.

Runners trained to perfection composed the courier service for the transmission of messages in olden times. But the service was so costly it could be used only in the interest of rulers on occasions of utmost importance.

The Royal messenger of ancient times has given way to the democratic telephone of to-day. Cities, one hundred or even two thousand miles apart, are connected in a few seconds, so that message and answer follow one another as if two persons were talking in the same room.

This instantaneous telephone service not only meets the needs of the State in great emergencies, but it meets the daily needs of millions of the plain people. There can be no quicker service than that which is everywhere at the command of the humblest day laborer.

Inventors have made possible communication by telephone service. The Bell System, by connecting seven million people together, has made telephone service so inexpensive that it is used twenty-five million times a day.

Captains of war and industry might, at great expense, establish their own exclusive telephone lines, but in order that any person having a telephone may talk with any other person having a telephone, there must be One System, One Policy and Universal Service.

**AMERICAN TELEPHONE AND TELEGRAPH COMPANY
AND ASSOCIATED COMPANIES**

Every Bell Telephone is the Center of the System

"Mention the Geographic—It identifies you."

than that wick is everywhere at the command of the humblest day laborer.

Inventors have made possible communication by telephone service. The Bell System, by connecting seven million people together, has made telephone service so inexpensive that it is used twenty-five million times a day."¹⁰⁹

Em série de anúncios, vendendo telas de ferro para construção de casas, a *Expanded Metal Company Lath* anuncia que com seu produto as casas dos consumidores serão eternas. A imagem da publicidade é de uma casa grande (**ilustração 15**)¹¹⁰. Na foto, na perpendicular, vê-se tratar de imóvel com vários cômodos, tendo um grande recuo jardinado. Uma segunda imagem sobreposta em baixo permite ver o produto anunciado. Uma tela de ferro sendo coberta por concreto. A publicidade ainda indica ao consumidor um manual para a construção civil. Outro produto veiculado pela revista voltada para a construção de casa foi da *Hy-tex Brick* (**ilustração 16**)¹¹¹, que oferecia sistemas elétricos e hidráulicos seguros. A imagem ilustrativa é de uma verdadeira mansão. Tirada no mesmo ângulo da imagem anterior, a casa usada como modelo tem dois andares com torres, e cobre grande extensão do terreno onde foi construída.

Anunciando pianos, a *Chickering & Sons* apresenta seu produto através de uma imagem do interior de uma sala de estar (**ilustração 17**).¹¹² O cômodo é feito de alvenaria, com as paredes rebocadas, o que é possível identificar, uma vez que apenas uma pequena parte do interior da

¹⁰⁹ "O Mensageiro Real dos tempos antigos deram lugar ao democrático telefone de hoje. Cidades, cem ou até duas mil milhas mais longe, são conectadas em segundos, então a mensagem e a resposta se seguem como se as duas pessoas estivessem conversando num mesmo local. Esse serviço de telefone instantâneo não somente vai ao encontro das necessidades do estado em grandes emergências, mas também responde às necessidades diárias de milhões de pessoas simples. Não pode haver serviço mais rápido que esse que está em todos os lugares a comando do mais simples trabalhador. Inventores fizeram a comunicação possível através de serviço de telefone. O sistema Bell, conectando sete milhões de pessoas, fez o serviço de telefone tão barato que ele é usado 25 milhões de vezes por dia."

¹¹⁰ Veiculada na edição de janeiro de 1910

¹¹¹ Veiculada na edição de agosto de 1913

¹¹² veiculada na edição de dezembro de 1909



Check Up With Us

Close, logical consideration of the entire field proves that the one beautiful, fire-safe, permanent, economical facing-material for the expression of every style of American home-building is

Hy-tex Brick

Hy-tex Brick is the most beautiful facing-material—see the prominent residential boulevards of any American city. Hy-tex is the most fire-safe—ask your insurance man. Hy-tex is the most permanent and adaptable to every style of architecture—ask your architect. Hy-tex is the most economical—*make us prove it*. Send now for **"Genuine Economy in Home Building"** a beautiful, 64-page booklet, illustrated in colors and dealing in a comprehensive way with the problems that confront every prospective home-builder. Sent anywhere for ten cents.

"Bonds and Mortars in the Wall of Brick" a 28-page, illustrated booklet on design and patterns in brickwork, showing the wide possibilities for the expression of beauty in brick walls. Sent for 10 cents.

"Suggestions for Small Hy-tex Homes" a helpful book of plans for homes of moderate cost. Sent for four cents.

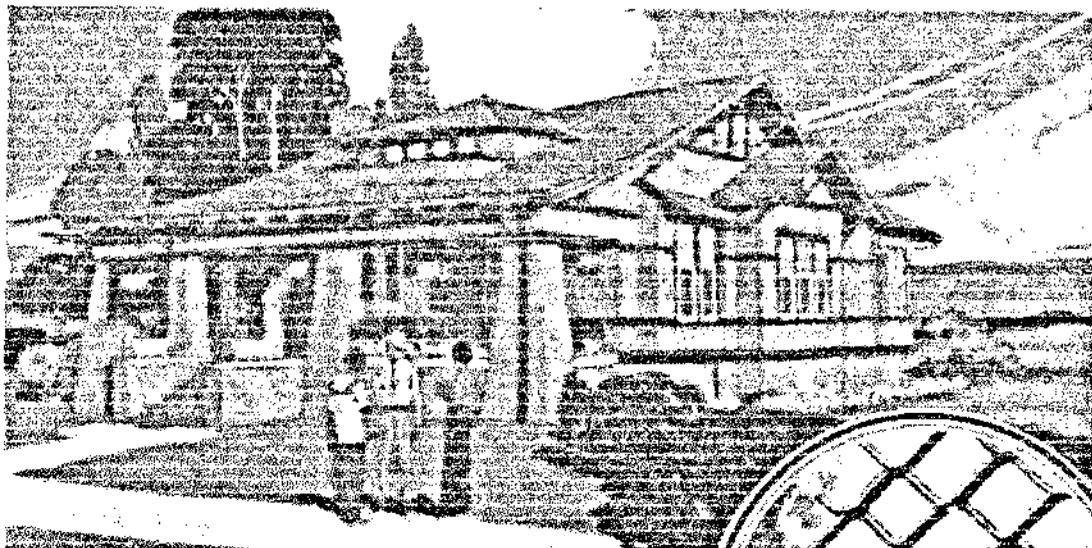
HYDRAULIC-PRESS BRICK COMPANY

Dept. N-3 St. Louis, Missouri

Largest Manufacturers of Face Brick in the World

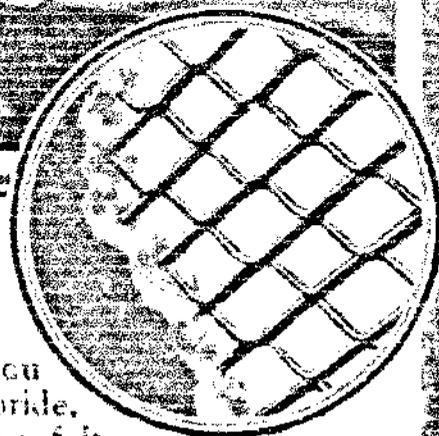
BRANCH OFFICES:—Baltimore, Maryland; Chicago, Illinois; Cleveland, Ohio; Des Moines, Iowa; Duluth, Minnesota; Indianapolis, Indiana; Kansas City, Missouri; Minneapolis, Minnesota; New York City; Omaha, Nebraska; Philadelphia, Pennsylvania; Toledo, Ohio; Washington, D.C.

"Mention the Geographic—It identifies you."



View from front porch of the house shown in the illustration above.

View of front porch from inside.



Homes—Not Houses!

You want your home to be *terrace*. You want to keep for years the same thrill of pride, the same "that's mine" satisfaction, that you felt the first time you stood out in front and looked it over. In other words, your home must be *permanent*. Then build the walls, both inside and out, on a base of

Kno-Burn

Expanded Metal Lath

Kno-Burn Expanded Metal Lath has a mesh construction that becomes an actual part of the wall as soon as the plaster has set around it,—as the illustration shows. It never falls or "rips." It can't rot away. It expands and contracts to exactly the same extent as the plaster that covers it. Its features of excellence are protected by patent. Whether for outside areas or inside plaster, Kno-Burn makes the plaster stick. Ask your architect.

"Practical Home-Building" will tell you a great many interesting things about how and where to build. It is not merely an advertising booklet. It is a treatise on house construction that will hold your interest from cover to cover. It contains plans, comparative costs and many interesting photographs.

Send ten cents to cover cost of mailing and ask for Booklet S-49.

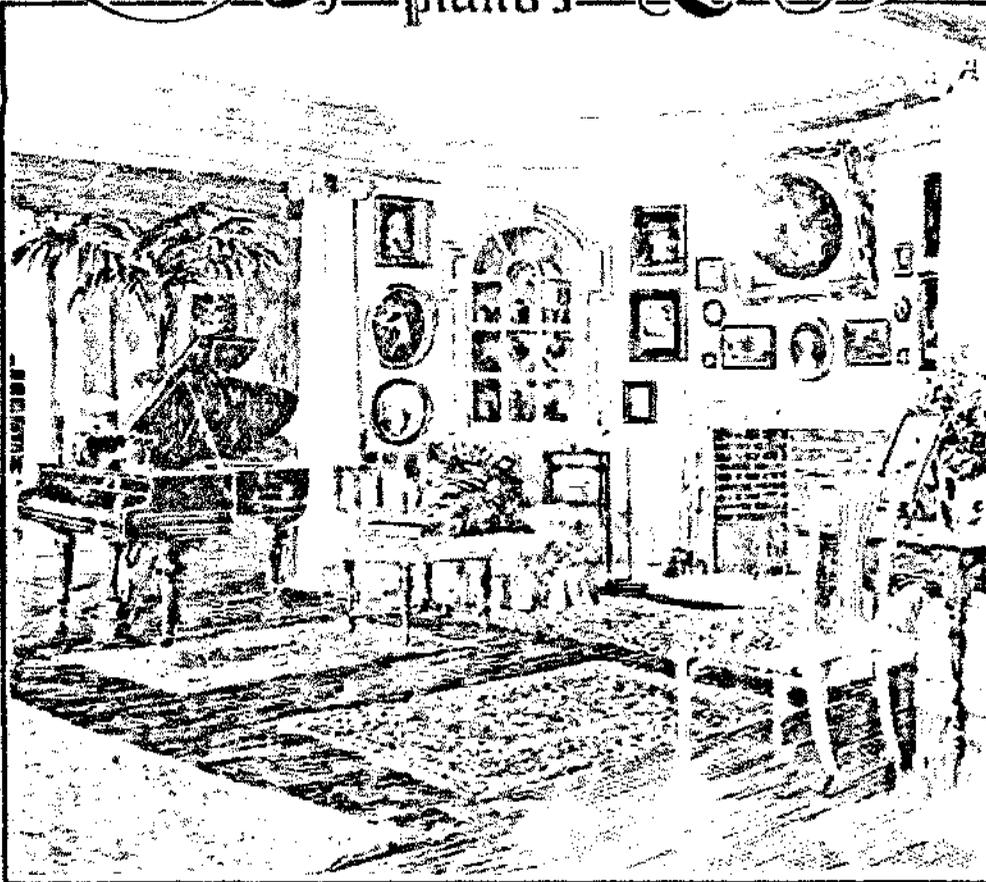
North Western Expanded Metal Company
984 Old Calumet Building Chicago, U. S. A.



"Mention the Geographic—it identifies you."

Chickering

pianos



THE possibility of securing a piano in a case that is distinctive and which will harmonize with your music room and at the price of an instrument in what is usually termed a "stock case" will appeal to discriminating buyers. In choosing a Chickering there may be had for example:

Uprights, Chippendale design, \$500.

Quarter Grand: Style R, \$600.

Chickering Pianos may be bought of any regular Chickering representative at Boston prices with added cost of freight and delivery. Our literature will be sent upon request.

Made Solely by **CHICKERING & SONS**

751 Tremont Street, Cor. Northampton

Established 1823

Boston, Mass.

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated

lareira está sem reboco (com tijolos à vista) contrastando com o resto do ambiente. O chão é assoalhado e encerado, coberto por tapetes que servem de anteparo à mobília. Os móveis consistem em várias cadeiras estofadas e um par de mesas de centro. A parede está coberta por quadros/retratos. O piano, por sua vez, ocupa pouco mais de um oitavo da imagem e se encontra no canto inferior esquerdo da foto.

Outro interior de casa apareceu ambientando uma peça publicitária sobre artigos de papelaria (**ilustração 18**). Em tom agressivo, a publicidade literalmente chama a atenção do cavalheiro relapso que usa material velho para escrever, causando má impressão. A imagem usada é um desenho de um homem branco, sentado em cadeira de madeira trabalhada. Sentado em postura ereta, o personagem está trajando um terno escuro, gravata e sapato preto, em frente a uma mesa com livros empilhados e uma luminária (adornada com tampo de vidro em formato de concha). Ao fundo, a parede de alvenaria escura quadros de bustos femininos e do lado direito uma estante de madeira e vidro repleta de livros.

Vendendo armários de aço, *The Globe-Wernicke Co.* fez circular anúncio cuja imagem do interior de um escritório (**ilustração 19**)¹¹³. Dois armários imensos cobrem praticamente todo o pano de fundo da cena. No primeiro plano dois homens. Um, em pé, segura um documento e dirige-se ao primeiro armário, aberto, para guardá-lo na gaveta móvel. Trajando um sobretudo preto e gravata, o homem nitidamente interrompe a ação para ouvir o segundo, com traços físicos aparenta ser mais velho e está trajado de modo semelhante ao primeiro. A imagem contém ainda telefone, mesa de escritório com escaninhos para papéis, cesto de lixo e canetas. Trata-se de uma típica situação de escritório de altos negócios. A mensagem do anunciante confirma:

¹¹³ veiculada na edição de março de 1911

The STATIONERY of a GENTLEMAN.

The Stationery of a Gentleman

There is no good excuse for negligence in the selection of stationery. Using "any old thing" may be just as offensive to the one you write—particularly a lady—as soiled linen and "mussy" clothes are to you. Thoughtlessness, not ill breeding, is the cause of this negligence in nine cases out of ten. Yet, will every one accept this view?

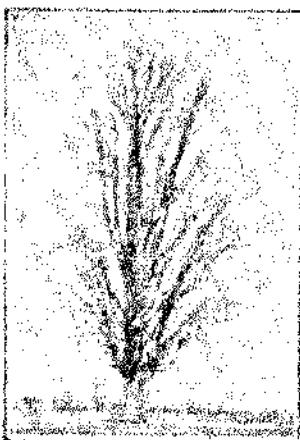
Let us show you Old Hampshire Bond Stationery, "The Stationery of a Gentleman." It is invariably the selection of the man who knows.

Write for samples and names of your local dealers.

Hampshire Paper Company

The only paper makers in the world making bond paper stationery.

South Hadley Falls, Massachusetts



DO you know what a fascination there is in being acquainted with the trees? If not, let us introduce them to you.

Our **HANDBOOK OF TREES** is photo-descriptive and will tell you their names at any season of the year at sight (not merely describe them to you) and tell you much about them. It will show you their ranges plotted on individual maps. "Its value lies in its accuracy and completeness."

Our **AMERICAN WOODS** (illustrated by actual specimens) will show you what kind of wood each produces, and tell you about its characteristics, uses, etc.

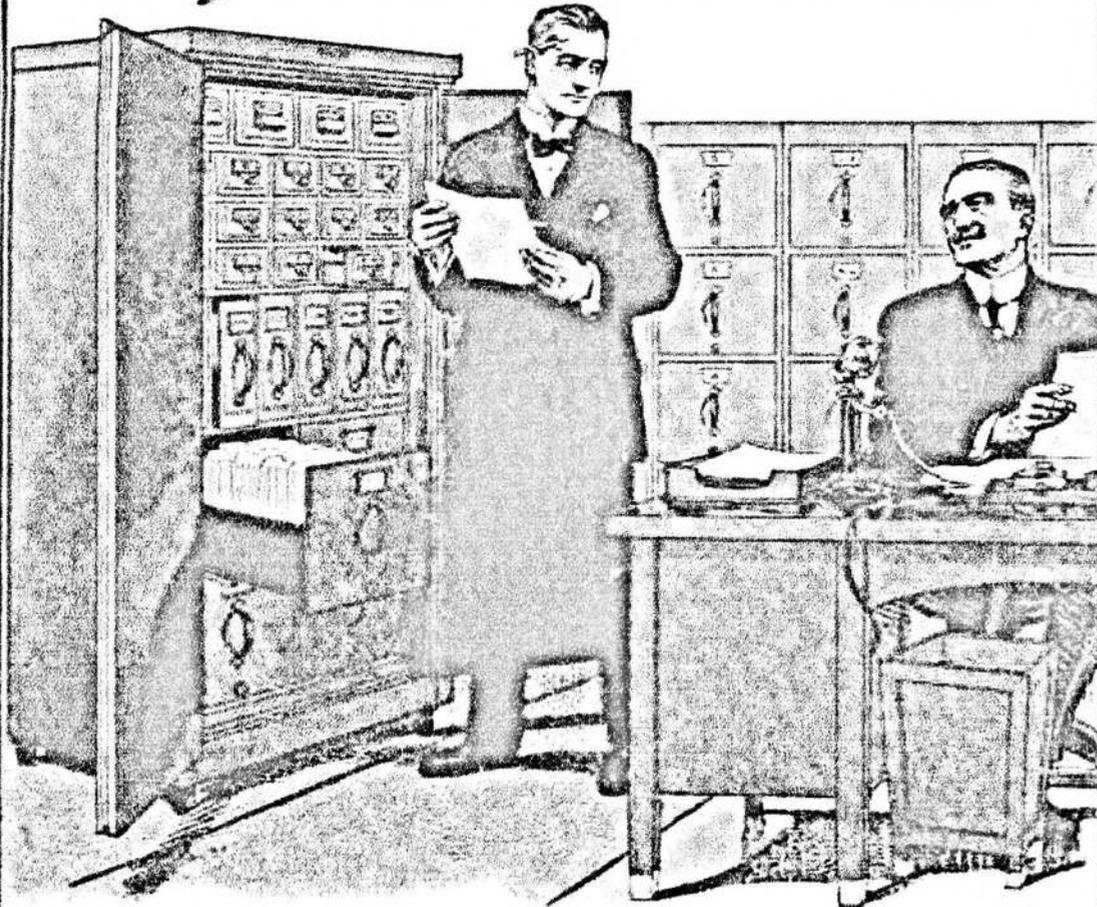
The author of the above works has been awarded, through the Franklin Inst. of Philadelphia, the special Elliott Cresson gold medal on account of their unique value and interest.

See advertising pages in this magazine of March to June, 1909. Sample pages and details furnished on request.

ROMEYN B. HOUGH COMPANY, Lowville, N. Y.

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated

The Globe Safe



FOR your most intimate business and personal papers a Globe Safe provides the protection of a fire-resistant filing cabinet with the security and convenience of a portable steel safe.

Its capacious interior admits of any desired arrangement with Globe-Wernicke standard files, drawers and shelves. You can divide the space into any number of compartments to meet your special needs.

The outer and inner cold-rolled steel walls are air-chambered and lined with two layers of asbestos to make them fire-resistant.

Globe Safes have come through the most severe fires with contents intact.

Fitted with either Yale combination dial locks or Yale paracentric key locks, as preferred. Finished attractively in olive green, oak or mahogany enamel. On sale by 2,000 agents and branch stores.

Freight prepaid.

Send for the Globe Safe Catalog, No. 12, and valuable standardization literature.

The Globe-Wernicke Co.

Cincinnati

Mfrs. of Mechanical Bookcases, Filing Equipment (wood and steel), Steel Safes, Stationery Supplies.
Branch Stores: New York, Chicago, Philadelphia, Boston, Cincinnati, Washington, D. C.

"Mention the Geographic—It identifies you."

“For your most intimate business and personal papers a Goble Safe provides the protection of a fire-resistant filing cabinet with the security and convenience of a portable steel safe”¹¹⁴

O impacto de mudança tecnológica não fez mudar apenas a realidade do mundo do trabalho. Os anúncios de uma infinidade de máquinas para uso doméstico demarcam bem a ruptura de hábitos que está sendo processada no cotidiano. A limpeza da casa não se faz mais com vassouras, mas sim com pneumáticos elétricos, ou manuais, como anuncia o fabricante da *Regina Pneumatic Cleaners*, publicado pela revista a partir de setembro de 1904. A chamada do reclame vem com os dizeres: “Uma nova idéia em aspirador de pó”. O anúncio traz a imagem de uma dona de casa, um misto de publicidade com manual ilustrativo de como operar o instrumento. Importante notar que a chamada da legenda mostra não só a existência de aspirador de pó, mas também uma pretensa evolução tecnológica de um produto já conhecido pelo mercado (**ilustração 20**).

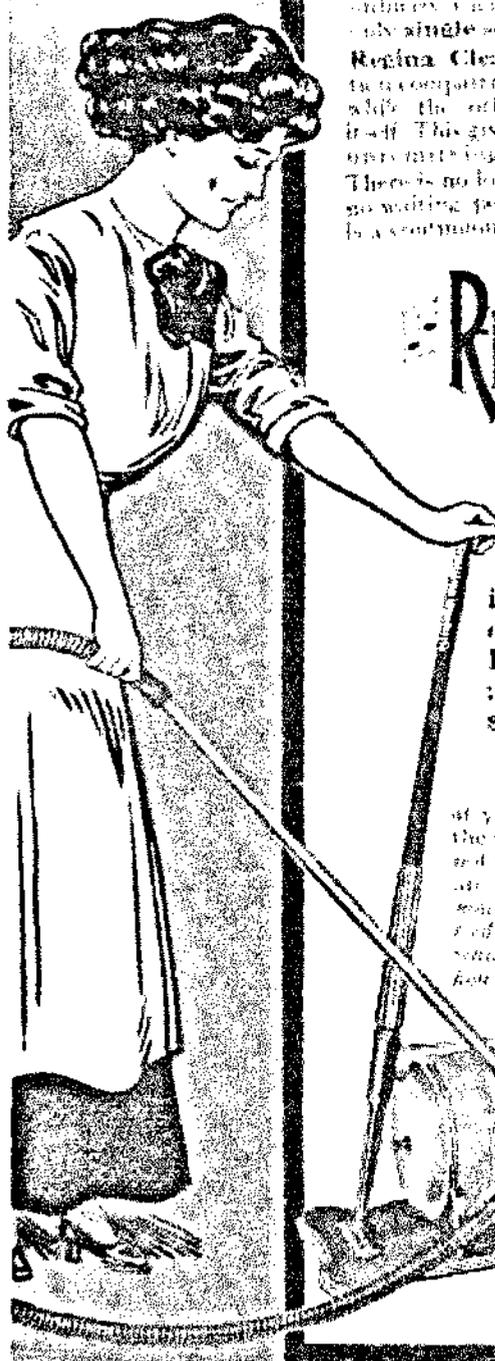
Com o título “The Test of Time. From cellar crock to the Baldwin dry air refrigerators”, a companhia *Baldwin* vende para o público norte-americano refrigeradores de uso doméstico (**ilustração 21**)¹¹⁵. O texto não faz menção direta à modernidade, apenas explica o funcionamento do aparelho e informa que o mesmo tem compartimentos separados para tipos distintos de comida. O teste dos tempos fica a cargo do contraste entre as imagens. Acima vê-se uma dona de casa em um porão, provavelmente estocando alimentos, uma forma “antiga” de guardar comida em lugar fresco; abaixo, uma dona de casa coloca comida no refrigerador anunciado.

Outro anúncio que transmite a idéia de novos padrões de conforto da sociedade foi da *Standard*. O produto anunciado são apenas peças sanitárias, mas a imagem do banheiro denota, pelos acessórios da

¹¹⁴ “Para seus negócios mais íntimos e papeis pessoais, um Globe Safe fornece a proteção de um arquivo anti-fogo com segurança e conveniência de um cofre de aço portátil.”

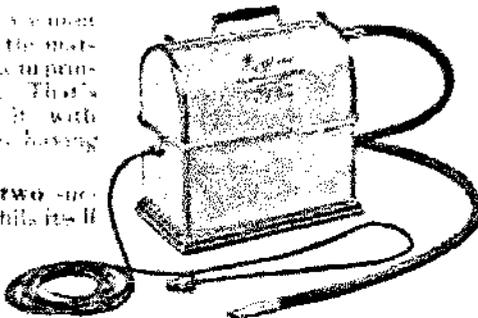
¹¹⁵ Veiculada a partir de fevereiro de 1910.

New Idea in Vacuum Cleaners



THERE are many vacuum cleaning machines on the market. They are all alike in principle, except the Regina. That's different. Don't confuse it with ordinary vacuum machines having only single suction power.

Regina Cleaners have two suction compartments. One fills itself while the other empties itself. This gives constant, uninterrupted suction. There is no loss of power, no waiting period between parts of the bellows. The suction draft is a continuous, unbroken stream.

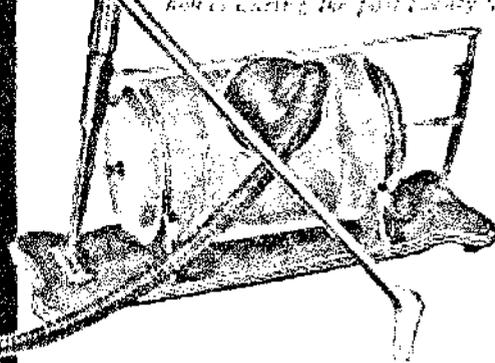


REGINA PNEUMATIC CLEANERS

are sold by dealers under a positive guarantee. They are made in our own factory by the same highly skilled workmen who make Regina music boxes. They come in different models operated either by hand or electric power. All models embody the **DOUBLE PUMP** construction. Mechanically perfect; the easiest operated and most satisfactory of all cleaning machines.

EXAMINE THE REGINA

at your local dealer. Note its unusual ease of operation and the wonderful advantage of the double suction power. If not satisfied in your locality write us and we will see that you are supplied. Do not be induced to purchase an inferior machine. The Regina is a perfect operating machine guaranteed by the makers of the world renowned Regina Music Boxes, which have given pleasure and satisfaction to millions of homes during the past twenty five years.



THE REGINA COMPANY

39 Union Square, New York

McClurg Building
Wabash Avenue, Chicago

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated

The TEST of TIME



from the cellar crock to the **BALDWIN** DRY AIR REFRIGERATORS

When you buy **your** refrigerator, buy a good one. Better put your money into stocks than to buy a cheap one, for stocks won't run your health. Buy a Baldwin refrigerator, and have your food served cold, crisp, and sweet all the time.

Baldwin Refrigerators preserve your food better and use less ice than other makes, because of their wonderful **one-way circulation of pure, cold, dry air**, which is constantly forced around the articles stored, purifying and cooling every inch of the refrigerator.

A cheap refrigerator costs nearly as much as a good one at the start. It endangers your health, wastes ice, and spoils food as long as it lasts; it wears out when a **Baldwin high-grade Refrigerator** is in its prime. Buy a lifetime of satisfaction, not a term of annoyance.

Baldwin Opalite Glass and Vitrified Steel-lined Refrigerators are hard, glossy white inside, handsome, durable, and clean.

Write us for our big catalog and a sample of Opalite Glass and Vitrified Steel. We have 150 sizes in stock, specially made to fit your space.

THE BALDWIN REFRIGERATOR CO.
99 Lake Street - Burlington, Vermont



The box with the steady cold wave

In the purchase of bonds the value of a banking house to a client depends upon the scope, character, and efficiency of the service rendered.

Experience

A broad, comprehensive knowledge of the conditions that surround a given issue of bonds is necessary to a judicious selection. Experience leads one intuitively to look for and appreciate the salient features. The dominating policy of the business procedure of N.W. Halsey & Company is the complete safeguarding of the funds invested through them.

*Write for latest bond circular,
No. A. N. 45*

N.W. Halsey & Co.

Bankers

Dealers in Government, Municipal, Railroad, and Public Utility Bonds

NEW YORK
49 Wall St.
CHICAGO
152 Monroe St.

PHILADELPHIA
1429 Chestnut St.
SAN FRANCISCO
424 California St.

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated

dependência, um alto grau de sofisticação (**ilustração 22**)¹¹⁶. A cena mostra um espaço (banheiro) todo feito de alvenaria, no primeiro plano, duas mulheres, uma segurando uma toalha e a outra com as mãos na blusa, em um movimento de despir-se. No canto esquerdo vê-se um vaso sanitário acoplado a uma caixa d'água. Ao fundo, no mesmo lado direito, uma banheira com chuveiro no teto, cercada por uma cortina. No canto direito, ao fundo, vê-se uma pia fixada na parede abaixo de um espelho, tendo ao lado duas luminárias também fixas na parede. Ao centro, em uma coluna que separa a banheira da pia, um armário com a frente espelhada está preso na parede. O armário encontra-se entreaberto pode-se ver que é repartido por pequenas prateleiras internas para o acondicionamento de objetos de pequeno porte, como frascos de remédios ou cosméticos.

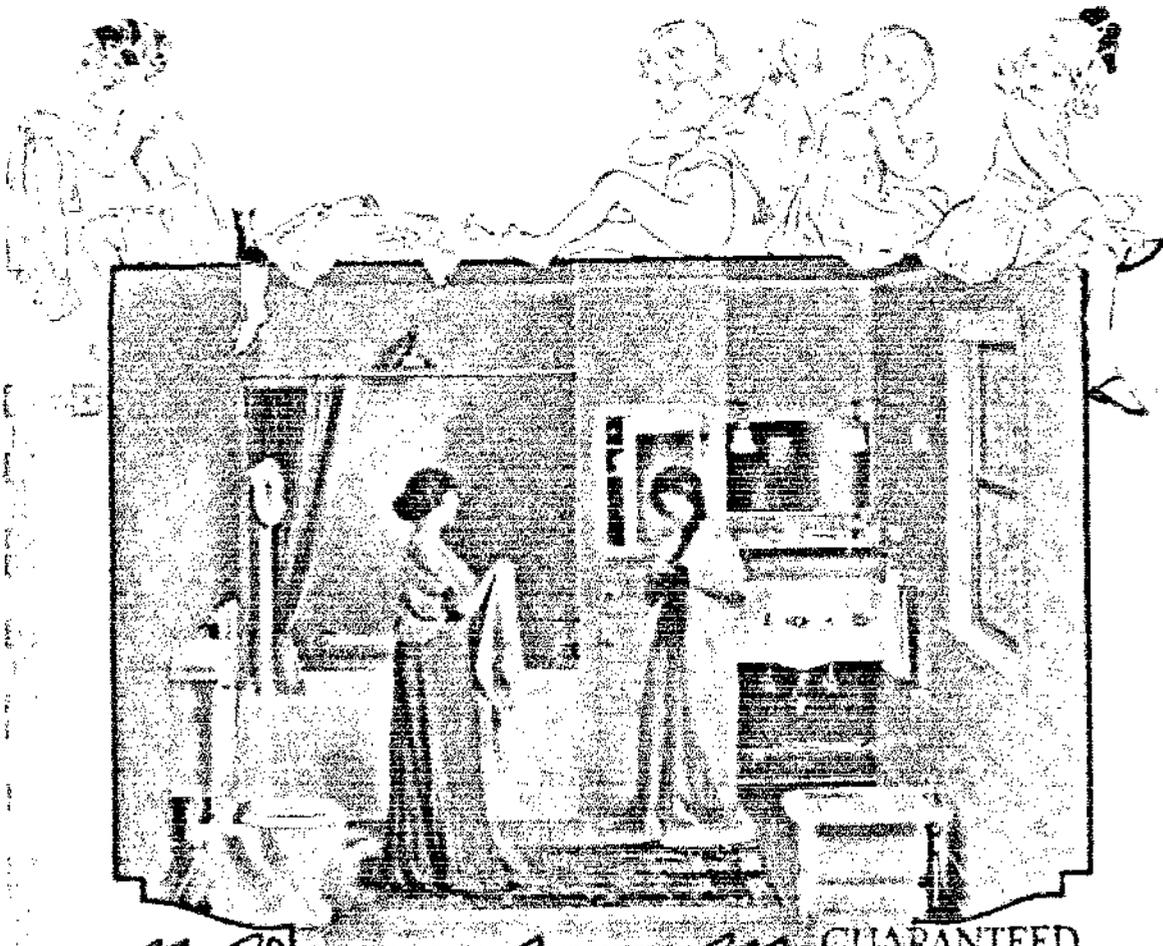
Com a chamada "Quality in the Rambler", a empresa Thams B Jeffery & Company, anuncia seu carro, de ótima qualidade e por preços baixos. Segundo a chamada, o esforço constante da empresa é aumentar o conforto, baixar o preço e manter a qualidade (**ilustração 23**)¹¹⁷. Não apenas automóveis são anunciados, mas seus acessórios, como pneus, combustíveis e óleos para motor. Nesse tipo de anúncio, há a particularidade da necessidade de comparação com os demais produtos existentes no mercado, ou seja, com a concorrência, o que sinaliza a existência de certa abundância da oferta de produtos no mercado consumidor.

Outra chamada, vendendo pneus para automóveis, a *United States Tires* – uma holding de fabricantes de pneus – autodenomina-se : "*Largest Rubber Company in the World*". Alerta o consumidor para o fato de que os concorrentes costumam dizer que seus produtos são tão bons quanto os da *United States Tires*, prova da qualidade indiscutível de seus pneus (**ilustração 24**)¹¹⁸.

¹¹⁶ Veiculada em junho de 1908

¹¹⁷ veiculada em janeiro de 1909

¹¹⁸ veiculada em abril de 1910.



“Standard” GUARANTEED PLUMBING FIXTURES

To make the bathroom beautiful and sanitary with “Standard” ware, brings the joy of cleanly living to the whole household and teaches the gospel of the daily bath to young and old alike.

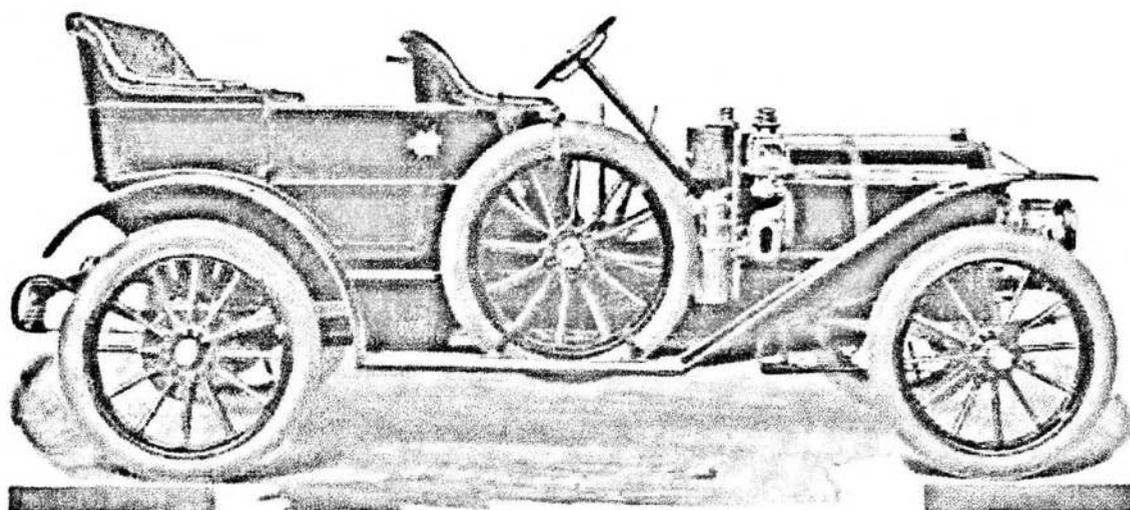
Genuine “Standard” fixtures for the Home and for Schools, Office Buildings, Public Institutions, etc., are identified by the Green and Gold Label, with the exception of one brand of baths bearing the Red and Black Label, which, while of the best quality of manufacture, have a slightly thinner enameled, and thus meet the re-

quirements of those who demand “Standard” quality at less expense. All “Standard” fixtures, with rare, well last a lifetime. And no fixture is genuine unless it bears the guarantee label. In order to avoid substitution of inferior fixtures, specify “Standard” goods in writing (not verbally) and make sure that you get them.

Standard Sanitary Mfg. Co. Dept. 63. PITTSBURGH, PA.

<p>Chicago, Ill. 111 W. West 1st Street Kansas City, Mo. 1117 W. Main Street Philadelphia, Pa. 1117 W. Market Street St. Louis, Mo. 1117 W. Market Street St. Paul, Minn. 1117 W. Market Street Wash. D. C. 1117 W. Market Street</p>	<p> Cincinnati, Ohio 1117 W. Market Street Cleveland, Ohio 1117 W. Market Street Detroit, Mich. 1117 W. Market Street Indianapolis, Ind. 1117 W. Market Street Louisville, Ky. 1117 W. Market Street Memphis, Tenn. 1117 W. Market Street New York, N. Y. 1117 W. Market Street St. Petersburg, Fla. 1117 W. Market Street Tampa, Fla. 1117 W. Market Street</p>	<p> Baltimore, Md. 1117 W. Market Street Boston, Mass. 1117 W. Market Street Buffalo, N. Y. 1117 W. Market Street Cincinnati, Ohio 1117 W. Market Street Cleveland, Ohio 1117 W. Market Street Detroit, Mich. 1117 W. Market Street Indianapolis, Ind. 1117 W. Market Street Louisville, Ky. 1117 W. Market Street Memphis, Tenn. 1117 W. Market Street New York, N. Y. 1117 W. Market Street St. Petersburg, Fla. 1117 W. Market Street Tampa, Fla. 1117 W. Market Street</p>
--	--	---

“Mention the Geographic—It identifies you.”



Model Forty-four, 34 H. P., \$2,250.
Spare Wheel, with inflated tire, blankets, and tools, \$75 Magazine, \$150.

Quality in the Rambler

That quality of refinement in workmanship and material which dominates every detail of the new Rambler is most apparent when it is compared, part for part, with cars costing hundreds and thousands of dollars more.

The perfection of every detail in the making of this automobile can be attributed to that infinite care and pride in his work which every Rambler mechanic brings to his individual task. The selection, indifferent to cost, of the materials used and the finished skill applied to fashioning each part stamps the Rambler as a car of character.

The Rambler Spare Wheel, Offset Crank-Shaft, and other exclusive Rambler features are but evidences of our constant effort to provide for the comfort and satisfaction of Rambler owners.

May we send you the new Rambler catalog or a free copy of the Rambler Magazine, a monthly publication for owners of Rambler automobiles, \$1,150 to \$2,500.

Thomas B. Jeffery & Company

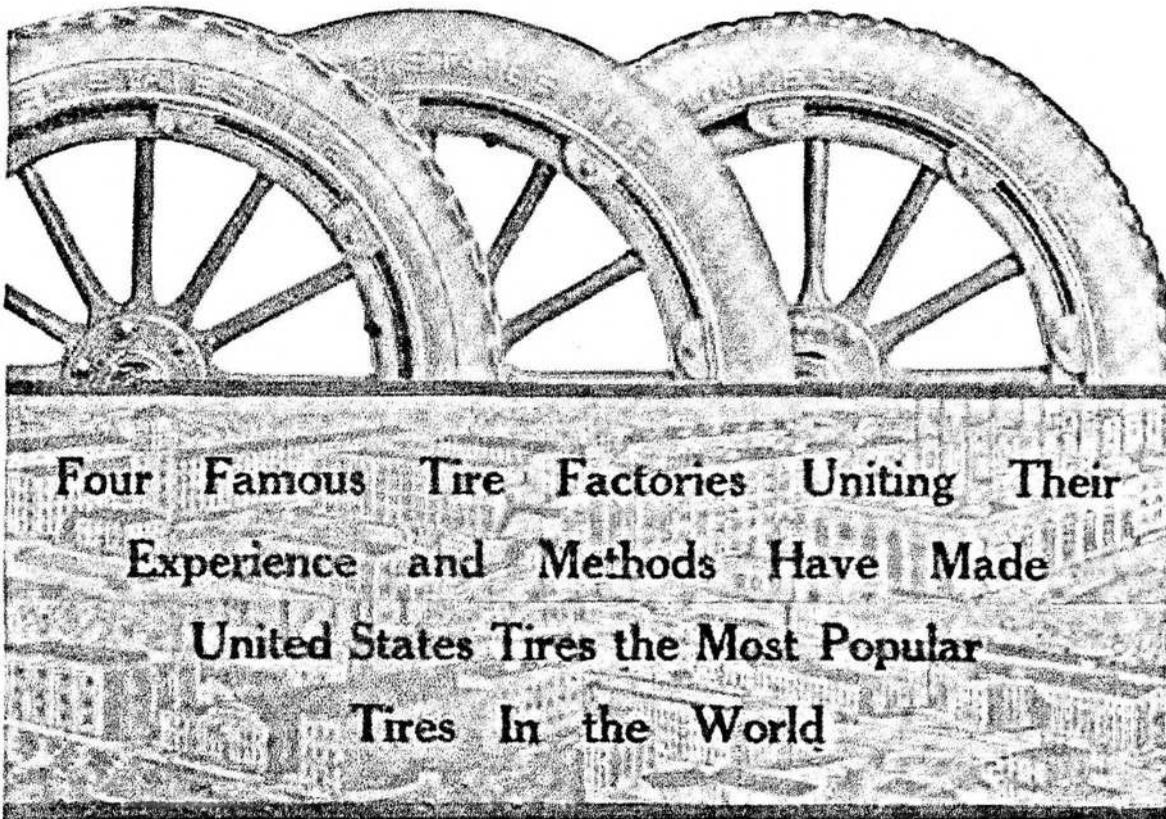
Main Office and Factory, Kenosha, Wisconsin

Branches and Distributing Agencies

Chicago, Milwaukee, Boston, Cleveland, New York,
San Francisco, Representative in all
leading cities.

THE CAR OF STEADY SERVICE

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated



**THE SPECIALIZATION OF THESE WORLD-FAMOUS FACTORIES
MAKES UNITED STATES TIRES SUPREME**

The conclusive proof that United States Tires are sweeping all before them is in the *actual* lumber in use, the ever-increasing demand and the consistent re-orders.

These famous tires contain the best that the greatest engineering skill and brains can give them—the best materials that experience and money can buy.

The unsurpassed and famous policy of four tremendous factories working as a unit has established in the tire world the expression for mileage,—“As Good As United States Tires.”

They are today the accepted standard for tire wear—the acknowledged goal of all competition—the criterion in the tire world of the fulfillment of the ideal manufacturing policy.

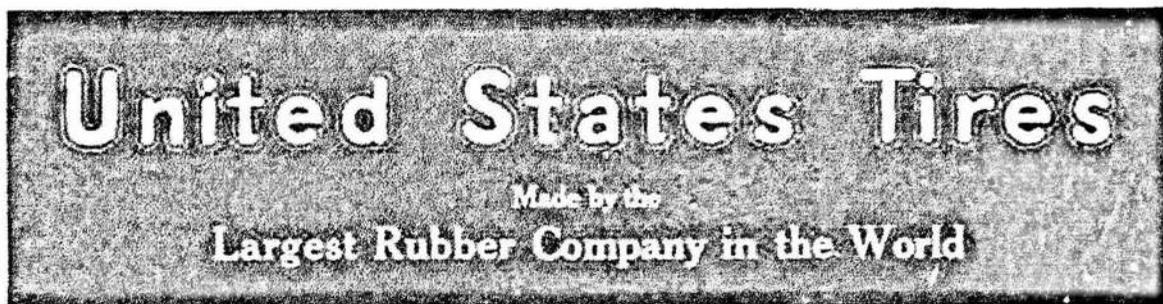
When you purchase United States Tires you are sure of these vitally important facts:

1. Of the organization behind these famous tires.
2. Of vast experience in tire building
3. Of a tremendous company that actually backs up its tires and has *real* service branches.

In the history of the motor vehicle no one industrial move has meant so much to the true lovers of the automobile. As one instance,—witness the birth of those “aristocrats of the road”—the “Nobby” and “Chain” tread

Note This:—Dealers who sell UNITED STATES TIRES sell the best of everything.

REAL UNITED STATES TIRE COMPANY SERVICE BRANCHES IN THE LEADING CITIES



“Mention the Geographic—It identifies you.”

"Four Famous tire factories Uniting their experience and methods have made United States Tire the most popular tires in the world

The specialization of these world famous factories makes united states tires supreme

When you purchase United States Tires you are sure of these vitally important facts:

- 1- Of the organization behind these famous tires
- 2- Of vast experience in tire building
- 3- Of tremendous company that actually backs up its tires and has real service branches"¹¹⁹

A *Waltham Watches* é bem mais clara quanto à tecnologia empregada. Dizendo ser orgulho da indústria norte-americana, a peça publicitária mostra sua gigantesca fábrica. A compra do seu produto é muito mais do que um simples relógio, é a compra de tecnologia americana. Nas duas peças publicitárias, com os respectivos títulos: "At Waltham science and nature have combined to create the perfect factory" e "The factory that times the World", as imagens não são dos relógios vendidos, mas sim da fábrica onde são produzidas. Na primeira foto (**imagem 25**)¹²⁰, tirada de cima para baixo e durante o dia, vê-se, na parte superior da cena, um enorme conglomerado de edifícios à margem de um rio. A segunda foto (**imagem 26**)¹²¹, noturna, foi colhida à distância para preservar no campo visual todo o conjunto de prédios, supostamente o mesmo conglomerado, porém iluminado apenas pelas luzes internas que vazam pelas inúmeras janelas, em referência direta tanto ao incansável trabalho da empresa (mesmo à noite) como à sofisticação pelo uso de energia elétrica.

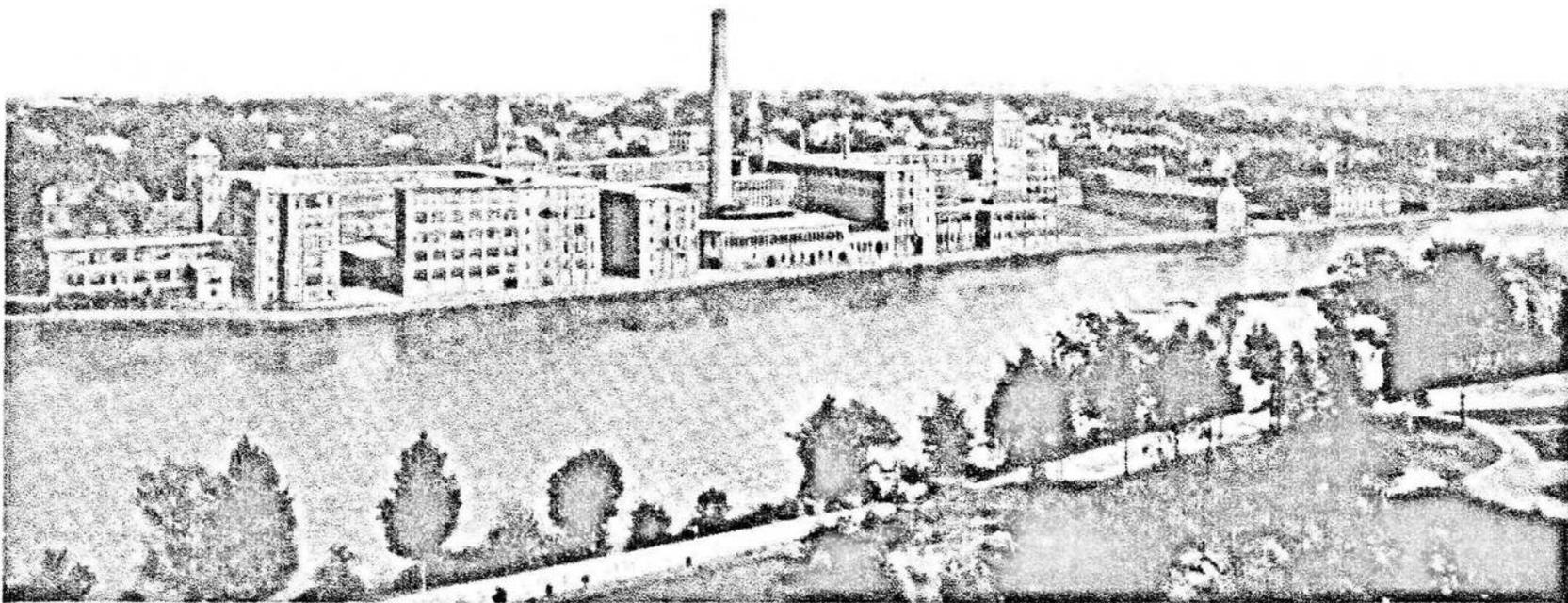
¹¹⁹ Quatro famosas fábricas de pneus unindo sua experiência e métodos fizeram dos Estados Unidos Tire o pneu mais popular do mundo. A especialização dessas fábricas mundialmente conhecidas faz dos United States Tires supremos.

"Quando você compra um United States Tire você tem certeza de fatos importantes:

- 1- Da organização atrás desses famosos pneus.
- 2- Da vasta experiência em fabricar pneus.
- 3- Da enorme empresa que está atrás dos pneus e tem ramificações de serviço real

¹²⁰ veiculada em maio de 1912

¹²¹ veiculada em agosto de 1912



At Waltham science and nature have combined to create the Perfect Factory

In the manufacture of delicate instruments of precision, geographical location is a factor of prime importance. Nature has endowed Waltham, on the banks of the River Charles, with a situation singularly adapted to the manufacture of fine instruments.

There is a constantly pure and dustless atmosphere. Open parks are on every side, with abundant sunlight, foliage, and flowers. And in this favorable environment stands the pre-eminent factory in all the world for the manufacture of scientifically exact time instruments.

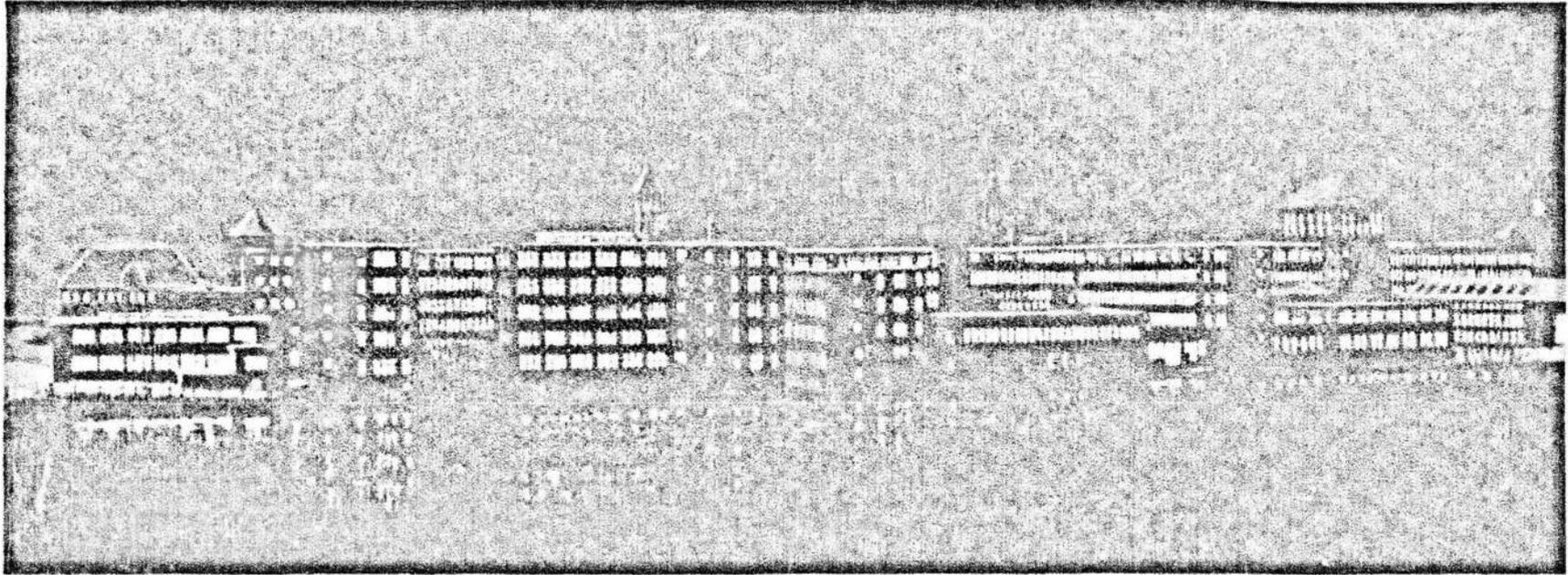
Logically there come from such a factory timepieces which strictly conform with nature's laws. In their qualities of unobscuring accuracy

and dependable service to man, Waltham Watches and Chronometers are as faithful as the very sun and stars.

For more than a half a century Waltham has been celebrated the world over for the watches it has made. It is the oldest watch plant in America—the largest in all the world. And there are today nearly twenty million Waltham Watch owners to testify to its unquestioned merit.

If there is anything you would like to know about Waltham Watches or Chronometers, please write to the Waltham Watch Company, Waltham, Mass. We will gladly give you information about any kind of Waltham timepiece you may desire.

Waltham Watches



The Factory that times the World

By night, from the River Charles, one gets an impressive picture of the Waltham Watch plant.

In capacity it is so great that it manufactures three thousand watch movements a day.

In the delicacy and scientific exactness of its processes, it has been accorded first place the world over.

This is the oldest watch plant in America—the largest in all the world. From it to every corner of the earth have gone the Waltham instruments of precision.

Twenty million men and women time their daily movements by the Waltham Watches manufactured here.

Jewelers everywhere regulate their timepieces by the

Waltham Chronometers, which they unhesitatingly accept as *standard*.

The United States Government purchases the Waltham Marine Chronometers for use in the Navy.

Motorists in every land depend upon the Waltham Automobile Timepieces to give them the exact hour under all conditions of wind, weather, and road.

And so we speak the literal truth when we say: "This is the Factory that times the World."

The Waltham Watch Company, Waltham, Mass., would welcome any inquiry you might wish to make regarding the Waltham instruments.

Waltham Watches

Outras máquinas também faziam parte do arsenal de produtos à disposição dos leitores: caixas de música, vitrolas, móveis especiais para leitura, câmaras fotográficas de última geração (da Kodak) e seus acessórios (filmes e lentes especiais), máquinas de escrever e mesmo um retroprojeto de imagem.

Uma infinidade de utensílios pessoais era anunciada. Nos anúncios encontra-se barbeador, escovas de cabelo – em vários modelos, tamanhos e funções – remédios, cosméticos, charutos cubanos, cafés, chás, pinças, roupas finas e muito material de higiene pessoal, como sabonetes, perfumes, talcos.

Não só produtos mas também serviços eram anunciados em grande quantidade. Além dos tradicionais serviços de postagem, seguros e préstimos bancários, chama a atenção o número de publicidades de companhias ferroviárias informando o conforto, segurança e rapidez nas viagens de seus trens. Nesse particular, a venda de pacotes de viagens para os mais variados lugares, tanto dos Estados Unidos quanto de fora, é absolutamente impressionante.

O mundo material norte-americano reportado pela revista dá conta de uma sociedade plenamente inserida na modernidade industrializada, acostumada a morar em casas de alvenaria ajambradas com cimento e telas de ferro, água encanada vinda de reservatórios públicos, esgoto saneado, iluminação elétrica, tanto interna quanto pública, ruas asfaltadas, transporte por bondes elétricos ou automóveis. Um novo estilo de vida privado pleno do conforto oferecido pela nova indústria. Produtos alimentícios industrializados e pasteurizados, cosméticos, aspiradores de pó, geladeiras, móveis sofisticados e inúmeros utensílios domésticos voltados para o trabalho caseiro ou para o lazer. Esses eram efeitos da chamada revolução tecnológica do final do século XIX.

A revolução tecnológica da década de 1890 representou uma das maiores rupturas da história ocidental. Nos três primeiros quartos do século XIX assistiu-se ao notável aumento industrial, com a utilização em

larga escala do carvão e do ferro. As duas primeiras revoluções industriais aumentaram significativamente a quantidade de produtos já existentes e aceleraram a troca entre mercados, aumentando o volume geral dos negócios. Durante as duas primeiras revoluções industriais, a estrutura mercantil foi incrementada mas permanecia fundamentalmente a mesma: mais tecido ou produtos semi-acabados por mais produtos tropicais já conhecidos.

A revolução tecnológica experimentada pelos países do capitalismo central a partir da última década do século XIX foi substancialmente diferente e gerou impactos avassaladores em todos os setores sociais¹²². Pela primeira vez na história da ciência estava-se combinando de maneira sistemática descobertas laboratoriais vindas da chamada ciência pura com a produção industrial¹²³.

A iniciar pelos novo produtos que foram descobertos, inventados ou simplesmente tomados viáveis para o emprego produtivo tem-se uma lista enorme e de grande conseqüências sociais. O primeiro da lista e talvez um do mais importantes foi a energia elétrica. Conhecida desde o século XVIII, a eletricidade não passava de curiosidade científica exposta em feiras. A partir de 1896, com a invenção do gerador elétrico de turbina a vapor e do motor de corrente alternada, eletricidade tornou-se comercializável e disponível tanto para produção como para uso doméstico. A eletricidade gerou não só uma nova fonte de energia e calor, como se sabe, ela possibilitou o desenvolvimento de novos produtos que se tornaram essenciais para a indústria nascente e outros tantos equipamentos portáteis para uso doméstico. A eletrólise permitiu o aumento significativo da produção de cobre e alumínio (produto que sequer era explorado comercialmente), bem como viabilizou a produção maciça de soda cáustica. Na indústria química, a eletricidade proporcionou, ao lado do petróleo, uma infinidade de

¹²² BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à História Contemporânea*. São Paulo, Círculo do Livro, 1964, pp.39-59.

¹²³ Sobre o tema, ver DAUMAS, Maurice. *Las Grandes Etapas del Proceso Técnico*. México, Fondo de Cultura Económica, 1996.

resinas plásticas, tintas, corantes, fibras sintéticas e outros subprodutos. O petróleo por sua vez fez surgir outra fonte relativamente barata de energia que impulsionou não só o processo industrial, mas principalmente os transportes. Os novos e versáteis motores a gasolina, óleo diesel ou a gás, multiplicaram a produtividade das fábricas antigamente movidas por caldeiras à lenha ou carvão em pelo menos dez vezes. Mesmo os processos produtivos antigamente realizados na escala individual receberam ajuda de equipamentos readaptados ao motor a combustão, gerando uma performance até então nunca imaginada. Datam dessa época, as britadeiras, os fornos de alta temperatura, trituradores de cereais, serras elétricas e bombas de sucção de água.

Na agricultura, as novas descobertas provocaram verdadeira revolução refletindo diretamente não só no resultado das safras como também em seu aproveitamento. Todo processo agrícola foi transformado. Novas técnicas de plantação se associaram com sistemas de irrigação e com a utilização em larga escala de adubos e fertilizantes, produzidos industrialmente. As colheitas, promovidas por máquinas específicas (colheitadoras e tratores) ao mesmo tempo que aumentavam a produção exigiam menos mão-de-obra. Na ponta final, trituradores de cereais moíam a matéria-prima enquanto outras máquinas, acopladas a grandes esteiras envasavam, em latas de alumínio previamente tratadas com conservantes químicos, a comida que poderia ser conservada por meses até chegar ao consumidor final.

A indústria química também brilhou em campo médico. Novos corantes a base de anilina, possibilitaram a identificação de uma vasta gama de bactérias, por métodos de diferenciação por coloração. A microbiologia, a bioquímica e a bacteriologia surgiram então como novas ciências e um de seus resultados mais imediatos foi a baixa na taxa de mortalidade. Entre 1897 e 1909, estavam no mercados europeus e norte-americanos vitaminas, hormônios, anti-sépticos, analgésicos, antibióticos que literalmente mudaram completamente a prática da medicina.

Na primeira década do século XX, a vida cotidiana do burguês cosmopolita dos grandes centros urbanos norte-americanos – a exemplo do que ocorria nas grandes cidades ao redor do mundo – começava a ser alterada profundamente. Água encanada e esgoto tratado ao lado da luz elétrica davam conforto tanto em casa como segurança nas ruas. Automóveis ou bondes elétricos, circulando em ruas pavimentadas, representavam transporte mais rápido e seguro. Alimentos em maior quantidade, diversidade e por melhores preços estavam ao alcance de um número cada vez maior da população. Por volta de 1900, a lista de novos inventos que se encontrava no mercado era significativa: motor de explosão, o telefone, o microfone, o gramofone, a radiotelegrafia, a lâmpada elétrica, a máquina de escrever, o filme de celulóide, a câmara fotográfica portátil, o telégrafo, o automóvel, e tantos outros¹²⁴.

Esse processo estava longe de ser homogêneo ou mesmo inexorável. Pelo contrário, foi extremamente sectarista dentro da sociedade – privilégio de poucos e que aumentou enormemente as diferenças entre ricos e pobres. Mas o grupo que desfrutou dos confortos gerados pela nova indústria não a entendia desse modo. O “terremoto” tecnológico da década de 1890 representava sobretudo uma mudança na própria vida cotidiana, que encantava aqueles que podiam desfrutá-la, estabelecendo-a como verdadeiro valor em si e mostra da superioridade da sua sociedade.

O acervo dos objetos apresentados como naturalmente presentes na vida cotidiana norte-americana do período contém um discurso claro da modernidade, que também serviu de justificativa e legitimação do processo que o país estava sofrendo. O que ficou “de fora” das reportagens foi o “custo” social de tais transformações e, principalmente, seu caráter ainda incipiente e parcial naquele momento.

¹²⁴ Uma lista muito maior é citada por COSTA, Angela Marques da, e SCHWARCZ, Lilian Mortiz. *1890-1914. No tempo das certezas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 158.

A América que não se via

A leitura que a revista fez do contexto norte-americano da época foi parcial. Se, de um lado, o desenvolvimento, via revolução tecnológica, propiciou um gigantesco crescimento da riqueza do país, e, principalmente, uma mudança qualitativa de parte da população - com o surgimento de novos equipamentos de produção e consumo em massa - de outro lado, foram fundamentos desse acúmulo da riqueza tanto o arrocho das condições de vida de grande parte dessa mesma população – que permaneceu às margens dos chamados benefícios modernos – como promoveu a degeneração clara de instituições sociais e políticas daquela nação. Abaixo do país moderno estava uma sociedade em conflito, com problemas sociais graves, fruto desse mesmo processo retratado pela revista.

Um dos pontos de partida do grande avanço industrial do país foi a constituição de empresas com enorme volume de capital, que viabilizavam investimentos pesados na produção. O acúmulo de grandes somas nas mãos de uma única pessoa jurídica se deu a partir da invenção da sociedade anônima. A nova modalidade de organização foi entendida, pelo próprios contemporâneos, como : “a maior descoberta dos tempos modernos (...) Até o vapor e a eletricidade são muito menos importantes ... e estariam reduzidos a uma comparativa impotência sem ela”.¹²⁵ De fato, a nova organização empresarial da sociedade anônima proporcionava uma rápida alavancagem de recursos através de venda de ações nem sempre correspondentes ao real patrimônio da empresa. Em outras palavras, os diretores dessas organizações podiam oferecer ao mercado aberto um número ilimitado de ações que, teoricamente, corresponderia ao capital

¹²⁵ A frase pertence a Nicholas Murray Butler, Reitor da Universidade de Colúmbia, em palestra realizada na própria instituição. *Apud* ABRAMS, Richard M., “Reforma e Incerteza. A América Ingressa no Século XX, 1900-1918”. *In* LEUCHETENBURG (org), *Op. cit.*, p. 59.

estimado da empresa, mas esse geralmente era bem menor do que aquele realmente existente. Estima-se que a prática era vender ações cujos valores totais eram dez vezes o que realmente valia o patrimônio físico.

Como era de se prever, muitas dessa empresas não passaram de armadilhas nas mãos de empresários desonestos e os investidores só descobriam a farsa quando, ao tentar resgatar o título, a empresa já não mais existia. Porém, a parte “honestas” do empreendimento fez nascer grupos com extraordinário volume de capitais, e que tinham diante de si a obrigação de realizar investimentos lucrativos para não só dar lastro ao negócio inicial, como para permitir nova emissão de títulos ao mercado, transformando o empreendimento em uma grande “bola de neve”. Com a sociedade anônima, o crescimento deixou de ser o sucesso obtido pela empresa e se tornou uma necessidade.¹²⁶

A obrigatoriedade de resultados alocou grandes somas em empreendimentos novos como as indústrias do petróleo, aço, telecomunicações, transporte ferroviário e automóveis, cujos horizontes de lucros deveriam ser ao mesmo tempo ilimitados e certos. Imperativa também foi a nova técnica impessoal de administração, retirando os vínculos interpessoais que “atrapalhavam” a eficiência final, o que conferiu uma frieza e insensibilidade maior na relação entre a cúpula gestora do negócio e a classe trabalhadora.¹²⁷

Mas a necessidade de certeza do ganho para garantir o negócio não poderia escorar-se apenas na eficiência interna da boa administração do empreendimento e no promissor mercado. Todo elemento imponderável e imprevisível que se apresentasse como agente portador de insegurança do resultado final deveria ser removido da equação. O primeiro deles foi a destruição da concorrência. Em um primeiro momento, a compra do concorrente menor representou ao mesmo tempo o fim de um rival e o

¹²⁶ Sobre os mecanismos da sociedade anônima ver GALBRAITH, John Kenneth. *O Novo Estado Industrial*, São Paulo, Nova Cultura, 1988. Especialmente o capítulo “A sociedade anônima”.

¹²⁷ *Idem.* p. 31-37.

crescimento do negócio. Mas esse procedimento era mais lento e muito custoso. À medida que a “bola de neve” crescia, os métodos para a incorporação tornaram-se mais agressivos e menos leais. A prática de “dopping” (venda do produto final a preços extremamente baixos durante um período) passou a ser usado com frequência como artifício de compelir o concorrente menor à venda de seu negócio; no momento seguinte, outro método usado foi ou o controle via aquisição ou o acordo vantajoso com fornecedor em comum do setor. Em um curto espaço de tempo, a economia norte-americana estava nas mãos de poucas empresas que controlavam vários setores produtivos de maneira coordenada. Muitas chegavam a controlar toda cadeia produtiva, como foi o caso da Companhia Carnegie: com um patrimônio de 1 bilhão de dólares em 1901, controlava aproximadamente $\frac{3}{4}$ de toda reserva de ferro do país, tendo como ativo 1.400 locomotivas, 125 navios vapores e aproximadamente 300.000 acres de terras para o fornecimento de carvão. A Standard Oil (Rockefellers) refinava e vendia, na década de 1900, 84% do petróleo para iluminação do país. A General Motors, Chrysler e a Ford, juntas, produziam, em 1910, 9 de cada 10 carros comercializados no país. A Goodyear, Firestone e a U. S. Rubber & Goodrich controlavam 93% do total líquido da venda de borracha; a Libby-Owens-Ford e a Pittsburgh Plate Glass Co., fabricavam 95% do vidro encontrado no mercado¹²⁸.

Estas e outras companhias tinham, isoladamente, mais patrimônio que a maioria dos Estados da Federação. O crescimento das corporações através de venda de ações no mercado aberto atraiu não só investidores privados, mas também consideráveis somas da poupança pública, o que se traduziu na escancarada interferência do poder econômico na gerência política do país. Na passagem do século XIX para o XX, a administração das três esferas de poder (municipal, estadual e federal) eram controladas diretamente pelos capitães de indústria, através de prepostos, como relata Leuchtenburg:

¹²⁸ Todos os dados acima foram tirados do capítulo 3 do livro de LINK, *Op. cit.*

“ (...) nos primeiros anos do novo século, muitas companhias eram mais ricas do que Estados inteiros da União e também do que muitos países europeus. Direta ou indiretamente, era inevitável que tanto poder corrompesse os processos eleitorais e legislativos.”¹²⁹

O controle da vida pública na verdade era bem mais amplo. O próprio Judiciário completava o tripé dos poderes que permitiu o incremento do processo acima descrito às custas de enormes injustiças sociais. A corrupção e a troca de favores se tornam procedimentos comuns na vida pública norte-americana. Como relata Arthur S. Link:

“ (...) entre a década de 1890 e cerca de 1910, o americano descobriu que as instituições políticas representativas em suas cidades haviam desmoronado quase totalmente. Ao invés de serem governadas pelos representantes escolhidos imparcialmente, a maioria das cidades americanas era dominada pelas máquinas políticas que, em sua estrutura hierárquica, lembravam a empresa moderna. (...) O melhor lubrificante para a máquina política era o saque que ela recebia. Nos níveis inferiores, o suborno – na forma de dinheiro pago aos políticos e policiais pelos criminosos, prostitutas, donos de bares e outros – era extremamente difundido, altamente organizado e fabulosamente lucrativo. A Comissão do Vício, de Chicago, informa em 1911, por exemplo, que o lucro anual do vício naquela cidade foi de 15 milhões de dólares e que um quinto dessa importância era pago à polícia, na forma de suborno.”¹³⁰

A associação entre as grandes empresas e a corrupção política gerou um quadro social extremamente dramático. A começar pelo campo, o potencial produtivo das máquinas agrícolas expulsou orlas de trabalhadores rurais para a cidade. Os remanescentes do meio rural ficaram confinados às pequenas lavouras de subsistência em terras exauridas. O grande

¹²⁹ LEUCHTENBURG, *Op.cit.*, 72.

número de camponeses deslocados para as grandes cidades se encontrou com a multidão de correntes migratórias que vinham de praticamente toda parte do planeta. O amontoado humano constituía-se basicamente de mão-de-obra desqualificada.

Para piorar o quadro, a automação da indústria transformou o processo produtivo em operação bem simplificada. Algumas tarefas podiam ser executadas por mulheres ou crianças, cujos salários eram significativamente mais baixos. Como não havia legislação trabalhista restrita ao uso do trabalho infantil ou garantindo qualquer proteção contratual ao trabalhador, os salários pagos eram irrisórios, e mesmo assim as vagas eram escassas. Em 1902, um trabalhador urbano recebia em média US\$ 1,00 por dia de trabalho, insuficiente para a manutenção de uma vida digna. Como descreve Link:

“ (...) a revolução econômica criara problemas sociais de grandes proporções – cidades que cresciam demasiado rápido, onde milhões de pessoas viviam na imundície e na miséria, exploração de mulheres e crianças e todo um complexo de problemas motivados pelo desemprego, doenças e velhice. Foi o preço humano da industrialização rápida e sem controle.”¹³¹

Se as condições trabalhistas não eram favoráveis, as habitações nos grandes centros eram piores. O fluxo populacional em direção às metrópoles fez nascer o rendoso negócio da especulação imobiliária. Com a valorização dos terrenos urbanos, a construção de prédios de quatro ou cinco andares repartidos em pequenos cubículos ou casa de cômodos para locação a preços exorbitantes ditou as regras do setor da construção civil da época. Famílias inteiras se espremiavam em poucos metros quadrados em condições precárias:

“ Para alojar os milhões de pessoas que convergiam sobre as cidades, provenientes do campo e do

¹³⁰ LINK, Arthur S., *Op. cit.*, pp. 142-143.

¹³¹ *Idem*, p. 28.

estrangeiro, os construtores inventaram o cortiço ou casa de cômodos – um prédio de apartamentos de quatro, cinco, às vezes seis andares, sem elevador, planejado para fazer o máximo uso do mínimo de espaço. Naturalmente, as instalações de água e luz e a ventilação eram tão mínimas quanto o espaço. Os banheiros consistiam em meros cubículos com privadas, raramente existentes em mais de um ou dois andares do prédio e situados ao fundo do corredor único.”¹³²

O quadro geral da miséria e degeneração social dos grandes centros norte-americanos foi incrementado com o aumento da prostituição, do alcoolismo e de crimes contra o patrimônio. As campanhas contra o consumo de bebidas, jogos e prostituição não nasceram propriamente do excesso de pudor da uma moral puritana, mais como tentativa de barrar uma situação considerada caótica e epidêmica. O tamanho do problema pode ser melhor compreendido pelo número de bares e sua lógica de funcionamento:

“Em 1910, calculou-se que existia um bar de bebida alcoólica ou uma taverna para cada 300 americanos residentes em cidades. Além disso, as cervejarias e destilarias eram proprietárias de 70% dos sloons, o que significava que, se um botequineiro não usasse todos os recursos – desde almoços gratuitos a mulheres “grátis” – para encorajar seus fregueses a beber, corria o risco de perder a sua concessão.”¹³³

O contraponto dos grandes centros eram as cidades menores, geralmente constituídas em torno de uma única fábrica. Nessas localidades, o poder de mando sobre a vida dos trabalhadores exercida pelo dono da empresa era igual ou superior ao da autoridade local. O ganho com moradias pouco melhores e com relativa segurança – casas

¹³² LEUCHTENBURG, *Op. cit.*, p. 34.

¹³³ *Idem.*, p. 37.

que invariavelmente pertenciam à própria empresa empregadora - era anulado pelos baixos salários, exaustivas horas de trabalho (geralmente 12 horas por dia e seis dias por semana), além da completa intromissão em todos os movimentos dos habitantes, como se permanecessem 24 horas sobre o poder de mando do patrão. A relação de trabalho nessas localidades foi descrita como se vivessem em um estado feudal :

“Por vezes, uma grande empresa instalava-se numa cidade já existente e convertida-se em sua principal fonte de emprego. Com muita freqüência, os Governos estaduais e as administrações regionais atraíam as companhias - por causa dos benefícios econômicos que presumivelmente lhes proporcionariam - concedendo-lhes terrenos, isenções ou reduções tributárias, e um situação legal que eqüivalia à autonomia política. Essas cidades, observaria o estadista republicano Hery Stimson em 1922, precisavam apenas de castelos, pontes levadiças e masmorras para reproduzir ante nossos olhos uma vista dos tempos feudais.”¹³⁴

Apesar do colossal deslocamento da população rural para as cidades não se pode dizer que os Estados Unidos era um país de população urbana. Em 1901, mais de 63% da população ainda morava no campo ou em localidades de menos de quatro mil habitantes. A grande maioria tinha notícias das inovações técnicas, mas não as usufruía. A experiência de significativa parcela da população estava totalmente presa a um estilo de vida muito próximo ao de meados do século XIX. O cosmopolitismo representava uma fração relativamente pequena da experiência americana e grande parte da população era provinciana. Como descreve, mais uma vez, Leuchtenburg:

“Seja como for, a maioria dos americanos tivera a experiência de crescer em pequenas comunidades rurais. Conheciam os ritmos sazonais da vida, o

¹³⁴ Idem, p.46.

isolamento e a imobilidade de um campo bloqueado pela neve, a alegria íntima e profunda do degelo primaveril, o calor escaldante do sol num campo semeado, o esperançoso alvoreço do tempo da colheitas, o reaparecimento regular das feiras, dos circos, dos dias santos, dos pregadores evangelistas e dos políticos em campanha eleitoral, a proximidade familiar de cavalos e do gado, a camaradagem ordeira e agradável da igreja da aldeia, do armazém geral, do *drug-store* e do *saloon*. Tinham visto as ferraduras e outros equipamentos fabricados por ferreiro e a manteiga batida nas fábricas locais de laticínios. Cozer o pão, encher candeeiros de petróleo, colher lenha e carvão, dar de beber aos cavalos, fazer tricô, lavar e costurar roupas, tudo isso ocupava boa parte da rotina cotidiana de cada família.”¹³⁵

A “Era das Grandes Coisas” tinha como pressuposto necessário a distribuição regressiva de renda, a exploração do trabalho e a destruição dos pequenos negócios. A implementação da nova sociedade de consumo, cujos germes já estavam colocados na virada do século XIX, era menos um fato e mais um projeto com linhas razoavelmente bem definidas. Esse projeto, no entanto, passava pela consolidação de um discurso que desse conta ao mesmo tempo de inserir a modernidade na tradição maior da história nacional e legitimá-la como o caminho certo a ser seguido pelo país.

As contradições e dicotomias do processo industrial não foram exclusividade da sociedade norte-americana, estiveram presentes em todos os países que sofreram as mesmas transformações. O lado menos dignificante da modernidade, ou mesmo o atraso puro e simples, também foi apresentado pela *National*, mas em reportagens sobre outros países.

¹³⁵ Idem, p. 25.

Capítulo III

A AMÉRICA LATINA E THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE.

Como dito no primeiro capítulo, em 1896, há uma sensível mudança na revista. Permanecem os propósitos da investigação da geografia e divulgação da ciência, porém o periódico se declara, a partir de então, interessado não apenas nos aspectos físicos/topográficos das regiões reportadas, mas também em elementos culturais, como o desenvolvimento científico da humanidade, o comércio entre as nações e seus problemas políticos. Logo no primeiro número da nova série, a revista se declara interessada pelos países americanos que, segundo o editorial, seriam objeto de exploração nos próximos anos. Nas palavras do editor:

“To cover successfully so vast and so diversified a field is entirely beyond the capacity of any singles periodical publication. Either it must restrict itself to physical geography and become largely techical, or it must content itself with brietly chronicling the more notable additions to geographic knowledge in those parts of the word in which its readers are less directly interested, and with becoming more especially the exponent of the geography – physical, political, and commercial – of the continent with which its publication more particularly identfics it. And surely in the case of an American publication this is a sufficiently broad field. There are vast regions of the New World that must continued to tempt the venturesome explorer for many vears to come.”¹³⁶

¹³⁶ Editorial, janeiro/1896, p. 04. “Cobrir com sucesso um campo tão vasto e diversificado está inteiramente além da capacidade de qualquer publicação periódica. Ou ela se restringe à geografia física e se torna altamente técnica, ou deve conter fatos registrados sobre os mais notáveis fatos sobre conhecimento geográfico em tais partes do mundo, onde seus leitores são menos diretamente interessados e se tornando mais especialmente um expoente de geografia – física, política e comercial – do continente com o qual sua publicação mais se identifica. E obviamente, no caso das publicações americanas, trata-se de um campo suficientemente amplo. Há vastas regiões do Novo Mundo que devem continuar sendo exploradas nos próximos anos.”

A declaração de intenções do redator foi de fato cumprida. A partir daquela data, os países latino-americanos foram bem mais reportados pela revista, que ressaltou os aspectos culturais e econômicos do continente. Entre 1896 e 1914, a revista publicou mais de cem artigos ou reportagens sobre países da região¹³⁷. Os países mais abordados pela revista foram da América Central, Caribe e México. A assiduidade de determinado país nas páginas da revista estava diretamente relacionada com a importância do mesmo na política externa norte-americana do momento. Por tais motivos, Cuba, Panamá e México foram os países que, alternadamente, mais atraíram a atenção do periódico durante os anos que envolvem a pesquisa. Mas a maior presença dos países limítrofes não significou silêncio da revista em relação aos sul-americanos. A rigor, durante o período, todos os países que compõe a América Latina foram, com maior ou menor intensidade, objeto de reportagem.

Mesmo o conjunto de países – toda a América Latina, como uma “entidade” monolítica – foi tema, por diversas vezes, de reportagens pela revista.

Assim, o espaço geográfico-cultural América Latina não representou para o periódico qualquer dificuldade conceitual. Os artigos se encarregaram menos de estabelecer diferenças entre os países que integravam o bloco e muito mais em fixar a semelhança entre eles, legitimando um discurso, quer pelos textos quer pelas imagens, sobre um local *homogêneo*. As eventuais diferenças entre as nações eram compensadas por características gerais que as uniam, principalmente o estágio da economia, o tipo de organização política e cultural. Por tais motivos, escolheu-se, como estratégia de apresentação do presente capítulo, elencar de maneira exemplificativa quais foram os principais temas e características comuns da região pelo olhar da revista, em detrimento de uma abordagem particular de cada país.

¹³⁷ O número exato é de 103 reportagens e artigos. Não foi considerado o número de notas.

As reportagens seguiam uma estrutura padronizada. Primeiro se mostravam as condições geofísicas do país, em seguida os números da nação (área, população e riquezas naturais) e, por último, os aspectos da cultura, a organização social e política. A ordem desse discurso guarda uma lógica encadeada de condicionantes: o meio físico, o homem, a cultura/história e o resultado final dessa combinação, a organização econômica e a política.

A Floresta

A América Latina é apresentada como um continente encravado na floresta. Ao contrário de outras regiões do planeta reportadas pela *National*, o sub-continente se destaca pela densidade de sua vegetação. A preferência pelo tema floresta ao reportar a América Latina é evidente e se encontra tanto nos relatórios estatísticos quanto nas imagens fotográficas da região. A força dessa forma de abordagem fica clara quando se verifica a sistemática apresentação do país latino-americano tendo como foto de abertura da reportagem a vegetação local. A paisagem selvagem, por sua vez, é densa e imperativa, toma a maior parte do campo visual dessas fotos. As imagens são geralmente horizontais e frontais, invariavelmente tiradas de dentro da mata tropical, cuja composição orgânica forma uma teia impenetrável. Ao contrário do tratamento dispensado às florestas e paisagens norte-americanas, o corte oferecido pelo ângulo das imagens sobre a América Latina não privilegia a transmissão da sensação de amplitude; pelo contrário, fornecem uma percepção de confinamento, de clausura.

Apesar da extensa riqueza da vegetação, a revista não traz qualquer preocupação em mostrar tal variedade. Um procedimento comum é a apresentação de algumas espécies como verdadeiros ícones dos países

da região. Não existe reportagem sobre o México em que cactos não estejam presentes, assim como a existência de coqueiros é obrigatória quando se fala de algum país caribenho, ou a de palmeiras para localizar o leitor que se está reportando uma praia latino-americana, seja em Cuba, no Panamá, Guianas ou mesmo na América do Sul. A descrição geográfica da região está associada diretamente aos recursos naturais de cada país, sua capacidade produtiva ou seu potencial a ser explorado. A força das imagens é confirmada pelo texto escrito. Na maioria das reportagens, o texto foca muito mais as condições físicas do país, suas riquezas minerais e os métodos de produção da economia. O Brasil é o país do café, o Peru é o país da borracha, as repúblicas da América Central são da banana, o México é o país do minério¹³⁸.

De modo geral, após a apresentação físico-topográfica do país é que a reportagem inicia o desenvolvimento de outros temas, tais como o homem latino-americano, suas instituições sociais e políticas. Mas, ao contrário da paisagem selvagem dos EUA, a floresta latino-americana integra a própria vida da comunidade. O latino-americano é o nativo, e a cidade brota ou se insere na vegetação, é uma continuação desta e com ela tem um significativo grau de dependência.

O Latino-americano.

O latino-americano é representado pelo índio ou negro ou, ainda, o que é mais comum, pelo mestiço. Os registros de população caucasiana é praticamente imperceptível nas fotos, apesar da corrente

¹³⁸ As reportagens que fazem tal alusão são, respectivamente: Robert De C. Ward, "A visit to the Brazilian coffee country", outubro/1911, pp.90/931; N. H Darton, "Mexico - The treasure house of the world", agosto/1907, pp.493/518; Edwin R. Fraser, "Where our bananas come from?", julho/1912, pp. 713/730.

imigratória europeia que se deslocava para a região¹³⁹. Nos textos, a identificação da América Latina como uma região habitada por mestiços está clara, a exceção ocorre apenas quando a reportagem apresenta extensos e cansativos dados quantitativos, em que a presença do homem branco de origem europeia se faz sentir. Mas, nas fotos, não.

Quanto à apresentação iconográfica do latino-americano, a revista é bem mais regular e coerente. O negro ou o mestiço vêm representados com roupas ordinárias ou puidas, invariavelmente descalços e entregues à atividade braçal, no limite da humilhação, quando não se encontram completamente desqualificados, como por exemplo, executando transporte de mercadoria substituindo um animal de carga (**foto 37**)¹⁴⁰.

As imagens trazidas pela revista sobre o tema são muito próximas ao acervo imagético construído nos séculos anteriores sobre o negro, visto como mera força muscular (**ilustrações 27 e 28**)¹⁴¹

O índio, por sua vez, aparece semi-nu. Em completa sintonia com a idéia do selvagem, o nativo geralmente está trajado com tanga, quando não com adereços completos de sua tribo, em um sinal claro da ausência de contato com a cultura ocidental: penas de aves no cabelo, bambu entrecortando orelhas e bocas, além de colares e outros enfeites fabricados com matéria-prima da floresta (**foto 38**)¹⁴². Assim como ocorre na representação da América Latina como continente selvagem, a revista privilegia a representação já sedimentada pela tradição da pintura para

¹³⁹ Descrito como o maior movimento migratório já visto, nos portos das grandes cidades eram despejados milhões de imigrantes. Entre 1870 e 1920, a Argentina recebeu 4 milhões, o Brasil 2 milhões, a Venezuela 300 mil e Cuba 600 mil, o mesmo número que ingressou no Paraguai e no Uruguai, com a diferença do país platino ter na época a metade da população cubana, o que representou um impacto demográfico ainda maior. Ainda, para se ter idéia, enquanto nos EUA, na primeira década do século XX, a imigração europeia representava 13% do total de habitantes, na Argentina, a imigração – sobretudo de italianos e espanhóis – representou, 26%. Esses números estão no capítulo “A População da América Latina, 1880-1930”, de Nicolás Sanchez-Albornoz. In Bethell Leslie (org). *História da América Latina de 1870 a 1930*. São Paulo, Edusp, 1986.

¹⁴⁰ Foto da reportagem assinada por N. H. Darton, “Mexico – The treasure house of the world”, agosto/1907, pp.493-518.

¹⁴¹ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo, Objetiva, 3ª edição, 2000. As imagens são de pintores anônimos.

¹⁴² “Notes on Central America”, abril/1907, pp. 271-279.



On the way to the Alexander Graham Bell

Indian Types

be of no value often can be worked with considerable profit. There are vast quantities of refuse and tailings from old mines and primitive reduction works which contain large values, and some of these are being worked over with most satisfactory results. Often the fairly good ore was discarded in the early days, when only the high-grade material was worth freighting. On the old dumps at one mine in San Luis Potosí there were over 300,000 tons of mine refuse containing much metal. In Guadalajara tailings have been used for asphalt paving which recently were found to run \$15 a ton in gold and silver. Electricity, generated mostly by water power, is now being utilized at some mining districts and proves to be a great source of economy.

It is estimated that about \$80,000,000

of United States capital are invested for purchase and equipment of Mexican mines and large amounts have also been invested from other countries. The present high price of the various metals has given impetus to Mexican mining, while the large amount of capital available in the present high tide of prosperity in the United States has been an important factor. The known mineral districts in Mexico are numerous and extensive and many portions are by no means fully developed. There are numerous regions also in which the mineral resources may prove important which have not as yet been explored by skilled prospectors.

The following table, taken from the *Mining World* for January 26, 1907, gives the principal metal production of Mexico for the past 27 years.





mostrar o índio. A apresentação do nativo armado, munido de instrumentos de guerra e caça, como recurso para transmitir ao mesmo tempo a idéia de agressividade e de estágio cultural/econômico atrasado, era imagem de longa data (**ilustração 29, 30 e 31**)¹⁴³. Esse tipo de representação remonta às primeiras pinturas ou desenhos que fizeram alusão ao continente. Uma das imagens mais antigas, e durante muito tempo repetida como representação da América, traz uma índia armada com arco e flecha, tendo aos seus pés a cabeça de um homem branco (**ilustração 32**)¹⁴⁴

Quanto aos textos escritos, em linhas gerais, são extremamente descritivos. Mas a neutralidade do discurso é meramente aparente e se relaciona mais com uma pretensa impessoalidade da elaboração do discurso científico e menos com a carga de valores subjacente a ele. O produto final da associação entre texto e imagem revela esse olhar, que se mostra mais claro nos momentos em que o artigo é mais analítico e menos descritivo, ou mesmo no cruzamento de dados inseridos na reportagem. Por exemplo, a quantidade de negros ou índios vem associada ao atraso do país. Venezuela, Bolívia, Honduras, Haiti, Jamaica e Guatemala, países que a revista apresenta como atrasados, são constituídos, segundo ela, por índios ou negros. Aqui as informações estatísticas se associam à descrição da falta de desenvolvimento do país e à incapacidade de tais "raças" de empreenderem progressos materiais. Foi nesses termos que a revista descreveu a população do Haiti, em março de 1908:

"As practically 90% per cent of the population are descendants from the former slaves, who have no higher ambition than to possess sufficient means to supply the demands of their appetites, their wants are easily satisfied."¹⁴⁵

¹⁴³ BELLUZZO, Op. Cit. A ilustração 30 é uma pintura de Albert Eckhout, tem o título Dança Tapuia e foi pintado em 1641. A ilustração 31 é um desenho de Maten de Vos e a ilustração 32 pertence a Andriaen Collaert, ambos datados de 1600.

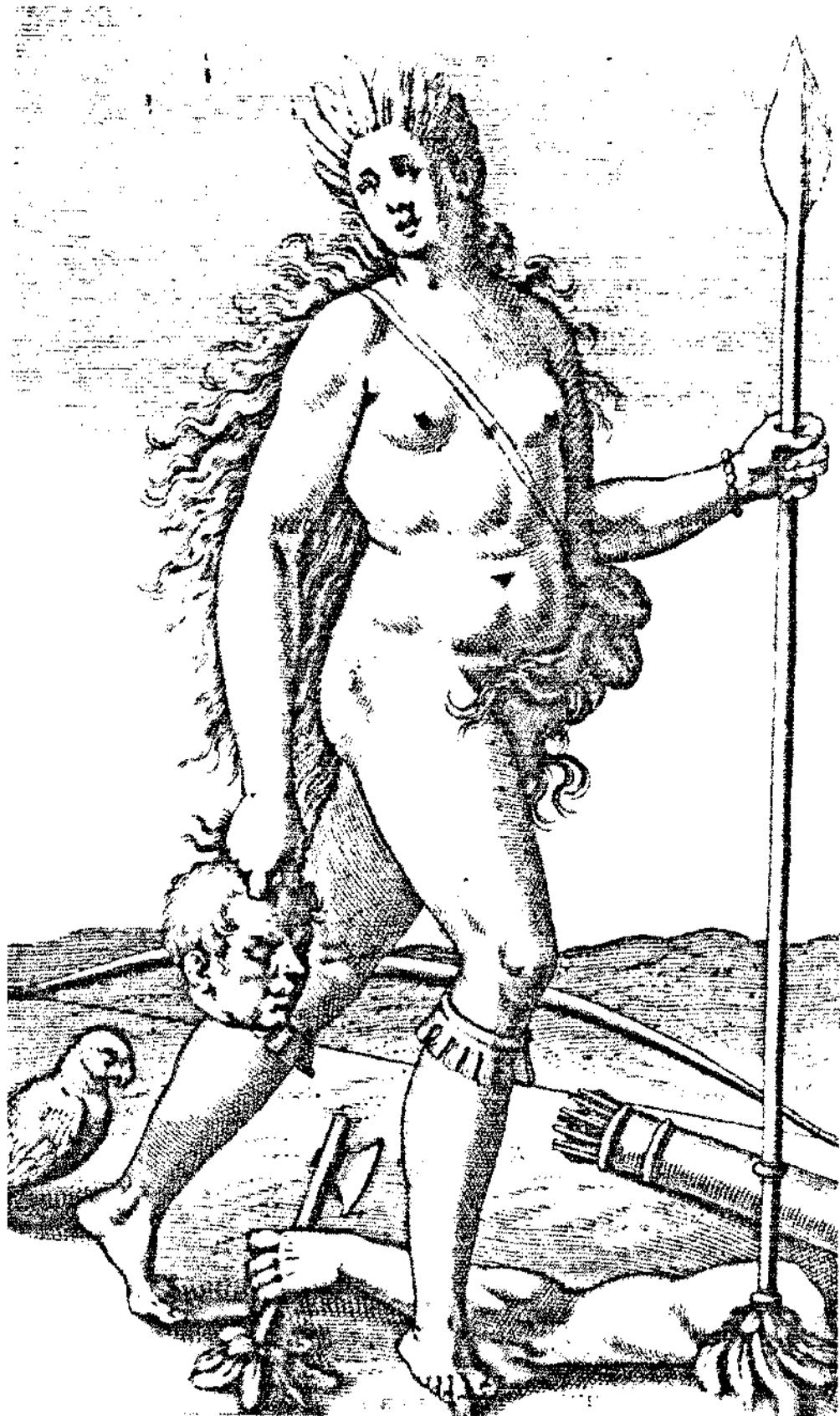
¹⁴⁴ BELLUZZO, Op. Cit. A ilustração pertence a Phillippe Galle, com o título "América", datado de 1576.

¹⁴⁵ M. Chester, "Haiti: A degenerating island", março/1908, pp.200/217. "Como praticamente 90% da população é descendente de escravos que não têm ambições maiores que posses









Seguindo a mesma lógica, a Argentina, grande exceção no que tange ao progresso econômico entre as repúblicas latinas, é constituída, segundo dados exagerados da revista, por 99% de brancos!¹⁴⁶:

“Neither in this city nor in the interior is there any considerable indian or negro element, such as is found in other South American countries. The population is 99 per cent of white extraction. The signs of prosperity and progress on every side, not only in Buenos Ayres, but in the provinces, impress the student of economic conditions.”¹⁴⁷

Fato significativo é que o referido país foi objeto de reportagem da revista, durante o período que compreende o trabalho, por três vezes. Em todas elas, o tema central foi a Patagônia e a Terra do Fogo, e quando aparecia o elemento humano para caracterizar o país, a reportagem dava preferência ao índio (no caso, 1% da população, segundo a própria revista).

O mesmo motivo étnico – quantidade de brancos - foi usado para explicar o rápido avanço da economia brasileira coincidindo com a imigração de italianos; ou ainda, quando a revista lembra que o México, preocupado com a melhoria da qualidade da mão-de-obra, fomentou – sem êxito - o mesmo tipo de *importação humana*¹⁴⁸.

A formação racial dos povos da região era diretamente relacionada tanto com a peculiaridade cultural/religiosa quanto com a disposição para o trabalho.

suficientes para atender a demanda de seu apetite, suas necessidades são facilmente satisfeitas.”

¹⁴⁶ “Geographic Notes. Prosperity in Argentina”, dezembro/1901, pp.964

¹⁴⁷ “Nem na cidade, nem no interior há elementos índios e negros consideráveis, tais como são encontrados em países da América do Sul. A população é 99% de origem branca. Os sinais de prosperidade e progresso em todos os lados, não somente em Buenos Aires, mas em todas as províncias, impressionam os estudantes de condições econômicas.”

¹⁴⁸ N. H. Darton, “Mexico – The treasure house of the world, agosto/1907, pp.493/518

Religião e trabalho

A constituição étnica da população tem, segundo a revista, repercussões nas manifestações culturais e na disposição para o trabalho, que condicionam o tipo de sociedade. Os sinais mais evidentes acerca do conceito da *National* sobre o comportamento da população latino-americana aparece nos momentos em que há descrição de manifestações culturais .

Em reportagem sobre o Haiti, o periódico afirma ser verdadeira peste do lugar a prática de uma semi-religião importada pelos negros africanos, o "vodu". Publicada em março de 1908, com o sub-título: "Haiti is degenerating to a condition of barbarism", a reportagem inicia-se desqualificando a prática religiosa e associando-a aos negros:

" voodooism still practiced

No accurate history of Haiti can be written without a reference to the horrible sorcery, called the religion of Vodoo, which was introduced into the country with the slaves from Africa. Its creed is that the God Vodoo has the power usually ascribed to the Christian's Lord, and that he shows himself to his good friends, the negroes, under the form of a non-venomous snakes, and transmits his power through a chief priest or priestess. These are called either king and queen, master or mistress, or generally as papa-lois and mama-lois. The principal act of worship consists of a wild dance, attended by grotesque gesticulation, which leads up to the most disgraceful orgies.¹⁴⁹

¹⁴⁹ "Vodu ainda praticado. Nenhuma história precisa do Haiti pode ser escrita sem uma referencia a uma feitiçaria terrível, conhecida como religião do Vodou, que foi introduzida no país pelos escravos vindos da África. Sua crença é que o deus Vodou tem o poder relacionado com o Deus do Cristianismo e que ele se mostra para seus bons amigos, os negros, sob a forma de uma cobra não venenosa e transmite seu poder através de um sacerdote ou sacerdotisa-chefe. Eles são chamados tanto de rei ou rainha, como de mestre ou mestra e, geralmente, de papa-lois e mama-lois. O ato principal de louvor consiste em

E o autor, M. Chester, descreve em pormenores o ritual macabro de sacrifício humano e canibalismo. Qualificando o culto como bárbaro e sanguinário, repete-se a associação direta entre a prática religiosa, entendida como bárbara, e a origem racial dos praticantes:

"As secret oath binds all the voodoos, on the taking of which, the lips of the neophyt are usually touched with warm goat's blood, which is intended to inspire terror. He promises to sbmit to death should he ever reveal the secret of the fraternity, and to put to death any traitor to the sect. It is affirmed, and no doubt is true, that on special occasions a sacrifice is made of a living chid, or the "goat without horns", as it is called, and then cannibalism in its worst form is indulged in.

Of course, no white man could long live on teh island after having given testimony leading to the conviction of culprits in such case, and therefore the negroes demand for proof can never be satisfied. Indeed, it is said that even some presidents who have openly discouraged the voodoo practices have come to violent deaths from this cause"¹⁵⁰

Outra prática religiosa descrita como bizarra pela revista foi sub-título de uma reportagem sobre uma crença de origem asteca "ainda praticada e respeitada" no México, que ao invés de enterrar seus mortos, deixa-os expostos, esperando o dia do juízo final. A imagem é de um longo corredor com corpos já decompostos ou esqueletos fixados nas paredes

uma dança selvagem que conduz à mais desgraçada das orgias." M. Chester, "Haiti: A Degeneration Island", março/1908, pp. 200/217.

¹⁵⁰ "Um juramento secreto obriga todos os praticantes do vodu: os lábios de todos os neófitos são tocados com sangue de bode quente, o que significa inspirar terror. Ele promete por sua morte que não revelará os segredos da fraternidade e matar qualquer traidor da seita. É afirmado, e não há dúvida disso, que em ocasiões especiais, é feito o sacrifício de uma criança – ou, como é chamada, "bode sem chifres" – e, então, é praticado o canibalismo da pior forma(...). *Claro que nenhum homem branco pode viver muito tempo na ilha depois de ter dado testemunho que levam à convicção dos acusados de tais casos, e então, os negros dizem que as provas não são satisfatórias.* De fato é dito que até alguns presidentes que abertamente desencorajavam a prática de vodu tiveram mortes violentas." Cit., p.208.

(foto 39)¹⁵¹. A foto em questão foi cuidadosamente composta. Nos campos laterais vêem-se os mortos e pode-se identificar, pelo estágio de decomposição, o tempo que lá se encontram. A cena se desdobra, aos olhos do receptor, por toda a extensão das paredes, repleta de cadáveres – reiterando o aspecto macabro do local. O centro, no entanto, é a própria extensão do corredor – cujo final não pode ser visto, o que estimula a imaginação sobre a quantidade dos mortos e também sobre a longevidade de tal prática.

Também reportando a permanência de rituais indígenas na Bolívia, em julho de 1900, a revista publica um artigo sobre uma tradicional festa em La Paz. Segundo a reportagem, trata-se da festa mais popular da região, da qual participam milhares de índios – a primeira informação da reportagem refere-se à quantidade de indígenas do país, 90% da população. Comparada com um ritual da tribo norte-americana “Sioux”, a festa da anunciação inicia-se ao meio-dia na praça de La Paz, com índios tocando instrumentos nativos feitos de bambu e outros de origem européia que foram improvisados no local. O evento consiste em dança e música, regado com muita bebida alcoólica, e prorroga-se durante toda a tarde, invadindo a noite. Na madrugada, homens e mulheres continuam dançando e bebendo; alguns, já inconscientes, “uivam”. A festa só termina quando os participantes caem uns sobre os outros intoxicados pela bebida. A narrativa é bem significativa:

“At intervals the music and motions would refresh themselves with copious draughts of *chien* and alcohol. The dancing and drinking continued all the afternoon and far into the night, until everybody was in distressing estates of intoxication. The pavement was covered with the bodies of men and women who were unconscious from drink and fatigue and the remainders were howling in the street.”¹⁵²

¹⁵¹ foto da reportagem :N. H. Darton, “Mexico – The treasure house of the world, agosto/1907, pp.493/518.

¹⁵² William Eleroy Curtis, “The Road to Bolivia II”, julho/1900, p. 267. “Nos intervalos, a música e movimentos cessam e atores se refrescam com abundantes quantidades de *chien* e álcool. Dançando e bebendo continuam toda a tarde até a noite, até que todos estejam



Waiting the Judgment Day, in the Cemetery, Mexico City

Além de bizarras e exóticas, as festas religiosas interferem diretamente no mundo do trabalho, como informa a já citada reportagem sobre o México, publicada em agosto de 1907, com o título: "Mexico - The Treasure house of the World". Após descrever as riquezas minerais do país e as grande oportunidades que a região oferecia para novos empreendimentos, a reportagem faz um porém, exatamente no que se refere à mão-de-obra mexicana. Segundo a revista, grande parte dos trabalhadores é composta de índios ou mestiços, cuja maioria é ineficiente se comparada aos padrões de trabalho do norte (Estados Unidos). Apesar de trabalharem longas horas e receberem baixos salários - o que é um dado positivo - exigem muitos feriados:

"Labor is somewht scarce in parts of Mexico, which is a serious handicap to the development of mines and other resources. In order to better this condition, the government is encouraging immigration, and it is expected that soon more laborers will be available. Most labor in Mexico is furnished by the half-breeds and Indians, many of whom are not very efficient, according to northern standards. They work for long hours and low pay, but require many holidays and other vacation."¹⁵³

Outro exemplo da falta de apego a uma ética do trabalho mais sólida vem da reportagem sobre a Venezuela, quando a revista, ao descrever o cotidiano das repartições públicas do país, sugere que os

em doloroso estado de intoxicação. A calçada estava coberta com corpos de homens e mulheres inconscientes de tanta bebida, e cansados, os remanescentes estavam rolando nas ruas".

¹⁵³ "Trabalho é de certa forma escasso em partes do México, um sério obstáculo para o desenvolvimento das minas e de outras fontes. Para melhorar essa condição, o governo está encorajando a imigração, e é esperado que, em breve, mais trabalhadores estarão disponíveis. A maioria do trabalho no México é fornecida por mestiços e índios, muitos dos quais não são muito eficientes de acordo com os padrões do norte. Eles trabalham por longas horas e baixos salários, mas requerem *muitos feriados e férias*." N. H. Darton, "Mexico - The Treasure house of the world", agosto/1907, pp.493/518.

funcionários passam noites de semana dançando, trabalham pela manhã, mas saem às 11h00 para almoçar e só retornam ao expediente após às 14h00, com a *siesta* feita:

"The government offices open at seven, when all the clerks and officials are expected to be on hand, no matter how late they were dancing or dining the night before, but they knock off work at eleven for their breakfast and siesta, and do not return to their desks again until two."¹⁵⁴

Se a classe produtiva é descrita como preguiçosa, a elite, por sua vez, não é melhor. A mesma reportagem que descreveu a festa popular acima, faz uma observação geral sobre a sociedade boliviana. Segundo a matéria, a elite boliviana está presa ao passado, mantém costumes e tradições de duzentos e cinquenta anos atrás. Segundo a reportagem, a decadência avançada pode ser sentida nos casarões e na própria mobília, ainda do período colonial. Mais que uma postura, o comportamento da classe dirigente do país é classificado como uma doença hereditária e incurável, chamadas orgulho e pobreza:

"The old families still retain ancestral homes filled with massive furniture, gilded mirror, and costly hangings brought to Peru 250 years ago, when it was the richest and most extravagant country on earth and when the nobility and wealth were concentrated at Cuzco. Most of these houses are in a state of advanced decay, for their proprietors are suffering from hereditary and incurable diseases called pride and poverty."¹⁵⁵

¹⁵⁴ William Eleroy Curtis "Venezuela: Her government, people and boundary", fevereiro/1896, pp. 49 e ss. "Os escritórios do governo abrem às 7, quando é esperado que todos os atendentes e oficiais estejam prontos, não importando até que horas eles ficaram dançando na noite anterior, mas eles deixam o trabalho às 11 para seus cafés e siesta, e não retornam às suas mesas até às 2."

O artigo retrata bem a percepção do periódico sobre as classes dirigentes das repúblicas abaixo do Rio Grande. A força da expressão “doenças hereditárias e incuráveis” denota um processo cumulativo, vindo de longe e que se estabeleceu de maneira atávica, foi passado de geração para geração, e se confunde com a própria essência do latino-americano. “Hereditário” e “doença” remetem não apenas a um estado circunstanciado, mas sim à sua própria natureza; daí a coerência no texto quanto ao emprego de outro termo também transferido de um discurso naturalista/biologista, quando completa a análise com o prognóstico: incurável. O uso de termos biológicos como categorias para a classificação de determinada sociedade é muito significativo quanto ao efeito impositivo do discurso. De um lado, confere precisão científica à descrição, em outras palavras: possui imparcialidade. De outro lado, afasta a possibilidade de relativizar a situação descrita como um dado cultural. Classificar como doença retira o orgulho e a pobreza dos âmbitos culturalmente construídos e historicamente circunstanciados. Como se trata de um processo biológico (e, portanto, “natural”, intrínseco), a possível solução somente viria através de uma intervenção profilática/médica, cuja resposta estaria não na própria sociedade, mas possivelmente fora dela, em “remédios” apropriados.

Mas a análise do autor do artigo vai mais longe. Compreendendo os efeitos nefastos do orgulho boliviano, o articulista completa: “Their pride will not permit them to work, and their poverty makes it impossible for them to develop the natural resources”. O atraso da elite boliviana vem de seu orgulho, que a impede de trabalhar. A elite, nos termos da revista, vive exatamente nos mesmos moldes do período colonial,

¹⁵⁵ William Eleroy Curtis, “The Road to Bolivia (Part 1)”, junho/1900, pp. 209/224. “As famílias antigas ainda têm lares ancestrais cheios de móveis maciços, espelho dourado, e suspensões caríssimas vindas do Peru de 250 anos antes, quando era o mais rico e extravagante país da terra e quando a nobreza e riqueza estavam concentradas no Cuzco. A

explorando a renda da terra sem qualquer investimento ou preocupação de atualização com os novos tempos. A terminologia empregada acima repete-se em várias outras reportagens sobre as sociedades latino-americanas. Há uma constante aproximação das idéias doença, atraso e pobreza ao descrever o latino-americano. Em passagens praticamente idênticas, temos uma descrição do cubano, do hondurenho e do venezuelano.

O discurso fotográfico sobre a elite desses países está em sintonia com o texto escrito. Na referida reportagem sobre o México, "Mexico – the treasure house of the world"¹⁵⁶, a revista mostra claramente personagens da elite local (**foto 40**). Ambientada no interior de uma residência, a imagem tem como tema um casal, em pose aristocrática. Ao lado de uma cadeira de madeira, uma jovem mulher traça um vestido longo até os pés. A roupa é toda trabalhada com rendas, e mesmo as cores brancas do vestuário remetem ao mundo rural antigo, no melhor estilo colonial. A idéia de apego ao passado e a força da tradição são reforçados pelo leque e cordões que ornamentam a personagem feminina, bem como pelos móveis coloniais que mobiliam a casa. Apesar de aparentemente se tratar de um recinto doméstico mais sofisticado, não está presente na cena qualquer traço de modernidade.

Tal retrato é pouco condizente com os ares de mudança que a sociedade latino-americana estava respirando, principalmente as classes mais abastadas. Durante aquele período, assistiu-se, na América Latina, tanto a reformulação dos espaços privados, como de hábitos e costumes sociais da elite.

A começar pelas novas residências burguesas: localizadas em alamedas geralmente projetadas em Paris ou em Bruxelas, tinham entradas grandiosas, no melhor estilo neoclassicista, e jardins rodeados por estátuas e chafarizes, compondo um novo sentido ao espaço privado. O interior dessas mansões - cenário de bailes e festa sociais -, era guarnecido por móveis no

maioria dessas casas estão em avançado estado de decadência, seus proprietários sofrendo de doenças hereditárias e incuráveis chamadas orgulho e pobreza."

¹⁵⁶ N.H. Darton, agosto/1907, cit.

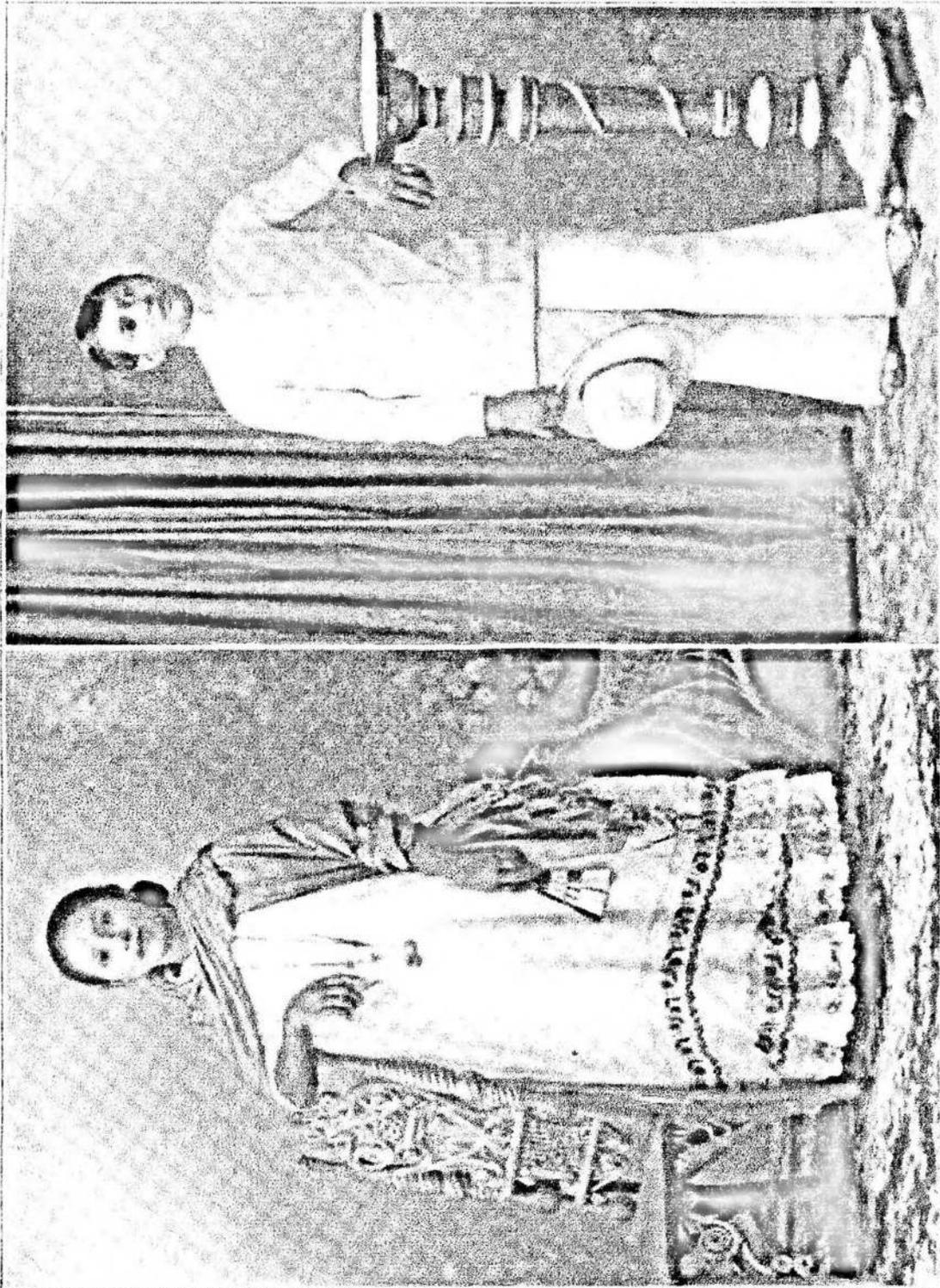


Photo from *Costa Rica* by H. P. ...

Type of Mezizos (White Father and Indian Mother) - Yucatan

estilo rococó, tapetes persas, e por equipamentos como vitrolas, pianos e a mais fina prataria para receber hóspedes.

Mas a vida social não se restringia ao âmbito familiar doméstico. A sociabilidade exigiu o nascimento de novos espaços coletivos, como teatros, clubes e hotéis, que passaram a integrar a vida urbana. Datam dessa época a construção do Palácio de Belas Artes da Cidade do México, do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e do de Caracas, bem como do Teatro Colón de Buenos Aires, do Politeama em Lima e do Teatro Solís de Montevideu. Tais espaços, como lembra Scobie, refletiam o desejo das elites nacionais de ter um local para as apresentações operísticas e dramáticas e, talvez, mais importante ainda, de ter um lugar para verem e serem vistas. O interior desses recintos era composto por salões imponentes, balcões de mármore, tapeçarias, cortinados de veludo e efeitos de luz e de cena modernos, comparáveis aos de Milão, de Londres ou de Nova York¹⁵⁷.

Reflexo dos novos hábitos e costumes estavam, como lembra Needell, no próprio vestuário:

“Usam casimiras da Inglaterra, espessas, duras, quentíssimas, para um clima como o nosso, coletes de afogar, colarinhos altíssimos e, não raro, gravatas de manta, de gorgorão ou cetim (presas durante um tempo com vastos camafeus de quase duas polegadas de diâmetro), fazem ponto na “grande artéria” [rua do Ouvidor] das quatro às seis, derrubando as senhoras que passam, cartolas, cocos ou palha, pisando solas de borzeguins batidas na sapataria do Cadete ou na do Incroyable, mostrando camisas mandadas cortar na Casa Coulon ou compradas feitas na Casa Dol [...] As senhoras vestem saias compridas, amplas, cheias de subsaias, sungadas à mão; mostram cinturinhas de marimbondo, os traseiros em tufo, ressaltados por coletes de barbatana de ferro [...] Todas de cabelos longos, enroladilhados no alto da cabeça e sobre os quais equilibra-se um chapéu [...] Usam, como fazendas, o surah, o faille, o chamalote, o tafetá e o merinó; calçam botinas de cano alto, de abotoar ou presas a cordão, o

¹⁵⁷ SCOBIE, J. R. “O Crescimento das Cidades Latino-Americanas, 1870-1930”. In BENTHELL, *Op. cit.*, p.251.

infalível leque de seda ou gaze na mão, sempre muito bem enluvada.”¹⁵⁸

De qualquer forma, o comportamento do latino-americano, segundo a revista - preso à tradição e pouco aberto aos novos tempos -, repercute diretamente no universo material da região, principalmente na sua economia.

Economia e Técnica de Produção.

Vivendo de modo muito semelhante aos seus ancestrais nativos, o latino-americano tem uma relação parasitária com a vida selvagem. Como a floresta é o habitat do latino-americano, é dela que a sociedade retira sua sobrevivência. Em reportagem publicada em agosto de 1904 sobre o México, com o título: “Expedition in Southwestern Mexico”, a revista apresenta uma foto onde aparece uma fila indiana de mulheres carregando cestos de palha na cabeça, andando por uma clareira aberta na mata (**foto 41**). Ao fundo vê-se uma floresta de palmeiras identificada pelas folhas da planta. A legenda completa a informação: “Mulheres – meio negras, meio índias – coletando nozes de palmas”. A situação oferecida pela foto certamente não trouxe nenhum espanto para o leitor da revista, posto tratar-se de cena típica de gravuras e desenhos sobre a América Latina de séculos antes (**ilustração 33**).

Em outra reportagem sobre o mesmo país, publicada em agosto de 1907¹⁵⁹, vê-se um homem jovem segurando a folha de uma planta ainda enraizada no chão, onde coloca a boca. A legenda da foto explica a

¹⁵⁸ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 201.



Photo by Goldman

Women—Half Negro, Half Indian—Going After Palm Nuts, Papayo

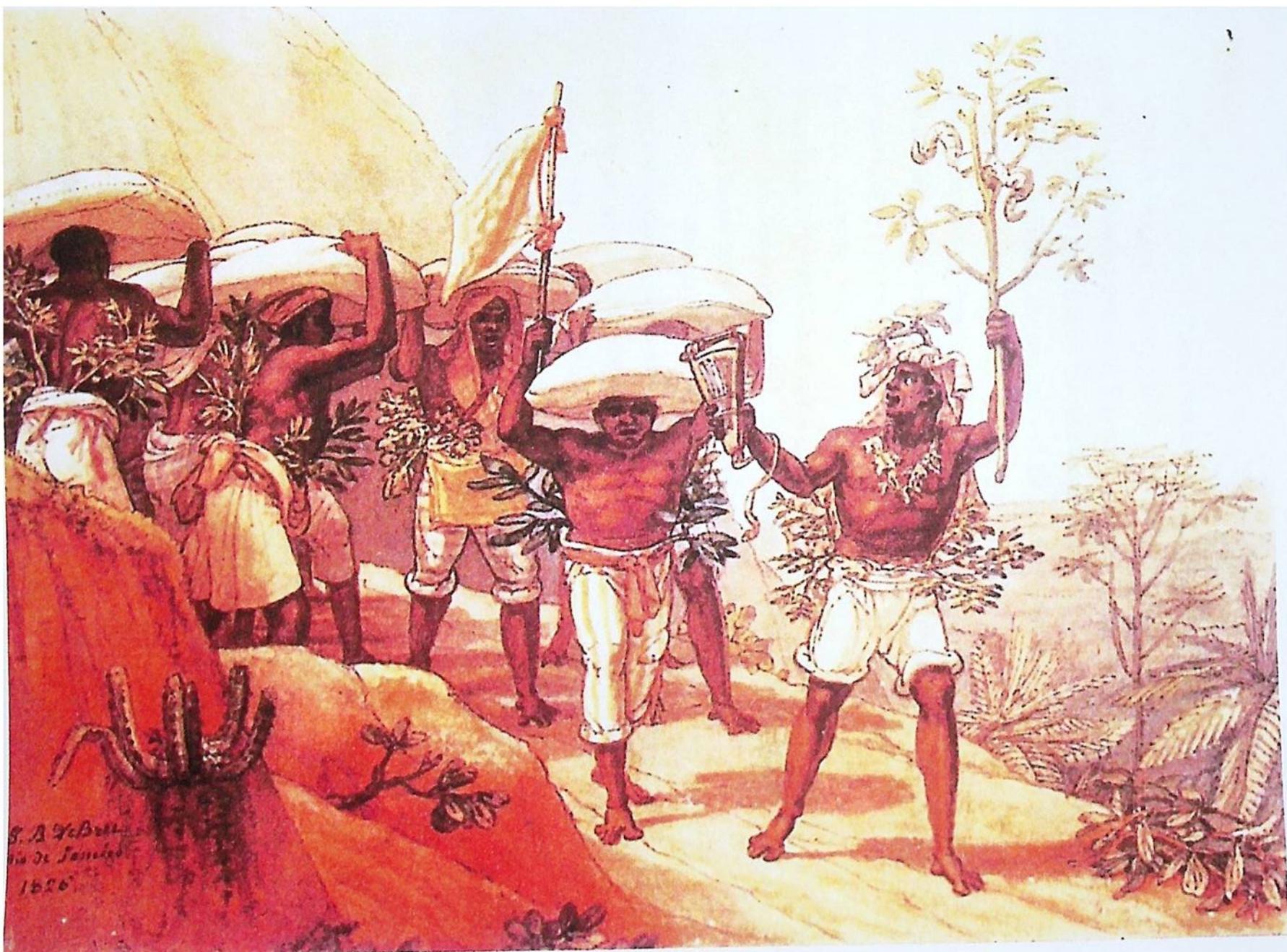
below frost line in the Tropics. My horse saw snow for the first time here, and it was only after long urging that he could be made to cross a patch of it.

This region was the home of the ancestors of our domesticated turkeys. They were found wild here, domesticated by the Aztecs, and introduced into the Old World by the Spaniards soon after the conquest. It was with a special desire to secure specimens of these birds that our camp was made on Mt Tancitaro. In this we were disappointed, though the Indian hunters who visited our camp said that wild turkeys were formerly abundant on the mountain, but that by watching the few watering places, the hunters had long ago exterminated them. They added that the

deer on the mountain would soon be gone like the turkeys.

We passed our first night after leaving Mt Tancitaro in the village of Cirosto, a characteristic Tarascan Indian town, with numerous rooted gateways and houses walled with massive hewed planks well fitted together and without window openings. The doors and projecting ends of the rafters are often curiously carved and the hand-made shingles are fastened down with rows of wooden pegs with long projecting ends. This peculiar Tarascan architecture is strikingly picturesque.

The Tarascan country is covered mainly with open yellow pine forest, much like the forested plateau of northern Arizona. For many miles our trail



cena: “Rapaz bebendo Pulque, uma bebida comum no México” (**foto 42**). A mesma reportagem traz ainda outro mestiço retirando da mata folhas de uma planta identificada como sisal. É uma atividade claramente extrativista, pois o vegetal não foi plantado de maneira sistemática e sim obtido em seu estado natural. Segundo a revista, trata-se de uma planta selvagem e fonte de riqueza daquela região mexicana, que exporta as fibras em grande quantidade para os Estados Unidos. Arrematando a reportagem, tem-se uma foto de um homem semi-nu, segurando uma espingarda (**foto 43**). A pose do personagem é a de caçador; ao fundo pode se ver a floresta, local da caça. A legenda informa tratar-se de “um nativo maia puro sangue”, uma nomenclatura pouco usual para designar seres humanos ocidentais e brancos. No discurso imagético, o extrativismo, a coleta de frutos silvestres e a caça são marcas do modo de subsistência da população.

Mesmo as atividades mais organizadas e lucrativas, dirigidas para a exportação, são muito mais fruto da extração daquilo que já está na floresta do que de uma organização planejada da atividade. Muitas são as reportagens com essa preocupação temática. Por exemplo, no número de setembro de 1907, a revista publica um artigo do embaixador boliviano, senhor Y. Calderon. Apesar do sugestivo título do artigo, “Bolivia – A Country without a debt”, e mesmo do conteúdo elogioso do missivista – até porque o autor é embaixador da Bolívia em Washington -, as imagens ilustrativas estão em clara dissonância com o relato das boas condições do país sul-americano. Na primeira imagem, vêem-se dois homens entrando na floresta (**foto 44**). A foto frontal possibilita verificar que são índios. Carregam grandes sacolas amarradas nas costas, e estão vestidos com calças largas e chapéu, porém sem sapatos. O primeiro, que está mais à frente, porta uma espingarda, e o segundo um cajado e um facão. A legenda da foto diz tratar-se de coletores de borracha na Bolívia. A cena seguinte é de uma floresta (**foto 45**). Pelo ângulo da foto, horizontal, vê-se uma floresta tropical, com vegetação irregular e fechada. O centro da foto é um homem em pé em

¹⁵⁹ Mexico – The Treasure House of The World



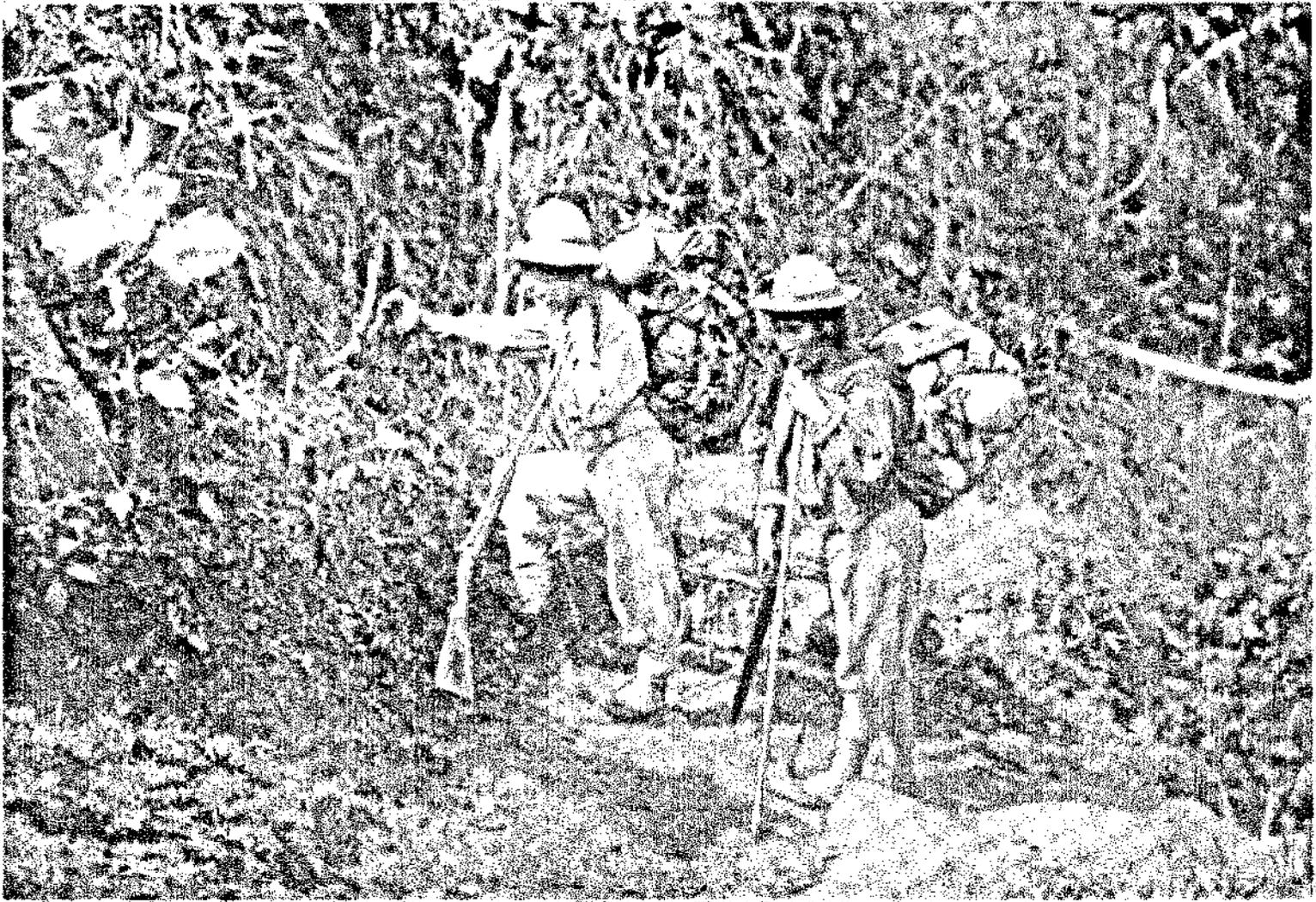
Photo from Mrs. Alexander Graham Bell

Boy Drawing Pulque, the Common Drink of Mexico



Photo from Consul E. H. Thompson, Yucatan

A Native Maya Indian of Pure Blood, Yucatan



Rubber Gatherers in Bolivia

by the Museum and the three following parties, the National Giro Route. The route is modeled to the Commercial Museum of Philadelphia



Tapping the Rubber Tree in Bolivia



Curing Rubber by Smoking it, Bolivia



Curing Rubber by Smoking It. A Native Hut, Eastern Peru



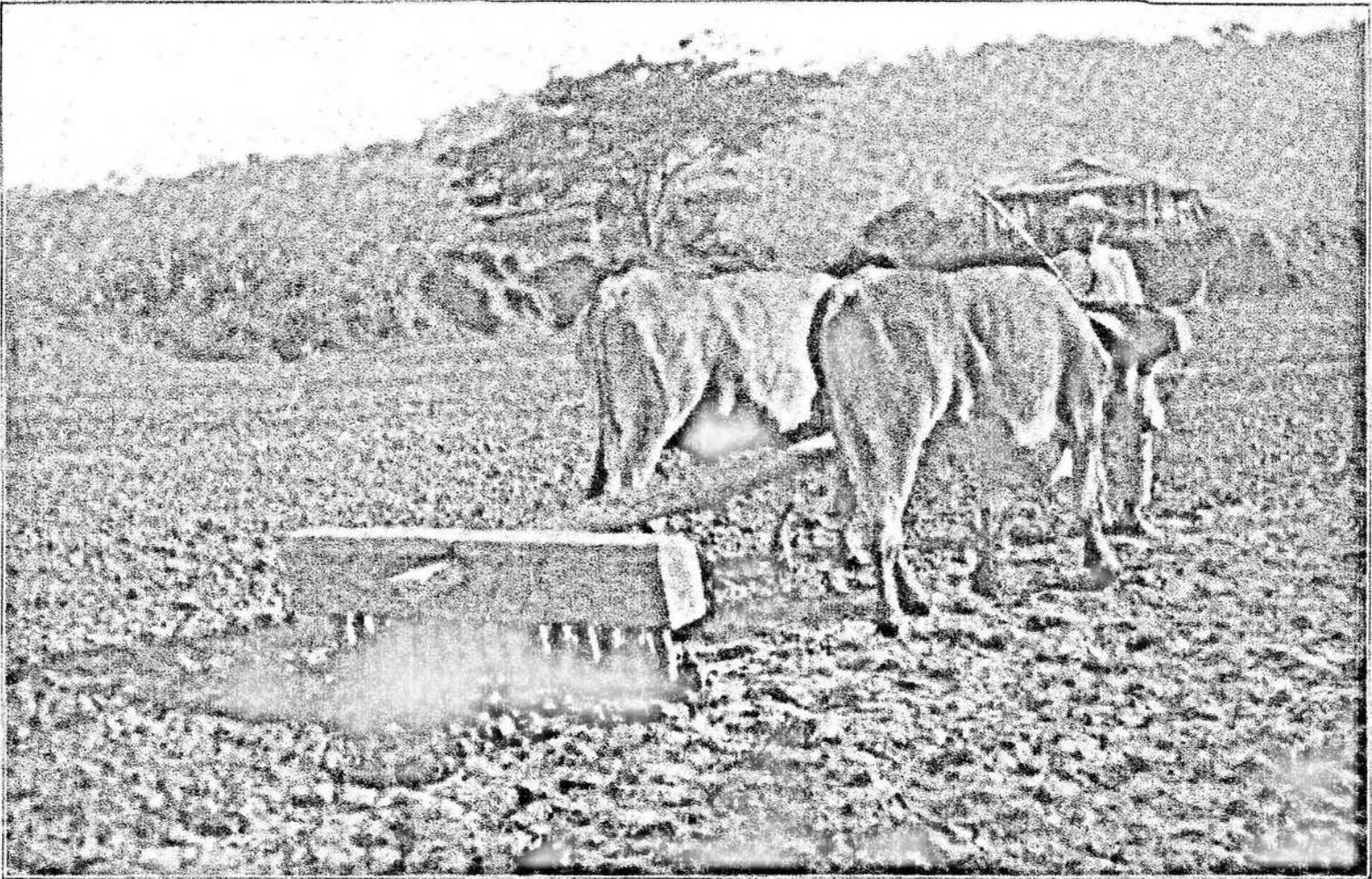
Packing-room of a Rubber House, Bolivia

frente a uma árvore, fixando estacas no tronco da planta. O indivíduo está trabalhando sozinho, suas únicas ferramentas são pequenos instrumentos manuais; o ângulo da imagem não permite a identificação exata, porém trata-se de instrumento leve, provavelmente um martelo, e de grampos para serem fixados na árvore. A árvore é nativa, nascida em terreno acidentado, o que exige equilíbrio do trabalhador, uma vez que cada perna encontra-se em plano diferente do solo. Todo terreno à volta está coberto por folhas secas e raízes. O trabalhador está vestido com calças e boné, porém, não está uniformizado. O tamanho do personagem é muitas vezes menor que da árvore, cuja dimensão extravasa o campo visual da foto. A legenda traz a informação de que se trata da árvore da borracha. Na cena seguinte (**foto 46**) vê-se o mesmo trabalhador em frente a um espaço construído distante do campo de trabalho. O centro da imagem é um coberto, feito de folhas compridas e fibrosas, semelhantes às da palmeira. A armação que sustenta as folhas é feita por madeira fina sem que se possa ver na imagem como se dá a amarração entre elas. O trabalhador, um mestiço, está sentado na pedra e derrama com uma pequena caneca um líquido em um recipiente, provavelmente uma bacia. Na sua frente, vê-se um pequeno forno de barro em atividade, expelindo uma fumaça que ocupa o lado direito da imagem. No chão da cabana – que está diretamente no solo, na terra – identificam-se apenas pedras, gravetos, folhas secas e pequenas vigas de madeiras que auxiliam o trabalho. A legenda: “Curing Rubber by Smoking it, Bolivia” informa que se trata do processo de fabricação da borracha. Imagem muito semelhante a esta, de processo idêntico, foi uma foto publicada em agosto de 1906 (**foto 47**)¹⁶⁰, em reportagem sobre o Peru. Nesta, é possível verificar com mais nitidez o processo de curar a borracha. Os instrumentos de trabalho são de melhor identificação. A foto mostra duas forquilhas improvisadas por gravetos cravados no chão, dando suporte a uma vara que se encontra sobre o forno de barro. Voltando à reportagem sobre a Bolívia, a última foto da reportagem é de um espaço fechado (**foto 48**). Trata-se do

¹⁶⁰ Solon Bailley, A New Peruvian Route to Plain of the Amazon, agosto/1906, pp.432/448.

interior de um barracão. As paredes são feitas de ripas finas e irregulares de madeira, o que impede o isolamento do ambiente do meio externo, sendo possível identificar significativo espaço entre elas, o que é realçado pela entrada de luz por entre as frestas. Ao fundo vêem-se engradados de madeira e uma mesa. No centro, um homem de perfil, vestido com chapéu e colete, amarra uma pilha de placas achatadas. A legenda "Packing-room of a rubber house, Bolivia" explica tratar-se do momento final de fabricação do produto.

Outra reportagem que discorre sobre processos produtivos foi publicada em janeiro de 1908, e descreve a extração de sal na Costa Rica. Com o título "*Methods of obtaining salt in Costa Rica*", a revista apresenta o método de extração do sal naquele país, uma atividade fundamental, segundo a revista, para a economia local. A primeira imagem é de um campo aberto (**foto 49**). O centro da imagem são dois bois arrastando uma armação de madeira, conduzidos por um homem. A ferramenta, feita totalmente de madeira, é um tronco na perpendicular do qual saem pequenos cilindros diretamente em contato com a terra. Um processo muito semelhante ao de arar a terra. A legenda que acompanha a foto é bem explicativa. Primeiro, fazem-se no local sulcos no chão, que serão inundados pela maré e, posteriormente, com a baixa da água, o sal ficará retido nos buracos. A foto seguinte (**foto 50**), mostra um campo sendo atravessado por carros de boi. O campo visual da imagem permite identificar seis carros, cada qual arrastado por dois bois em parilha. Os veículos são inteiramente de madeira, da carroceria às rodas, passando pelo eixo central. Os homens, "peões", como são chamados pela reportagem, retiram o sal do chão e jogam nas caçambas. A legenda explica a cena e ao mesmo tempo anuncia que o produto final será um grande monte de sal. A foto seguinte (**foto 51**), pouco elucidativa, ocupa um terço apenas da página e está legendada por um texto acompanhado de um desenho explicativo. Trata-se de campo aberto onde se pode ver uma floresta ao fundo. No primeiro plano, identificam-se homens em pé, ao lado de uma estrutura cujo material não é reconhecível



OBTAINING SALT IN COSTA RICA

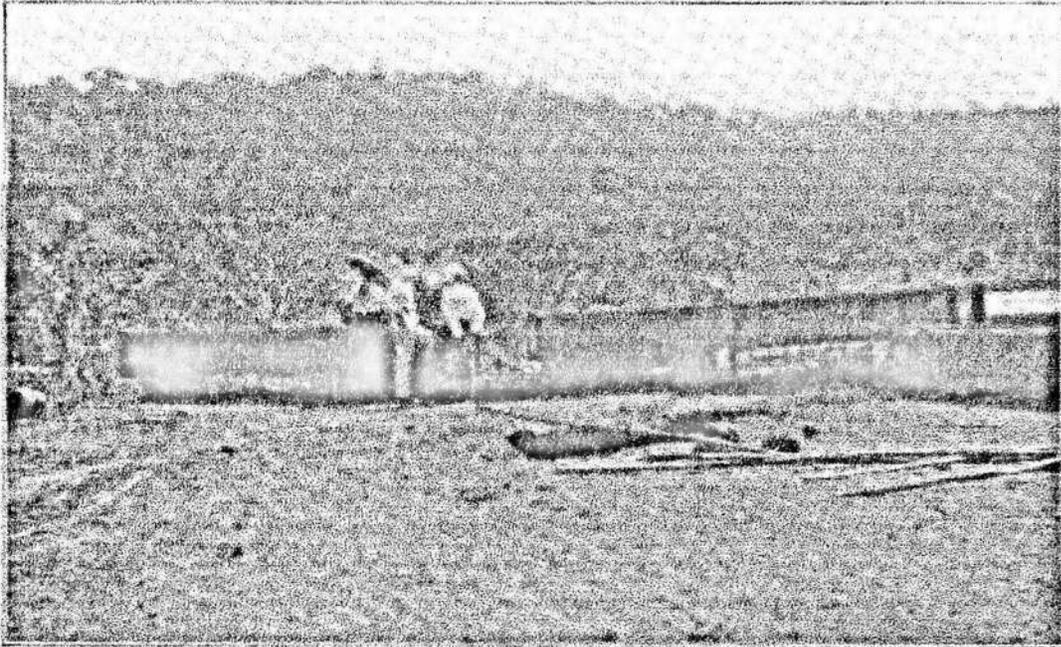
OBTAINING SALT AT CALDERA, COSTA RICA

The places in which salt is made are low and flat lands which are flooded at high tide. After withdrawal of the water, when the soil is left dry, a queer implement which looks like an enormous wooden comb drawn by oxen is dragged over the whole patch of land. Photos by Prof. Y. Fid Tristan.



COLLECTING THE SALTED EARTH

While the oxen are slowly progressing the peones rapidly load into the carts the salted earth. The contents of all carts are unloaded so as to make a single heap



FILTERING OUT THE SALT

The salted earth is unloaded into two wooden tanks, in the bottom of which a layer of straw and sand has been placed. Salt water is poured over the earth and filters through the straw and sand. The saturated water is collected into another tank buried under those which are at sight. To ascertain the density of the solution a new laid egg is introduced into it. The operation is concluded when the primitive areometer is nearly but not completely submerged.

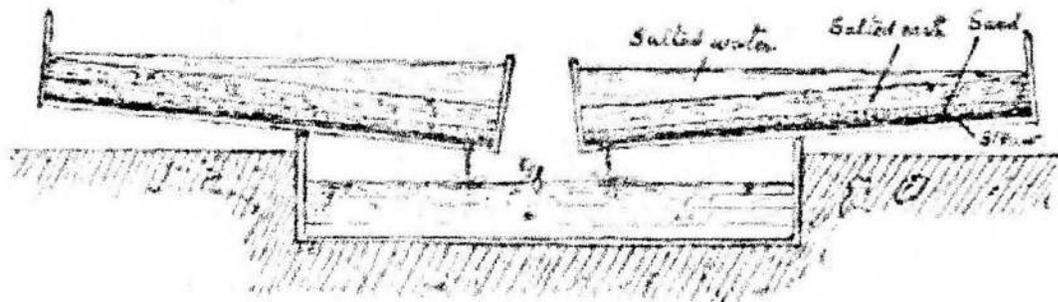


DIAGRAM TO EXPLAIN THE FILTER TANKS



visualmente. São grandes suportes semelhantes a cochos suspensos. A longa legenda e o desenho explicam melhor a cena:

“Filtering out the salt

The salted earth is unloaded into two wooden tanks, in the bottom of which a layer of straw and sand has been placed. Salt water is poured over the earth and filters through the straw and sand. The saturated water is collected into another tank buried under those which are in sight. To ascertain the density of the solution a new laid egg is introduced into it. The operation is concluded when the primitive areometer is nearly but not completely submerged”.¹⁶¹

As duas fotos seguintes finalizam a reportagem (foto 52 e 53). Ambas têm como centro um monte branco, identificado pela legenda como sal. Na primeira, o primeiro plano é ocupado pelo monte de sal e ao fundo vê-se um barraco aberto. Quatro troncos irregulares sustentam vigas na transversal. O barracão não tem paredes, é completamente aberto e um homem sai de dentro carregando um recipiente em direção à pilha. Outros três se concentram no interior da construção. Percebe-se que se trata de uma construção fixa, permanente, sede do centro de produção da atividade. A legenda completa a informação da imagem:

“Vaporizing the salt solution

The saturated solution is brought to the vaporating pans where it is converted into a solid mass of impure salt. This is heaped into a large deposit. Wooden dishes are used to carry the salt from the pan to the heap.”¹⁶²

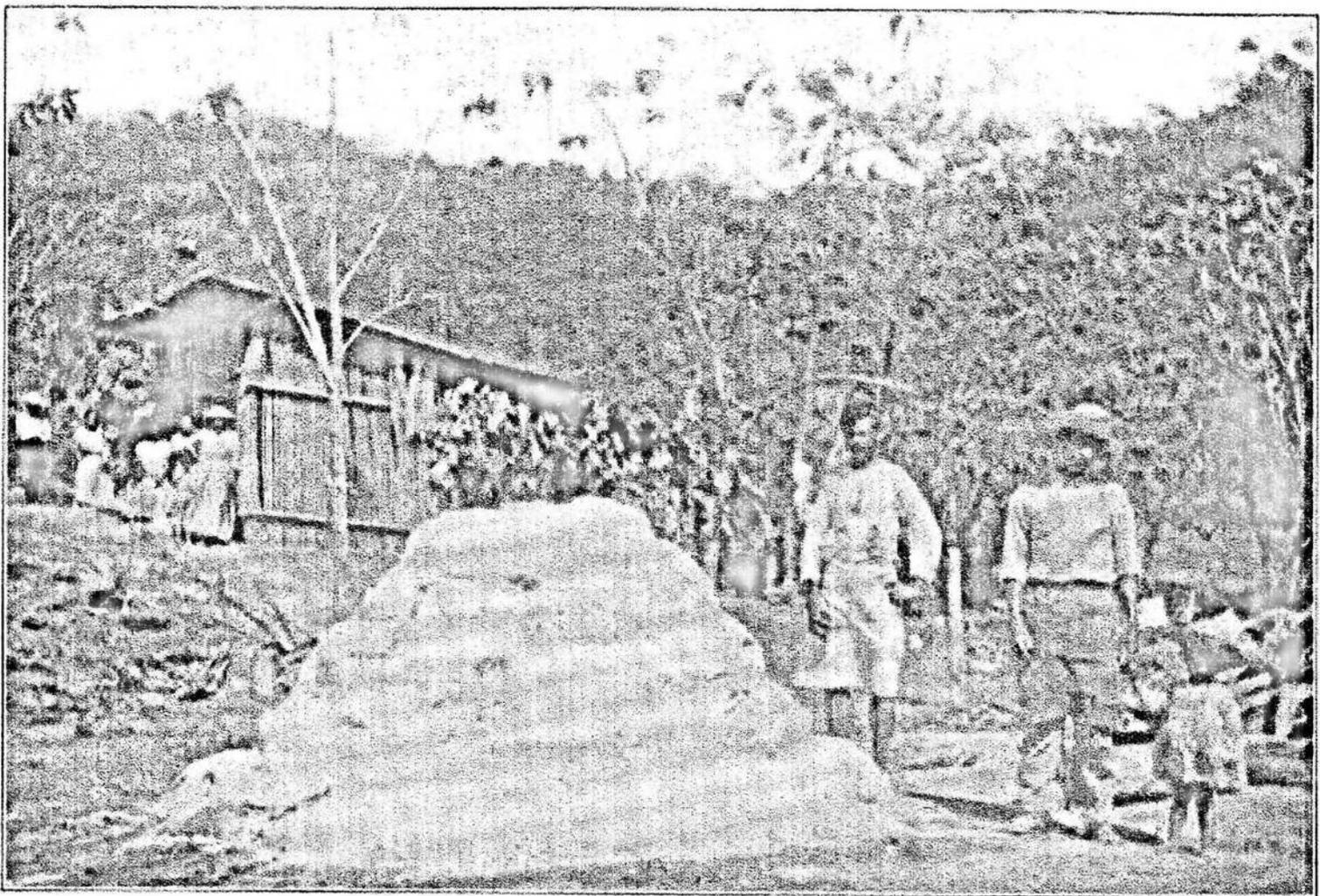
¹⁶¹“Filtrando o sal. A terra salgada é descarregada em dois tanques de madeira, onde foi colocada uma camada de palha e areia. A água salgada é colocada e filtrada através da camada e da areia. A água saturada é coletada em um outro tanque enterrado. Para verificar a densidade da solução, uma novo ovo é jogado dentro. A operação está concluída quando o primitivo aerômetro está quase, mas não completamente submerso.

¹⁶²“Vaporizando a solução de sal. A solução saturada é trazida para as panelas de vapor onde é convertida em massa sólida de sal impuro. Isso é amontoado em um grande depósito. Pratos de madeira são usados para carregar o sal dessa panela para o depósito.”



VAPORIZING THE SALT SOLUTION

The saturated solution is brought to the vaporating pans where it is converted into a solid mass of impure salt. This is heaped into a large deposit. Wooden dishes are used to carry the salt from the pan to the heap.



WEATHERING THE SALT

Here the tropical climate takes a share in the operation. Owing to the dampness of air the various deliquescent salts, which are found together with table salt in sea water, are dissolved and run out in a stream from the heap. The salt always remains impure. Photos by Prof. Y. Ful Tristan.

Na última foto vê-se novamente o monte de sal - depositado diretamente na terra - agora cercado de dois homens e uma criança. A legenda da foto informa o processo final que ocorre graças ao clima tropical que irá secar o produto em céu aberto. Porém faz a alerta de que o sal continua impuro. O texto que acompanha as duas últimas imagens conduz claramente à compreensão das fotos. Importante salientar que as duas fotos que arrematam a reportagem são visualmente de compreensão mais difícil. Ao contrário das imagens inaugurais, em que se percebem claramente os elementos da composição da atividade e o modo como são operados (bois, carroças, trabalho braçal, falta de sofisticação no equipamento), as imagens finais, por cuidarem da ilustração de um processo imperceptível pelo discurso visual, foi pormenorizadamente tratada pelo texto, que, na verdade, revela a opinião do articulista sobre todo o processo, tema da reportagem. As palavras-chave do texto são: "primitivo" e "impureza". Percebe-se que houve grande preocupação no detalhamento do processo, com descrição da tecnologia empregada e sua aparelhagem: baldes e tanques de madeira, ovo (aerômetro primitivo) e capas de palha.

Igualmente cuidando de processo produtivo, em fevereiro de 1907, a revista publica reportagem sobre o Equador, com o título "Beautiful Equador". A imagem é de uma plantação de cacau (**foto 54**). Na cena, são identificados trabalhadores em meio a caucaeiros colhendo os frutos das árvores. A foto frontal permite a identificação tanto das árvores quanto dos trabalhadores. No primeiro plano, vê-se um trabalhador. Descalço e com uma sacola de pano pendurada no ombro, o mestiço, portando uma vareta, está extraindo o fruto. O chão está coberto pelas folhas secas. Não há qualquer indício de outro equipamento para o trabalho direto, ou auxiliar, de extração do fruto.

Nas imagens sobre a atividade econômica latino-americana, fica ressaltado um desaparelhamento completo dessa economia, ainda em estágio de pré-revolução industrial. O latino-americano utiliza métodos arcaicos para tirar da selva sua sobrevivência. As imagens apresentadas



From stereograph copyright 1916, by Underwood & Gulliver, N. Y.

Gathering Cacao Pods

La Clementina has nearly 10,000 acres, the largest cacao estate plantation in the world. The trees are under constant cultivation and are continually growing more prolific. Laborers receive 80 cents to \$1.00 a day, with home rent free. 200 are employed all the year and 150 additional during harvest season on this plantation.

subtraem da cena qualquer traço da modernidade que havia sido inaugurada nos Estados Unidos e na Europa. Não se verifica qualquer sinal de equipamentos como tratores, carros, maquinários com motores a combustão ou mesmo o então antigo, mas não menos símbolo do progresso do imaginário ocidental, o trem. O acervo imagético remete o leitor, através da exaustiva e reiterada apresentação de mulas, cavalos, carros de boi, ferramentas feitas com varetas de bambu, galhos de árvores, a um universo do trabalho ultrapassado.

O repertório de imagens sobre a América Latina ocultou o processo de modernização que estava, aquela altura, em pleno andamento na região. Durante o período que compreende a pesquisa, os países latino-americanos aumentaram consideravelmente suas inserções na economia mundial. Um dos principais motores do crescimento foi a produção industrial nos países do centro econômico (principalmente a Europa), cujos impactos sociais ampliaram o consumo de determinados produtos do sub-continente, tais como: café, carne bovina, couro, lã, cacau, açúcar, frutas tropicais e minérios para fabricação de instrumentos domésticos.

Cada vez mais complexos, os novos padrões industriais exigiam maior certeza de abastecimento dos insumos primários para alimentar a cadeia produtiva. O nível de previsibilidade do fluxo de bens primários só poderia ser alcançado se na outra ponta do processo estivesse também a mesma lógica e a mesma técnica de produção da fábrica moderna. Graças ao rápido acúmulo de capitais, grandes empresas européias e norte-americanas podiam dispor direta ou indiretamente de recursos para a implementação de um projeto de fomento da produção de matérias-primas, que muitas vezes se traduziu na transferência de crédito e de tecnologia, tanto para a produção em si, quanto para sua logística. O fato é que as economias latino-americanas se organizaram cada vez mais para atender às demandas externas, e, também, à interna, graças ao aumento substancial da população.

O México talvez tenha sido um dos países mais afetados pela importação de capitais destinados à produção. Mais próxima da área de influência norte-americana, a economia do país vizinho diversificou sua lista de produtos de exportação: grão de bico, ouro, prata, chumbo, zinco, milho, baunilha, sisal, fumo, madeira de lei, couro, carne, feijão, cerveja, uma infinidade de frutas tropicais e, mais tarde, o precioso petróleo. Em 1877, o país produzia módicos 607 mil quilos de prata e em 1897 passou a produzir 2,3 milhões do metal, no mesmo período partiu de 11 mil cabeças de gado para 313 mil, e o sisal quase decuplicou entre 1879 e 1910, saindo de 13 mil toneladas para 123 mil toneladas.

O Chile, tradicional produtor de cobre, viu sua produção ser drasticamente reduzida durante a última década do século XIX. Em menos de dois anos, a produção de 26 mil toneladas de cobre em 1906 subiu para 42 mil em 1908 e 102 mil em 1917; o nitrato saiu de 356 mil toneladas em 1881, para 1,5 milhões em 1900, e 2,7 milhões em 1913. O mesmo processo ocorreu nas minas do Peru, Bolívia e México, que experimentaram enorme incremento na produção de ferro, nitrato, prata e ouro.

O desenvolvimento de navios movidos por motor à explosão e com câmaras frigoríficas abriu caminho para a enorme exportação de carne da região do Rio da Prata. A Argentina aumentou a exportação de carne bovina de 267 toneladas em 1894 para 326.287 toneladas em 1914, no mesmo período partiu de 1.800 toneladas de carne de carneiro para 59.000 toneladas, além de sofisticar ou implementar a exportação de carne enlatada, couro, lã e produtos agrícolas brutos ou refinados, como foi o caso do milho, da linhaça, da aveia, do centeio e da farinha de trigo, respectivamente. No mesmo caminho, mas com números proporcionalmente menores, estavam o Uruguai, o Paraguai e o sul do Brasil.

Outro país diretamente atingido foi o Brasil, que passou a produzir quatro vezes mais café do que vinte anos antes, passando de 216 mil toneladas em 1875, para 826 mil toneladas em 1906; o Equador, que produzia 17 mil toneladas de cacau em 1900 passou a produzir 47 mil

toneladas do produto. A Colômbia viu sua modesta produção de banana saltar de 263 mil cachos em 1901 para 1,4 milhões em 1906.¹⁶³ Não só se assistiu ao aumento quantitativo destes produtos primários, como a diversificação deles. A baunilha, o petróleo e a borracha foram exemplos de novos produtos vindos das Américas que engrossavam a receita das respectivas repúblicas.

O setor mais atingido pelos investimento foi certamente o transporte. Necessário para o escoamento de mercadorias e ao mesmo tempo meio de distribuição de produtos industrializados vindo da Europa, houve verdadeira proliferação de estradas de ferro no continente. Em 1870, os países latino-americanos tinham pouco mais de 2.800 quilômetros de trilhos; menos de trinta anos depois esse número saltou para 40.000 quilômetros¹⁶⁴. Em alguns lugares os quilômetros de estradas de ferro por habitante se assemelhavam aos dos países centrais. Por exemplo, os Estados Unidos contavam, em 1913, com pouco mais de 43 quilômetros de estrada de ferro para cada 100 mil habitantes; no mesmo ano, a Argentina possuía quase 42 quilômetros, o Chile 20,3 Km, o México 16,4 Km e o Brasil 9,3Km.¹⁶⁵

Em linhas gerais, a revolução tecnológica promovida há uma década no hemisfério norte estava a caminho da América Latina em forma de investimento para fomentar a produção. A partir desse período pode-se verificar um aumento substantivo na melhoria tecnológica da produção do fumo, cacau, moagem da cana-de-açúcar, e mesmo uma significativa melhoria na aplicação de novas técnicas de produção na agricultura e pecuária. Nenhum vestígio das transformações do processo produtivo latino-americano acima descritas foi registrado pela revista. Igualmente omissas no acervo da revista foram as imagens sobre o meio urbano.

¹⁶³ Sobre tais números e outros sobre a exportação latino-americana do período, ver : GLADE, William. *A América Latina e a Economia Internacional, 1870-1914*, In BETHELL, Leslie, *Op. cit.*, p. 39.

¹⁶⁴ *Idem*, p. 68.

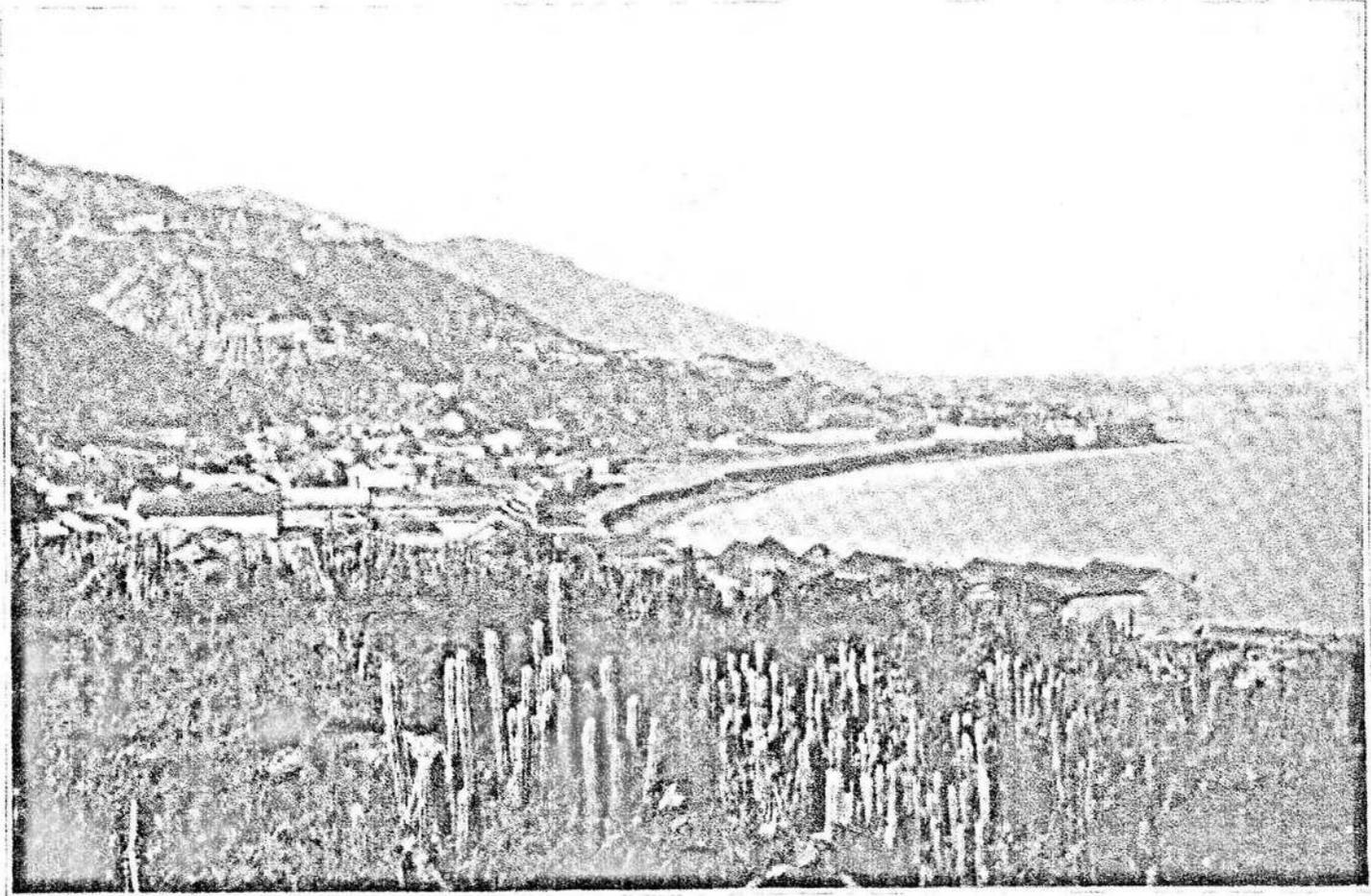
¹⁶⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *História Econômica da América Latina*. Rio de Janeiro, Graal, 3ª edição, 1988, p. 235.

As Cidades

Nas imagens da *National*, o meio urbano típico do latino-americano são as pequenas cidades. O maior número de fotos é de pequenas vilas ou periferias de centros maiores. Apesar da existência de um enorme número de fotos sobre as cidades latino-americanas, são absolutamente significativas algumas ausências. São Paulo, Rio de Janeiro, Santos, Montevideú, Santiago do Chile, Cidade do México não aparecem nas reportagens da revista. Buenos Aires, única exceção, aparece somente uma vez. No mais, prevalecem cenas de pequenas cidades ou centros urbanos deteriorados de cidades menores. De modo que a maneira como a revista constrói a imagem da cidade latino-americana não deixa ver uma clara demarcação entre o meio urbano e o rural/selvagem, quando se trata de América Latina.

Um bom exemplo desse procedimento pode ser visto no número de fevereiro de 1896, quando a revista editou uma reportagem sobre a Venezuela: "Venezuela: her government, people, and boundary"¹⁶⁶. A foto que abre a reportagem, de uma série de três, foi tirada de cima para baixo, identificando uma cidade do país: *La Guayra* (foto 55). O centro da imagem são as montanhas cobertas pela vegetação, tendo em sua base uma baía. A pretensa cidade não passa de um pequeno aglomerado de casas espremidas entre o morro e a praia. O conjunto das edificações ocupa pouco mais de um oitavo do campo visual da imagem e se mistura com a paisagem sem que haja clara separação do limite entre a floresta e a cidade.

¹⁶⁶ William Eleroy Curtis, "Venezuela: her government, people, and boundary, fevereiro/1896, pp. 49 e ss.



LA GUAYRA — FROM THE EAST.

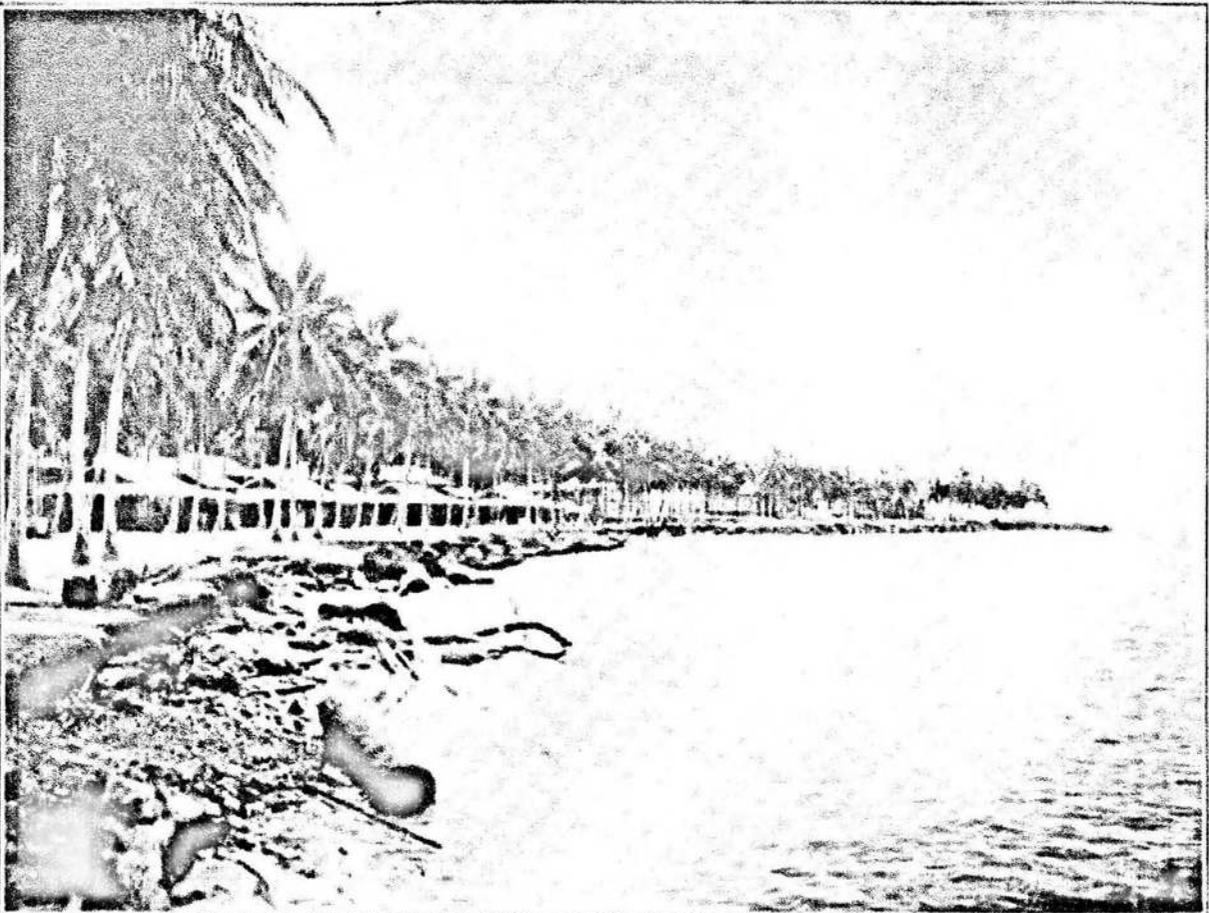
No primeiro plano da foto, o que mais se destaca para o leitor, com nitidez de forma, são cactos espalhados em praticamente todo terço inferior da imagem. Além do espaço de destaque, tais plantas foram colhidas na posição horizontal, com iluminação abundante, o que facilita sua identificação. A foto seguinte, também aérea, apresenta um campo das redondezas de Caracas e tem como centro dois coqueiros enormes, que praticamente atravessam a foto na linha vertical. Apesar do título da reportagem se propor a apresentar o governo e povo da Venezuela, há poucos vestígios visuais dos dois.

No exemplar de fevereiro de 1906, repetiu-se o procedimento para apresentar o Panamá¹⁶⁷. A reportagem, de uma longa série sobre a construção do canal, inicia-se com uma foto da cidade de Cristobal (foto 56). Na imagem de uma praia, vê-se, do lado direito, o mar e, da esquerda para a direita, a praia que se estende até o centro. A praia está repleta de palmeiras e, atrás, há construções pouco visíveis, por estarem cobertas pelas árvores. A legenda explica tratar-se de cabanas para funcionários da companhia construtora do canal. Interessante notar que a imagem não é explicada no texto, apenas serve de ilustração e identificação do local para o leitor. Com a mesma finalidade, de identificação geográfica do país, a revista apresentou uma foto de Foz do Iguazú, com legenda indicando tratar-se do rio que separa as três repúblicas sul-americanas (Brasil, Paraguai e Argentina)¹⁶⁸.

Feita a localização genérica da cidade, as reportagens passam a mapear as condições do lugar. Evidentemente, a dimensão mais aparente da cidade está nos espaços públicos. As ruas das cidades latino-americanas são estreitas, sem pavimentação ou qualquer traço de infra-estrutura básica. A questão sanitária geralmente é lembrada nos artigos. Como se trata de tema de difícil identificação visual, a mensagem/informação fica a cargo do

¹⁶⁷ "Physiography of Nicaragua Canal Route", fevereiro/1906, p. 61.

¹⁶⁸ Cf. "The Falls of Iguazu", agosto/1906, p. 456



Cottages Built for Married Employees at Cristobal

texto escrito. Descrevendo os principais problemas das cidades do Panamá, a revista fala das precárias condições do esgoto e da água tratada. Com o sugestivo sub-título: "Abominable sanitary conditions", a revista fez o seguinte comentário:

"The sanitary conditions of the Isthmus are at the present time wretchedly bad sanitation of cities and towns. It is absolutely essential that water works, supplying potable and wholesome water, be established for the cities and larger towns, and concurrently therewith there must be established suitable sewer systems with rational and sanitary disposal of sewage"¹⁶⁹

Se a falta de tratamento de esgoto e de água encanada está presente na discussão do texto, outros serviços de caráter público, como luz elétrica, transporte público e serviços estatais, são bem menos citados. Mas o silêncio do texto não significa que estão ausentes do discurso do periódico. Tais serviços, por sua natureza, tem potencial manifestação visual, podendo ser apresentados nas fotografias. Aí reside uma das mais interessantes manifestações da revista, que revela a força da construção imagética. Nas quase mil fotos apresentadas sobre países americanos, não se vê uma única que demonstre a existência de luz elétrica na região. Não há qualquer sinal de postes ou mesmo vestígio da existência de cabos elétricos cruzando ruas, cenas não só típicas de todo grande centro, como muito valorizadas visualmente para designar o progresso do local. Do mesmo modo, os bondes, verdadeiro sinal de progresso urbano, faltam em todas as imagens; apesar da rápida invasão destes nas capitais latino-americanas. Nas imagens, não se encontra nem o bonde e nem

¹⁶⁹ "As condições sanitárias de Isthmus são até o presente, miseravelmente ruins nas cidades e municípios. É absolutamente essencial que a água funcione, fornecendo água potável, sendo estabelecida para cidades e municípios maiores, e atualmente tendo em vista que deve haver sistemas de saneamento com disposição sanitária e racional." Theodore P. Shonts, "The Panama Canal", fev/1906, pp.55-68.

mesmo o sinal mais evidente de sua existência, os trilhos de aço que cortam o rolamento da pista. Cavalos, burros, jumentos e animais de origem local parecem ser – ao lado da própria tração humana - os únicos meios de transporte da região. Uma impressão que é literalmente confirmada por um artigo específico sobre os meios de transporte típicos de cada região do mundo, publicado em novembro de 1907, com o título “*Queer Methods of Travel in Curious Corners of The World*”¹⁷⁰.

Os edifícios públicos são outra ausência sistemática. Não se identifica no conjunto de fotos qualquer sinal da presença de correios, postos policiais, hospitais, bombeiros ou repartições públicas administrativas e burocráticas. A inexistência se estende pela falta de sinais mais evidentes de prédios públicos e de suas solenidades costumeiras (como, por exemplo, a ostentação nas fachadas de bandeiras ou ornamentos que marquem a oficialidade do edifício). Mais ainda, em nenhuma cena sobre a região foi registrado a presença de funcionários públicos de serviços essenciais (policiais ou bombeiros) ou seus equipamentos (viaturas especiais).

Se é impossível identificar nas imagens a presença de serviços essenciais, o que se dirá de sofisticados entretenimentos? Teatros, bares, cafés, ou mesmo clubes inexistem. Os únicos edifícios registrados nas imagens e que poderiam simbolizar sociabilidade do latino-americano são igrejas católicas, que consistem em pequenas edificações em estado avançado de ruína, o que, mais uma vez, traz a sutil, porém clara, associação do atraso e decadência da região com o catolicismo.

A falta de organização dos serviços de infra-estrutura está combinada com o uso indiscriminado e desorganizado das ruas. O movimento urbano se restringe a um comércio ambulante de pequenas quinquilharias de uso doméstico ou alimentos, expostos em bacias ou tigelas colocadas diretamente no chão. Os utensílios expostos à venda são feitos de palha, madeira ou barro. Jarros, mantas, chapéus, panelas, vaso e fumo são os únicos produtos visíveis em tais imagens. A lama ou a poeira das ruas –

¹⁷⁰ Reportagem da foto n.01, do primeiro capítulo.

que pode ser identificada nas roupas ou nos pés sujos das figuras humanas – mistura-se com sujeiras diversas – folhas, galhos e outros dejetos visivelmente verificáveis nas imagens – e com o intenso tráfego de animais.

Há uma repetição muito constante de uma determinada cena urbana. São imagens de mulheres vendedoras, que exercem ao mesmo tempo duas funções, a maternidade e a busca pelo sustento. Exemplo claro desse tipo de imagem foi veiculada pela revista em julho de 1904. A foto (**foto 57**) é de uma rua calçada por pequenas pedras, onde se encontram mulheres sentadas no chão, ao lado de tachos cheios de comida – raízes –, depositados na rua. Os tachos estão sustentados por suportes fixados no piso. Três das mulheres estão com crianças. Ao fundo, pilhas de chapéus e sombreros. Trata-se de um mercado em Colima, México, conforme noticia a legenda. Não se vê, pelo ângulo da foto, fluxo de clientes, porém é presumível, dada a quantidade de mercadorias, ser um local de grande convergência de pessoas. Sobre mercado da cidade do Panamá tem-se outra imagem muito semelhante (**foto 58**). A cena se repete: a foto horizontal capta a entrada de uma edificação em frente à rua, no chão vêem-se duas mulheres sentadas ao lado de tachos com frutas e recipientes de palha, madeira e barro, expostos à venda, a rua não parece ter pavimentação, é de terra batida.

A sensação de penúria é complementada pela quantidade de crianças de tenra idade que cercam as vendedoras de tal comércio. Provavelmente filhos delas, as crianças, em grande quantidade, não têm – considerando tratar-se, pela luminosidade do dia, de típico horário de aula – qualquer atenção educacional adequada. Criadas nas calçadas, em condições insalubres, aparecem cobertas por panos rústicos, improvisando um meio de proteção contra a intempéries do clima, sem qualquer preocupação mínima com padrões estéticos, o que ressalta ainda mais o estado de miséria da população. A semelhança entre as duas imagens, que, por sinal, se repete em várias outras reportagens sobre os demais países latino-americanos, é, na verdade, reprodução de um tema bem conhecido do



Market Scene in Colima, Mexico

Photo from *Leisure* 300



A Market Scene in Panama

porous sand and gravel, of which large portions of the substrata beneath the river bed are composed.

As the top of this dam would have an elevation of 100 feet above the sea, and as the highest water in Lake Bohio would be 8 feet lower than that elevation, no water would ever overflow this dam, but the surplus of flood waters of the Chagres River would be discharged over a masonry spillway about 3 miles from the dam. The spillway weir would be of masonry and about 2,000 feet long. Its location is in a notch or depression in the ridge between the headwaters of

a small tributary of the Chagres called the Gigaute and the valley of the Chagres River. The crest of this 2,000-foot-long overflow would be 85 feet above sea level. It is estimated that with the greatest flood possible in the Chagres River the depth of water on the overflow weir would not be greater than 7 feet. During a great flood, therefore, the river would discharge into this lake, and its waters would accumulate there until deep enough to run over the masonry spillway. With the flood in a rising stage, the amount flowing over the spillway would increase

acervo pictórico sobre a América Latina: os mercados a céu aberto - lugar onde escravos se misturam com porcos, comida, crianças, etc (ilustração 34 e 35).

As condições gerais do espaço público refletiam diretamente no âmbito privado. A apresentação das residências dos latino-americanos também se faz com relativa homogeneidade. As casas geralmente são construções mistas de madeira com alvenaria, ou pesados casarões espremidos e entrecortados por portas altas e com grande quantidade de janelas. Mas essa não é a apresentação mais típica das residências latino-americanas. Quando o tema é de fato o suposto espaço privado da população mais pobre, a residência é ou o casebre de madeira, coberto por palha, fincado em terra batida, ou a casa feita de barro socado nas frestas de ripas finas de galhos "*in natura*", colhidos de árvores locais e postos na vertical. Um bom exemplo foi uma imagem sobre uma residência em Honduras (foto 59)¹⁷¹. A cena é frontal e permite, pelo campo visual, perceber a ausência de qualquer traço de infra-estrutura da residência, como fios condutores de energia elétrica, postes de iluminação ou mesmo canos de água. A sugestão da ausência desses serviços dever ser associada a inúmeras imagens de carregadores de água.

Os interiores das residências são pouco "visitados", mas, quando ocorre, só confirmam a impressão externa. As residências mostradas constituem-se de um único cômodo de múltipla função familiar, e a falta de divisão interna ressalta ou o desconhecimento de hábitos consagrados pela civilização ocidental, como por exemplo a existência de banheiros para a higiene pessoal, ou mesmo certa promiscuidade incompatível com os padrões vitorianos, como a separação dos quartos do casal e da prole. No interior da residência monolítica misturam-se, ainda, animais domésticos, pertences de cozinha sobrepostos em mesas utilizadas tanto para as refeições quanto para trabalhos profissionais. Aliás, essa parece ser também uma das funções do espaço privado.

¹⁷¹ "Notes on Central America", setembro/1907, p. 273



Ilustração 34



Mas há uma outra categoria residencial contrastante com aquela da classe trabalhadora. Em número infinitamente menor, a revista mostra também casas da classe mais abastada da sociedade. Quando isso ocorre, geralmente são imagens de reduzidos espaços do interior da residência, cujo centro geralmente é o proprietário, senhor da residência. Aqui a imagem mostra outra realidade material. Paredes de alvenaria rebocadas e pintadas, pesada mobília, com cadeiras de madeira-de-lei, assoalho forrando o chão, cerâmica pintada e repleta de flores para ornamentar o ambiente. Ao contrário da residência do trabalhador, a do senhor apresenta nítida divisão de recintos, cortados por grossas paredes que separam ambiente com funções específicas. Mas não há, mesmo nesse tipo de ambiente, sinais de modernidade aparente. As cenas se desdobram no interior de salas-de-estar ou de jantar. Não se verifica a existência de luz elétrica ou outro conforto moderno. O contraste dos dois tipos de moradia guarda implícita uma hierarquia social, ao mesmo tempo rígida e desproporcional entre as classes, no “melhor” contexto colonial das Américas.

A descrição fotográfica da revista não condizia com as mudanças que as cidades latino-americanas estavam passando. A nova ordem econômica havia mudado completamente a natureza funcional dos centros urbanos. Grandes somas de capital foram aplicadas para a remodelação dos antigos centros urbanos. O fluxo de mercadoria fez nascer os grandes galpões, alargou e pavimentou ruas para o transporte de mercadorias e impôs uma série de reformas estruturais. Data dessa época o surgimento de sistemas de iluminação pública elétrica, linhas de bondes, bem com o saneamento básico de água e esgoto.

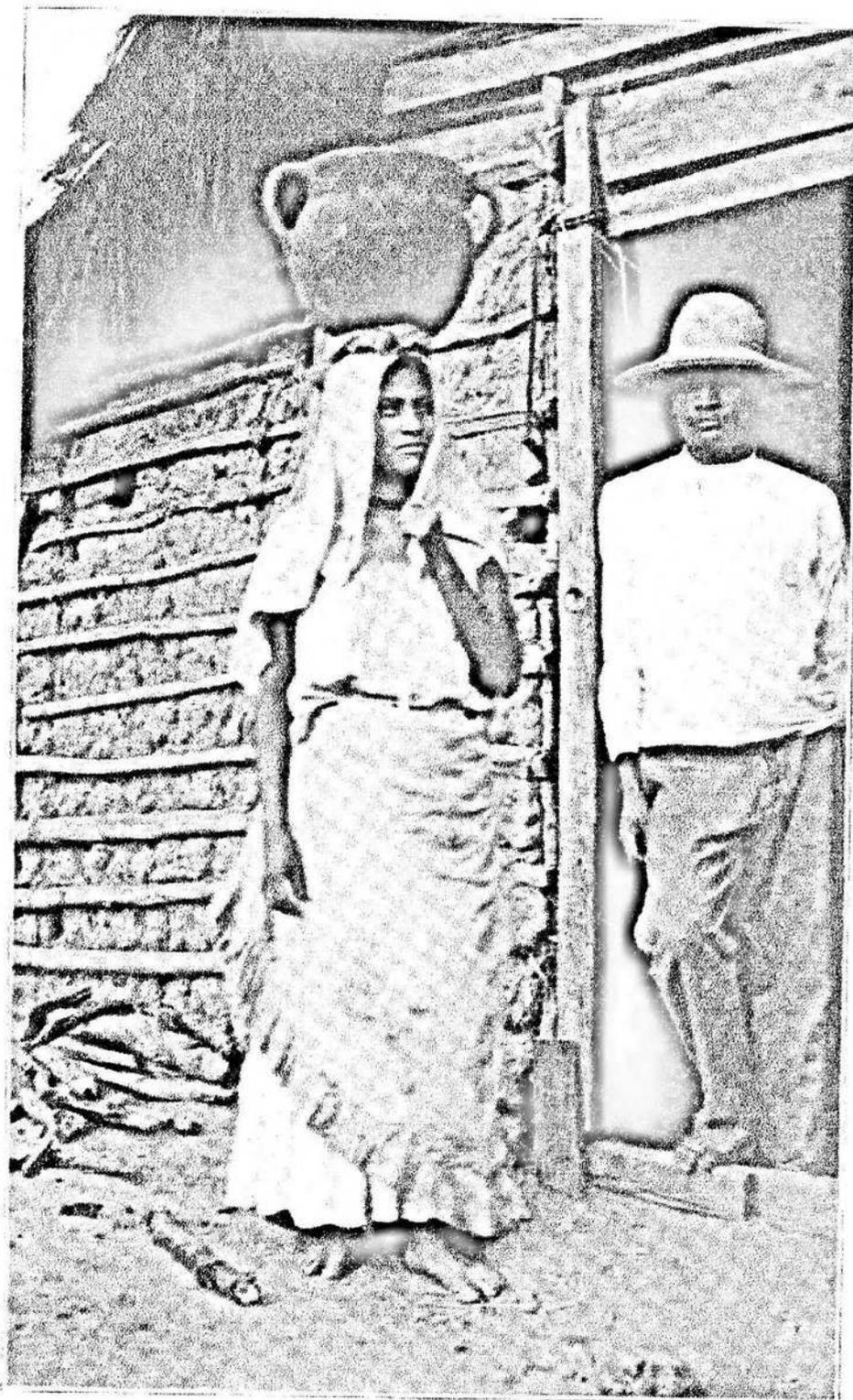
A implantação de terminais ferroviários, gaseodutos, rede de água encanada, fios de telefonia e a conseqüente necessidade de alargamento das vias de acesso para suportar a passagem de bondes, que despejavam números cada vez maiores de trabalhadores, deu vazão ao singular processo de destruição e reconstrução dos centros urbanos, até

então nunca visto nestes países. Os antigos centros de São Paulo, Rio de Janeiro, Montevideú, Buenos Aires, Cidade do México Santiago, Santos, e tantos outros, foram simplesmente demolidos e refeitos.

A reconstrução das cidades era um imperativo dos novos tempos, e foi uma oportunidade ímpar para as elites endinheiradas fazerem brotar metrópoles modernas, literalmente semelhantes aos modelos europeus. Usando das mesmas técnicas empregadas com sucesso nos países centrais, assistiu-se à edificação de arranha-céus - para abrigar repartições públicas ou escritórios do setor privado - em ruas e largas avenidas, pavimentadas por asfalto e iluminadas com querosene - e logo depois por eletricidade -, onde passaram a trafegar bondes, primeiramente puxados a cavalo e logo em seguida substituídos por elétricos. Em torno da praça central os principais prédios públicos - câmara legislativa, palácio do governo, ministérios e tribunais de justiça - recebiam fachadas imponentes, reconstruídas segundo os modelos da arquitetura greco-romana. Não só os novos edifícios foram objeto de cuidado. Estátuas, árvores, jardins, bancos e fontes foram instalados, removidos ou melhorados, com o propósito claro de embelezamento do espaço.

O ideal de progresso estava presente no discurso das elites e da classe média urbana nascente, que viam nesse processo de modernização tecnológica um ingresso claro na nova ordem mundial, e tinham uma sensação de compartilhar com a civilização ocidental. Um registro desse espírito pode ser visto na reportagem do jornal Boliviano *El Día*, quando descreveu, em julho de 1907, a inauguração dos primeiro bondes elétricos em La Paz:

“ Fue el 9 de julio de 1907 cuando a eso de las 2:00 de la tarde reunido un selecto público entre los que destacan el Prefecto del Departamento, el presidente del Consejo Municipal, funcionarios judiciales y administrativos, empleados, periodistas y todo el pueblo en general, se procedía a las sencillas pero expresivas palabras que auguraron con abundante champagne, la prosperidad de este nuevo servicio público.



Native Types—Honduras

"... estamos inspirados en el mayor progreso y adelanto que exige este pueblo progresista, a fin de ponernos siempre a la vanguardia de su civilización y que también estamos dispuestos siempre a satisfacerlo en las grandes necesidades de su mayor progreso", dijo el empresario Fabio Espejo, momento antes de entregar al presidente del Consejo, el Dr. Elías, las líneas que fueron para la empresa, un grano de arena más en la evolución de nuestro pueblo.

Pero aquel histórico día no terminó allí, porque luego de las conceptuosas y bellas frases dirigidas por Rodolfo Soria Galvarro, los invitados fueron trasladados, en los mismos tranvías, hasta la Plaza 10 de Febrero para celebrar la fiesta con banquete en el recientemente inaugurado Hotel "France et d« Inglaterra" que hacía lujo de esmerado servicio, como llegó a comentar el periódico 'El Industrial'.

Autoridades, invitados del comercio y la sociedad asistieron aquella cena donde también Adolfo Mier, virtió para la prosperidad de este esfuerzo, palabras que antecedieron a un menú francés de 'Vin du Rhin', de 'Medoc Barcleux' o de un 'Ven Monferrand' en las Legumes."¹⁷²

O encantamento da população urbana com o progresso material que estava ocorrendo em Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Montevideu, Lima, e em tantas outras capitais, foi exaustivamente documentado por fotógrafos locais que, a serviço de jornais, órgãos da administração pública ou mesmo de empresas diretamente responsáveis pela mudança, enfatizaram, em suas objetivas, a "mágica" da transformação. Apresentadas como réplicas perfeitas das capitais européias, as imagens dos grandes centros latino-americanos privilegiam exatamente os sinais desse novo processo, como se pode ver na seqüência de imagens a seguir.

Na primeira foto (foto 60), da Cidade do México, tem-se uma vista panorâmica de uma avenida do centro urbano. O tema da imagem é exatamente o novo ritmo da cidade. A foto é de 1906 e o fotógrafo preferiu mostrar a predominância de automóveis e bondes elétricos como meios de transporte, substituindo as ainda existentes carroças – fluindo em uma avenida enorme. Pela quantidade e disposição dos veículos percebe-se a necessidade de ordenação do trânsito com os sentidos de mão e contramão.

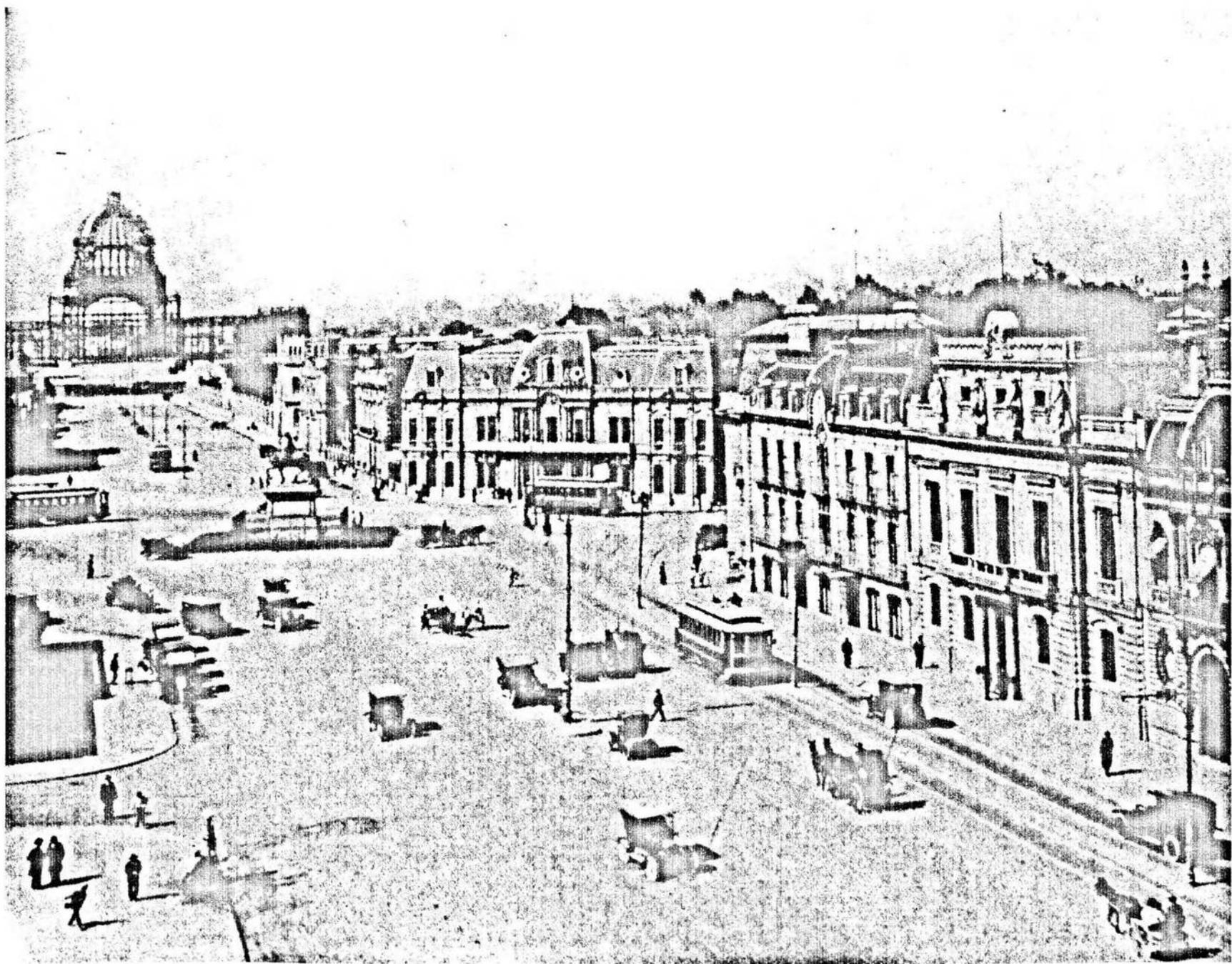


Foto 60

Ao fundo, o esqueleto de uma edificação, ainda em fase de construção, dá sinais claros do processo de transformação que está sendo gestado. As calçadas largas e postes de iluminação completam a idéia do processo de modernização. Na foto seguinte (**foto 61**)¹⁷³, da mesma cidade, o tema escolhido foi o prédio dos correios, no em estilo renascentista. Do ângulo eleito pelo fotógrafo vêem-se claramente, no primeiro plano, os trilhos de bondes, e, no centro da foto, os próprios bondes, em pleno movimento.

A presença desses novos meios de transporte foi um tema fotográfico reiterado em praticamente todos os países do sub-continente, como se pode ver nas fotos **62 e 63**¹⁷⁴, da capital brasileira, ou mesmo na foto **64**¹⁷⁵, da cidade de Lima, no Peru, de 1913, cujo ângulo frontal a pouca distância do bonde permite ao leitor verificar apenas o equipamento e seus acessórios, como os cabos de energia elétrica utilizados como força motriz. Mesmo quando ausente da cena, a presença do bonde se faz sentir em imagens de ruas calçadas por paralelepípedo e trilhos de aço, como nas fotos de 1892 de Montevideu (**fotos 65 e 66**)¹⁷⁶.

Além das mudanças arquitetônicas, todo um arsenal administrativo para gerir a nova economia estava em movimento. Novas empresas de comunicação por cabo ou telefonia facilitavam ou melhoravam a agilidade das informações para auxiliar as novas técnicas de administração, garantindo segurança e maior fluxo de embarque e desembarque de mercadorias. No cenário urbano apareceram novas casas comerciais importadoras, e um sem número de instituições bancárias para desconto de título, câmbio ou seguro. Uma enxurrada de novos produtos vindos da Alemanha, Inglaterra e da França eram desembarcados para alimentar o novo processo produtivo. Produtos químicos e corantes, tintas, vernizes, fios, linhas, óleo lubrificante, graxa, carvão, coque, ferro, cobre, aço (em diversas formas), vagões para estrada de ferro ou bondes, motores

¹⁷² Editorial do jornal boliviano *El Día*, La Paz, 13 de junho de 1907.

¹⁷³ Foto de 1906. fotógrafo anônimo

¹⁷⁴ fotos de 1908. fotógrafo anônimo

¹⁷⁵ fotógrafo anônimo

¹⁷⁶ fotógrafo anônimo

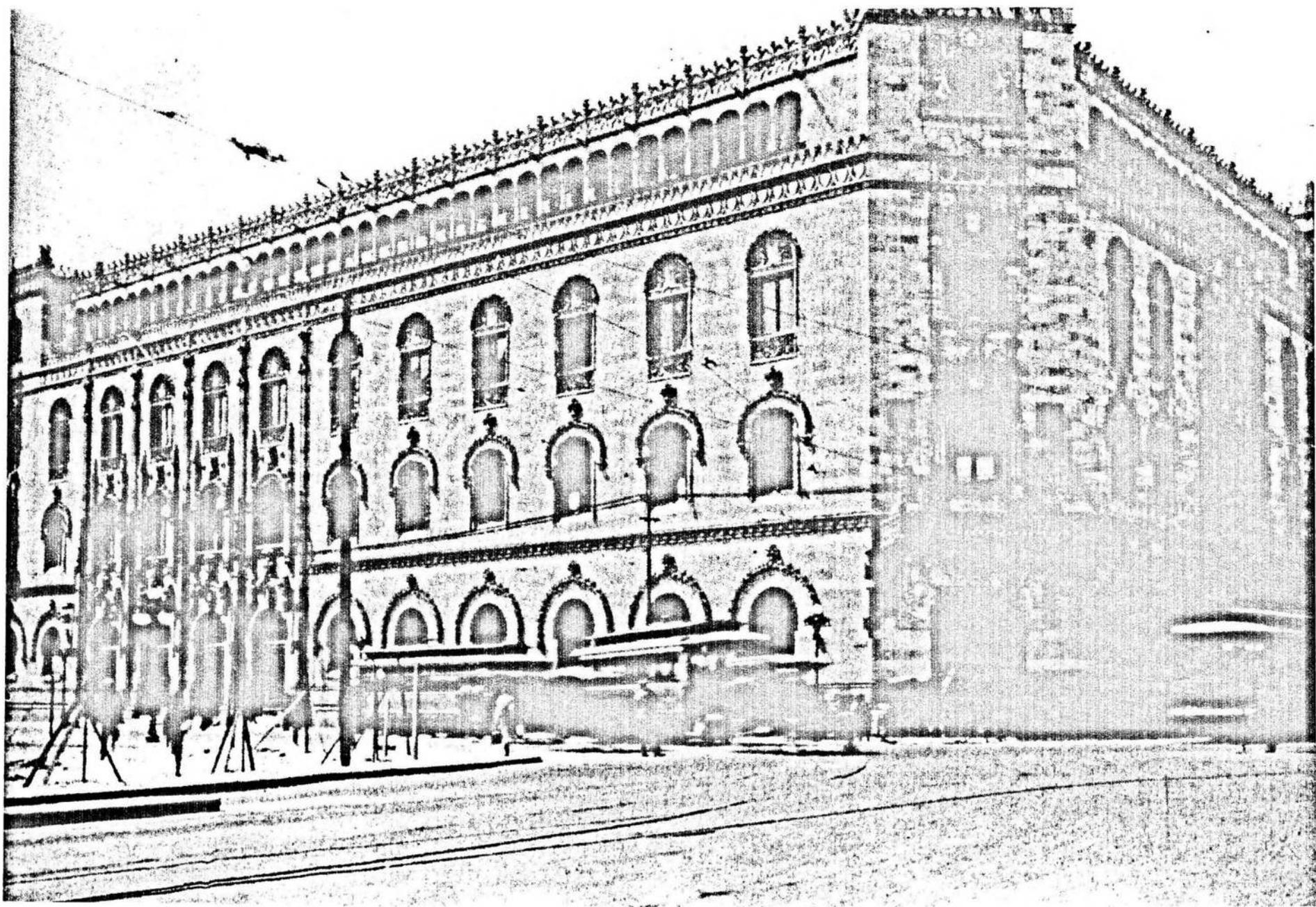
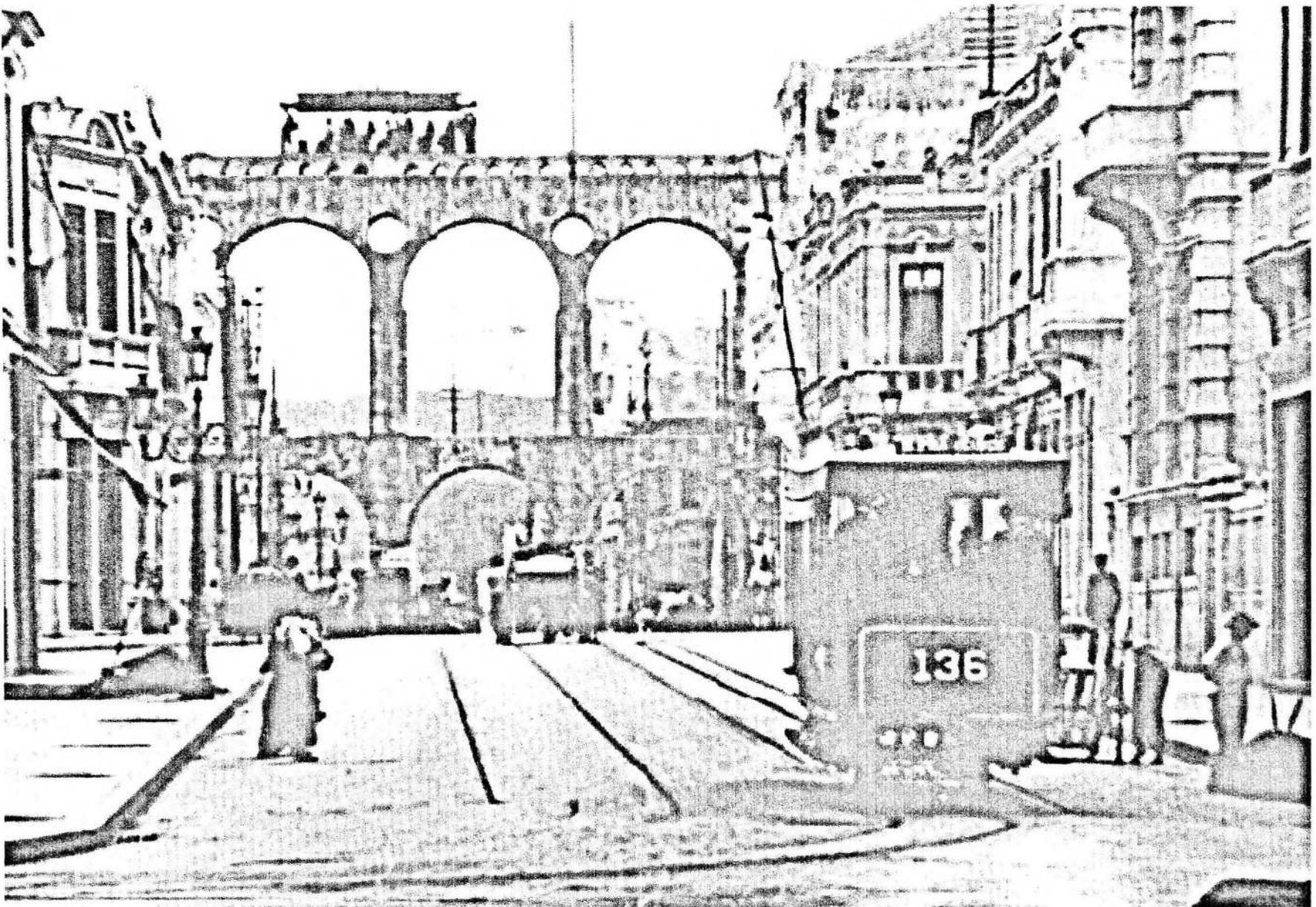


Foto 61



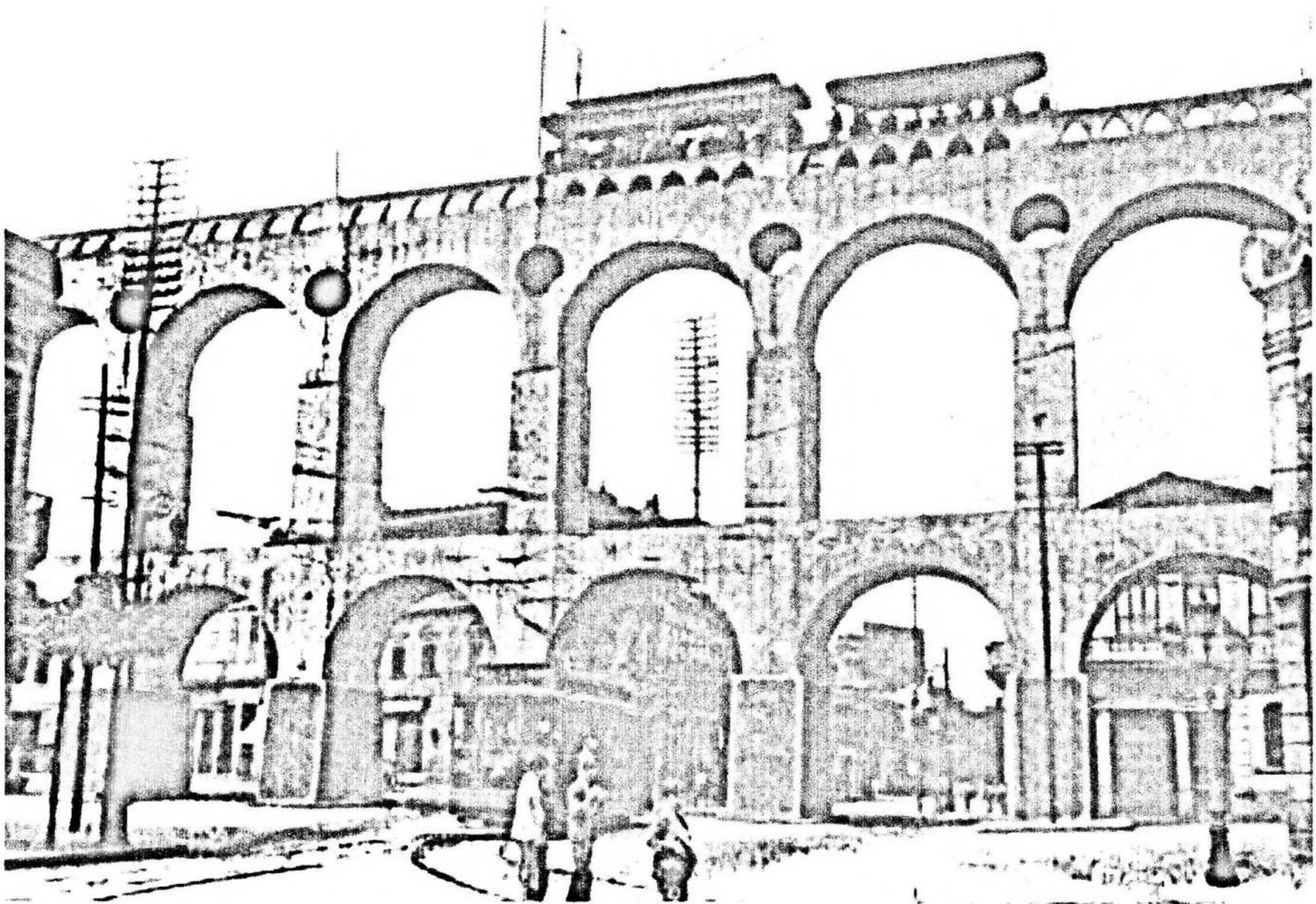


Foto 63

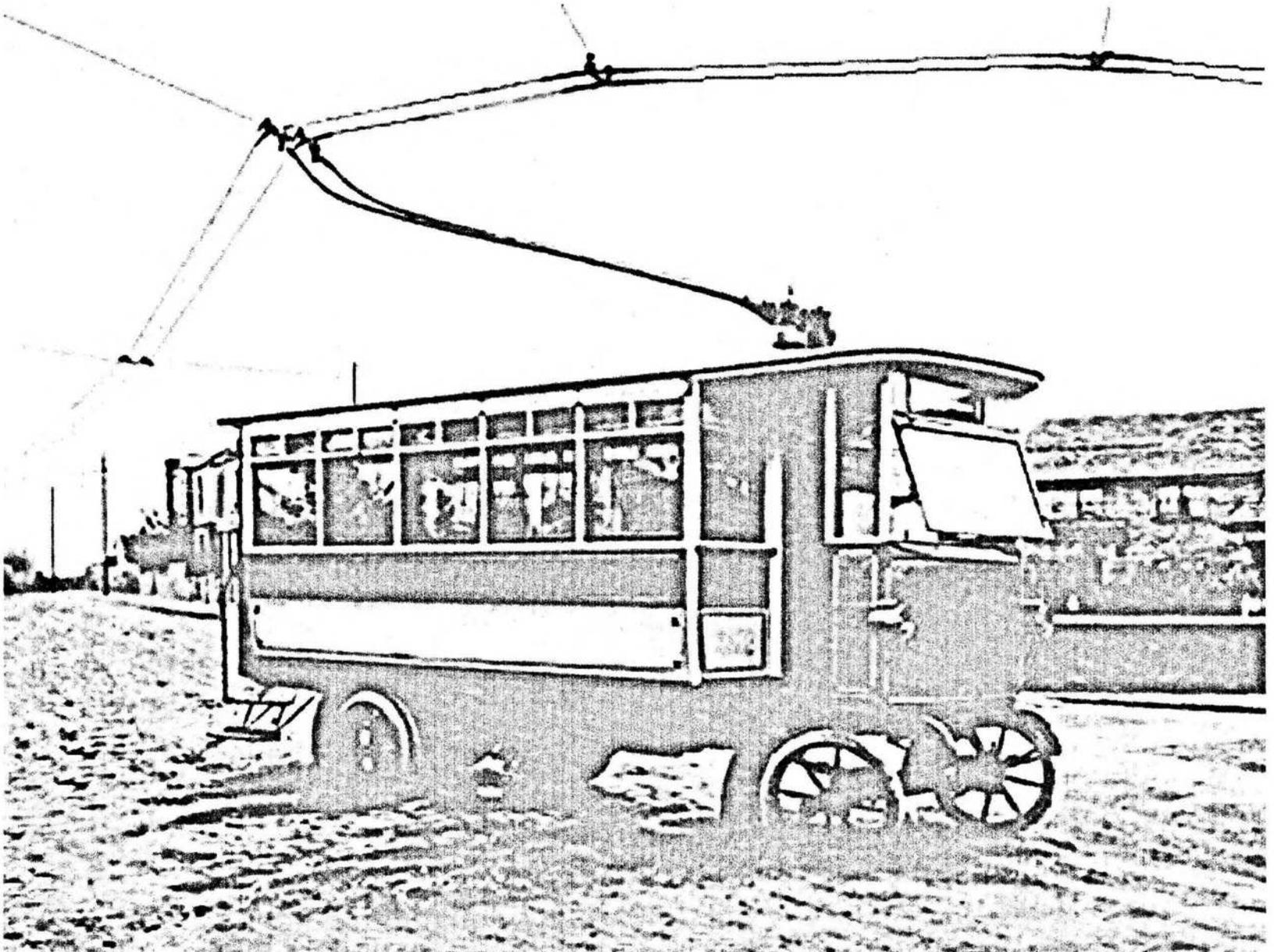


Foto 64



Foto 65

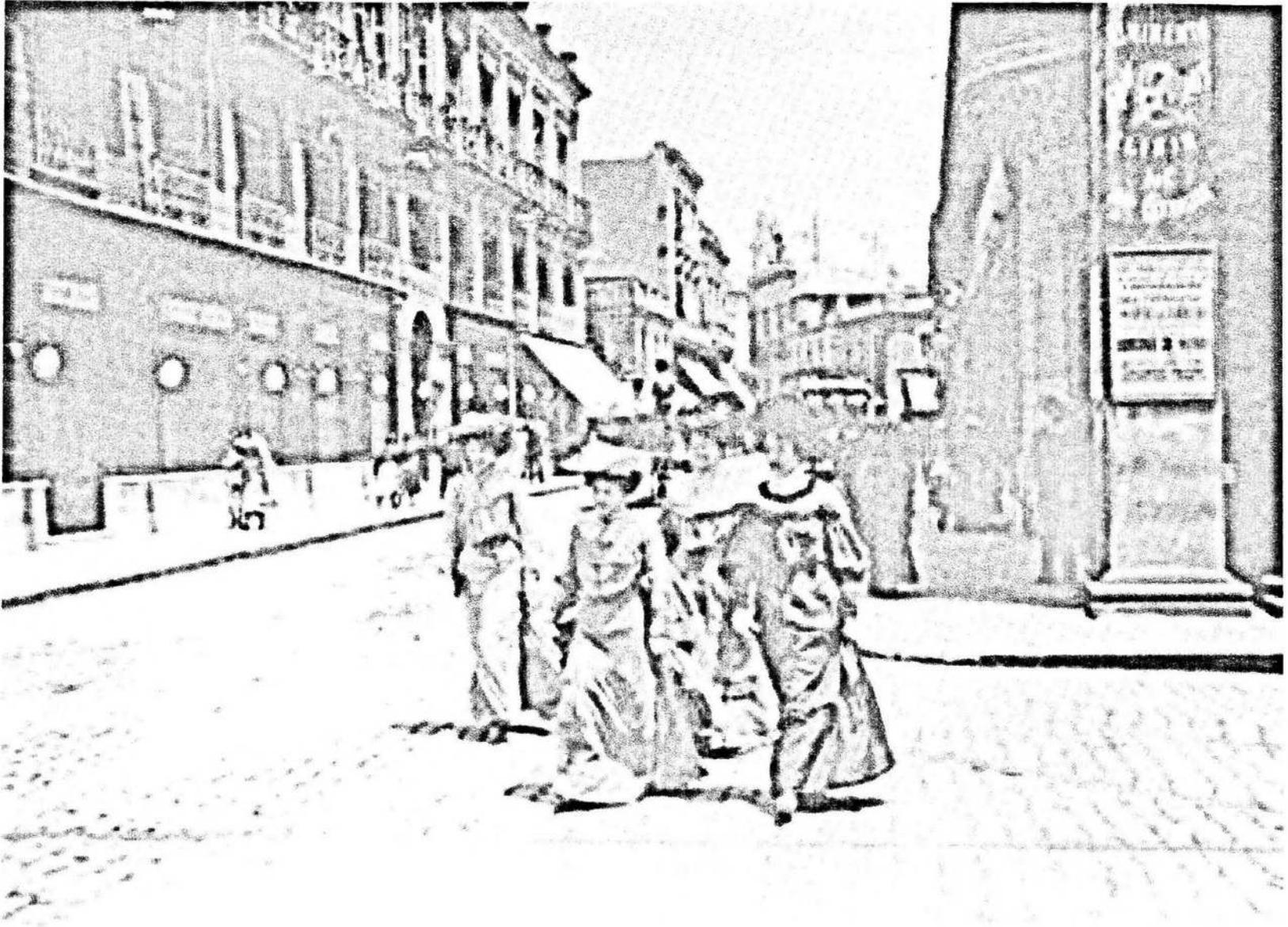


Foto 66

à combustão ou elétricos, máquinas de todos os tipos para mineração, indústria, pecuária ou agricultura e um sem número de ferramentas e peças de reposição para fábricas locais ou empresas que prestavam serviços para os poderes público estavam à disposição no mercado latino-americano.

Mas a força da economia urbana não estava apenas nas mercadorias importadas. Há nesse momento o nascimento, ressurgimento ou, em alguns casos, a modernização da indústria local, que respondeu, em grande medida, às necessidades dos novos padrões de consumo da população local. Tanto nos grandes centros quanto em cidades de médio porte há um florescimento da indústria têxtil, móveis, utensílios domésticos, artigos de vidros, fósforos, velas, perfumes, produtos farmacêuticos, sapatos, botas, sabão, ferragens, alimentos e bebidas.

Junto ao vigoroso comércio tomou força o mercado de prestação de serviços. Oficinas de manutenção de linhas ferroviárias, bondes, telefonia, saneamento e iluminação surgiram ao lado da indústria da construção civil, transporte e serviços de informações comerciais ou mesmo de escritórios especializados em descontos de títulos privados e públicos. Surgiram também novas profissões e houve aumento considerável de antigas. Contadores, advogados, médicos, enfermeiros, farmacêuticos, engenheiros e administradores engrossavam a nascente e cada vez maior classe urbana, constituída por trabalhadores do comércio (gerentes ou lojistas), mecânicos de oficinas, inúmeros auxiliares administrativos ou operadores de máquinas e bancários.

É certo que a mudança que se operava na América Latina ainda estava em fase embrionária. Porém, o processo já havia sido inaugurado e atingira, na virada do século, quantidade significativa da população, principalmente urbana, dos grandes centros, que em média representava entre 25% e, em alguns casos, 50% dos latino-americanos. Os impactos da onda modernizante que invadia as cidades latino-americanas foram ocultados pela revista, que preferiu apenas registrar as permanências da região. Em perfeita coerência com seu discurso, a *National* mostrou

somente a obsolescência da economia e sua repercussão na vida material em estágio primário diante dos padrões norte-americanos. Entre as diversas razões apontadas pela revista para explicar esse quadro geral, estava o comportamento violento e incivilizado dos povos latino-americanos, refletido na desorganização social e, principalmente, política.

A Política

Para a *National*, a América Latina era um local violento, palco de revoluções e revoltas constantes, responsáveis pelo atraso econômico. É exatamente nestes termos que se inicia um artigo sobre a Venezuela, publicado pela revista em fevereiro de 1896, quando informa ao leitor que o atraso na agricultura do país se deu pelas constantes revoluções:

"The country is still in a primitive and comparatively undeveloped condition. Outside the principal cities it has made little or no progress since the yoke of Spain was thrown off, and population is believed to be less than it was then. Agricultural and industrial development has been retarded by political revolutions and a locke for labor and capital, but the property of foreigners who do not meddle with local affairs is seldom disturbed and the government offers liberal inducements for colonization and investment"¹⁷⁷

Aliás, a revista chama a Venezuela de "a Hungria, a Polônia da América do Sul", por não haver nela uma única cidade que não tenha sido

¹⁷⁷ William E. Curtis, "Venezuela: Her Government, People, and Boundary", pp.49-58. "O país ainda é primitivo e comparativamente não desenvolvido. Fora das principais cidades houve um pequeno ou nenhum progresso desde que o jugo da Espanha foi jogado fora e acredita-se que a população é menor do que então. Desenvolvimento da agricultura e industrial foi retardado pelas revoluções políticas e a falta de trabalho e capital, mas a propriedade dos estrangeiros não interfere com casos locais e é raramente atrapalhada e o governo oferece incentivos liberais para colonização e investimento."

destruída total ou parcialmente por guerras; uma história escrita pelo derramamento de sangue:

“ There is not a country in the world whose history is more stained with blood. She is the Hungary, the Poland, of South America. There is scarcely a city or a settlement within the limits of the republic which at some time or another has not suffered total or partial destruction.”¹⁷⁸

O mesmo problema é apresentado pela revista ao descrever a Bolívia: “Their states have been ruined by neglect and devastation of revolutionary armies”¹⁷⁹, ou ainda os países da América Central, como Honduras, Nicarágua e Guatemala. A única exceção ocorre quanto ao protetorado da Costa Rica:

“When we come to Costa Rica things are beginning to be different, and Costa Rica does not like to be reckoned in the same class with Nicaragua, Honduras, and Guatemala. She has not had a revolution in a generation.”¹⁸⁰

Revoluções e revoltas parecem ser problemas atávicos da região. Em outubro de 1905, com o título: “The Peace of Latin America”, o editorial pede paciência ao leitor da revista com a América Latina. Reconhece que a nomenclatura “república”, para a organização política dos países abaixo do Rio Grande, é formal; porém evoca a necessidade de se compreender a história da região, colonizada pelos gananciosos espanhóis, que vieram extrair as riquezas, e não fazer uma colonização:

¹⁷⁸ Idem. “Não há um país no mundo cuja história seja mais manchada de sangue. É a Hungria, a Polônia da América do Sul. Dificilmente há uma cidade ou acampamento dentro dos limites da república onde por algum tempo não tenha havido total ou parcial destruição.”

¹⁷⁹ William E. Curtis, “The Road to Bolivia (Part II)”, junho/1900, p.265

¹⁸⁰ Ricardo Villafranca, “Costa Rica”, maio 1897, p.150. “Quando você vem para Costa Rica, as coisas estão começando a ser diferentes, e a Costa Rica não gosta mais de ser avaliada na mesma classe da Nicarágua, Honduras e Guatemala. Não houve nenhuma revolução durante uma geração.”

"Nearly three-fifths of the 150,000,000 square miles of the Western Hemisphere is covered by the twenty different nations which are broadly included in the term Latin American. All these nations are republics in name at least.. It may be a mere coincidence or it may be a fact of profound importance, that during the current year the entire area has been practically free from revolution. It is doubtful if the experience of the last eighty years can duplicate the present situation.

"We are inclined to regard this as something more than a coincidence. We believe it to be significant, a sign of political development and a proof of increasing stability. We do not attribute the condition to a fear of the "big stick" or to an apprehension of any broadening of the "corollary of the More Doctrine. It is more probable that it is due to two well-defined though little recognized influence".¹⁸¹

Mas não são apenas as revoluções que caracterizam a política latino-americana. A máquina estatal é deficiente, rústica, comandada por caciques políticos que administram uma população despreparada e ignorante. Se a desorganização latino-americana de sua política pode ser vista em sinais mais aparentes, o que se dirá de processos mais avançados de democracia participativa, como a presença da mulher na vida pública ? Numa interessante passagem sobre hábitos políticos da região, uma repórter

¹⁸¹ "Quase três quintos das 15.000.000 milhas quadradas do Hemisfério Oeste é coberta por vinte nações diferentes que estão, de um modo geral, incluídas na idéia de América Latina. Todas essas nações são repúblicas, pelo menos no nome. (...) "Deveria nascer na mente daqueles que sempre estão prontos a criticar os assuntos sul-americanos o fato de que nem todas as nações tiveram à sua disposição os meios de desenvolvimento de suas condições, os quais, por uma corrente de circunstâncias excepcionais, foram dados aos Estados Unidos para que se beneficiassem. A civilização não foi levada da Espanha para a América do Sul, assim como, de certa maneira, pode ser dito que foi transferida de todos os países europeus para os Estados Unidos". "Os países sul-americanos não tiveram as mesmas felizes chances. A ambição pelo ouro e a corrida pelo El Dorado foram as principais razões para os cidadãos espanhóis correrem risco de vida ao cruzar o oceano em navios inadequados numa busca louca pelas riquezas e por todas as preciosidades das Índias". (...) "Depois que a conquista foi executada, veio um período compreendendo três séculos durante os quais nada fez a Espanha para melhorar as condições desses países. "The Peace of Latin America", outubro de 1905, pp.479/480.

da revista, Edine Frances Tisdell, narra o dia que pensou em visitar uma sessão do Congresso da Guatemala:

"I remember on the day of the convening of Congress that I expressed a desire of attending, as in other countries, one of the sessions. Had I dropped a bomb in the midst of the group who overheard the remark. I could scarcely have caused greater excitement. " Impossible! Unheard of! Women did not go to Congress etc."¹⁸²

Mas sobre o tema revoluções na América Latina, rompendo uma tradição clara da revista de evitar ensaios críticos diretos, o periódico, em maio de 1901, um artigo intitulado: "The Latin-american Constitutions and revolutions", assinado por um ex-secretário de estado norte americano, John W. Foster. No artigo, são apontadas as razões da grande desordem política das repúblicas latino-americanas e suas consequências para os Estados Unidos.

Foster inicia seu discurso verificando que a maioria das revoltas ou revoluções que assolam a América Latina decorre da combinação de fatores. O primeiro fator é a ambição de poderosos que não querem sair do poder, e distorcem dispositivos constitucionais imitados dos EUA – criando a possibilidade de reeleição do chefe do executivo. Usam o dispositivo para se perpetuarem no poder, ou, o que é muito comum, para eleger algum parente.

"If the history of the Latin American republics is carefully examined it will be seen that the cause of most of the revolutions which have darkened its pages, decimated their population, and retarded their development has had its origin in the efforts of the public men of those countries to continue themselves in power or to attain the

¹⁸² Edine Frances Tisdell, " Guatemala. The Country of the Future". junho 1910. pp.596/623. "Eu me lembro bem do dia da reunião do Congresso onde eu expressei um desejo de atender, como nos outros países, uma das sessões. Eu tinha jogado uma bomba no meio do grupo que ouviu por acaso a notícia. Eu poderia dificilmente ter causado uma maior excitação. 'Impossible! Sem precedente! Mulheres não iam para o Congresso'"

presidency by other than peaceful and constitutional methods."¹⁸³

O segundo fator é a ignorância e despreparo da população. Nas palavras do articulista, a maioria da população deste países consiste de pessoas ignorantes, que não sabem sequer falar ou escrever a língua oficial, uma referência direta ao índio ou mestiço:

"(...) the great mass of their populations are ignorant and uneducated; in many of the countries they do not even read and write the official language of their government, and as a rule take no part in the elections." ¹⁸⁴

Por último, elenca a falta de experiência no auto-governo, posto que foram educados nos padrões hispânicos, sem qualquer preparo adequado à democracia.

"the people of these countries, both the educated and the uneducated had no experience in self-government before their independence. In this respect the British-American colonies had a great advantage over them, and we should be charitable in our criticism of them. The misfortune is, however, that they have had very little practice in genuine republican government since their independence".¹⁸⁵

¹⁸³ "Se a histórias das repúblicas da América Latina forem cuidadosamente analisadas irão demonstrar que a causa da maioria das revoluções que macularam suas páginas, dizimando suas populações e retardando seu desenvolvimento, teve sua origem no esforço dos chefes do executivo de manterem-se no poder ou de obterem a presidência por métodos distintos da paz ou das normas constitucionais".(...) "The Latin-american Constitutions and revolutions", John W. Foster, maio de 1901, pp.169-175.

¹⁸⁴ "a maioria de suas populações é ignorante e mal educada; na maioria desses países eles não sabem ler e escrever a língua oficial de seus governos e como regra não tomam parte nas eleições." idem

¹⁸⁵ "(...) tanto os educados, quanto os não educados, não tiveram qualquer experiência em se autogovernarem antes de se tornarem independentes. Nesse sentido, as colônias inglesas americanas tiveram uma grande vantagem sobre eles, e nós devemos ser caridosos na nossa crítica sobre eles. O infortúnio é que eles tinham pouca prática na forma de governo genuinamente republicana desde que se tornaram independentes. Idem

Segundo o articulista, o caminho mais comum e a linguagem conhecida pelo povo não é o voto, mas a revolução, a guerra:

"They understand the force of the bullet much more than the ballot. The result has been the rule of the dictator or usurper more often than that of the real representative of the people."¹⁸⁶

A explicação da "grande" diferença entre os latino-americanos e os norte-americanos e o que os distingue deve ser vista a partir de suas origens:

"It is a consolation to us to know that the men who laid the foundations of our Government and have thus far conducted its affairs have appreciated the value of peace and the superior merits of the ballot over the bayonet; that we had a Washington, not a Bolivar nor an Iturbide, to put the Government in motion, and that the Constitution has been held as too sacred an instrument to be made the sport of ambitious rivals for the presidency".¹⁸⁷

Frente à triste constatação, o missivista aponta a situação "constrangedora" do governo norte-americano. E aqui a questão é muito bem posta. Diante de tal realidade, e considerando que os EUA fizeram grandes investimentos em tais países, considerando que há propriedades de norte-americanos nesse locais, considerando ainda que não são repúblicas sérias, a pergunta é se deveria haver algum pudor do governo de Washington, caso necessário, de uma invasão desses países para estabelecer a ordem:

¹⁸⁶ "Eles compreendem muito mais a força de uma bala do que a força de uma cédula de voto. O resultado é que o governo de um ditador ou usurpador é muito mais freqüente do que um governo representativo da vontade popular." Idem.

¹⁸⁷ "É uma consolação para nós saber que o homem que estabeleceu as fundações do nosso Governo apreciou o valor da paz e os superiores méritos do voto em relação a uma baioneta; nós tivemos um Washington, não um Bolívar, para estabelecer o Governo, e a

"This subject has a special interest of the people of the United States: First, It raises the question how far it is the duty of our Government to interpose respecting an American republic, which has fallen into anarchy, against the encroachments of European power whose subjects have suffered outrages at the hands of the local military powers? (...) We have commerce with all these countries, many of our citizens have invested capital therein, and these interests cannot fail to be injured by the civil disorder occasioned by the strife of ambitious men. Does any one believe that our Government could look on with indifference if our next door neighbor, Mexico, should again fall into anarchy, as at frequent intervals in the past, and the millions of American capital which has been attracted thither by the beneficent rule of Díaz should become the prey of revolutionists and rival aspirants for the presidency?"¹⁸⁸

A pergunta acima formulada já continha em si uma resposta, e será o tema do próximo capítulo. Mas, o importante a ressaltar é que havia um discurso bem claro da revista sobre a região. Em linhas gerais, o acervo fotográfico da revista voltou-se para fixar uma imagem dos países latino-americanos como uma região ainda selvagem, atrasada economicamente e violenta. Utilizando um referencial imagético preexistente, a revista repetiu cenas e cenários já "conhecidos" sobre a América Latina, imaginário calcado em pinturas de temas consagrados sobre a região. Além disso, a *National* estabeleceu o "jogo" de apresentar o atraso e de ocultar os avanços tecnológicos compartilhados pelos países do sub-contidente,

nossa Constituição foi protegida, como instrumento sagrado, de ser utilizada como um joguete dos rivais ambiciosos do presidencialismo." Idem.

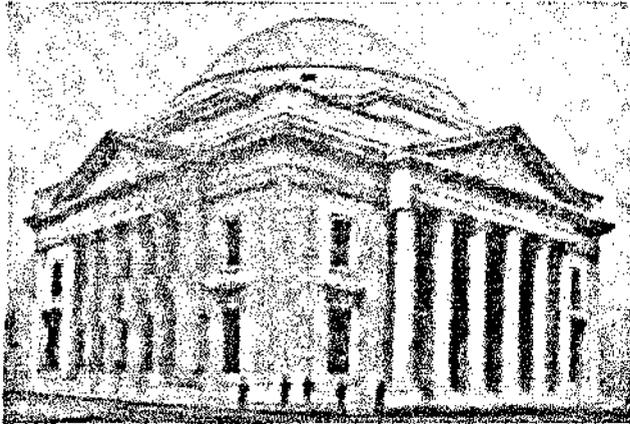
¹⁸⁸ "Este assunto é de especial interesse do povo dos Estados Unidos. Primeiro. Faz surgir a questão se o nosso governo teria o dever de respeitar uma república Americana, que caiu no anarquismo, contra intervenções perpetradas por forças européias cujos súditos sofreram ultrajes nas mãos das forças militares locais? (...) Nos temos comércio com vários desses países, muitos de nossos cidadãos têm capital investido neles, e estes interesses não podem ser feridos pela desordem civil ocasionada por conflitos de homens ambiciosos. Alguém acredita que o nosso Governo possa olhar com indiferença se o nosso vizinho de porta, México, de novo caia no anarquismo, como nos freqüentes intervalos do passado, e

reproduzindo à exaustão as mesmas situações. Pinçando da cena alguns pormenores e os reproduzindo de maneira constante em toda reportagem sobre o mesmo tema, a revista fixou uma imagem/conceito do lugar. O uso constante dos detalhes escolhidos transformou-os – com o passar do tempo – em referente do espaço.

Exemplo evidente do resultado desse processo pode ser visto no material publicitário da revista. No início do século XX, entre os novos produtos/serviços oferecidos ao mercado consumidor norte americano, estava o turismo. Há uma enorme oferta de pacotes de viagem para diversos países latino-americanos. A ilustração dessas publicidades não era feita com foto, mas sim por desenhos que reproduziam, de maneira sintética, os ícones identificadores do lugar, estabilizando um conceito estereotipado do país ou da região.

A primeira publicidade do gênero, vendendo pacotes de viagem para a Jamaica, traz uma montagem de duas imagens sobrepostas. Entrecortando uma ilha com palmeiras, um navio sugere o cruzeiro oferecido para o país (**ilustração 36**). A mesma empresa de viagem "*Hamburg American Line*" ampliou o pacote: além da Jamaica, o roteiro se estendia para outros países das "Índias Ocidentais", e a legenda informa os nomes dos países incluídos, "Venezuela, Panamá, América Central, etc" (**ilustração 37**). O "etc" da legenda sinaliza a generalidade dos lugares que poderão estar incluídos. O ícone comum a todos eles é novamente a palmeira na praia. O mesmo símbolo – palmeira – foi utilizado por uma empresa concorrente do ramo, que ofereceria outro pacote para a mesma região. O cruzeiro da empresa "*The American Riviera*" também se destinava às "índias ocidentais", porém estavam incluídas, além do Panamá, a Colômbia e a Venezuela (**ilustração 38**). O particular dessa publicidade é que traz quatro fotos pequenas. Em todas estão incluídos palmeiras, sendo que a principal (a que ocupa o centro da página) não traz nenhum outro elemento identificador da região que não a árvore.

que milhões do capital americano que foram atraídos pelo governo beneficente de Dias



Chartered 1836

Girard Trust Co.

Philadelphia, Pa.

CAPITAL AND SURPLUS :: \$10,000,000

Officers

EDDINGHAM B. MORRIS, <i>President</i>			
WILLIAM NEWBOLD ELY	<i>1st Vice-President</i>	ALBERT A. H. JACKSON	<i>2d Vice-President</i>
CHARLES JAMES BUKHADS, JR.	<i>3rd Vice-President</i>	EDW. SYDENHAM PAGE	<i>Secretary</i>
GEORGE H. STUART, III	<i>Assistant Treasurer</i>	SAMUEL W. MORRIS	<i>Assistant Secretary</i>



JAMAICA *The Land of Sunshine*

WEEKLY SAILINGS BY THE PRINZ STEAMERS OF THE **ATLAS SERVICE**

Most Modern Vessels in the West Indies service, with accommodations equal to the best trans-Atlantic service.

Rates, \$45.00 ONE WAY **ALSO CRUISES OF 24 AND 25 DAYS,**
\$85.50 ROUND TRIP **COSTING \$135.00 and \$140.00**

SPECIAL EASTER CRUISE TO THE WEST INDIES FROM NEW YORK, MARCH 24, 1910.
 Itinerary includes Bermuda, St. Thomas, San Juan and Havana, \$85.00 upwards. Also cruises to other ports. Write for our Travel Books, they will give you full information.

HAMBURG-AMERICAN LINE
 BOSTON PHILADELPHIA

CHICAGO

41-45 Broadway, New York
 ST. LOUIS SAN FRANCISCO

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated

HAMBURG AMERICAN

Summer
Cruises to
NORWAY,
North Cape
& Spitzbergen



by palatial twin screw steamships **Bluecher, Oceana and Meteor**, during the months of June, July and August. **These Cruises start from Hamburg** and vary in duration from thirteen to twenty-two days and **cost \$62.50 to \$175. and upward.** The shore excursions in connection with these cruises will be arranged at a very moderate cost by our Tourist Department. Better opportunities to become familiar with the charms of these northern regions are hardly possible and the cost is not greater than living at a first-class hotel.

Around
the World



The finest, most comprehensive pleasure cruises ever offered—**leave New York November 1, 1911 and San Francisco, February 17, 1912**, on the magnificent trans-atlantic liner **"Cleveland"** (17,000 tons). Visits to Madeira, Spain, Italy, Egypt, India, Ceylon, Strait Settlements, Java, Philippines, China, Japan, Sandwich Islands and Overland American Tour. Optional tours of 17 days in India, 14 days in Japan. Duration 110 days, cost **\$650 up** including all necessary expenses aboard and ashore.



JAMAICA *and* the WEST INDIES

Panama Canal, Venezuela, Central America, etc. have been arranged. Leaving New York during February and March by the twin screw cruising S. S. **Moltke** (12,000 tons) and **Hamburg** (10,500 tons) duration 19, 21 and 28 days, \$85, \$125, \$150 and up. Special cruises—21 and 25 days—\$135 and \$140—**from New York every week** by the well-known **"Prinz"** steamers of the **Allan Service.** *Also other cruises and fares to places of interest everywhere. Write for our programs and booklets.*

HAMBURG-AMERICAN LINE, 41-45 Broadway, N. Y.
Boston, Philadelphia, Portland, Chicago, St. Louis, San Francisco

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated

INDEPENDENT AROUND-THE-WORLD
NORTH GERMAN **RE 5018**
FLOYD



See how modern oceanic facilities compare with modern and more luxurious ones. See and hear facts before you sail to the harbor of passengers. Occupancy low rates in Australia New Zealand and Tasmania via Europe and South Africa. Special meals given to you to suit your taste. See the world from the deck of the North German Lloyd. See Agents **DELRIMS & CO** Geo. App. 5 Broadway, New York.

HONOLULU AND THE VOLCANO

THE TRIP MOST COMPELLING and worth while, covering all stages from grandeur to quiet and pleasure. And this extended trip can be made in two weeks and a day from San Francisco to Seattle on S. S. NORTH GERMAN LLOYD. The two great volcanoes, the largest in the world, a volcano, hotel, a few pictures, and a few more illustrations have been arranged. Never before has it been possible to make this desirable trip with such rapid and comfortable service. \$110, from class, from San Francisco to Honolulu and back, with \$40 for the trip to H. and back to San Francisco and back to Seattle. Round trip to H. and back to San Francisco. No other trip compares with this. See agents and the islands on (D. O. I. N. O. W.) under the steamship notice.

Write or wire
OCEANIC S. S. CO.,
 673 Market Street, San Francisco.

TEACHERS OF GEOGRAPHY

We take pleasure in announcing the publication of a remarkable treat, containing notes and maps.

OUTLINE STUDY IN GEOGRAPHY

By MAUDE E. KINGLEY

The Geography Outline suggests a new method of teaching this important subject, and it can be used with any text-book of geography.

Miss Kingley is an expert in analysis and synthesis. Her skill in literature, Latin, and English Survey History have had a phenomenal success. The Outline in Geography is a masterpiece. It will commend itself to every teacher of the subject as an original and practical.

Miss Kingley's work shows the true of the teacher, suggests helpful methods, shows the ways how to approach the subject, and gets him thoroughly interested.

We confidently recommend this book to teachers and classes in Geography everywhere.

Bound in Boards, Cloth Backs, 37 pages.
Price, 25 cents

THE PALMER COMPANY
 120 Boylston Street Boston, Mass.

THE PALMER COMPANY

THE ROYAL MAIL STEAM PACKET CO. LTD.

THE AMERICAN RIVIERA

West Indies

PANAMA CANAL
COLOMBIA
VENEZUELA

3 Cruises de Luxe
 On the Steamship New

SS. "Avon"
 Twin-Screw
 11,073 Tons

COLUMBIA

BARBADOS

Sailing from New York

JANUARY	21 (27 Days)	\$140 and up
FEBRUARY	18 (22 Days)	\$150 and up
MARCH	25 (19 Days)	\$85 and up

BERMUDA CUBA
 Stops at Bermuda, also to Cuba including Havana, Santiago, etc.

JAMAICA, PANAMA CANAL, COLOMBIA, Etc.
 Transfer from 14 days New York to New York, going direct to Havana, \$125.

SANDERSON & SON, 21-24 State St., New York
149 La Salle Street, Chicago.
W. H. EAVES, N. E. P. A., 201 Washington St., Boston

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated

Outro país também alvo do turismo foi Cuba. Um projeto mais arrojado de uma companhia de transporte oferecia um álbum ilustrado para seus clientes. A imagem estampada na revista sobre o país carrega elementos que identificam a ilha (**ilustração 39**). Um carro de boi no primeiro plano, uma igreja católica ao fundo e dois coqueiros ao centro.

O estabelecimento de um estereótipo, ao mesmo tempo em que permitia estabilizar um conceito para melhor identificação do objeto, possibilitava a articulação de ações maiores, como, por exemplo, a instrumentalização e, principalmente, justificativas para a política de intervenção nessa mesma América Latina.

**TWO
YACHTING
CRUISES**

**WEST INDIES
SOUTH AMERICA
& THE
PANAMA CANAL**
*by the
American Line's
Splendid Twin Screw
S. S. NEW YORK*
10,000 TONS

*When the Sea Flies, the Sunny Isles
of the Caribbees Smile a Welcome.*

**Leaving New York
January 28 and March 4
1911**

**31 DAYS EACH
\$150 AND UP**

The S. S. New York is equipped with every modern appliance, including wireless, refrigeration, electric, motion picture, and other amusements. The 10,000-ton ship is the best of her class.

For further particulars, including names of the Caribbees, visit the Tourist Bureau, 10 Broadway, New York.

© 1911 American Line, New York, N. Y.



*For Winter Tours
in Summer Climes
Consult*

"Cuba"
A WINTER PARADISE

a profusely illustrated 80-page booklet with six complete maps, also 72 views illustrative of this wonderful Island. Sent post-paid on receipt of 4c in stamps.

FRANK ROBERTS, General Passenger Agent
UNITED RAILWAYS OF HAVANA
52 Broadway, Room 212a, New York

Around the World
Parties in October and November, 1911. Limited to twelve. The best of everything. Price inclusive.

Japan
Leisurely tours Spring, Summer, and Autumn, 1911.

Summer Tours to Europe
Old routes and new ones.

Pilgrimages
Music Lovers, Book Lovers, Bible Lovers, Social Workers, Lovers of History, Art, and Old Romance.

Motoring
Independent tours in fascinating Brittany, the Chateaux Country, England, Switzerland, etc.

H. W. DUNNING & CO.,
109 CONGREGATIONAL HOUSE,
BOSTON, MASS.

Your courtesy in mentioning the Magazine when writing will be appreciated

Capítulo IV

O Imperialismo “Altruísta”.

A década de 1890 foi crucial tanto para os Estados Unidos, como para a *The National Geographic Magazine*. Há um paralelo claro entre os desdobramentos da política externa norte-americana e o sucesso do periódico. Como descrito no primeiro capítulo, a mudança na concepção editorial do magazine em 1896 foi decisiva para que a mesma se tornasse um produto de consumo atraente para o mercado. Porém, como é consenso entre os estudiosos da revista, a explicação de seu imenso sucesso alcançado a partir de meados da década de 1890 se deveu também à guerra contra a Espanha. Afinal, notícias sobre os países estrangeiros com os quais os Estados Unidos estavam se relacionando mais intensamente era uma atração de forte apelo comercial, e a revista, como produto, tinha o diferencial sedutor das imagens ilustrativas, pretensamente informando com mais detalhes sobre o país estrangeiro em questão ou sobre o teatro de guerra no estrangeiro. As condições objetivas para a venda da informação devem ser associadas a outros fatores, como a expectativa do público leitor e a forma como os fatos foram transmitidos pela revista. Nesse particular é fundamental lembrar o comprometimento ideológico dos integrantes da *Society* e da própria redação do periódico com os departamentos de Estado norte-americano. Um relacionamento que definiu a estratégia das reportagens sobre os países em questão.

Assim, para melhor entendimento das reportagens que compõem o presente capítulo, é indispensável compreender o discurso oficial da política expansionista yanque da época.

O Expansionismo Norte-Americano

Em 1890 as “fronteiras internas” dos Estados Unidos haviam sido vencidas. A própria questão indígena – “problema” que perpassou quase todo o século XIX – foi “resolvida” naquele ano, com o confinamento da última tribo considerada mais perigosa, os *Sioux*. A anexação e controle do próprio território, em boa parte tributada às novas tecnologias de transporte e comunicação, davam a certeza – impressão confirmada pelo censo publicado naquele mesmo ano – de que não havia mais espaços desocupados ou fora de controle interno daquele país. Como lembra Fohlen, feita a tarefa de casa, estava aberta a possibilidade de se aventurar em conquistas além-mar:

“Quando da publicação do recenseamento de 1890, os americanos sabem que a fronteira desapareceu, tendo a falsa impressão de que está concluída a conquista do continente e de que novas tarefas se lhes impõem fora do hemisfério. Existem ainda algumas terras desocupadas ou postas em fracas mãos, que seria bom chamar para si. Certos historiadores interpretam mesmo a tese de Turner como um convite às conquistas de além-mar. Sem irmos assim tão longe, não resta dúvida de que o imperialismo tomou corpo, uma vez que as tarefas internas mais visíveis haviam sido executadas.”¹⁸⁹

O mesmo desenvolvimento industrial, um dos agentes responsáveis pela anexação e controle interno do território, fez expandir os negócios das empresas nacionais para países da América Central e Caribe. Os investimentos privados de empresas norte-americanas em Cuba, Porto

¹⁸⁹ FOHLEN, Claude. *América Anglo-saxônica de 1815 à Atualidade*. São Paulo, Pioneira, 1981, p.108.

Rico e Nicarágua, haviam aumentado significativamente. Naturalmente, o interesse na região cresceu na mesma proporção – em boa parte incentivado pelo *lobby* das grandes empresas –, tornando-se um assunto de estrito interesse do Estado. E uma das ameaças aos interesses norte-americanos eram as incursões – reais ou potenciais – de países europeus que passaram a disputar acirradamente entre si espaços comerciais no mar do Caribe. Assim, o momento convergia para o ingresso dos Estados Unidos na corrida, disputa a essa altura bem acesa, pelo controle de territórios na região. Os países da América Central e Caribe eram considerados de extrema importância, como revelou o secretário de governo Norte-americano Blaine em 1891:

"Me parece que sólo hay tres lugares que son de suficiente valor para tomarlos, que no son continentales. Uno es Hawai, los otros son Cuba y Puerto Rico. Cuba y Puerto Rico no son inminentes y no lo serán por una generación. Hawai puede que sea necesario decidirlo en cualquier momento inesperado, y espero que podamos estar preparados para decidir en la afirmativa".¹⁹⁰

O desejo de parcela dos políticos encontrou ressonância no meio intelectual. Datam do período, vários pensadores nacionalistas engajados na expansão territorial e com forte ascensão entre os círculos do poder, como Frederick Turner, Josiah Strong e Brook Adams. Entre os maiores estrategistas da política externa norte-americana da época está o Almirante Alfred Thayer Mahan, talvez aquele que mais influenciou a marcha das ações da política nessa área, autor de uma obra de grande repercussão na época: *The influence of Sea Power upon History*. Segundo o pensador militar, a história das grandes potências modernas tinha a peculiaridade do controle de rotas marítimas. Controlar postos-chave do oceano era a senha para o crescimento e consolidação como potência a longo prazo: "o poderio

¹⁹⁰ *Apud* Rodriguez, Daniel. *Los intelectuales del Imperialismo norteamericano en la década de 1890*. In ZEA, Leopoldo. *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, 1997, p.384.

durável, essencial, é o poderio marítimo. Com o tempo, aquele que domina os mares vence sempre”¹⁹¹. Mahan expressa o seguinte temor: “Os Estados Unidos, ricos e imensos, podem ser incitados a uma espécie de preguiça naval que, se se prolongasse, lhes seria fatal”¹⁹². Toda sua obra foi um arrazoado para convencer seus compatriotas da necessidade de uma marinha forte, capaz de tomar entrepostos importantes de rotas marítimas. E seu apelo foi ouvido. Entre os vários homens de Estado, estava seu amigo pessoal, Theodore Roosevelt, Secretário da Marinha nomeado em 1897, eleito presidente da república de 1901 a 1909. Levando a cabo as idéias de Mahan, o governo norte-americano ampliou seu poder naval. Este, que ocupava o sexto lugar em 1890, passou a ser o segundo maior do mundo em 1907. Assim, de um relativo isolacionismo durante boa parte do século XIX, os Estado Unidos se preparavam para ser agente ativo na política internacional.

Mas a conquista de territórios e povos estrangeiros era, no entanto, algo polêmico para a opinião pública do país. Para o cidadão americano, sua história republicana sinalizava uma sociedade comprometida com o ideal de liberdade e auto-determinação dos povos. A simples ocupação territorial, nos moldes que as potências européias estavam partilhavam a África e Ásia, era, no mínimo, um procedimento contraditório para o país que se considerava guardião da *democracia* e da *liberdade*.

Assim, havia um impasse claro. De um lado, para a consolidação do *status* de potência internacional era indispensável o aumento e expansão da área de influência do país, uma necessidade premente para a aquisição de mercados fornecedores de matéria-prima ou mesmo de postos importantes para a logística comercial. De outro lado, a invasão de um país estrangeiro sem uma motivação ideológica “elevada” poderia ser reprovada por significativa parte da opinião pública interna nacional.

¹⁹¹ *Apud* Fohlen, *Op. cit.*, p. 109.

¹⁹² *Idem* *ibidem*.

A resposta a tal impasse passou pela articulação de uma estratégia gestada por intelectuais do Estado. O conceito que regeu a política externa foi o de um império sem colônia. Tratava-se de estabelecer, sobre os territórios estrangeiros, um controle indireto porém consistente. Nas palavras de Rodriguez, "Los norteamericanos decidieron resolver sus problemas creando un imperio cuya dinámica y característica marcaron un nuevo comienzo en su historia, aunque éste no sería un imperio colonial tradicional."¹⁹³

As ferramentas usadas foram o dólar e, caso não fosse suficiente, as armas. Reinterpretando a antiga Doutrina Monroe, construída durante o período de independência latino-americana – doutrina que pregava a participação norte-americana em defesa de outros povos americanos subjugados –, o governo Roosevelt fixou o entendimento de que tal participação/intervenção deveria ser "preventiva". Como candidato ao protetorado do Novo Mundo, os Estados Unidos não poderiam doravante assistir impassíveis às manobras da frota naval europeia agindo em águas consideradas fundamentais para a potência do Norte.

Após a crise entre Inglaterra e Venezuela em 1904, situação que ensejou, inclusive, bombardeamento pela marinha inglesa do país latino-americano, o primeiro-ministro inglês Arthur Balfour fez aos EUA uma proposta segundo a qual a Grã-Bretanha se absteria de qualquer futura intervenção desde que os Estados Unidos assumissem a responsabilidade de fazer com que não surgisse mais a necessidade desse tipo de comportamento. Aceitando a proposta, Roosevelt, em 20 de maio de 1904, assim se expressou: "A insistência no erro, da parte de alguma nação americana, poderia exigir a intervenção de outra nação civilizada", fazendo com que a "fidelidade dos Estados Unidos à Doutrina nos leve a exercer um poder de polícia internacional". Assim, se a Doutrina Monroe era a negação do direito das potências europeias estenderem seu domínio territorial sobre o Novo Mundo, a partir de 1904, com o corolário Roosevelt, ela passou ser

¹⁹³ *Op. cit.*, p. 386

interpretada como uma afirmação do direito dos Estados Unidos de intervirem na política interna dos países da América Latina.

Auto-nomeando-se tutor das Américas, aquele presidente americano se arvorou no direito de *zelar* pelo que entendia ser o *bom* comportamento dos vizinhos latinos. Sempre respaldado no discurso em defesa de um ideal, que combinava a proteção de interesses nacionais e libertação do povo vizinho e oprimido por um governo despótico, a política norte-americana se outorgou o direito de interferir diretamente nos assuntos continentais, à revelia do consentimento da república envolvida.

O discurso legitimador da ocupação se organiza a partir das imagens de ignorância, atraso, e incapacidade dos latino-americanos para se autogovernarem.

É exatamente nesse plano que a revista prestou os melhores serviços à política imperialista norte-americana. Trazendo números que comprovavam tal perspectiva, e mesmo fazendo demonstrações ilustrativas do suposto progresso material que representou o ingresso norte-americano no país, a *National* se prestou ao papel de autêntico veículo de propaganda oficial do Estado. A estratégia empregada pelas reportagens reforçava para a opinião pública norte-americana o caráter humanitário das intervenções, que se distanciavam, em muito, daquelas empreendidas pelas potências européias. Geralmente escritas por militares que estiveram na região, matérias jornalísticas sobre as intervenções norte-americanas traziam um dos melhores exemplos de utilização política de imagens-força construídas para legitimar o poder instituído.

Cuba

Entre os países latino-americanos mais "visitados" pela revista entre 1888 e 1900 estava Cuba. Objeto de inúmeras reportagens, artigos e notas, a Ilha, ao lado do México, esteve presente nas páginas da Revista em praticamente todas as edições entre 1888 e 1899.

A partir de 1895, com o levante nacionalista interno, parte da imprensa diária norte-americana passou a advogar o ingresso dos Estados Unidos em uma guerra contra a Espanha. Tal assunto, que rapidamente se tornou da ordem do dia em vários jornais norte-americanos, representou, também, o primeiro grande momento de projeção da *National Geographic*.

Trazendo dados descritivos sobre o país vizinho, a revista falava de Cuba com vistas na guerra contra a Espanha, "assunto quente" daqueles anos (principalmente entre 1897 e 1898). No mês de declaração da guerra, a *National* publicou um número totalmente dedicado a Cuba¹⁹⁴.

A Ilha, na verdade, já estava nos planos dos expansionistas norte-americanos pelo menos desde o começo dos anos 1890. Mesmo o presidente Cleveland, reticente quanto ao ingresso de seu país em um conflito contra a potência ibérica, reconheceu, em seu discurso de despedida de mandato, no Congresso, em 1896, o interesse sobre a Ilha: "Nosso atual interesse pecuniário em Cuba fica atrás apenas daquele do povo e do governo da Espanha".¹⁹⁵ O interesse monetário de que falou o presidente norte-americano não era apenas das empresas de seu país presentes na Ilha, ele se referia também ao significado estratégico de Cuba na futura rota naval entre o Pacífico e o Atlântico, tendo em mente o canal que se abria na América Central.

Quando a insurreição de nacionalistas cubanos eclodiu em 1895, uma facção do partido republicano e da imprensa estadunidense movimentaram-se no sentido de insuflar a opinião pública do país para que pressionasse o governo federal a declarar a guerra ao "dominador" europeu. Porém, antes do ingresso na guerra, em abril de 1898, o governo de

¹⁹⁴ Maio de 1898. A declaração de guerra ocorreu formalmente em 21 de abril.

¹⁹⁵ *Apud* RODRIGUES, *Op. cit.*, p.384.

Washington tentou resolver a questão comprando a Ilha do país Ibérico¹⁹⁶. A tentativa foi frustrada, o que aguçou ainda mais os ânimos expansionistas.

Não havia, porém, consenso interno sobre a guerra contra a Espanha, muito menos sobre o caráter imperialista que o país estaria assumindo ao disputar território estrangeiro. Os críticos do expansionismo, liderados principalmente por alguns políticos do partido Democrata e por um grupo de intelectuais – entre eles um dos mais populares escritores norte-americano da época, Mark Twain –, foram vencidos não só quanto ao debate sobre o ingresso ou não do país na guerra, mas também quanto à permanência e tutela do povo cubano sob o bastão de Washington. Mais tarde, uma emenda constitucional da jovem república cubana, Emenda Platt, permitiria a qualquer momento a intervenção norte-americana naquele país.

O discurso que legitimou tanto o ingresso como a permanência norte-americana na Ilha, descrevia, para justificar a guerra, o espanhol como bárbaro, sanguinário e déspota, e o cubano como submisso, incivilizado e inapto ao autogoverno. Tal imagem do povo de Cuba foi bem registrada em um documento de um oficial norte-americano da ocupação, em mensagem ao presidente de seu país sobre “os trabalhos” na Ilha: “Estamos avançando o mais rápido que podemos, mas lidamos com uma raça que foi continuamente rebaixada por cem anos e na qual temos que infundir vida nova, novos princípios e novos métodos de fazer as coisas”.¹⁹⁷

A reportagem publicada no número de março de 1902 sobre Cuba talvez seja um dos melhores exemplos do procedimento da revista em legitimar a intervenção norte-americana. Não só pela articulação entre os temas eleitos e a descrição pormenorizada do temperamento do cubano e dos trabalhos norte-americanos na ilhas, mas principalmente pela editoração das fotos, a reportagem tornou-se um verdadeiro modelo para as demais reportagens analisadas no presente capítulo. Por tais motivos, o tratamento dispensado à análise do documento será mais alongado.

¹⁹⁶ SHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: Poder e Submissão. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Bauru, Edusc, 1999, p. 160.

¹⁹⁷ Idem, p.169

Com o título "American Progress in Habana", a reportagem informa sobre as transformações que a cidade de Havana sofreu após a entrada norte-americana naquele país. Segundo a revista, Havana era uma cidade suja e criadouro de doenças. Com a presença norte-americana no país, a capital cubana foi higienizada e modernizada, melhorando como local para habitação e se habilitando como *resort* de inverno para receber turistas. O processo de higienização se deu graças ao trabalho de um oficial do Exército americano, Major Black, que aplicou técnicas novas e de baixo custo para limpar tanto as ruas quanto as casas da cidade, e que utilizou de maneira bastante satisfatória recursos e conhecimentos de engenharia para modernizar as ruas (pavimentando e alargando-as); além de construir edificações importantes para o embelezamento e segurança do local. A higienização e reformulação da cidade, apesar de terem sido impostas pelos norte-americanos, foi de proveito inquestionável para a cidade, mas sofreu resistência pelos habitantes do local, que estavam acostumados às péssimas condições anteriores, herdadas de seus ancestrais ou dominadores. Apesar disso, a reportagem afirma que os cubanos reconheceram os notórios benefícios trazidos pela intervenção e se orgulham da nova capital, limpa, segura e agradável.

Para a descrição da cidade, o texto utiliza-se de associação de imagens, remetendo às idéias de doença, sujeira, atraso e perigo. Isso fica claro no texto nas seguinte passagens:

"The city of Habana has so long been considered as a sort of nursery of diseases for the United States."¹⁹⁸

"The streets were washed as thoroughly as the houses, 33,000 gallons of electrozone often being used in one day for this purpose"¹⁹⁹.

¹⁹⁸ "A cidade de Havana tem sido por muito tempo considerada uma espécie de berçário de doenças pelos Estados Unidos.". "American Progress in Habana", março/1902, p.97.

¹⁹⁹ "As ruas foram lavadas tão meticulosamente quanto as casas, 33.000 mil galões de "electrozone" foram usados em um dia para esse propósito. Cit., p. 106.

"The sights that met the cleaning squad may be imagined but not described. Accumulations of years and decades of filth were heaped in cellars and courts and closets."²⁰⁰

"The former condition of Colon Park is shown by picture nº 5. The park had run to weeds and coarse grass. It was not only unattractive because of its general untidiness, but quite unsafe for women and children. At night-time it was haunted by thieves and thugs. To pass by after dark was to risk being held up and robbed of one's purse or even of one's clothes"²⁰¹

" Picture nº 8 shows the same street after the American officers had been in the city a few months. The holes and stones have disappeared and in their stead is a hard, smooth, well-drained way. One hundred and twelve miles of streets in Habana and its suburbs have undergone this transformation. The width of the streets ranges from 4-4 meters to 13 meters"²⁰²

A primeira informação oferecida pelo texto é contundente para a classificação da cidade. "Havana tem sido há muito tempo considerada um berçário de doenças". A expressão "há muito tempo" remete a uma estagnação temporal da cidade. Uma situação praticamente atávica ("so long") do local, sua imutabilidade com o passar do tempo. A expressão "*have been*" remete a uma temporalidade passada indefinida e ainda não concluída. O aspecto verbal é cursivo. A estagnação da cidade frente ao tempo e às

²⁰⁰ As cenas que a turma da limpeza encontrou podem ser imaginadas mas não descritas. Acúmulos de anos e décadas de sujeira foram amontoados em porões, becos, pátios e lugares fechados (claustros)". Cit., p. 99.

²⁰¹ "A condição precedente do Parque Colon é mostrada pela foto 05. O parque transbordava de ervas daninhas e capim. Ele não era apenas sem atrativos por causa de seu genérico desleixo, mas também por não ter segurança para mulheres e crianças. À noite, era freqüentado por ladrões e assassinos. Passar pela escuridão era arriscar ser pego e ter roubada a bolsa ou a roupa", Cit., p103

²⁰² "A foto numero 8 mostra a mesma rua depois que oficiais americanos estiveram em Havana por alguns meses. Os buracos e pedras desapareceram e em seu lugar está um sólido, uniforme e bem drenado caminho. 112 milhas de ruas em Havana e seus distritos

mudanças define sua existência até aquele momento e prepara a possibilidade (heróica) de mudança, relatada adiante.

Na frase seguinte, verifica-se a que se prestava a cidade, qual era sua particularidade: "berçário de doenças". A expressão "berçário de doenças", formada por um substantivo geralmente ligado a um sentido positivo, de nascedouro, abrigo da vida, vem acompanhada de um adjunto adnominal que lhe subverte o significado original. Havana era criadouro de doenças. Assim, a doença é apresentada como seu traço peculiar, o que a distingue no universo das demais cidades. A enunciação da frase, por sua vez, é feita na voz passiva, cujo agente oculto (coincidentemente aquele cujo ponto-de-vista está contido na frase enunciada como "verdade geral") será os Estados Unidos.

A origem desse "berçário de doenças" encontra-se nos parágrafos seguintes, "*Acúmulos de anos e décadas de sujeira foram amontoados em porões, becos, pátios e lugares fechados.*" Mais uma vez, há a idéia de tempo, agora com mais precisão (anos e décadas). A imagem fornecida pela frase propõe uma atividade contínua e que exige práticas reiteradas no decorrer do tempo: "*acúmulo de sujeira*". Por se tratar de espaço urbano, esse processo de acúmulo ocorreu graças a um comportamento humano, seja pela ação continuada de acumular, seja pela omissão ao permitir que se acumulasse sujeira sem se preocupar com a profilaxia, portanto, pode-se identificar aqui os primeiros traços da participação dos habitantes da cidade. Esse processo contínuo se desenvolve em espaços específicos e que fornecem novas informações sobre a cidade: becos, pátios, porões e lugares fechados. Trata-se da primeira descrição arquitetônica de Havana, uma cidade constituída por locais fechados ou de pouca ventilação, escuros e associados a perigos físicos (doenças gestadas pela sujeira em locais fechados).

Mortal por suas doenças, Havana também é perigosa por outras razões:

foram submetidas a essa transformação. A largura das ruas mudou de 4,4 metros para 13

“ The park had run to weeds and coarse grass. It was not only unattractive because of its general untidiness, but quite unsafe for women and children. At night-time it was haunted by thieves and thugs. To pass by after dark was to risk being held up and robbed of one's purse or even of one's clothes”²⁰³

Aparece aqui uma nova modalidade de perigo à incolumidade física, causada pela cidade. Junto com as doenças, há a violência urbana (o parque da cidade é freqüentado por ladrões e assassinos). O risco se desdobra em dois: a incolumidade física (assassinos) e ao patrimônio (ladrões). Nessa descrição, Havana oferece um cardápio macabro e perigoso: doença, homicídio e roubo/furto.

Na mesma passagem do texto também se identifica a aparição de mais um elemento importante da cidade: o Estado. A descrição da participação do Estado está negativamente caracterizada em duas omissões distintas porém articuladas. A praça, local público, espaço de sociabilidade, aparece como inóspita e insegura. Primeiro, pelo “desleixo” no trato com o local (a administração pública que não zela pelo bem público) e, depois, pela sua consequência social imediata, “não ter segurança”; outra tarefa de competência do Estado e que não é exercida.

O cubano, por sua vez, é descrito como passivo e acomodado com a situação:

“ The Cubans have not liked the process which has made them cleaner and healthier. If they could have voted on it, probably they would have vetoed to a man the house and street cleaning proposition. What was good enough for

metros”. Cit., p. 103.

²⁰³ Cit., p 103 “O parque transbordava de ervas daninhas e capim. Ele não era apenas sem atrativos por causa de seu genérico desleixo, mas também por não ter segurança para mulheres e crianças. À noite, era freqüentado por ladrões e assassinos. Passar pela escuridão era arriscar ser pego e ter roubada a bolsa ou roupas”

their fathers and grandfathers esa quite good enough for them.”²⁰⁴

Na primeira frase, é feita uma afirmação precisa quanto à reprovação do processo declaradamente positivo que a cidade sofreu. “Os cubanos não gostaram”. A afirmação sobre o outro (os cubanos, terceira pessoa) é peremptória e sentencia o erro: não gostaram, no entanto, ficaram mais limpos e mais saudáveis. A “escolha certa” foi feita por quem soube decidir por eles o melhor, ainda que não gostassem. A segunda frase, embora no condicional, não traz muita margem à dúvida sobre a maneira de agir dos cubanos – se pudessem ter votado, provavelmente, permaneceriam na sujeira, portanto, se livres para escolher, decidiriam de forma errada. O adverbio “provavelmente” indica o temperamento conservador do cubano que permaneceria, por ser de seu agrado, nas mesmas condições em que se encontrava. A caracterização é completada pela frase seguinte: “o que foi suficientemente bom para seus pais e avós”; mais uma vez, remete-se à idéia de permanência e tradicionalismo do cubano, preso ao passado. Aqui, a idéia de distensão temporal reaparece, reafirmando uma estagnação do ser cubano; o que foi bom continua sendo bom para este povo latino.

Tal acomodação do cubano com o atraso é revelada em outra passagem do texto, quando se descreve uma rua de Havana:

“Picture no. 7 represents a typical street of Habana in 1898. This street was then regarded as quite a good one”²⁰⁵

²⁰⁴ Cit., p. 108. “Os cubanos não gostaram do processo que os fez mais limpos e saudáveis. Se eles pudessem ter votado sobre isso, provavelmente teriam vetado a proposta de limpeza das casas e ruas. O que foi suficientemente bom para seus pais e avós era também suficientemente bom para eles”

²⁰⁵ Cit. p. 103. “A foto n.7 representa uma rua típica da Havana em 1898. Essa rua era então considerada uma boa rua”

A rua não tem particularidade, guarda apenas a qualidade de representar as ruas de Havana em seu conjunto. A escolha do adjetivo é extremamente elucidativa para a compreensão do texto, primeiro, porque se escolheu adjetivar genericamente a rua ao invés de particularizá-la, uma abordagem reveladora do esforço de estabelecer conceitos sobre a cidade, mais do que de compreendê-la como espaço dinâmico. Tal adjetivação toma a parte pelo todo e, ao mesmo tempo, cria um modelo fixo, um tipo único e estável para a compreensão das ruas da cidade. A data 1898 é utilizada para demarcar a ruptura que será implementada pela administração ianque, separando o que é a transformação norte americana (progresso) e o que é Havana em estado puro, sua "essência original" (atrasada). A frase seguinte, "Essa rua era considerada boa", tem endereço certo como caracterização da mentalidade cubana. Era considerada por quem? Obviamente só poderia ser considerada pelos cubanos, pois o ano de 1898 é anterior à entrada ianque na Ilha. O tempo verbal da frase indica tanto um comportamento anterior a 1898 como a permanência da mesma opinião dos cubanos nas vésperas da reforma. Mais ainda, o verbo *considerar* indica uma avaliação crítica, um processo de reflexão. A consideração dos cubanos sobre a rua era indicativa da acomodação social à situação precária da cidade.

O texto da reportagem se desenvolve utilizando principalmente adjetivos e substantivos adjetivados. Nos seus doze parágrafos, as palavras mais comuns para a descrição da cidade são "doenças" e "imundície".

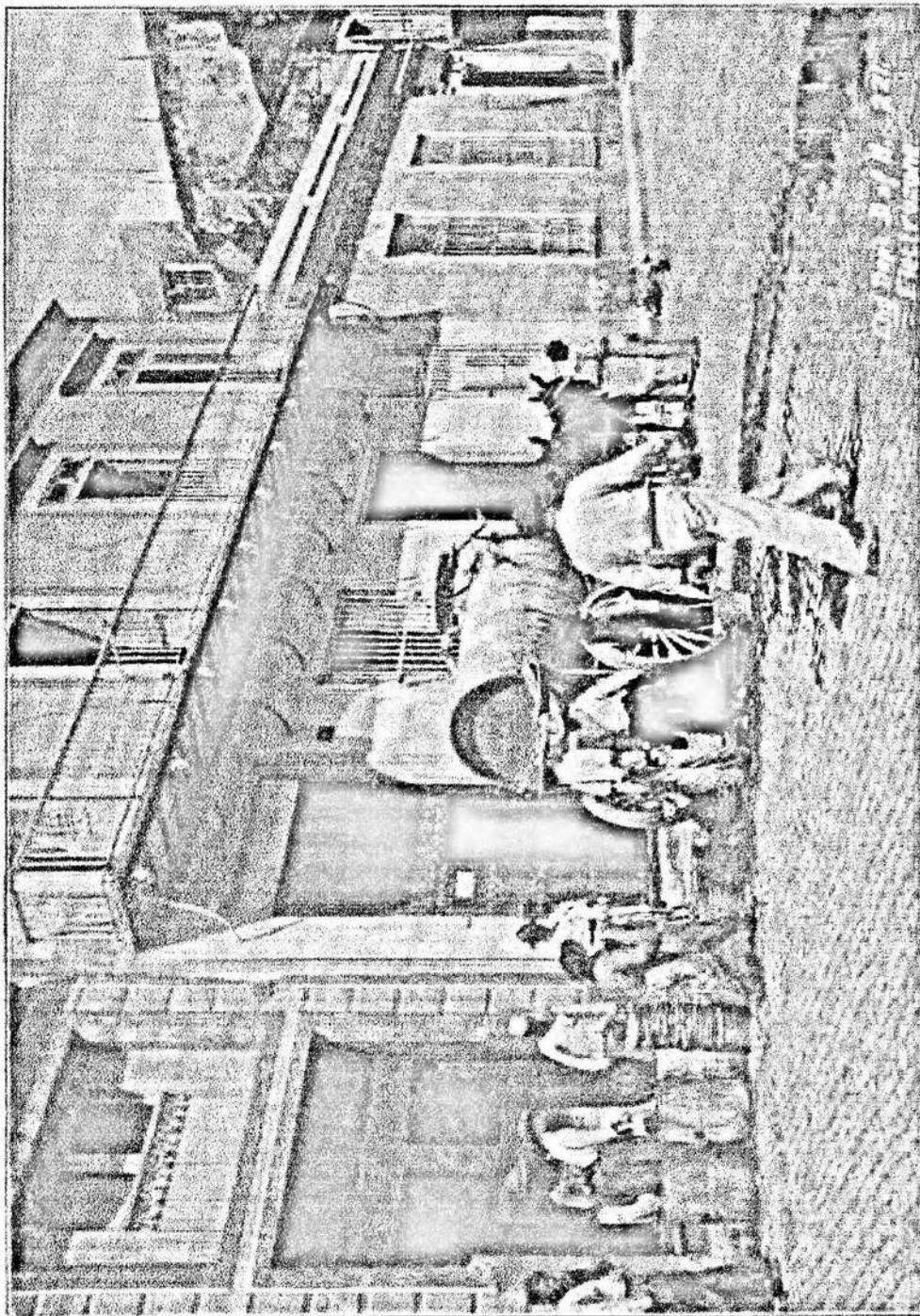
As frases são geralmente construídas com sujeito indeterminado, que impõe ao discurso um distanciamento do articulador da fala, dando ao leitor a impressão de imparcialidade e, conseqüentemente, legitimando-se por maior isenção e precisão de conteúdo informativo. Por outro lado, a utilização de artigos e pronomes indefinidos, tais como "uma rua", "muitos", "alguns", propõe, através de exemplos, um conceito de cidade.

Mas o discurso principal da reportagem é certamente o imagético. A reportagem apresenta nove fotos intercaladas com o texto escrito e seriadas de maneira que o leitor possa acompanhar o processo de

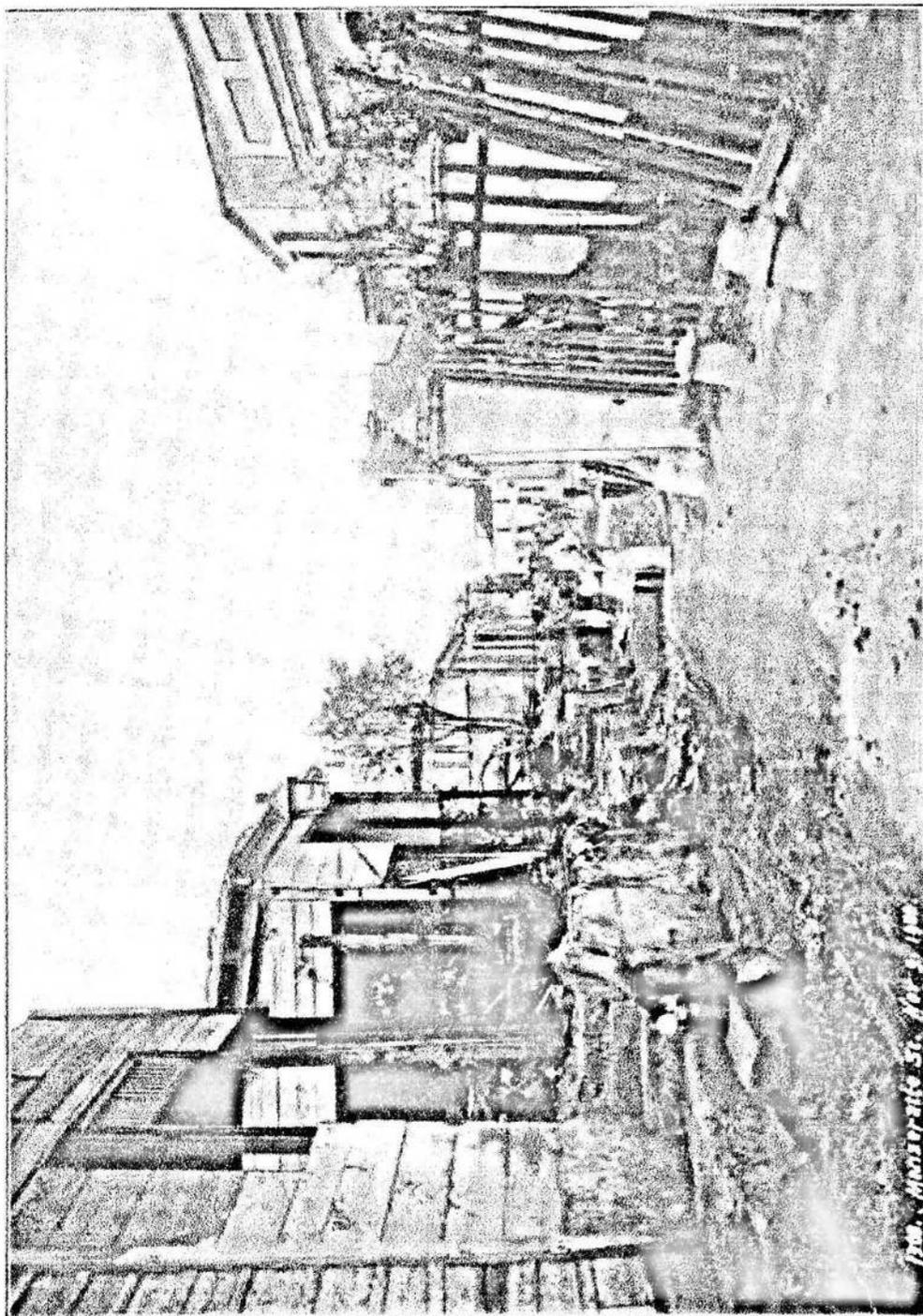
transformação sofrido pela cidade (como era e como ficou). Todas as imagens referem-se, segundo a reportagem, à cidade de Havana.

A primeira foto da série (**foto 67**) tem como tema uma rua (rua com uma carroça). O fotografo está em um dos lados dessa rua, em uma calçada, e a imagem foca o outro lado, composto por construções de alvenaria. O prédio principal é um sobrado. Aliás, todos, exceto uma das edificações, são sobrados. As janelas são guarnecidas com grades de ferro. As paredes não estão pintadas. A rua tem calçamento de paralelepípedo e as calçadas são estreitas. Na rua, vê-se uma dúzia de homens fazendo fila indiana atrás de uma carroça pipa. O corte da foto interrompe a identificação completa da fila, provavelmente, há mais gente, porém, não é possível vê-los. Todos os homens usam chapéu com aba. Do lado esquerdo, ao lado dos homens, vêem-se recipientes para líquido, baldes. Entre a carroça e o lado oposto da rua, há uma mancha de líquido escorrendo e formando uma poça. A foto tem um só plano. As rodas da carroça são de madeira, bem como o material que compõe o tanque onde se encontra o líquido.

O tema da foto número três (**foto 68**) é uma rua da cidade (Monseratte). O ângulo escolhido é vertical. A foto foi colhida por quem está no meio da rua, possibilitando a visão completa de ambos os lados desta. No lado esquerdo, vêem-se casas/ barracos que se colocam em plano mais elevado que o leito carroçável. As casas são de madeira, em más condições de uso, provavelmente residencial (não há placas nem movimento que indique comércio ou atividade econômica); tábuas quebradas e lixo espalhado compõem a cena. Verifica-se também grande concentração de entulhos entre uma casa e outra. No primeiro plano, há um poste de luz e, atrás, uma pequena árvore. No centro da imagem está a rua propriamente dita, de terra batida, em terreno desnivelado. A parte mais próxima do lado esquerdo parece mais funda, provavelmente em virtude de corrimento de água, o que faz o terreno parecer ainda mais irregular. Há degraus, cinco, separando o leito carroçável das casas. Entre a rua e as casas não há cercas, o acesso é livre. No meio da rua, várias pessoas. A primeira é um



No. 1. Cleaning Houses on Officios Street, Habana



No. 3. Before American Occupation

The wretched shanties on the left were breeding dens of disease

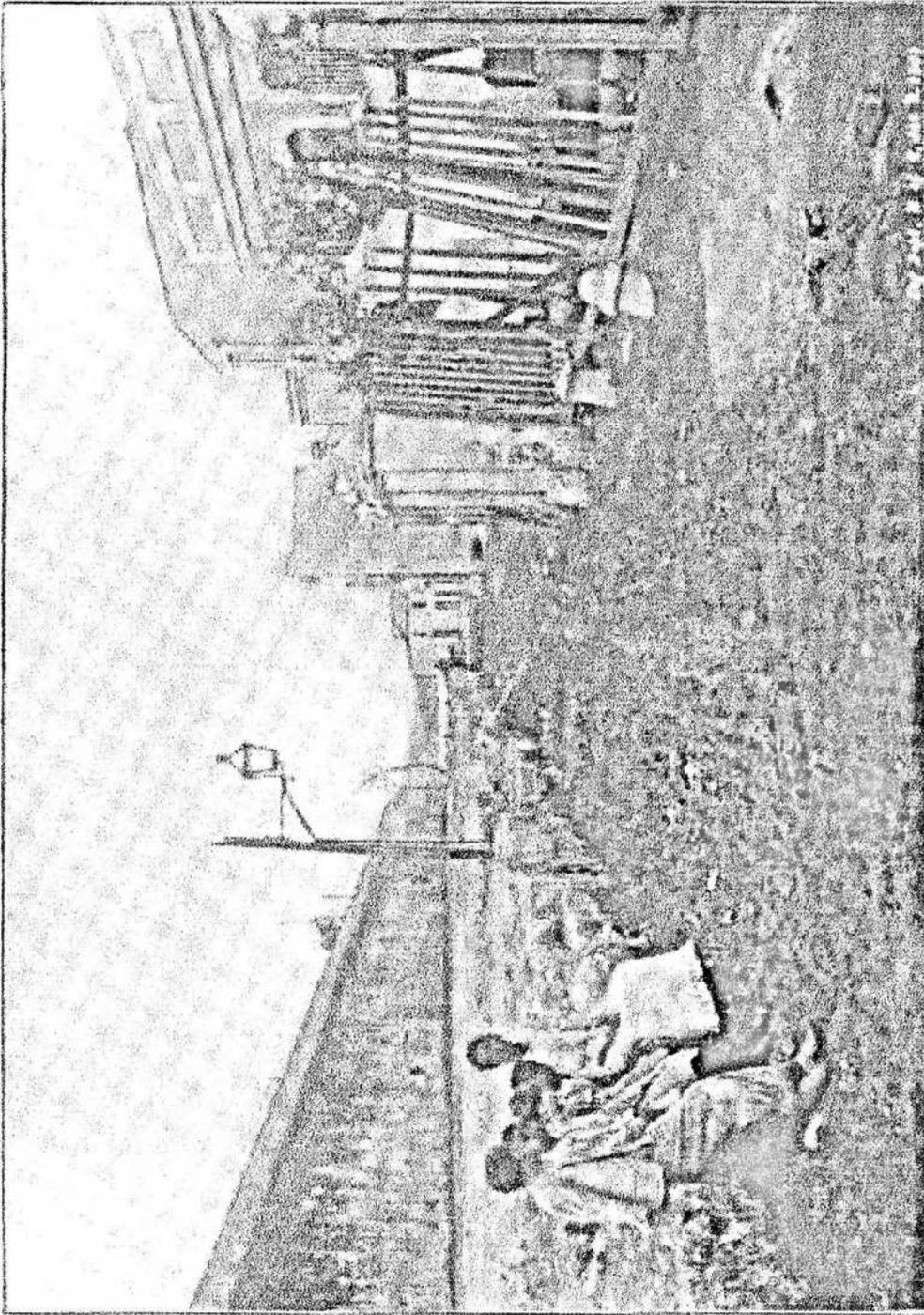
homem, maltrapilho e carregando um regador, que indica tratar-se de um morador. No fundo, outro homem e uma criança, e, atrás, vêem-se populares até o final da rua.

Do lado direito da rua identifica-se apenas uma casa, de alvenaria e de grande porte. Essa foto vem com as seguintes inscrições: novembro de 1900, e o nome da rua.

A foto seguinte (foto 69), é do mesmo local e ângulo. No lado esquerdo, todas as casas de madeira foram removidas, assim como o entulho e, ao fundo, percebe-se apenas um poste de iluminação e um espaço vazio. Há um muro de alvenaria que provavelmente já estava lá, porém ocultado na primeira foto pelas casas. Entre os degraus e o centro há crianças sentadas, descalças. No centro, o leito carroçável está limpo. O chão permanece de terra. O piso, porém, está uniforme, sem o declive do lado esquerdo da rua.

As fotos 70 e 71 referem-se a uma praça (Colon Park). Na primeira imagem, vê-se apenas uma densa vegetação, composta por arbustos e outras plantas médias. Há um caminho calçado e estreito. A legenda da imagem tem os seguintes dizeres: "uma seção do Colon Park, Havana, quando os Estados Unidos assumiram a cidade". Na foto número 68 vê-se um cenário completamente diferente. Trata-se de uma praça, há o desenho de caminhos calçados por pedras, gramados (gramas baixas, aparadas), árvores (palmeiras e cactos), além de dois bancos de ferro no centro da praça, local de convergência desses caminhos.

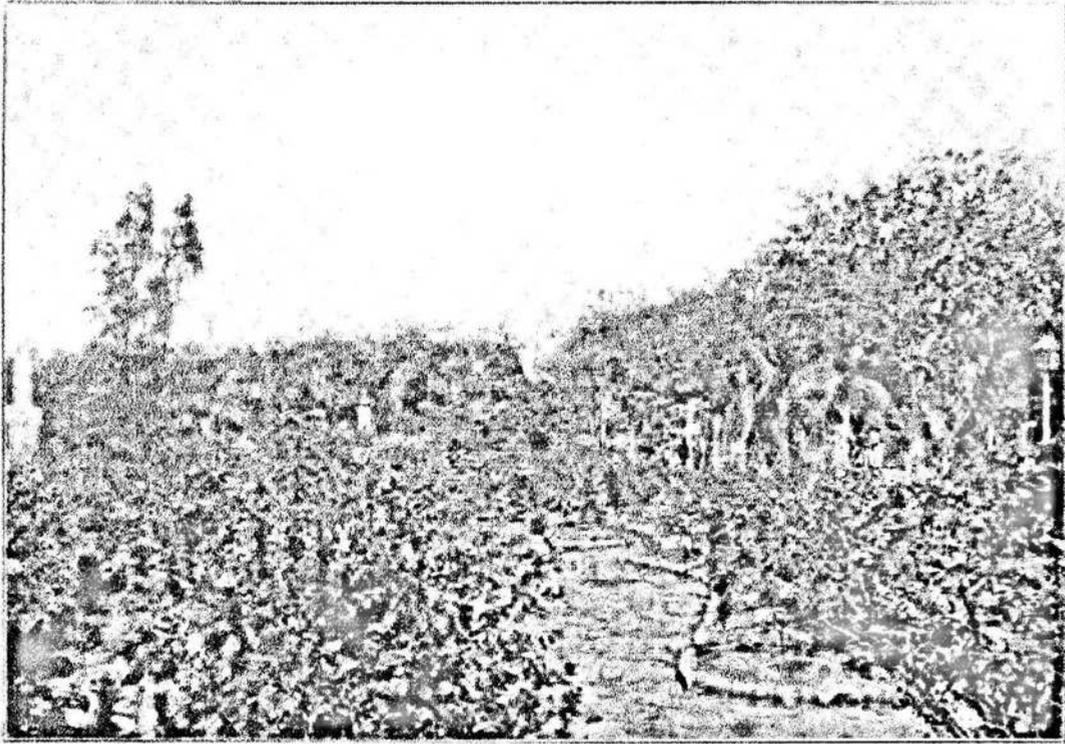
As fotos 72 e 73 tratam de outra rua da cidade, não identificada pelas legendas. A foto 72, nos padrões das fotos três e quatro, é frontal, podendo-se ver os dois lados da rua, onde há imóveis residenciais de alvenaria e com janelas grandes, ocupando praticamente toda altura do pé direito. Não há espaços vazios entre as casas, todos os terrenos estão ocupados. Vê-se do lado direito um poste de energia elétrica. As guias que separam a calçada da rua são altas, dividindo bem os espaços. A rua é de terra e tem dois grandes buracos no primeiro plano, acompanhados por outros tantos no decorrer da rua até seu final. Há marcas de pneus/rodas no



No. 4. After American Occupation

The shanties have been cleared away

Foto 69



No. 5. A Section of the Colon Park, Habana, when the United States Officers Assumed Control of the City.

When the United States troops entered Habana the building shown in picture No. 2, though intended for a hospital, was notorious as probably the most vile building hygienically in the world. Between 60 and 70 per cent of the patients carried there died within its walls. Even the American doctors shunned the place, and soldiers passing literally held their breath. The first thing the American officers did was to cleanse it from top to bottom; then they put several thick coats of whitewash on its walls, and made the building, which is as large as two city blocks, as spick and span as a Yankee kitchen. The hospital is now used as a school house for 700 children. The top floor has been remodeled into school rooms, and furnished throughout with the latest American improvements. A gymnasium with

a complete equipment, was added, and the basement turned into a warehouse. Today there is not a healthier spot in Habana than this building, which for years had been a hot-house of vice and disease.

The hovels on the left, in picture No. 3, were formerly breeding dens of disease. They had been built on public parking by some investor who had bribed the Spanish officials to overlook his appropriation of public property. The miserable huts were crowded with the refuse of humanity, and the investor and disease had reaped equally rich harvests. One of the first things the new administration did was to tear down the row. Picture No. 4 shows the transformation. The high wall on the left is a part of the old city wall, of which only this small section remains.



No. 6. The Same Section of the Colon Park a Few Months Later

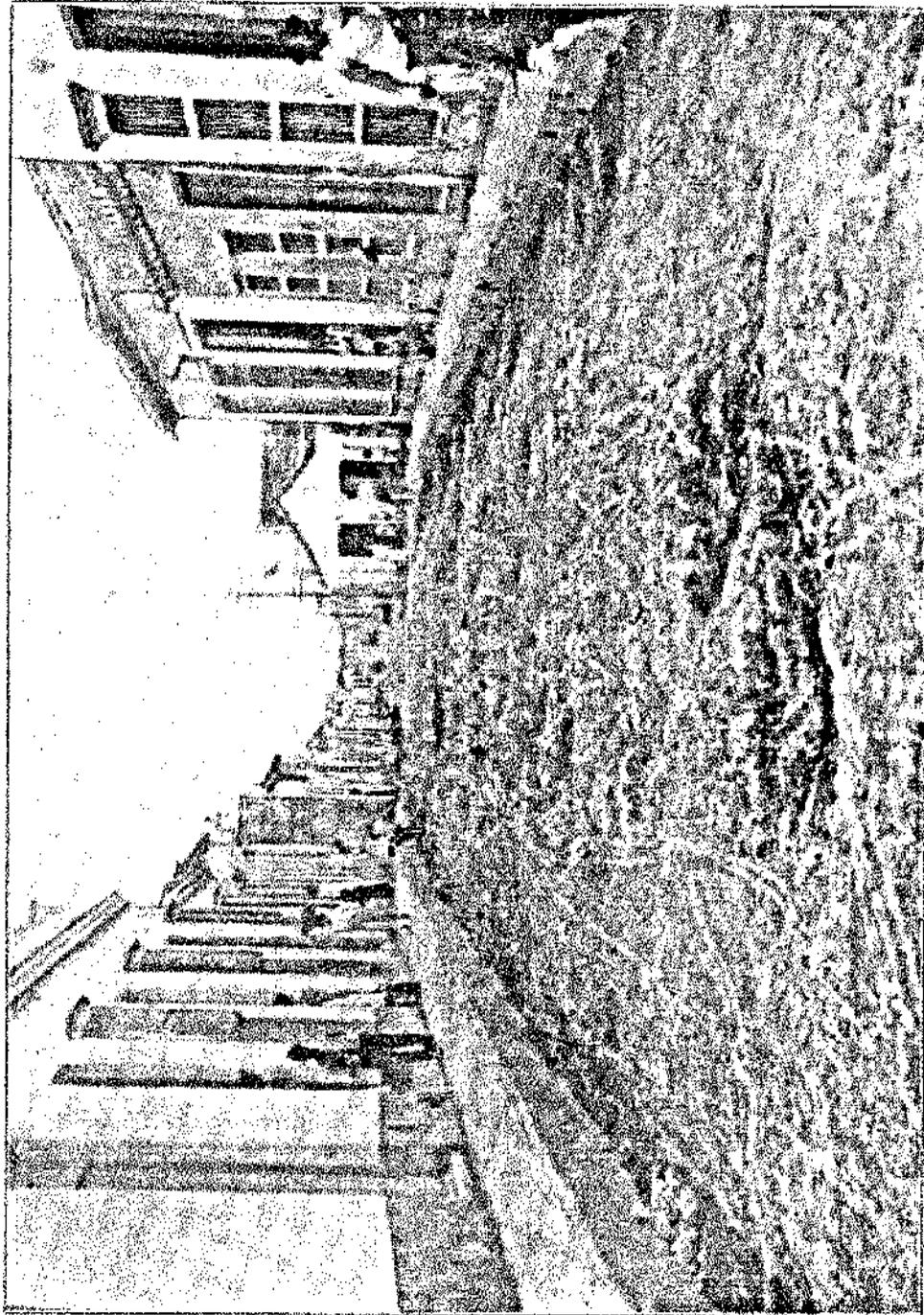
The parking inside the wall belongs to the people.

The former condition of Colon Park is shown by picture No. 5. The park had run to weeds and coarse grass. It was not only unattractive because of its general untidiness, but quite unsafe for women and children. At night-time it was haunted by thieves and thugs. To pass by after dark was to risk being held up and robbed of one's purse or even of one's clothes.

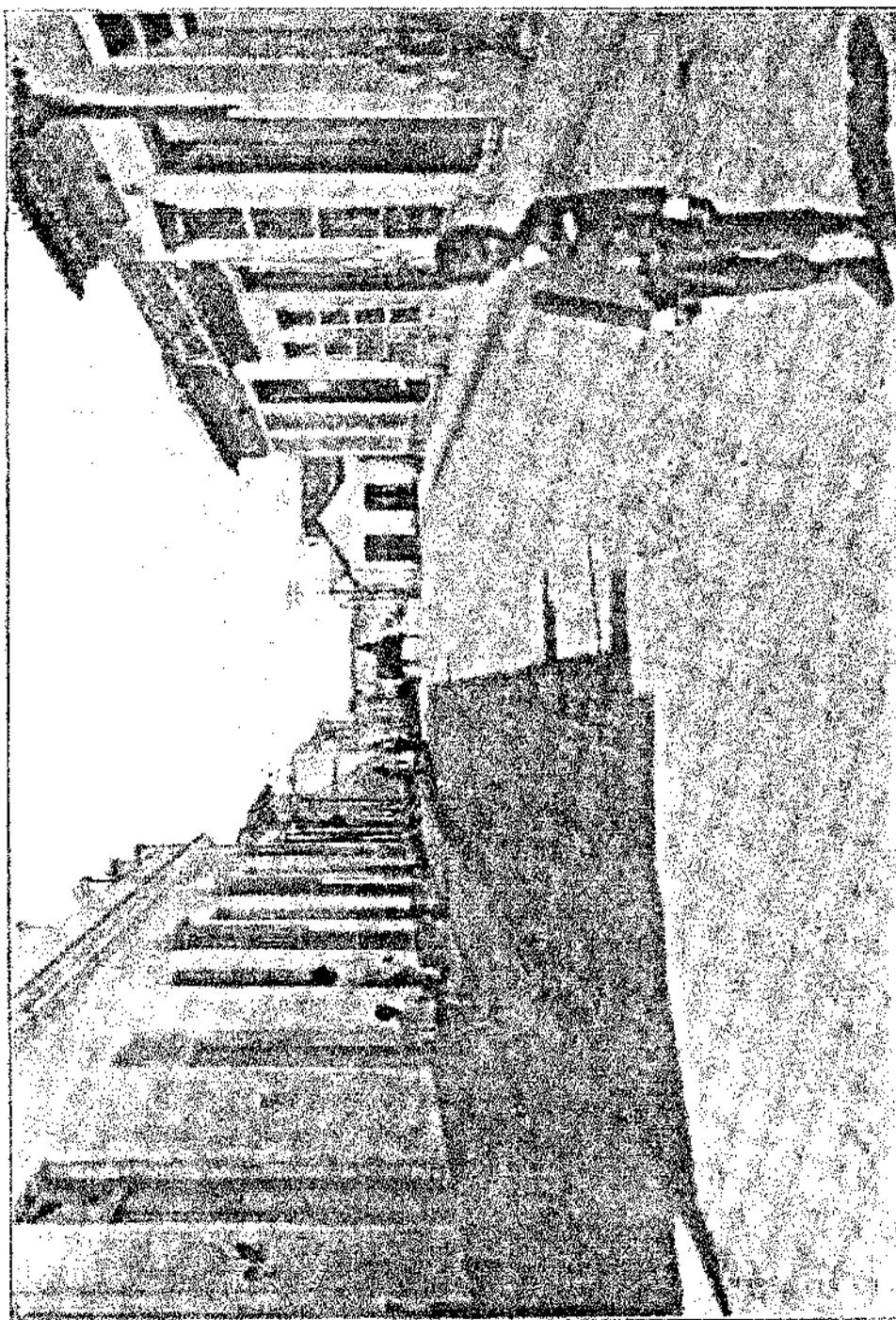
Today the park is one of the pleasure spots of Habana. Children and nurse girls throng the walks in the daytime. In the evening it is a popular promenade for the people. The walks have been cleaned, the grass and trees trimmed, new trees and shrubs planted, benches have been placed under the trees, and at night-time electric lamps keep the park bright and safe.

Picture No. 7 represents a typical street of Habana in 1898. This street was then regarded as quite a good one. Picture No. 8 shows the same street after the American officers had been in the city a few months. The holes and stones have disappeared and in their stead is a hard, smooth, well drained way. One hundred and twelve miles of streets in Habana and its suburbs have undergone this transformation. The width of the streets ranges from 4.4 meters to 13 meters.

The engineers had a problem on their hands to remake such narrow thoroughfares without blocking the traffic, but they solved the problem, and the work progressed rapidly without interruption to the stream of carts and vehicles. During the repairing of one street, which was only 4.4 meters wide, between the hours of 6 a. m. and 6 p. m. Major



No. 7. A Street in Halabam Before United States Occupation



No. 8 The Same Street After Twelve Months of United States Occupation

chão, o que indica circulação constante, mas não há, no primeiro plano, qualquer veículo, apenas, no final da rua, vê-se uma carroça. Em um lado da rua, nas calçadas, há grande quantidade de pessoas (homens, mulheres, crianças) mas é difícil defini-las, pois não aparecem seus rostos. Do lado direito, percebe-se uma figura humana carregando uma cesta na cabeça. Tanto do lado direito quanto do lado esquerdo, vêem-se, no primeiro plano, homens negros. Em baixo da foto, a legenda: "Uma rua de Havana antes da ocupação norte americana."

Na foto número 73, temos a representação da mesma rua sob o mesmo ângulo. Não há qualquer mudança com relação às casas (não existe alteração do número, não há sinais de reformas dos prédios). O leito carroçável, porém, está completamente alterado. A primeira diferença é que se encontra uniforme, sem buracos na rua. Verifica-se que houve revestimento do piso, provavelmente asfalto, isto porque, além da regularidade do piso, é notória a aplicação de uma camada, pois a diferença para o meio fio é maior. A foto parece ter sido tirada pela manhã ou ao entardecer, pois vê-se grande sombra na rua. No lado direito, há um menino, trajado com paletó e gravata, único elemento humano com rosto definido. No segundo plano, outro menino, com sapatos; no fundo, uma carroça vindo na direção do fotógrafo.

Na foto número 74, vê-se a praia da cidade, identificada como Prado Pomerand. Do lado direito, ao fundo, pode-se identificar o mar. Do lado esquerdo, ao fundo, a cidade. No centro da foto, vê-se uma barragem separando mar e cidade. Essa alta barragem se desdobra por toda orla da praia. No lado de dentro da barragem há um caminho acompanhando a barragem, com piso pavimentado e bancos/acentos, ocupados por pessoas bem vestidas.

O material visual da reportagem é sensivelmente extenso. Das dez páginas que compõem a matéria, nove são ocupadas total ou parcialmente por fotos. O discurso iconográfico é eloqüente na

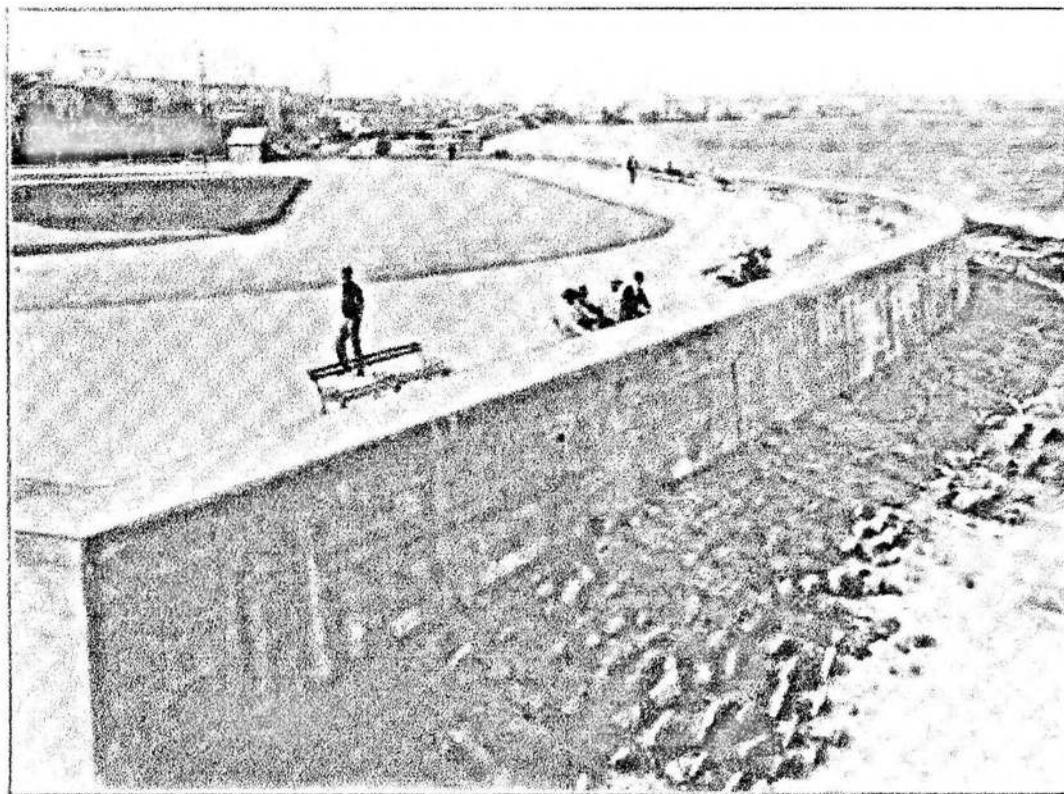
Black counted 2,371 vehicles passing one point; during the busiest part of the day 324 passed in a single hour. On another street, 6 meters wide, 2,500 vehicles passed a certain point in one working day.

The streets were washed as thoroughly as the houses, 33,000 gallons of electrozone often being used in one day for this purpose. This electrozone proved very effective, and is a comparatively new idea in street cleaning. It had been used in New York previously with partial success. Major Black heard of it and succeeded in introducing it into Cuba. Electrozone costs very little, as it is made by the electrolysis of sea water by the cheap process discovered by an American several years ago. Two strengths were used; one, of a very strong quality, for a disinfect-

ant, and the other, of a weak quality, for a deodorizer.

The magnificent sea wall and promenade shown in picture No. 9 was built under Major Black's personal direction. The promenade is placed at the end of the Prado, the wide avenue which is a favorite drive of the inhabitants. Formerly the beach was the dumping ground of everything offensive to the nose and eye. The stones in front of the wall are designed to break the force of the surf. When the plan of building this wall was announced a great outcry arose about American extravagance, and the government was charged with scheming to squander a quarter of a million dollars of the people's money.

As a matter of fact, the wall cost about \$100,000. Its cheapness has been a wonder to the citizens of the town,



No. 9. The Sea Wall Built at the End of the Prado Promenade by Major Black

caracterização da cidade antes da intervenção para demonstrar as mudanças modernizantes empreendidas pelos norte-americanos.

As primeiras fotos têm função clara de indicar como era a cidade de Havana, em 1898, com suas características originais. Assim como o texto, com o qual se articula harmoniosamente, o material visual apresenta a cidade como local de atraso, perigo e desordem.

A primeira foto que inaugura a reportagem (**foto 67**) traz uma rua da cidade. Pode-se inferir tratar-se de rua central em virtude da presença de calçamento (paralelepípedos), bem como pela ocupação verticalizada do espaço urbano e presença de sistemas de segurança nas janelas (grades de ferro protetoras, indicando o medo do risco dos moradores de sofrerem furtos/roubos), sinal de razoável poder aquisitivo dos proprietários (ao mesmo tempo que temem sofrer violência, possuem recursos para se defenderem). A imagem central da foto é uma carroça, com uma fila de homens atrás. As rodas do veículo são feitas de madeira, sem a inovação (já difundida) de pneus de borracha. Além disso, o tanque que carrega o líquido também é feito do mesmo material, como um barril deitado. Nos países de forte industrialização, era comum o uso de ferro e aço na composição de equipamentos deste tipo (principalmente empregado para o transporte de líquidos). A carroça era, portanto, um instrumento obsoleto para os padrões sócio-culturais norte-americano da época (exatamente o público receptor dessas imagens), um símbolo de atraso da sociedade cubana, a qual se coloca em torno do referido objeto (a fila de homens). Em todas as fotos apresentadas não existe qualquer veículo com tração a motor, todos que aparecem nas imagens são de tração animal.

Mais ainda, a associação imagética de tal meio de transporte com ruas esburacadas, remete o leitor à deficiência do sistema de transporte, um requisito que seria indispensável para uma economia mais pujante. Aliás, não se verifica nas imagens qualquer indicação nos edifícios e mesmo nas cenas urbanas de atividade mercantil. Não há letreiros ou placas indicando lojas, fábricas, bancos ou mesmo mercados; sendo, portanto, notória a

ausência, nestas imagens, de atividade econômica. Mesmo o comércio local, certamente existente, não aparece no ângulo fotográfico escolhido. Na imagem das ruas não se verifica nem se sugere qualquer atividade produtiva, o que reforça a sensação de estagnação econômica da sociedade retratada.

Além da carroça, a presença de determinados objetos materiais, e a ausência de outros, parecem significativas para a construção da idéia de atraso. Neste sentido, objetos de madeira, por exemplo, estão presentes em quase todas as fotos que se propõem mostrar o atraso do país. O ferro ou aço, por sua vez, têm presença garantida naquelas que demonstram o progresso norte-americano, como, por exemplo, o banco de ferro da praça reformada (**foto 71**) ou os bancos do passeio na Praia.

As fotos não trazem imagens de doenças. Apesar de ocuparem boa parte do texto, são omitidas no material visual situações que poderiam ilustrar esta característica (por exemplo, imagens de enfermos em hospitais). Mas a sujeira (situação que provoca as doenças) ocupa praticamente toda a cena das fotos **68 e 70**.

Como no texto escrito, as imagens de perigo e insegurança são notórias. A foto número **70**, que representa o parque, mostra um local tomado pelo mato. Da imagem, vê-se apenas a vegetação, mal cuidada e ocupando toda a cena. Mais uma vez, a força da idéia de desordem aumenta quando vista em conjunto com a foto seguinte, que apresenta o ajardinamento da praça (a ordem). Esse processo de ajardinamento simboliza o próprio controle da natureza pela civilização, algo que faltava na Cuba administrada pelos espanhóis.

Tais imagens da praça, associadas às imagens das ruas, sugerem claramente a ausência do Estado (responsável pela manutenção desses logradouros) em Havana. Nesse ponto, fica clara a ausência ou precariedade dos espaços públicos da cidade, reflexos da inexistência de patamares mínimos de cidadania. O espaço público não servia para relações sociais ou servia apenas para relações ilícitas (assaltos).

Além dos espaços físicos, a presença humana no conjunto imagético é importantíssima para a construção da idéia sobre o país.

Na primeira foto, verifica-se apenas a presença de homens com chapéus de abas longas. Esse elemento é repetido nas demais fotos e forma uma constante, estabelecendo um tipo social. O objeto, chapéu de abas largas, tem a função de proteger a cabeça dos raios solares, o que remete à percepção de local de clima quente, portanto, um país tropical. A atividade desempenhada pelos homens na foto 67 precede o ato físico de carregar latas de água, uma atividade menos nobre no universo de trabalho da época. A repetição desse personagem (homens com chapéu de abas largas) em outras fotos, somada ao fato de serem imagens diurnas (período de trabalho) e de tratar-se de homens jovens (em condições de trabalho), cria uma constante na identificação do homem cubano com o trabalho braçal diurno. Mais ainda, as vestimentas não trazem qualquer indício de atividade industrial (ausência de uniformes).

Ainda sobre as figuras humanas das fotos, é notória a constante presença de grande quantidade de pessoas (especialmente crianças) maltrapilhas e com os pés descalços. A vestimenta acompanha a transformação sofrida pela cidade. As fotos caracterizadoras de Cuba antes da ocupação norte-americana mostram pessoas maltrapilhas. Nas imagens seguintes, após o processo de limpeza da cidade, impera a presença de pessoas bem vestidas (paletó e sapatos).

As imagens humanas são frontais, porém, não focam diretamente o rosto dos habitantes. São colhidas de lado ou à distância, de maneira a identificar a presença, mas não a individualidade do transeunte. Uma exceção é a foto número 8, onde aparece um menino vestido de paletó. Essa presença simboliza, em contraste com a foto anterior, a interferência no comportamento e hábitos (leia-se: processo civilizador) decorrente das transformações materiais da cidade. A imagem do menino, isolado na rua asfaltada, fornece uma idéia melhor de individualidade, de personalidade (aquela criança é um *sujeito* e não um *tipo* social), surgindo em meio à

transformação modernizadora. A criança simboliza a nova Cuba pós intervenção. Além dos trajes sofisticados, trata-se de uma criança branca, outra exceção no conjunto das imagens humanas, posto que todas as demais pessoas retratadas são negras ou mulatas (o que não deixa de ser uma contradição com os dados da imigração de origem europeia que a Ilha estava recebendo no período, sobretudo de espanhóis).²⁰⁶

E os recursos técnicos do suporte foram decisivos. As fotografias foram colhidas no plano vertical e frontal. Esse ângulo facilita a identificação de detalhes, mais do que percepção de conjuntos ou de relações mais amplas, possibilita a captação de pormenores, elegendo-os como elemento central da mensagem visual.

O procedimento é identificável em praticamente todas as fotos que visam caracterizar a cidade. A exceção é a foto número 74, onde é mostrada a construção realizada pelos norte-americanos na cidade. Esta foto é única do local escolhido (não se insere na série das duplas – “antes” e “depois” - que retrata o processo de transformação da cidade). O enquadramento diferenciado da imagem cumpre sua finalidade informativa. A foto em questão mostra não só a obra arquitetônica ianque, mas transmite a própria idéia de progresso. Colhida de cima para baixo, e com considerável distância, a fotografia permite sobrepor o processo geral ao detalhe; é, dessa maneira, mais apta para transmitir a idéia abstrata do progresso.

A disposição das fotos no jogo “antes” e “depois” é um recurso importante da editoração da reportagem. Isso porque as referidas fotos têm a função declarada de servir como prova de um processo que ocorreu na cidade. De um lado, a foto, enquanto registro mecânico do fato, fornece aos olhos do leitor uma certeza da veracidade do acontecimento, graças à sua

²⁰⁶ Nas palavras de Nicolás Sánchez-Albornoz: “(...) alguns países latino-americanos se beneficiaram da migração europeia em massa. Em ordem de importância, foram a Argentina, o Brasil, Cuba, o Uruguai e o Chile.(...) Pouco menos de 600 mil pessoal se fixaram em Cuba e o mesmo número no Uruguai”. SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolás, “A População da América Latina, 1850-1930”. Op. Cit., p. 183.

identidade física com o objeto fotografado²⁰⁷; porém, de outro lado, cada foto “captura” apenas uma pequena fração de tempo. Essa identidade física só pode ocorrer em um espaço determinado e em um tempo preciso (aqui e agora)²⁰⁸. Assim, uma única foto dificilmente mostraria o tema central da reportagem (progresso norte-americano em Havana), mas uma seqüência, da forma como foi editada pela revista – graças aos rodapés existentes nas próprias fotografias com datas e às expressões “antes” e “depois”, que garantem a seqüência cronológica dos acontecimentos – apresenta-se como prova irrefutável da transformação da cidade pela ação norte-americana.

Todas as fotos são de situações urbanas. A escolha desse enfoque demonstra a primeira escolha do produtor da imagem. As fotos foram colhidas para uma finalidade específica, qual seja, demonstrar o progresso que Havana sofreu a partir da ocupação norte-americana na Ilha. E progresso, em termos da sensibilidade norte-americana da época, media-se pelo desenvolvimento da cidade, pela expansão e transformação do espaço urbano na direção de assumir contornos e feições da cidade vocacionada para a atividade industrial. As idéias de atraso, de doença, desordem e de ociosidade para caracterizar Havana e os cubanos ficam claras não apenas no discurso direto das imagens escritas e iconográficas, como nas estruturas internas desses sistemas de comunicação e na articulação entre eles. Além das evidências nas escolhas dos objetos e temas fotografados, a repetição constante de expressões e palavras que remetem à idéia de atraso e desordem são acompanhadas pelo conjunto de imagens reafirmando os mesmos temas, compondo um único discurso sobre o país latino-americano. Cuba, na reportagem, não é um espaço dinâmico de relações, não traz complexidade de uma sociedade rica em contradições ou viva em seu processo cultural. Havana e seu habitante aparecem conceituados por tipos e esteriótipos. Não só pelo título ou teor do texto

²⁰⁷ Sobre o caráter indiciário da foto, ver DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico*. Campinas, Papyrus, 1994.

²⁰⁸ SANTAELLA, Lucia e WINFRIED, Noth. *Imagem. Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo, Iluminuras, 1998, p.126.

escrito, mas também pela seqüência da articulação das imagens, o progresso foi algo apresentado como elemento externo ao país, imposto de fora para dentro.

A reportagem marcava o fim da intervenção oficial dos Estados Unidos na Ilha. A permanência a partir daquele momento era apenas uma tutela à distância, porém documentalmente legalizada pela própria Constituição cubana, a já referida emenda Platt.

Mas o fim da intervenção não representou o fim de matérias sobre Cuba. A revista, com espaços regulares, publicava artigos, ou mesmo pequenas notas, demonstrando as repercussões benéficas alcançadas pelo país hispânico graças à gestão americana. O enfoque usava sempre o atraso daquela sociedade como ponto de partida. No mesmo número da matéria acima, a revista publicou outra reportagem sobre estradas de ferro em Cuba, obra norte-americana, que introduziu aquele meio de transporte, ainda desconhecido dos cubanos.²⁰⁹ Quatro anos e meio depois, em outubro de 1906, com o título "Cuba – The pearl of the Antilles", a revista reafirma todos os termos da reportagem de 1902. No sub-título do artigo, "Results of United States Occupation", resumiu a participação norte-americana na Ilha da seguinte forma:

"The occupation of the island by the United States authorities, or "intervention", as it is termed in Cuba, lasted for about three years and a half – from January 1, 1899, to May 20, 1902. The intervention was undertaken solely in order to protect the Cubans from molestation from outside while they were recovering from the wounds and ravages of war, and to assist them in putting their new house in order. As soon as this was accomplished and a "stable government" established in the new republic, the intervention was withdrawn."²¹⁰

²⁰⁹ O título da reportagem era *Cuban Railways*, assinada por Albert G. Robinson, p. 108

²¹⁰ "Cuba – The pearl of the Antilles", outubro/1906, p.536. "A ocupação da ilha pelas autoridades dos Estados Unidos, ou 'intervenção', conforme é chamado em Cuba, durou cerca de 3 anos e meio – de 1 de janeiro de 1899 a 20 de maio de 1902. A intervenção foi responsabilidade única para proteger os cubanos de serem molestados enquanto estavam se recuperando de suas feridas e destruições da guerra, e para ajudá-los a colocar sua casa

E o artigo segue com um longo cardápio das benesses introduzidas, desde a limpeza e erradicação da febre amarela, melhoria no sistema de transporte, educação, ou ainda, modernização das instituições judiciárias e civis, introduzindo o casamento civil e os direitos individuais, práticas difundidas nas sociedades “civilizadas” e desconhecidas no país. Repetindo os mesmos temas, quase sete anos depois, em fevereiro de 1909, no artigo “Condition in Cuba as Revealed by the Census”, a revista informa os resultados da intervenção norte-americana, tais como o aumento da população, ressurgimento de universidades e melhoria geral da economia.

A quantidade de reportagens com essa formatação esteve, talvez, na razão direta do interesse da revista em legitimar os procedimentos dos Estados Unidos. Se a reportagem de 1902 sobre Cuba teve um caráter exemplar, pois criou um padrão que foi seguido nas décadas seguintes, foram as reportagens sobre o Panamá a principal atração da revista nos primeiros anos do século.

O Canal do Panamá

Entre 1899 e 1914, a revista publicou nada menos do que trinta e duas reportagens sobre o canal do Panamá. Mesmo naqueles números que não traziam reportagem, havia sempre uma nota sobre o assunto. Apesar das divergências entre os norte-americanos sobre os métodos utilizados pelo governo Roosevelt para garantir o domínio sobre o Istmo, a *National*, nas mais de quatrocentas páginas que dedicou ao Canal, não apresentou uma única linha posicionando-se abertamente sobre os métodos

em ordem. Assim que isso estivesse feito e o ‘governo estável’ estabelecesse sua nova

de apropriação da região. A empreitada norte-americana à época foi um dos maiores exemplos de arrogância da política externa ianque em sua relação com os países latino-americanos.

Após a falência da companhia francesa, dirigida pelo engenheiro Fernand Lesseps, Theodore Roosevelt, percebendo as vantagens estratégicas de dar começo a uma grande construção cortando o istmo, decidiu-se por pagar 40 milhões de dólares pelas ações da antiga companhia francesa falida. Depois dos tratados Hay-Pauefote, a Inglaterra não somente desistiu de ser sócia na construção de um conduto interoceânico, como também aceitou que os Estados Unidos fortificassem militarmente a futura Zona do Canal. Livre dos impedimentos internacionais, Roosevelt tratou de obter a permissão do Congresso para iniciar as obras (Lei Spooner).

Como a concessão que havia dado à companhia de Lesseps estava para findar em 1903, o governo da Colômbia esperava pelo fim do contrato para revê-lo a um preço mais compensador. Roosevelt entendeu o gesto dos colombianos como uma extorsão. Em carta a um amigo, Chales Lumms, afirmava:

“As piores características da Espanha do século XVII, e ao pior da Espanha sob Felipe II, a Colômbia acrescentou sua própria selvageria esquálida, e combinou com detalhado requinte as piores formas de despotismo e anarquia, de violência e fraqueza, de incrível ignorância, crueldade, traição, cobiça e absoluta vaidade. Não posso sentir muito respeito por um país como esse.”²¹¹

Mais tarde, extraoficialmente, o presidente americano retomou o assunto:

“Falar da Colômbia como uma potência responsável com a qual se lida como se estivesse lidando com a Holanda,

república, a intervenção foi retirada.”

²¹¹ SHOULTZ, Lars, *Op.cit.*, p. 190.

a Bélgica, a Suíça ou a Dinamarca é um mero absurdo. A analogia é com um grupo de bandidos sicilianos ou calabreses; tal qual Villa e Carranza atualmente. É tão possível fazer um acordo com os dirigentes colombianos como pregar geléia de amora na parede"²¹²

Assim, descartado por Rossevelt um acordo com o governo colombiano, a decisão foi simplesmente separar daquele país a região do futuro Canal. Em outubro de 1903, os funcionários da companhia sediada no Panamá, aliados a José Augustin Arango, o representante da *Panama Railroad Company*, chefe da junta local, foram estimulados a criar um movimento separatista, proclamando a independência da região do Panamá. Vindo em socorro desse pseudo-movimento autonomista, os fuzileiros norte-americanos, a bordo do encouraçado *Nashville*, desembarcam em Cólón, impedindo a reação dos colombianos. Ironicamente, os Estados Unidos alegaram estarem cumprindo com dispositivos de um antigo tratado, o Bidlack-Mallarino, firmado em 1846, que permitia-lhes auxiliar a Colômbia a restabelecer a ordem caso a área do istmo estivesse conflagrada por alguma desordem qualquer. Impressionante foi a cronologia dos acontecimentos. A "revolta" separatista eclodiu no dia 03 de novembro. No dia seguinte, a milícia, sob a proteção da esquadra norte-americana, declarou a independência do país. No dia 06 do mesmo mês, o governo de Washington já havia reconhecido o novo país. Doze dias depois, firmou-se em Washington o Tratado *Hay - Bunau Varilla*, também chamado de *Isthmian Canal Convention*, que dava aos Estados Unidos o domínio perpétuo sobre uma zona de 16 km de largura através do istmo, de um costa a outra²¹³. Em troca, os Estados Unidos da América pagariam dez milhões de dólares e um arrendamento de 250 mil dólares anuais aos panamenhos. Em 1904, assumindo o protetorado sobre o Panamá, o governo americano tomou

²¹² Idem ibidem.

²¹³ LEUCHTENBURG, *Op. cit.*, p. 153.

posse formalmente da Zona do Canal, dando início às obras que seriam concluídas dez anos depois, em 15 de agosto de 1914.

Todos esses acontecimentos passaram ao largo das reportagens da *National Geographic*. A história do Canal contada pela revista adotou a estratégia de somente descrever a ordem cronológica oficial dos acontecimentos: a falência da empresa francesa de Lesseps, ressaltando as razões de seu insucesso; a data da cisão entre o Panamá e a Colômbia – sem descrever qualquer pormenor da decisiva participação norte-americana no evento; e a assinatura do acordo entre o novo país e os EUA. A apresentação sintetizada e “objetiva” dos fatos que antecederam o início das obras foi substituída pela descrição pormenorizada do processo de sua construção: o volume de capital investido, a quantidade de engenheiros e trabalhadores envolvidos, as máquinas, as técnicas empregadas, a quantidade de terra removida, as dificuldades oferecidas pela região e a maneira como foram vencidas, além do funcionamento da obra e sua importância econômica.

O Canal tornou-se verdadeira atração para a revista, um exemplo acabado da modernidade norte-americana exportada para fora de seu território. O tom das matérias foi de redenção do povo atrasado via progresso tecnológico ianque.

Em outubro de 1905, a revista publicou uma reportagem sobre o Canal cuja estrutura e forma de apresentação se repetiu nos números seguintes, quando voltava ao tema. Com o título “The Panama Canal”, o artigo inicia-se pela observação das condições sanitárias e das dificuldades enfrentadas na construção do Canal:

“The Problem of Sanitation

“ Few persons who have not visited the Isthmus can have any conception of the magnitude of this problem, and only those who witnessed the great waste of life and money from the want of proper sanitary measures during the closing months of the old Panama Canal Company’s

existence can form a proper estimate of the value of good sanitary conditions in this trying country.²¹⁴

Como prova, a revista apresenta os números de baixas de trabalhadores do Canal vítimas de doenças em um único ano:

“So that for this squadron, in spite of diseases especially incident to the tropics in midsummer, the daily average sickness for the whole force of nearly 12.000 (...)”²¹⁵

Mas graças à operação norte-americana, a região passou a ter condições de se tornar uma das mais saudáveis do mundo:

(...) When the able sanitary cops, which has charge of bettering the health conditions in the Isthmus has carried out its plans for the improvement of the canal strip and the cities of Panama and Colon, there is no reason why the Isthmus should not be on of the healthiest places in the world.²¹⁶

A reportagem de vinte e uma páginas trouxe oito fotos de páginas inteiras. As imagens alternam entre o canteiro de obras do Canal e a penúria material do país.

A primeira série de fotos trata da construção do Canal. Aqui o centro das imagens é apenas da obra e não do país. A apresentação das imagens segue a cronologia da obra que estava sendo erguida. Primeiro se apresenta o local onde seria realizada a construção. Depois o início da obra e, em seguida, sua fase atual.

²¹⁴ “The Panama Canal”, Outubro/1905, p. 457. “Poucas pessoas que não visitaram Isthmus podem ter alguma concepção da magnitude desse problema, e só aqueles que testemunharam a grande perda de vida e dinheiro e da necessidade de medidas sanitárias durante os meses de fechamento numa velha empresa do Canal do Panamá pode formar uma estimativa do valor de boas condições sanitárias nessa tentativa de país.”

²¹⁵ “Então para esse esquadrão, ao invés de doenças especialmente dos trópicos no meio do verão, a média diária de doenças para a força inteira de quase 12.000(...)”

²¹⁶ Cit., p.459. “(...) Quando capazes cops sanitários, que mudaram para melhores condições de saúde de Isthmus tiver levado seus planos de desenvolvimento do canal, as cidades do

As imagens da construção são uma sucessão de máquinas e equipamentos sofisticados: Dragas, tratores, escavadeiras, trens, e uma enorme quantidade de pequenos equipamentos elétricos. Há clara predileção pelas imagens que valorizam o material utilizado na construção, como aço, cimento armado, ferro, ou mesmo os entornos da edificação, com linhas de trem que correm em paralelo e iluminação elétrica margeando as barragens, como se pode ver nas fotos (fotos 75 e 76, 77). O leitor da revista conseguia identificar tanto os pormenores da construção como, o que talvez fosse o principal, a idéia de transformação via progresso que o conjunto de imagens sugere.

Na segunda série de imagens, a revista apresenta o país do Canal. Aqui há uma quebra clara da reportagem. Todo o cenário é alterado, como se tratasse de um local completamente diferente. A primeira foto (foto 78) da série identifica a cena como um pelotão de soldados panamenhos próximos à fronteira com a Colômbia. Trata-se de uma fila dupla de homens, armados com varas de madeira. Não há qualquer indício de armas de fogo e seus apetrechos típicos. O uniforme consiste de roupas de algodão, muito semelhante a dos trabalhadores civis, e os homens estão com as cabeças cobertas com chapéu de palha e os pés calçados com sapatos. O único personagem com uniforme semelhante a um soldado moderno é exatamente aquele que está à frente do "pelotão", provavelmente o comandante da esquadra. O fundo da cena são construções feitas de madeira cobertas por palha ou sapé, verdadeiras choupanas. A fragilidade da milícia apresentada na foto chega ao extremo quando se vê no canto esquerdo da imagem duas crianças compondo a guarda e no centro-direito do campo visual da imagem a figura de um cachorro de raça não identificada. A cena é uma referência/paródia da imagem consagrada do exército moderno. A paródia ficou por conta de todo aparato. Ao invés de soldados uniformizados, armas de fogo, canhões, e quartel fortificado, têm-se crianças, soldados camponeses armados de paus e choupanas como quartel. A impressão de

Panamá e de Colon, não haverá razão para que Isthmus não esteja entre os lugares mais

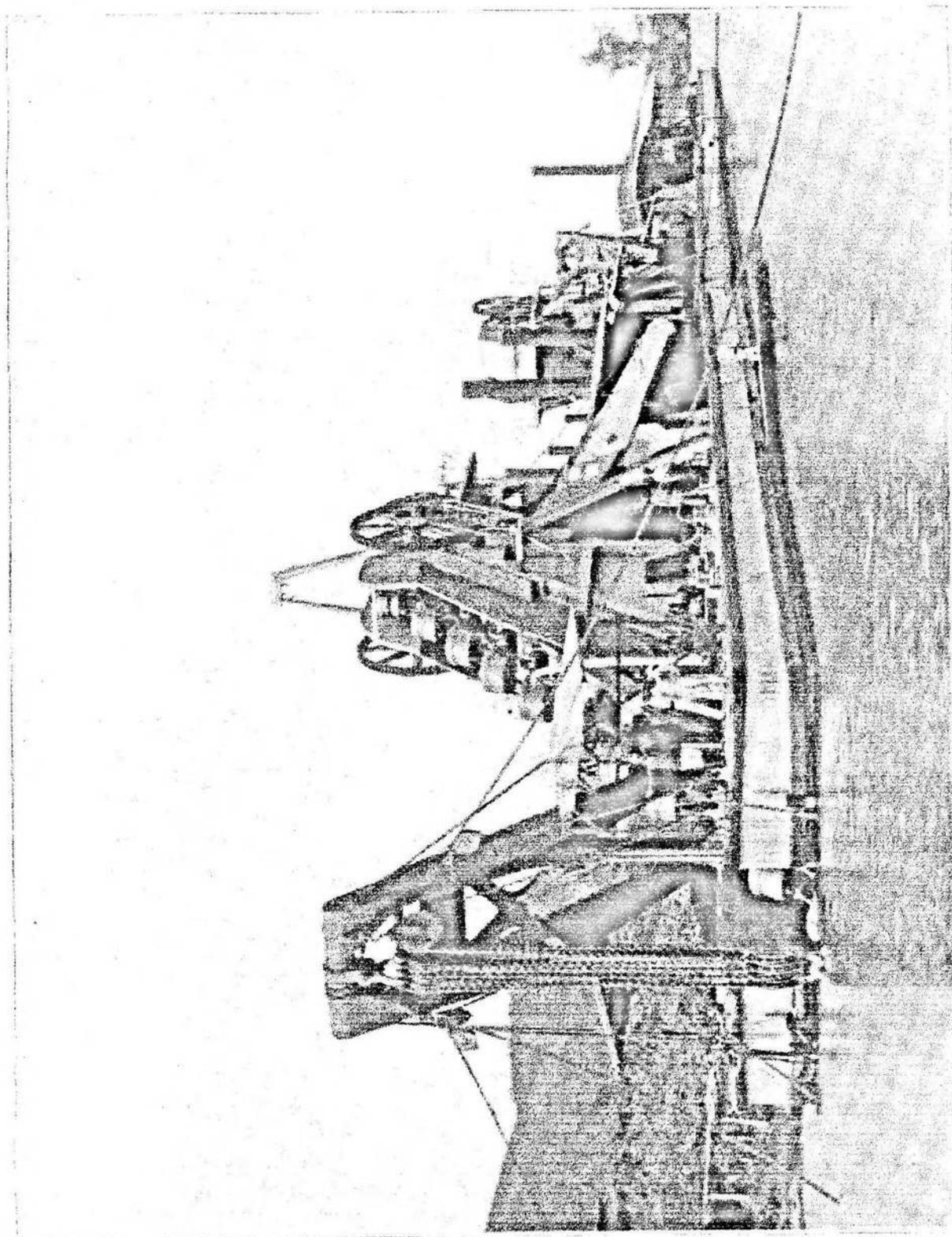
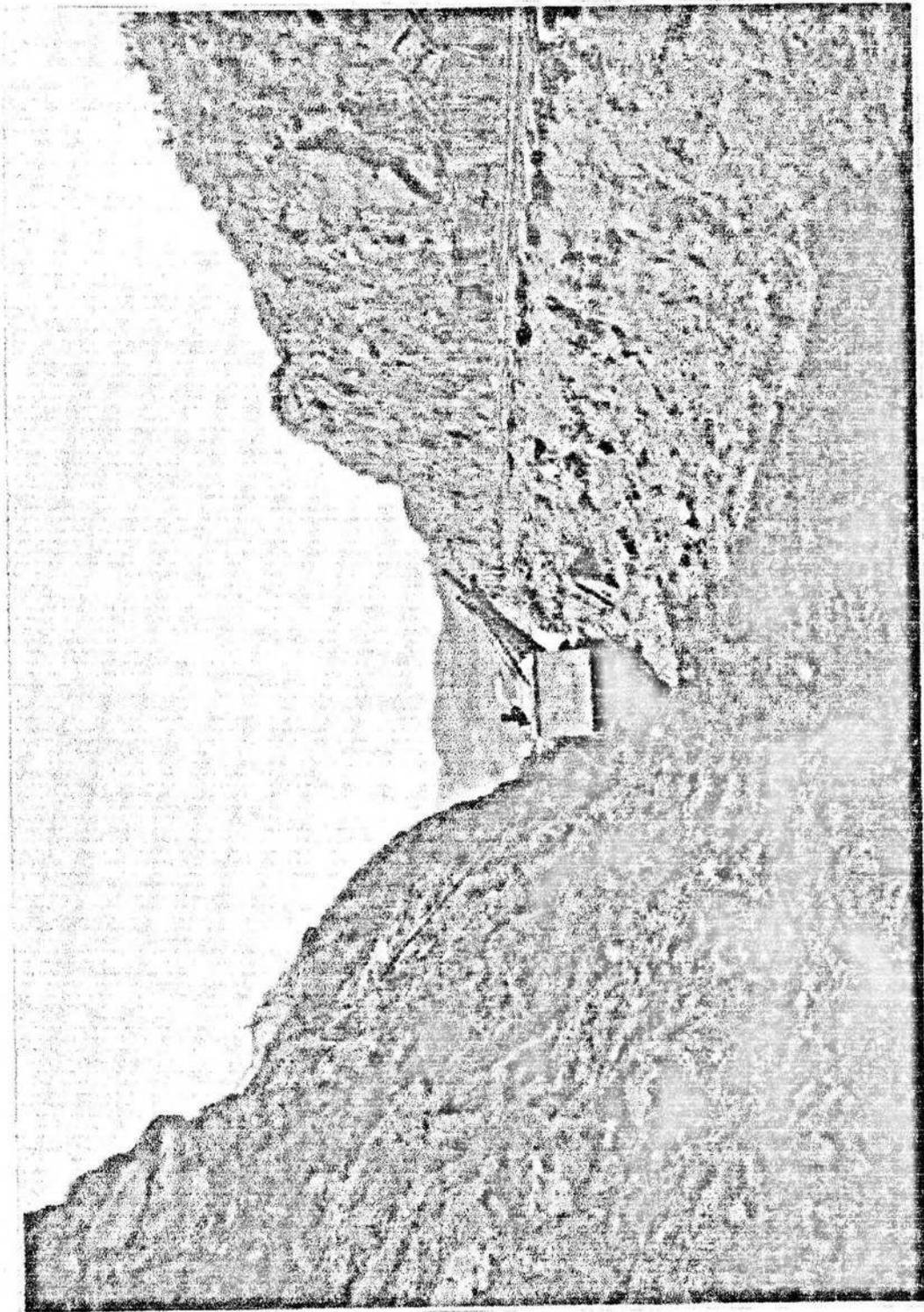


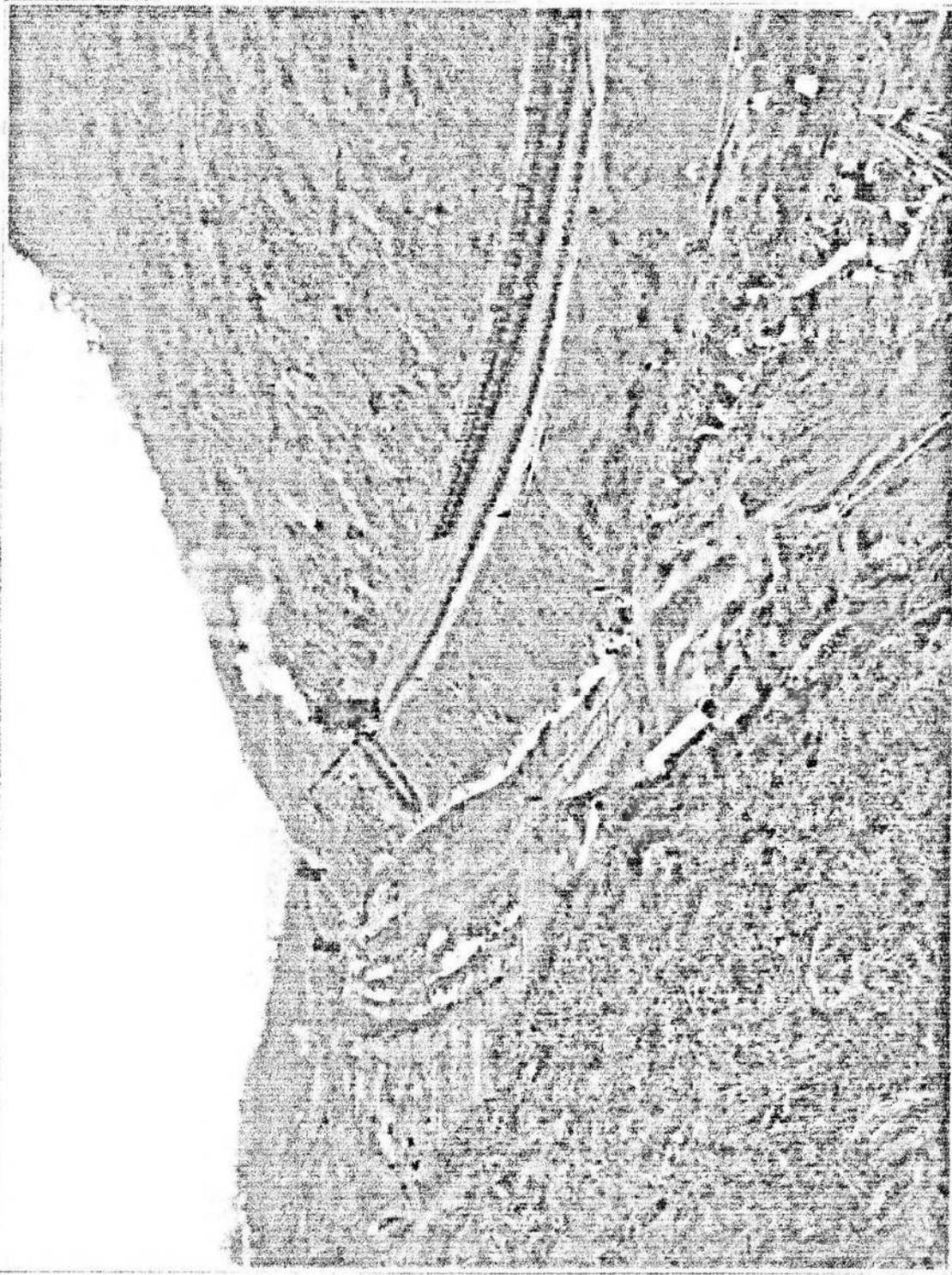
Foto 75

Dredge at Gargona



FROM W. P. TAYLOR

Rock Cut at Bas Obispo



From W. F. Tardel

The Culebra Cut, Looking North



Copyright Underwood and Underwood, New York

Panama Soldiers at a Village on the Bayano River, Guarding the Pass on the Route from Colombia

pueridade do exército panamenho transmitida pela imagem sugere para o leitor da revista que a instituição militar daquele país apresenta pouca ameaça aos investimentos norte-americanos (não há que recear a perda do comando do canal), como também reafirma a necessidade premente de monitoramento e tutela norte-americana para a região, protegendo o local de invasões externas.

Em referência clara à falta de higiene daquele país, é apresentada uma foto da área portuária da cidade, identificada pela legenda "Landing pigs for market in the harbor of Panama city" (**foto 79**). No centro da imagem verifica-se uma dúzia de porcos banhando-se na água da praia ao lado de pequenas canoas e de um barco pesqueiro. A foto seguinte, última da reportagem (**foto 80**), trata de um assunto absolutamente inesperado e sem qualquer conexão aparente com aqueles cuidados no texto da reportagem. A imagem tem como tema uma fila de canoas às margens de um rio. Os interiores das embarcações estão repletos de bananas. Os carregadores das frutas são identificados como índios e a atividade vista pelo leitor é descrita como a principal fonte econômica do país: "Indian 'Dug Outs' on the Chagres River, Bringing Banana, the Chief Export of Panama, to Gatua".

Mesmo a maior atividade econômica da região só foi possível, segundo a revista, graças à atuação de empresas norte-americanas.

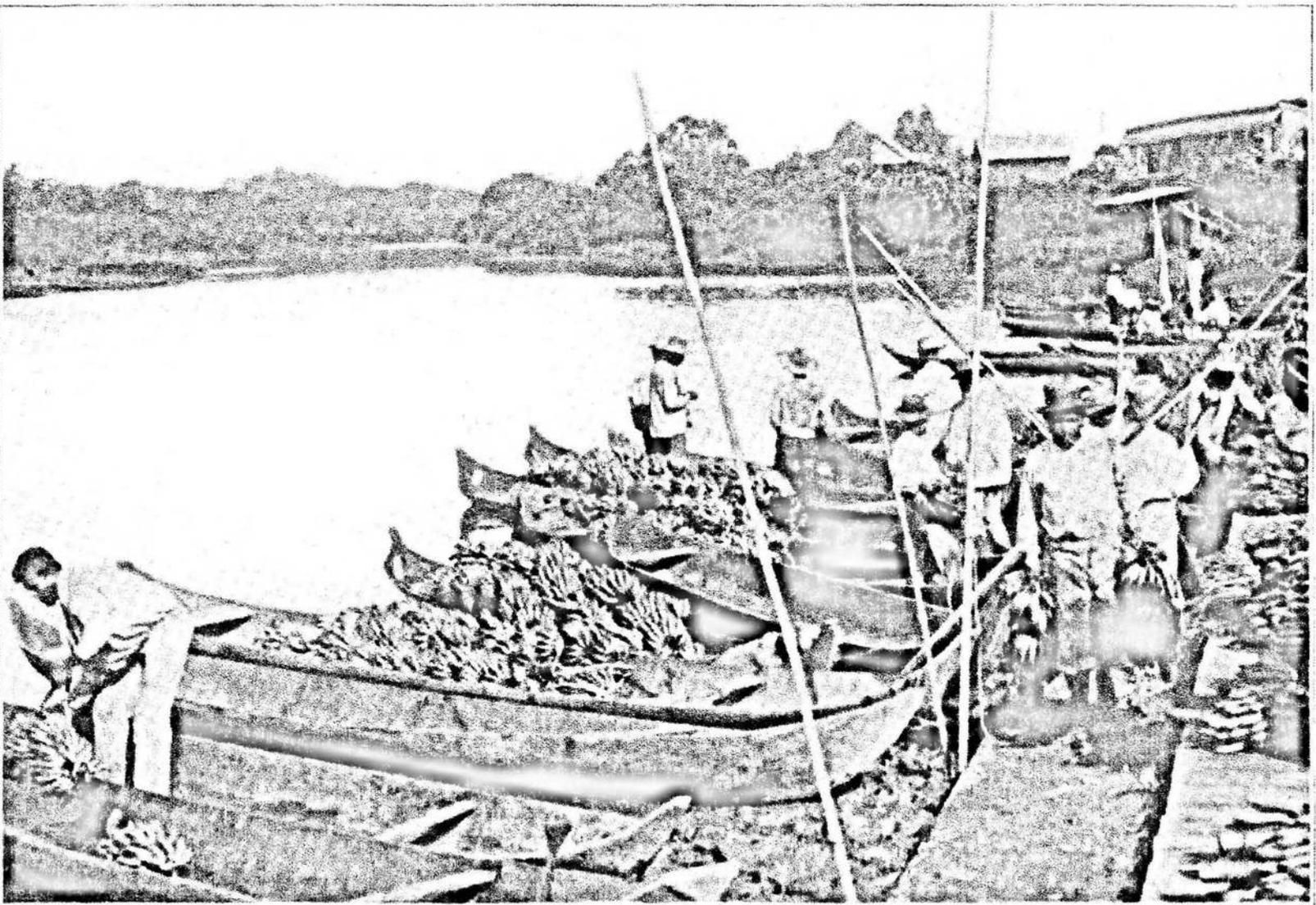
Costa Rica, Porto Rico e Guatemala.

Na perspectiva da revista, além do Estado norte-americano, a iniciativa privada desse país contribui para o desenvolvimento da América Central. Segundo a reportagem veiculada no número de junho de 1912, com

saudáveis do mundo."



Landing Figs for Market in the Harbor of Panama City



Copyright Underwood and Underwood, New York

Indian "Dug-Outs" on the Chagres River, Bringing Bananas, the Chief Export of Panama, to Gatun

o título "Where our banana come from", a *The United Fruit Company* trouxe toda a infra-estrutura básica para o cultivo racional e moderno de frutas na Costa Rica, Porto Rico e Guatemala, como telégrafos, portos modernos e, principalmente, ferrovias.

De acordo com a reportagem, para melhor explorar a atividade foi necessário, assim como ocorreu em Cuba e no Panamá, sanear os países das doenças tropicais, tanto das humanas quanto daquelas que atacavam as plantações. O resultado, porém, na opinião da revista, foi satisfatório e representou um extraordinário ganho em modernidade para a região. As plantações primeiro foram tratadas de modo científico, para exterminar pragas naturais que atacavam a fruta; a *The United Fruit Company* trouxe técnicos norte-americanos e europeus:

"The United Fruit Company has gone so far as to bring scientists from the United States and Europe in an endeavor to devise a means of ridding the districts of this pest".²¹⁷

Transformando a região em local de alta produção, o maior beneficiado foi a própria sociedade local, através da geração de empregos:

"The United Fruit Company employs upwards of 5,000 negroes in its Costa Rica division. The various puposes for which they are used include clearing and preparing new lands for cultivation, replanting, plowing, pruning, draining, and cutting and loading fruit".²¹⁸

²¹⁷ Edwin R. Frases, "Where our banana come from", junho/1912, p.729. "A Empresa United Fruit foi tão longe a ponto de trazer cientistas dos Estados Unidos e Europa numa tentativa de aparelhar os meios de libertar os destritos da peste"

²¹⁸ "A empresa United Fruits emprega sozinha mais de 5,000 negros na sua divisão da Costa Rica. Os vários propósitos que os tornaram acostumados a incluir novas terras limpas e preparadas para culturação, re-plantação, arar a terra, cortar, drenar e apanhar frutas."

A demonstração da modernidade, mais uma vez, foi mediada por imagens de ícones materiais. As onze primeiras fotos, todas de gigantescas plantações da fruta, identificam o país título da reportagem. Após associação do país como uma grande fazenda de bananas, as fotos finais mostram os sinais da modernidade trazida pela empresa privada: fios, trilhos de trem, postes de iluminação e grandes máquinas. Em uma das fotos, de um vagão, pode-se ver a inscrição que pertence à referida companhia norte-americana, patrocinadora do progresso.

O “altruísmo” norte-americano

Mas o auge do elogio da revista às intervenções norte-americanas foi a matéria publicada em 1907, com o sugestivo título: “Some Recent Instance of National Altruism. The Efforts of the United States to Aid the Peoples of Cuba, Porto Rico and the Philippines”, de autoria do General William H. Taft, do ministério da Guerra.

O artigo é um arrazoado, escorado por números, dos avanços e progressos que representou a intervenção norte-americana em cada um daqueles países que compõem o título. O tom do articulista se assemelhava a uma resposta aos críticos do expansionismo, o que deixa vazar em alguns momentos do texto:

“I ask your attention today to the pages of the nation’s history covering the last nine years, with the hope of showing that there never has been of showing that there never has been on the part of any country a greater exhibition of pure altruism than that exhibited by the United States from the beginning of the Spanish War

down to the present day, toward the people who were immediately affected.”²¹⁹

A inicial por Cuba

“That which the American people believed to be the oppression of the Cuban people, the misgovernment of that beautiful island, and the continued failure of Spain to restore any kind of order - all compelled the United States to interfere to prevent a continuance of that which seemed to our people to be an international scandal at the doors of this country; and as we went into it, in order that we might free ourselves from the charge of land-grabbing or spirit of conquest, we made the declaration that we would not retain Cuba, but would permit. The wisdom of this self-denying declaration has often been questioned, and I am not prepared myself to say that it was the wiser course to pursue”.

“ So far as our country was concerned, it was. But recent events give rise to a doubt whether, in our anxiety to make clear our own unselfish motive, we may not have committed ourselves to a policy not best adapted to the welfare of the Cubans. However that may be, it is certain that when it was adopted, it was adopted in what was thought to be the best interests of Cuba, and what was known to be in accordance with the unselfish desire of the American people to help their oppressed neighbors”.

“We expended in the Cuban war upwards of \$ 300,000,000, and we never have invited from Cuba the return of a single cent. We offered up in deaths and wounds and disease in that war the lives of 148 officers and over 4,100 enlisted men. We paid \$ 20,000,000 to Spain under the treaty of peace. The exact consideration for this sum it may be difficult to state, but the result of the payment was the treaty, and by that treaty was secured a

²¹⁹ William H. Taft, “Some Recent Instance of National Altruism. The Efforts of the United States to Aid the Peoples of Cuba, Porto Rico and the Philippines”, mês/1907, pp.429-438. “Eu peço sua atenção hoje para as páginas da história da nação cobrindo os últimos nove anos, com a esperança de mostrar que nunca houve por parte de país algum, uma maior exibição de puro altruísmo que o dos Estados Unidos no começo da Guerra da Espanha até os dias de hoje contra pessoas que foram imediatamente afetadas.”

cession of Cuba and Porto Rico and the Philippines freed from the debts which Spain had incurred in their maintenance.”²²⁰

Mas não foi apenas a liberdade que os EUA entregou, a custo alto, humano e financeiro, para os vizinhos cubanos. Após a *libertação* de Cuba, houve uma intensa ajuda em dois setores sociais indispensáveis para a “vida civilizada”. O primeiro foi o saneamento básico:

“The subject of sanitation of the island, from one end to the other, and especially in the towns left in a filthy condition, was taken up with the thoroughness of the army surgeons, and in the course of this effort one of the greatest and most useful discoveries known to medical science, to wit, the transmission of disease by the mosquitoes, was added to the sum of human knowledge. For four years this sanitation went on, and under American occupation the amount expended for this out of the Cuban treasury reached the large sum of \$ 10,000,000.”²²¹

²²⁰ “Aquilo em que os americanos acreditavam ser a opressão do povo cubano, o governo insatisfatório da linda ilha, e a contínua falência da Espanha para restaurar qualquer tipo de ordem – tudo obrigava os Estados Unidos a interferir para prevenir a continuidade do que parecia nosso povo a ser um escândalo nacional nas portas desse país; e conforme entrávamos nisso, para que pudéssemos nos libertar da carga dos ladrões de terra ou espírito de conquista, fizemos a declaração de que nós reteríamos Cuba, mas a tornaria uma república independente assim que as circunstâncias permitissem. A sabedoria dessa declaração auto-negativa tem sido muito questionada, e eu não estou preparado para dizer que estava no curso certo para perseguir. Assim que nosso país estivesse preocupado, ele estava. Mas eventos recentes deram valor para a dúvida se, no nosso passado para fazer claro nosso motivo altruísta, nós não podemos ter compromisso conosco com uma política que não é a melhor adaptada com o bem estar dos cubanos. No entanto, pode ser, é certo que quando foi adotado, foi adotado no que foi pensado para ser o melhor para os interesses de Cuba, e o que foi conhecido para estar de acordo com o desejo altruísta do povo americano para ajudar os vizinhos oprimidos.” (...) Nós gastamos em guerras cubanas mais de \$ 300,000,000, e nunca recebemos nenhum convite de Cuba do retorno de um único centavo. Nós oferecemos por mortes, feridas e doenças de guerra a vida de 148 soldados e mais de 4,100 homens alistados. Nós pagamos \$20,000,000 a Espanha por um tratado de paz. O valor exato dessa soma pode ser difícil de calcular, mas o resultado do pagamento foi o tratado, e por ele, foi assegurado a cessão de Cuba e Porto Rico e das Filipinas livres dos débitos que a Espanha havia cobrado por sua manutenção.”

²²¹ “O assunto de saneamento da ilha, de uma ponta a outra, e especialmente nas cidades deixadas em péssimas condições, foi tomada como decisão dos cirurgiões do exército, e no curso desse esforço uma das maiores e mais eficazes descobertas para a ciência médica, foi a transmissão da doença por mosquitos, que foi somada ao conhecimento humano. Por

Além de salvar de doenças, os norte-americanos resgataram a Ilha da opressão da ignorância, trazendo escolas em grande quantidade e democratizando o ensino.

“Cuba, na island 44,000 square mille in area, with a population of 1,600,000, had enrolled in her public schools, under Spanish control 36,306 pupils. There were practically no separate schools buildings. The pupils were collected in the residences of the teachers. There were few books, and no maps, blackboards, desks, or other school apparatus. The teaching was of the most primite character and was carried on under a fee system which excluded altogether the children of the poor. At the end of the first six months of American occupation the public school enrollment of the island numbered 143,000, and this eas increasing until the island was turned over, in May, 1903, when it had reached 200,000.”²²²

E o tópico Cuba é encerrado pelo articulista classificando a administração norte-americana naquele país como algo nunca até então visto na história:

“Never in history has any alien country been thus administered with such high integrity of purpose, such single-minded devotion to the country’s interests. Now I ask that the Cubans be given all possible chance to use to the best advantage the freedom of which Americans

quatro anos esse saneamento continuou, sob a ocupação americana o montante se estendeu para fora do tesouro cubano alcançando a grande soma de \$ 10,000,000.

²²² “Cuba, uma ilha de 44.000 milhas quadradas de área, com uma população de 1,600,000, matriculou em suas escolas públicas, sob o controle espanhol, 36,306 crianças.

Praticamente não houve escolas separadas. As crianças eram pegas nas casas de seus professores. Havia poucos livros e nenhum mapa, losas, carteiras, ou qualquer outro aparato escolar. O ensino era o mais primitivo e era levado sob o sistema de taxas que excluía no total as crianças da pobreza. No final dos primeiros 6 meses da ocupação americana, as matrículas das escolas públicas alcançaram 143.000 e isso foi aumentando até que a ilha terminou em maio de 1903 alcançando o número de 200.000.”

have such right to be proud and for which so many American lives have been sacrificed”²²³

O mesmo cuidado os EUA tiveram com Porto Rico:

“Down to the last day of Spanish rule, there was not in this island, containing a million people, a single building constructed for or dedicated to public instruction, and the enrollment of pupils was but 21,000. There are today in this island 97 such buildings, and the enrollment of pupils has reached the number of 130,000. In the last year of Spanish rule there was expended \$ 35,000 in gold for public education. Under the present government there is expended a total of \$ 854,000 each year.

“In the course of the administration of this island, the medical authorities of the government discovered a disease of anaemia which was epidemic and was produced by a cirobe called the “hook worm”. It so much impaired the energy of those who suffered from it, and so often led to complete prostration and death, that it became necessary to undertake its cure by widespread governmental effort. I am glad to say that the effect of the government’s treatment has been much to reduce the extent and severity of the disease, and that it has been brought under control”²²⁴

²²³ “Nunca na história nenhum país estrangeiro foi administrado com tamanha integridade de propósito, tal como devoção única aos interesses do país. Agora eu peço aos cubanos que seja dado todas as chances possíveis de usar as melhores vantagens de liberdade da qual os Americanos têm direito de ser orgulhosos por todas as muitas vidas que foram sacrificadas.”

²²⁴ “Indo para o último dia do comando espanhol, não havia nenhuma ilha com um milhão de pessoas, um único prédio construído ou dedicado à instrução pública, e a matrícula das crianças era de menos de 21,000. Há hoje nessa ilha 97 desses prédios e a matrícula das crianças alcançou o número de 130,000. No último ano do comando espanhol, foi gasto \$ 35,000 em ouro para educação pública. No governo atual é gasto um total de \$ 854,000 cada ano. “No curso da administração dessa ilha, autoridades médicas do governo descobriram uma doença de anemia que foi uma epidemia produzida por um micróbio chamado “hook worm”. A energia foi tão gasta por aqueles que sofreram disso que os levou a exaustão e morte, que se tornou necessário tomar a responsabilidade da cura pelo governo popular. Estou feliz por dizer que o efeito desse tratamento do governo reduziu muito a extensão e severidade da doença, e que tudo foi controlado.”

Nas Filipinas, outro país de domínio espanhol, a ajuda foi ainda maior. Muito além de auxiliá-los no saneamento e educação, os Estados Unidos levaram para o país a civilização em um sentido bem mais amplo. A começar pelo próprio idioma, *ensinando o inglês*:

“As soon as the Americans reached the islands, even while war was flagrant, schools were established, and now there are reading, writing and reciting in English in the Philippine Islands one-half million of children daily. The unfortunate conditions under which the use of some seven or eight different parts of the same island prevented a common medium of communication is gradually to be remedied. More people speak English than Spanish now, and in a generation the language of the islands will be English unless the present policy is changed. Industrial and secondary are being established in every province, and the Philippine child by manual training is being taught the dignity of labor, *though in his father's time it had always been regarded as a badge of humiliation.*”²²⁵

Como não poderia faltar, houve um extremo esforço norte-americano para implementação das obras de infra-estrutura e saneamento:

“ We have secured the construction of a street car system in the city of Manila thirty-five miles in length, which greatly relieves the expense of living in that city, arising from the necessary use of cabs in the absence of a street railway. We are constructing great waterworks and a comprehensive sewer system for Manila. We have added many hundred miles to the road mileage of the islands,

²²⁵ “Assim que os americanos alcançaram as ilhas, ainda quando a guerra era notória, escolas foram estabelecidas e agora, há leitura, escrita e narração em inglês nas Filipinas por um milhão e meio de crianças diariamente. As infelizes condições sob as quais o uso de 7 ou 8 partes diferentes da mesma ilha preveniram uma média comum de comunicação é gradualmente remediado. Mais pessoas fazem inglês que espanhol agora, e numa geração a língua das ilhas será o inglês, a não ser que a política atual seja mudada. Industrial e secundário estão sendo estabelecidos em cada província, e as crianças das Filipinas com treinamento natural estão sendo ensinadas sobre a dignidade do trabalho, embora no tempo de seus pais isso tenha sido sempre relacionado com humilhação.”

and have now contracts for the construction of railways, so that within a few years, under contract now in force, the mileage of the railways will have been increased to near a thousand miles, though it was but 124 when we entered the island. We have carried the islands through epidemics of plague and of cholera and have stamped them out.²²⁶

Mas o trabalho foi mais longe, até mesmo a organização de prefeitura e a instituição do judiciário foram obras norte-americanas:

"We have introduced a judiciary system which commands the confidence of all, it is partly American, partly native. We have abolished the Spanish code of civil procedure, which was adapted to keep litigants in the vestibule of the court-house forever, and have substituted a plain, practical American code."²²⁷

No final do artigo, o autor pergunta o que os Estados Unidos receberam em troca de tanto esforço: "(...) what the United State received in return for all her efforts, for all her expenditure, and all her responsibilities?" E a resposta foi: "In the meantime, and down to the present date, the outgo for the benefit of these islands has been enormous, while the income received by the people of the United States from them has been comparatively small"²²⁸

²²⁶ "Nós asseguramos a construção de um sistema de ruas de carros na cidade de Manila de 35 milhas de distância, com grandes alívios no custo de vida daquela cidade, aumentando o uso necessário de taxis na ausência de estradas de ferro. Estamos construindo grandes sistemas de fornecimento de água e sistema de esgoto para Manila. (...) Acrescentamos muitas milhas para as estradas das ilhas, e agora temos contratos para a construção de estradas de ferro, então, dentro de alguns anos, sob o contrato agora válido, a milhagem de estradas de ferro terão aumentado para perto de um mil de milhas, embora fosse menos que 124 quando nós entramos na ilha. Nós levamos a ilha embora epidemias de cólera e pragas e os livramos

²²⁷ "Introduzimos um sistema judiciário que comanda a segurança de tudo, é parte americana e parte, nativa. Abolimos o código espanhol de procedimento civil que foi adaptado para manter litigantes no vestibulo da corte judicial para sempre, e substituímos por um código prático e simplificado."

²²⁸ "(...) O que os Estados Unidos recebem em troca por todos esses esforços, por seus gastos e responsabilidades?" E a resposta foi "Até agora, o gasto pelo benefício dessas ilhas foi enorme, enquanto o retorno recebido pelas pessoas dos Estados Unidos foi comparavelmente pequeno."

O artigo se desdobra com uma estrutura fixa. Os mesmos temas e tratamento/procedimentos foram repetidos de maneira igual para problemas semelhantes, um sinal claro da homogeneização das características dos países abordados, trata-se de tipos fixos e não de espaços de relações mais complexas, com diferenças internas profundas. São todos doentes, atrasados e resistentes à razão transformadora e modernizante.

O conjunto de reportagens que informou o público norte-americano sobre as intervenções de seu país nos países latino-americanos esteve muito longe da imparcialidade ou suposta neutralidade declarada pelo periódico. O texto e as imagens utilizadas cumpriram o claro propósito de convencer a opinião pública interna do bom procedimento de seu governo.

O critério utilizado para fazer a demonstração, e certamente aquele que melhor serviria para esse mister, foi a ajuda financeira. O desenvolvimento econômico era, para o público leitor norte-americano, um valor inquestionável e um critério seguro para avaliar a efetiva ajuda que seu país pretensamente estava fornecendo aos vizinhos. É nesse ponto que brilha melhor a estratégia das reportagens da *National*. Na articulação das imagens há um cuidado, até exagerado, de separar os traços de modernidade daqueles identificados com o atraso. Não existe qualquer imagem cuja cena registre o arcaico e o moderno ao mesmo tempo, o que talvez representasse melhor a suposta mudança que cada país estava processando com a ingerência yanque. Há apenas situações “puras” de atraso ou modernidade, cada qual representando conceitualmente América Latina ou Estados Unidos.

Mas certamente um dos pressupostos de tais artigos discorrendo sobre os benefícios da administração norte-americana foi a existência de imagens-conceitos dos países latino-americanos bem construídas pela própria revista – e difundidas no imaginário social do norte-americano –, ao lado de uma imagem igualmente sólidamente elaborada

sobre os Estados Unidos. Se essa preocupação na virada do século serviu para construir a idéia do nacional e de seu oposto, rapidamente se prestou ao papel de legitimar um domínio externo, ao mesmo tempo eticamente correto e caridoso com povos hipossuficientes e incapazes de encontrar o “bom” caminho. O império sem colônias foi a marca da política externa norte-americana durante todo o século XX, principalmente na área de sua maior influência, a América Latina. Talvez esteja aí uma possível explicação da necessidade de reafirmar, com tanto cuidado, uma imagem/conceito tão negativa da região.

CONCLUSÃO

A partir de 1914, e principalmente após o fim da Primeira Guerra Mundial, a revista sofrerá outras alterações editoriais, acompanhando os *novos tempos*. Novas experiências com a fotografia serão incorporadas e utilizadas nas edições, como por exemplo, o uso de fotos colorizadas (coloridas à mão) em 1915, fotos autocromatizadas em 1916 e, finalmente, fotos coloridas no início dos anos trinta²²⁹. Também houve mudanças na concepção estilística das imagens fotográficas. O pictorialismo fotográfico começou a ceder espaço para a fotografia "moderna" ou modernista, acompanhando a tendência das artes plásticas. Bem mais rica, a revista passou a financiar grandes expedições a lugares longínquos e "desconhecidos", e os artigos passaram a ser assinados por jornalistas contratados e não apenas por associados do periódico.

Mas, ao lado das mudanças, as experiências acumuladas nos anos anteriores foram consolidadas e moldaram o comportamento futuro da revista. Organizando tais experiências, o então diretor do periódico, Grosvenor, publicou, na edição de março de 1915, os princípios da revista, nos seguintes termos:

- "The first principle is absolute accuracy. Nothing must be printed which is not strictly according to fact.
- Abundance of beautiful, instructive, and artistic illustrations.
- Everything printed in the Magazine must have permanent value.
- All personalities and notes of a trivial character are avoided.
- Nothing of a partisan or controversial character is printed.
- Only what is of a kindly nature is printed about any country or people, everything unpleasant or unduly critical being avoided.

²²⁹ LUTZ e COLLINS, *Op. cit.*, p. 31.

- The contents of each number is planned with a view of being timely.²³⁰

Tais princípios já haviam, a seu modo, conduzido a revista durante o período anterior. Propondo-se a trazer ao conhecimento do público norte-americano informações e conhecimento geográfico verídicos e precisos sobre as várias partes do mundo – entre elas a América Latina – a revista se valeu do suporte de imagem aceito pelo leitor como realístico, a fotografia.

Mas, por trás da aparente imparcialidade da mensagem fotográfica, está, como visto, um cipoal de elaborações técnicas e culturais que a separam inevitavelmente da pretendida objetividade. Entre o aparente “real” do objeto fotografado e seu produto publicado na página da revista, há um sem número de interferências humanas que impedem a sustentabilidade dessa objetividade²³¹. Com o tratamento dispensado pela *National Geographic* ao objeto América Latina não foi diferente. O recorte dedicado aos temas da região, os recursos técnicos utilizados, a abordagem sugerida e a editoração do texto são reveladores não da América Latina, mas sim do imaginário que existia sobre a região e da maneira como a revista dele se apropriou, reelaborando-o. As imagens sobre a América Latina produzidas e publicadas pela *National Geographic* foram neste trabalho entendidas nesses termos.

Como a pesquisa propunha compreender a construção das imagens sobre a América Latina a partir de uma cultura externa, fez-se necessário entender alguns pressupostos, valores e o contexto da sociedade que as produziu. Por tais razões, tornou-se imprescindível estudar aquelas fotos

²³⁰ Annoucement, março, 1915, p.2 “ - O primeiro principio é precisão absoluta. Nada deve ser imprimido que não esteja estritamente de acordo com fato.

- Abundância de ilustrações bonitas, instrutivas, e artísticas.

- Tudo imprimido na Revista tem que ter valor permanente.

- São evitadas todas as personalidades e notas de um caráter trivial.

- Nada de um caráter partidário ou controverso está impresso”.

- Somente aquilo que for de uma natureza bondosa está impresso sobre qualquer país ou as pessoas, evitar tudo que for desagradável ou indevidamente crítico .

- O conteúdo de cada número pontual é planejado com uma visão de oportunidade”.

²³¹ Nesse sentido ver o excelente artigo de Roland Barthes, “A Mensagem Fotográfica”, in *Teoria da Cultura de Massa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969, p.303.

produzidas pelo próprio periódico sobre os Estados Unidos. Nesse sentido, a auto-imagem que a revista elaborou do contexto norte-americano talvez seja uma das chaves para se compreender melhor a forma como representou os países hispânicos e as razões de tal modo de representação.

Quando a revista reportou os Estados Unidos, ressaltou a imagem positiva de um país em franca expansão. Resgatando as imagens das pinturas, principalmente da famosa Escola do Rio Hudson, a *National Geographic* apresentou um cenário majestoso, imenso, do tamanho do orgulho nacional em relação aos seus recursos e belezas naturais. As mesmas técnicas de apresentação da grandeza do meio selvagem norte-americano foram utilizadas para mostrar o desenvolvimento econômico do país. Por exemplo, o recurso usado por Bierstadt para demonstrar o tamanho descomunal da sequóia – inclusão de personagens humanos na cena – foi o mesmo da revista para mostrar tanto as belezas naturais dos Estados Unidos como as máquinas que estavam “arando” o país. O efeito de escala – conseguido com a aproximação da câmara – para mostrar as montanhas nacionais foi o mesmo para apresentar o resultado da colheita das máquinas, uma montanha de sacos de grãos.

Do “cenário” norte-americano só se apresentou progresso e desenvolvimento. Tal engajamento da editoria da revista está diretamente associado ao meio social que a produziu, uma elite econômica e política. A esmagadora maioria das reportagens foi assinada por altos funcionários públicos – os associados da *National Society* –, comprometidos com o discurso do nacionalismo oficial. A revista foi escrita pela seleta elite e provavelmente lida também por ela. O mundo material dos Estados Unidos apresentado pelo periódico não deixa dúvida de quem era o público alvo. Todos os produtos oferecidos no rico acervo publicitário destinavam-se a consumidores aquinhoados, que estavam ao alcance de poucos felizardos que podiam gozar dos benefícios da modernidade, mas se tratava de uma “miragem” para a grande maioria daquela sociedade.

Por ser questão de natureza crucial no trabalho fazem-se necessárias algumas considerações suplementares. A primeira delas se refere ao caráter embrionário das mudanças que estavam ocorrendo. Todas as transformações tecnológicas e seus produtos eram, naquele momento, novidades que encantavam o potencial público consumidor. Não é por outro motivo que a citada campanha da empresa de telefonia do diretor da revista ao mesmo tempo que convencia seus futuros clientes dos benefícios do telefone, associava tais benefícios à idéia de mágica, de mito que se tornou realidade. Os anúncios de refrigeradores e aspiradores de pó ensinavam como usá-los, e a peça publicitária que vendia telas de ferro para casas de alvenaria mostrava como eram feitas e para que serviam, além de prometer um manual de instrução, para o comprador, ensinando-o como deveriam ser empregadas na obra. Tais sinais são indícios de uma sociedade que ainda estava se acostumando com os ares de modernidade.

Se de um lado eram novidades para os mais abastados, para a grande maioria da sociedade, entretanto, tais inovações eram um fato distante, algo de que apenas "se tinha ouvido falar". Sem que figurasse em nenhum registro fotográfico da *National*, a esmagadora maioria dos norte-americanos, longe dos grandes centros (87% da população), tinha sua vida material nos padrões de meados do século XIX. Como relata Fohen, no início dos anos 1890, cidades inteiras do meio oeste dos Estados Unidos haviam sido "levantadas" da noite para o dia com madeira extraída de florestas vizinhas²³². Em 1907, foi preciso um decreto obrigando o setor comercial da cidade de San Francisco a substituir as construções de madeira por tijolos, principal motivo da devastação da cidade pelo incêndio ocorrido no ano

²³² Nas palavras do autor " Existiam certamente casas; mas mereciam o nome de "casa" essas cabanas ou tendas que formavam a grande maioria das habitações? Todas as cidades eram construídas às pressas, mais preocupadas com a funcionalidade do que com a estética. As primeiras moradias eram de lona, seguidas por construções de madeira, quando estas se encontravam à disposição nas proximidades. Na falta desse material, utilizava-se argila seca ao sol ou adobe, segundo uma técnica que os espanhóis haviam outrora empregado no Novo México. Para todos os efeitos, a palavra casa é uma força de expressão" Claude Fohlen, *O Faroeste*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 174.

anterior.²³³ Sem luz elétrica ou água encanada, a comida era feita em fogareiros em um dos cômodos da casa/cabana. Os hábitos de higiene se resumiam a banhos mensais, apenas no verão. No campo, onde morava a maioria da população, os raios da declarada modernidade pareciam ainda mais raros. Arado, cavalos, cercas de madeira eram os instrumentos do processo produtivo, e não as modernas máquinas exibidas pela revista. E esse quadro parece não ter sido apenas do país da América do Norte, mas sim uma regra mesmo nos países considerados industrializados. Por exemplo, na França de 1900, menos de treze por cento das residências de Paris tinham luz elétrica, e quando a possuíam, era muito mais uma atração para ostentação social e sinal de riqueza do que um benefício realmente prático – apesar de todo o alvoroço em torno da eletricidade durante a feira de Paris de 1889. O mesmo acontecia com a água encanada: considerada quase um esnobismo sua presença em residências particulares, a instalação de chafarizes de uso coletivo nas pequenas cidades era motivo para inauguração pelo prefeito, com direito a banda de música e placa comemorativa²³⁴. Com os mesmos hábitos de higiene de dois séculos atrás, o banho, quando acontecia, era um evento anual e as escovas de dente – uma única para uso familiar – eram um artefato mais escasso que relógios de bolso. O fato era que os ritos e padrões da chamada modernidade estavam apenas em seus estágios iniciais, mesmo nas regiões consideradas epicentros das transformações.

Mas se quantitativamente ainda eram pequenos os efeitos das transformações modernizantes, o impacto no imaginário era bem maior. Os novos inventos trazidos pela revolução tecnológica e, principalmente, o novo modelo de produção e consumo que se desenhava acenavam para um futuro inigualável de prosperidade material até então nunca vivida.

O reverso do progresso material, segundo a revista, era a América Latina. Mostrada como economicamente atrasada, politicamente caótica e

²³³ *Idem*, p. 182

²³⁴ Ver Eugen Weber, *França Fin-de-Siècle*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, especialmente o capítulo 3. "Como viviam".

presa a tradições supersticiosas, a região era o negativo da modernidade norte-americana. A maneira como a revista apresentou os países hispânicos também se valeu de recursos técnicos/fotográficos para a elaboração dessas imagens. Igualmente, como ocorreu com a representação dos Estados Unidos, na América Latina houve uma retomada de certa tradição vinda da pintura. Índigenas com roupas típicas, coletadores de frutas na floresta, atividades extrativistas, transporte feito por animais ou seres humanos, casas de pau-a-pique, ferramentas obsoletas para atividades econômicas, ruas sujas e esburacadas, convívio promíscuo entre a população e animais domésticos, doenças epidêmicas e antipatia às mudanças da modernidade – esses foram os elementos usados para representar o modo de vida e comportamento dos latino-americanos.

O recorte feito pela *National Geographic* foi preciso e cuidadoso. Nas mais de mil fotografias sobre a América Latina não aparece nenhum indício de modernidade. Automóveis, bondes ou trens, ruas asfaltadas, máquinas ou mesmo sinais que poderiam sugeri-los, como trilhos ou cabos de aço, estão ausentes, chegando-se ao extremo de não aparecerem em cena sequer instrumentos de ferro. Para demonstrar a falta de organização social, além de ruas ocupadas por animais e vendedores ambulantes, as reportagens omitem prédios públicos ou de serviços essenciais. A intencionalidade do recorte é evidente. O mesmo processo que estava transformando as sociedade européias e norte-americanas se fez presente nas grandes capitais latino-americanas, reformuladas por arquitetos franceses e ornamentadas nos mesmos termos que as mais requintadas residências européias. Nada disso foi exposto pela *National*.

Nem os Estados Unidos eram tão modernos quanto foi apresentado, nem os países latino-americanos estavam em estágio material tão atrasado como foi exibido. A rigor, as sociedade ocidentais estavam em processo de transição com ritmos, isto sim, diferentes.

Mas a demonstração engendrada pela revista serviu para mostrar ao público norte-americano a superioridade de sua sociedade em face de seus

vizinhos. A estratégia usada, elegendo o viés da afluência material de um lado e o atraso econômico de outro, era um argumento de forte persuasão para o convencimento do público leitor da revista, um segmento social propenso a acreditar – e tinha motivos para isso – que as inovações tecnológicas eram valores absolutos de civilização; um elemento cultural universal e humano que poderia, mesmo à revelia, ser imposto a qualquer sociedade reticente ou refratária a esse processo.

Se o “jogo” de atraso e modernidade tinha conotações nacionalistas, de auto-afirmação de uma boa imagem interna – e aqui é bom lembrar que faz parte da auto-definição dizer quem é o outro para estabelecer as diferenças –, ele rapidamente assumiu um papel ativo em decisões da política externa, no contato com esses mesmos países considerados atrasados.

Nessa perspectiva podem-se ver com mais clareza as repercussões práticas da construção de tais imagens. Com o forte argumento da imposição de modernidade onde não existia, a revista legitimou a invasão norte-americana de seus vizinhos. Mostrando os EUA como generoso protetor das sociedades atrasadas, a revista, em excelente performance, explorou cada detalhe dos recursos fotográficos para comprovar o “altruísmo” de seu país em relação aos povos *tutelados*, uma verdadeira inversão de papéis e propósitos. Mais do que nunca, separou em cada foto, a partir do mesmo contexto de países/regiões, o que considerava ser típico do local – atraso, desordem, doença, caos – e o que havia sido implementado de fora para dentro, no caso as benesses da administração estadunidense.

O grau de projeção e efetividade das reportagens no público norte-americano é mais difícil de ser avaliado, dependeria talvez de outro material de pesquisa como fonte. Mas o núcleo do discurso e da estratégia da revista pode ser, ao menos, “imaginado”. Nos anos vindouros – e em praticamente todo o século XX –, foi marco da cultura norte-americana, e fio condutor de seu discurso legitimador nas relações internacionais, sua fecunda economia e a promessa de um sistema econômico que propiciaria

um consumo em abundância²³⁵. O trabalho da revista estava em sintonia com tal encaminhamento, e o fez com competência, explorando ao máximo os recursos da imagem fotográfica. Os números são eloqüentes. A revista, no decorrer do século passado, tornou-se enorme internamente e foi uma das grandes porta-vozes da cultura norte-americana fora de seu país. Foi usada, por exemplo, em grande medida, como manual ilustrativo de geografia geral em escolas primárias e secundárias dos grandes centros norte-americanos durante os anos 50, 60 e 70 do século XX, formando opiniões de gerações inteiras²³⁶.

Apesar de todo o comprometimento ideológico da revista com o governo de seu país, não foi identificado, no decorrer da pesquisa, qualquer processo de adulteração das imagens ou truncagem da cena. E nem era preciso usar de tais artificios. A linguagem fotográfica oferece uma infinidade de recursos para apresentar a versão do editor. Quem diz isso não são apenas os teóricos críticos da imagem fotográfica, mas sim um manual prático editado pela própria *The National Geographic* recentemente traduzido para o português:

“Fazer grandes fotos é antes de tudo um processo mental. Para começar, pense na natureza do lugar, aquilo que chamou sua atenção e fez você sentir que valia a pena fotografá-lo. *Pense nos adjetivos que você usaria para descrever o lugar para um amigo: uma vasta campina, um deserto árido, uma floresta exuberante, uma montanha majestosa e assim por diante. Estude a cena para encontrar elementos que possa enfatizar para obter o sentimento desejado.*”²³⁷

²³⁵ Um dos recursos/argumentos utilizados pela política norte-americana em relação aos países latino-americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido ver Antonio Pedro Tota, *O Imperialismo Sedutor*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

²³⁶ Lutz, op. Cit., particularmente no prefácio.

²³⁷ National Geographic. Fotografia Guia Prático. Os Segredos dos Grandes Fotógrafos, p.175. s/d.

Como todo produto cultural, a fotografia é documento que só pode ser entendido em seu contexto. Seu sentido mais amplo não está na superfície do papel , mas na circulação e na função a que se presta.

Bibliografia e Fonte

ADORNO, Theodor W e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1988.

ANDERSON, Benedt. *Nação e consciência nacional*. São Paulo, Ática Editores, 1991.

,ARNHEIM, Rudolf. *El pensamiento visual*. Buenos Aires, Eurodeba, 1987.

_____ *Intuição e intelecto na arte*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. São Paulo, Papirus, 1995.

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução". In BENJAMIN, ADORNO, HORKHEIMER, HABERMAS, Coleção Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1980.

BACZKO, Bronislaw. *Les imagineaire sociaux : memore et espoirs colectis*. Paris, Payot, 1984.

_____. *Imaginação social*. In Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo, Difel, 1982.

• _____ *A camera clara*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

_____ "A mensagem fotográfica", in COSTA, Luiz Carlos(org). *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo, Perspectiva, 1993.

BERGER, John (dir). *Modos de ver*. São Paulo, Martins Fontes, 1972.

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina 1870 a 1930*. São Paulo, Edusp, 2002.

BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à História Contemporânea*. São Paulo, Circulo do Livro, 1964.

- ' BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BURKE, Peter (org). *A escrita da história*. Novas Perspectivas. São Paulo, Editora da Unesp, 1992.
- CAPEL, Horácio. "Institucionalización de la geografía y estrategias de la comunidad científica de los geógrafos". In *Revista de la Universidad de Barcelona*, año I, número: 8, marzo de 1977.
- CASANOVA GONZÁLEZ, Pablo. *História contemporânea da América Latina (imperialismo e libertação)*. São Paulo, Revistas dos Tribunais, 1987.
- *História de meio século*, Brasília, Unb, 1988.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CECENÁ, José Luis. *México en la órbita imperial*. México. El Caballito, 1970.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/ Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, Helouise. "Um olhar que aprisiona o outro. O retrato do índio e o papel do fotojornalismo na revista O Cruzeiro." in *IMAGENS*, Campinas, Unicamp, p. 88, s/d.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo, Hucitec, 1998.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- DONGHI, Halperin. *História da América-Latina*. São Paulo, Círculo do Livro, 1978.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas, Papyrus, 1994.
- DUMAS, Maurice. *Las Grandes Etapas del Proceso Técnico*. México, Fondo de Cultura Económica, 1996.

- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo, Cultrix/Editora, 1988.
- ECO, Umberto. *A estrutura do ausente*. São Paulo, Perspectiva, 1981.
- EDER, Josef Maria. *History of photography*. Nova York. Dove Publications, 1978.
- EDWARDS, Elizabeth. *Anthropology & Fotografia (1860-1920)*. London, Yale University Press, 1992.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
- FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia (usos e funções no século XIX)*. São Paulo, Edusp, 1991.
- FERRO, Marc. *História das colonizações. Das conquistas às independências (século XIII a XX)*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.
- FICHOU, Jean Pierre. *A civilização americana*. Campinas. Papyrus, 1990.
- FOHLEN, Claude. *O faroeste*. São Paulo. Cia das Letras/Circulo do Livro, 1989
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta; ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo, Hucitec, 1985.
- FRANCASTEL, Pierre. *Pintura y sociedad*. Buenos Aires, Emecé, 1960.
- *A realidade figurativa*. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- *Imagem, visão e imaginação*. São Paulo, Martins Fontes, São Paulo, 1983.
- FREUND, Gisèle. *Fotografia e sociedade*. Lisboa, Verga, 1982.
- GERBI, Antonello. *O novo mundo. história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- GELLNER, Ernest, *Nações e Nacionalismo*. Lisboa, Gradiva, 1993.

GIRADET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

GOMBRICH, Ernest H. *Arte e ilusão (um estudo da psicologia da representação pictórica)*. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos (o breve século XX)*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

————— *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

————— *Nação e nacionalismo desde 1780; Programa Mito e Realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

JOLY, Martine. *L'image et les signes*. Paris: Nathan Université, 1994.

————— *Introdução à análise da imagem*. Campinas, Papyrus, 1996.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do rio grande. Imaginando a América latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*, Bragança Paulista/SP, 2000.

————— *Estados Unidos. A consolidação da Nação*. São Paulo, Contexto, 2001.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo, Ed Ática, 1989.

LACOSTE, Ives. *A Geografia – Isso Serve, em Primeiro Lugar, para Fazer a Guerra*. Campinas, Papyrus, 2002, p.23, 6ª edição

LAFEBER, Walter. *The Panama Canal*, Oxford, Univers Press, 1978.

LE GOFF, Jacques. *Historie e imaginaire*. Paris, Payot, 1986.

LEUCHTENBURG, William E. (Org.) *O Século Inacabado. A América desde 1900*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

LINK, Arthur (org.). *História Moderna dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1965.

LUTZ, Catherine A. & JANE L. COLLINS. *Reading National Geographic*. London, The University of Chicago Press, 1993.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular, introdução à fotografia*. São Paulo Brasiliense/ Funarte, 1984.

MENESES, Ulpiano Bezerra. "Fontes Visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares", in *Revista Brasileira de História*, n. 45, Humanitas, 2003.

MOURA, Gerson. *Estados Unidos e América Latina. As relações políticas no século XX. Um povo eleito e o continente selvagem*. São Paulo. Contexto, 1990.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *A Gênese da Geografia Moderna*. São Paulo, Annablume, 2002.

_____. *Geografia. Pequena História Crítica*. São Paulo, Hucitec, 1982.

MORMORIO, Diego. *Storia della Fotografia*. Roma, Newton, 1996.

NEIVA, Eduardo. *A imagem*. São Paulo, Ática, 1986.

NEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos. Representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2000.

PAMPLONA, Marco A. *Reverendo o sonho americano. 1890-1972*. São Paulo, Atual, 1996.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo, ed. Perspectiva, 3.edição, 1991.

PAZ, Alfredo de. *L'occhio della modernità. (Pintura e fotografia dalle origini alle avanguardie storiche)*. Bologna, CEUB, 1987.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *A América Latina no século XIX, tramas, telas e textos*. São Paulo, Edusp, 1998.

_____. "Davi Golias: as relações entre Brasil e USA no século XX", in Motta, C. Guilherme (org) *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). A grande transação*. São Paulo, Editora Senac, 2000.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes. Travel writing and transculturation*. Nova York, Rutledge, 1992.

PERROT, Michelle. *História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra (vol. 4)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor. A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

RAY, Man. *Photographe*. Paris. Philippe Sers, 1981.

RECANATI, François. *La transparence et l'énonciation*. Paris; Seuil, 1979.

REMOND, René. *O Século XIX*. São Paulo, Cultrix, 1974.

————— *O Século XX*. São Paulo, Cultrix, 1974.

RICHERS, Raimar. *Rumos da América Latina (desenvolvimento econômico e mudança social)*. São Paulo, Edusp, 1975.

ROUQUIÉ, Alain. *O extremo Ocidente*. São Paulo, Edusp, 1992.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

————— *Cultura e imperialismo*. São Paulo. Cia das Letras, 1995.

SANTAELLA, Lucia e Noth, Winfried. *Imagem. Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo, Iluminuras, 1998.

SAMAIN, Etienne (org). *O fotográfico*. São Paulo, 1998.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1997.

SCHAEFFER, Jean-Marie. *A imagem precária*, Campinas, Papirus Editora 1996.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo. Cia das Letras, 1995.

SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Baurul/sp, Edusc, 2000.

SCHOULTEN, Susan. *The Geographic Imagination in America, 1880-1950*, Chicago, The University of Chicago Press, 2002.

SONTAG, Susan. *Sulla fotografia*. Torino, ed. It., 1978.

SMITH, Anthony, D. *A Identidade Nacional*. Lisboa, Gradiva, 1997.

ZEA, Leopoldo(org) *América Latina e sus ideas*, Mexico, siglo XXI, 1986.

WEBER, Eugen. *França Fin-de-Siècle*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

KARNAL, Leandro. *Estados Unidos. A Formação da Nação*. São Paulo, Contexto, 2001.